

O Ultramar Português

A Grande Guerra e algumas Consequências



- «Pedi a palavra, para me referir à situação em que se encontram os mutilados de guerra, esses homens de que nós, os que na guerra estivémos, nos devemos orgulhar por os termos tido como companheiros, e que na verdade se vêem na necessidade de andar a pedir esmola. É uma vergonha dizer-se, mas é verdade que o que esses homens pedem, é simplesmente aquilo que temos dado aos revolucionários civis.»

(Joaquim Ribeiro, veterano da Flandres e deputado do Partido Democrático; in "Diário da Câmara dos Deputados", 13Jun1923)

É necessário descer ao fundo do poço do passado e trazer de lá alguma coisa para a luz: examinar essa coisa, detida, cuidadosa e conscienciosamente; e com os ensinamentos colhidos nesse exame, nortear a nossa vida enervada pela guerra.

(um lente da Universidade de Gand, ao reabrir a sua cátedra interrompida pela ocupação alemã)

1914 - Junho.22 (2ªfeira)

Em Lisboa, o PR Manuel de Arriaga dissolve o 5º Governo constitucional.

- «A contas com lutas partidárias, Bernardino foi forçado a recompôr o gabinete.»¹

Menos de 24 horas decorridas, é empossado outro gabinete² chefiado novamente por Bernardino Machado, que mantém a pasta do Interior e cumulativamente a da Justiça.

- «Já no fim da sessão legislativa, nos últimos dias de Junho [de 1914], para conseguir do Parlamento a votação de um crédito de mil e tal contos para despesas militares, o ministro da Guerra [desde 09Fev1914, general António Júlio da Costa Pereira d'Êça]³ teve de dizer bem alto, para que todos ouvissem, que o Exército [desde 17Out1910 chefiado pelo general João Martins de Carvalho] não tinha nada do que precisava ter, para dele se fiar a defesa nacional. E explicou, para que todos entendessem bem: "Não digo que tem pouco; digo que não tem nada". Todos aplaudiram a rude franqueza do soldado, e ninguém se lembrou de dizer que ele traía a Pátria, denunciando ao estrangeiro que ela não tinha defesa militar. [...] Duas ou três semanas antes de [em 04Ago1914] estalar a guerra, a França recusou-nos dinheiro... para não "froisser" a Alemanha. Tratava-se de um empréstimo de 40 mil contos para o "fomento" de Angola [governada pelo maçónico major Norton de Matos], e nós precisávamos realizar imediatamente a 5ª parte dessa quantia.»⁴

- «Entretanto a Alemanha, numa arrogância desmedida, afirmava que em breve estaria na posse de Angola, garantindo nas vésperas da Grande Guerra que a posse daquela colónia, para sua propriedade, seria uma questão de semanas. [...] A assinatura deste acordo [segredo anglo-germânico referido em 20Out1913, sobre a partilha de territórios portugueses na África Austral], foi protelada até Julho de 1914. Estas afirmações foram confirmadas por Lord Winston, que [posteriormente] as explicou desta forma: “Contudo, nós (ingleses) ligávamos tanta importância a criar ao menos um estado de espírito pacífico, estávamos tão desejosos de apaziguar a Alemanha, de ir ao encontro das suas aspirações, que continuámos, apesar de tudo, a tentar chegar a um acordo em seu benefício no domínio colonial. Progrediam essas negociações e tinham quase chegado a uma conclusão definitivamente vantajosa para a Alemanha, quando rebentou a guerra”.»⁵

No sábado seguinte em Sarajevo, o carbonário sérvio-bósnio Gavrilo Princip assassina o arquiduque austro-húngaro Francisco Fernando e sua mulher.

¹ (Mascarenhas); ² (António dos Santos Lucas, ministro das Finanças e José Maria de Almeida Lima, ministro do Fomento, mantendo-se Freire de Andrade nos Estrangeiros, Alfredo Lima nas Colónias, Pereira d’Eça na Guerra, Neuparth na Marinha e Sobral Cid na Instrução); ³ (oriundo da Arma de Artilharia, participou na Campanha de Gaza; em 08Jun1898 promovido a major e em 1903 foi para Cabo Verde como CEM e secretário-geral do arquipélago; em 1908 regressou à Metrópole e em 06Jun1908 promovido a coronel; em 1912 recebeu louvor «pela forma eficiente como procedeu, impedindo o alastrar de actos de rebelião contra a República, iniciados em Viana do Castelo e, por isso, assumindo o governo do distrito»; em 08Mar1913 promovido a general, assumindo até 31Jul1913 o cargo de director do Arsenal do Exército); ⁴ (Camacho); ⁵ (Araújo Pinto)

1914 - Julho.22 (4ªfeira)

Em Lisboa o chefe do Governo e ministro do Interior, Bernardino Machado, cessa a acumulação da pasta da Justiça que entrega a Eduardo Augusto de Sousa Monteiro.

Menos de 24 horas depois, em Viena o governo austro-húngaro apresenta à sua província Sérvia um ultimato de guerra.

Decorridos 5 dias, o governo central do império Austro-Húngaro declara formalmente guerra à Sérvia.

E no dia seguinte, a Rússia mobiliza as suas tropas junto à fronteira com a Áustria.

Dois dias depois em Paris morre o líder marxista Jean Jaurès, que há 10 anos foi co-fundador do diário *L’Humanité* (mais tarde designado «*orgão oficial*» do Partido Comunista Francês).

- «Por alturas do início da 1ª Grande Guerra, Jaurès, do alto da sua autoridade, condena a colonização que considera “um produto do capitalismo, uma acção de conquista”. “Ela é”, acrescenta, “condenável por isso”.»¹

¹ (Almeida Santos)

1914 - Agosto.1 (sábado)

Na fronteira da Alemanha com a Rússia eclodem os primeiros combates.

- «A Áustria declarou guerra à Sérvia; por este motivo a Rússia tratou da sua mobilização, o que levou a Alemanha a declarar-lhe guerra. Uma “querelle d’Allemand” justificou a declaração de guerra à França, por parte do imperador Guilherme; e a invasão do território belga, que se achava sob regime de neutralidade permanente e garantida, levou a Inglaterra a declarar guerra à Alemanha. Esta declarou guerra à Rússia e mandou avançar os seus exércitos contra a França, quando ainda se conversava diplomaticamente entre Paris e Berlim. Pretendeu o Kaiser negociar com o rei de Inglaterra a violação da neutralidade belga, tendo antes pretendido negociá-la com o próprio rei Alberto; e como não surtisse efeito essas negociações, mandou invadir a Bélgica visto ser por ali o caminho que mais directa e facilmente conduz a Paris.»¹

- «A 1 de Agosto de 1914 o [general Freire de Andrade], então ministro dos Negócios Estrangeiros, telegrafou com urgência ao embaixador de Portugal na Inglaterra, pedindo-lhe para se informar de qual deveria ser a nossa atitude perante o conflito. No dia seguinte o mesmo ministro expediu um outro telegrama, insinuando que Portugal não se poderia declarar neutral sem o devido consentimento de Londres. Dando resposta a estes telegramas, o embaixador [Manuel] Teixeira Gomes², após ter consultado o subsecretário de Estado Sir Eyre Crowe, informou-o [ao MNE português] de que este era da opinião que Portugal deveria conservar a sua neutralidade, mas sem o declarar tacitamente.»³

- «Quando em Agosto de 1914 estalou a conflagração europeia [...], logo se compreendeu em Portugal que o conflito iria ter sérias repercussões no País. Sem esquecer a existência da aliança luso-britânica o ministro dos Negócios Estrangeiros de então, general Freire de Andrade, sugeriu em

Londres que Portugal proclamasse a sua neutralidade, ao que o governo inglês retorquiu que conviria o nosso País manter-se neutral mas sem o proclamar. Assim se fez.»⁴

Um dia depois no Vaticano, o Papa Pio X «*envia uma carta aos católicos de todo o mundo, a pedir-lhes que rezem pela paz*»⁵.

Menos de 24 horas decorridas, em Berlim o governo alemão declara guerra à França. - «*Há quinze dias [antes da sessão de 7 de Agosto na Câmara dos Deputados], os que figuravam uma guerra europeia, levavam as mãos à cabeça, no horror da tremenda carnificina. A guerra estoirou, a conflagração produziu-se, e já ninguém leva as mãos à cabeça, horrorizado, verificando-se, mais uma vez, que o perigo que se “observa”, perturba menos do que o perigo que se “figura”. A bem dizer, a guerra está na sua fase de preparação. A Áustria invadiu a Sérvia mal cortou as relações com ela. Os soldados alemães pisam a terra francesa, mas o ataque de Longevi é um incidente de fronteira. Os russos entraram na Alemanha, mas não pode considerar-se uma invasão. O mesmo não se pode dizer em relação à Bélgica, embora as informações sejam insuficientes. Para engolir o Luxemburgo, bastou à Alemanha abrir a boca; mas a Bélgica é um bocado maior. O objectivo da Alemanha é tomar a capital francesa, vencendo todos os obstáculos. Por isso ela não respeita a neutralidade holandesa, não respeita a neutralidade suíça. Mas que probabilidades de vitória pode ter a Alemanha, a lutar contra a França, a Inglaterra, a Rússia, a Bélgica, a Holanda e a Suíça? Desejamos que a Alemanha seja derrotada no pleito que desencadeou por ambição e por orgulho. É a única responsável da tempestade que sacode a Europa, e que já a estas horas, ainda no começo das operações guerreiras, fez prejuízos enormes, produziu muita ruína. E pelo que nos diz respeito, tudo leva a crer que os acontecimentos se desenrolarão sem nos envolverem, não obstante a situação especial que ocupamos, geograficamente no mundo e politicamente no concerto das nações europeias. Mas, se as coisas seguirem um curso diverso, se as circunstâncias nos obrigarem a sair da atitude meramente espectante em que estamos, entraríamos no conflito honrando velhos compromissos e fruindo as vantagens de seculares amizades.»⁶*

- «*No dia 3 o ministro [plenipotenciário Teixeira Gomes], em Londres, após conversa com o mesmo Sir Eyre Crowe, foi informado que o governo inglês pedia ao Governo português para se abster de fazer qualquer declaração de neutralidade. [...] No mesmo dia 3, [o MNE] Sir Edward Grey⁷ telegrafou ao embaixador de Inglaterra em Lisboa, Sir Lancelot Carnegie, para declarar ao nosso governo que, no caso de a Alemanha atacar qualquer possessão ultramarina portuguesa, este País deveria manter a sua neutralidade sem contudo a declarar. Assim, se o governo britânico precisasse de Portugal, em qualquer acto incompatível com a neutralidade, justificaria o seu pedido de cooperação através da Aliança Luso-Britânica. [...] No dia 4 repetiu o mesmo pedido, desta vez após resolução do conselho de ministros da Inglaterra.»⁸*

¹ (Camacho); ² (filiação no Partido Democrático); ³ (Araújo Pinto); ⁴ (Mascarenhas); ⁵ (fasc. “Os Papas”); ⁶ (Camacho); ⁷ (nascido em 1862 em Londres; em 1885 entrou como deputado do Partido Liberal na Câmara dos Comuns; desde 1905 é MNE, tendo colaborado em 1907 com o rei Eduardo VII para a renovação da “Triple Entente”; no final de 1916 será substituído pelo conservador Arthur Balfour e cessará funções no governo, sendo-lhe concedido o título de 1º visconde de Grey of Fallodon e passando à Câmara dos Lordes, até falecer em 07Set33 em Embleton, no Northumberland);

⁸ (Araújo Pinto)

1914 – Agosto.4 (3ªfeira)

Durante a madrugada em Londres, o governo britânico declara guerra à Alemanha.

- «*A Inglaterra, aí por volta da meia-noite de 3 de Agosto de 1914, declarou guerra à Alemanha. [...] Estala a guerra. E os mesmos que haviam reconhecido antes que o nosso Exército carecia de tudo, reclamaram a nossa participação directa no conflito, como se nada nos faltasse. Esperariam que se repetisse o milagre bíblico, de pedras – atiradas para trás das costas –, se convertessem em soldados? Oferecer um reforço militar – sem dispôr de armas, sem dispôr de munições, sem dispôr de equipamentos, sem dispôr de dinheiro –, é uma leviandade que mal se compreende.»¹*

- «*Como justificar, perante a opinião pública, o nosso envolvimento nos campos de batalha da Europa!? Havia 3 fortes razões que nos obrigavam a fazê-lo: a 1ª seria cumprir os nossos deveres de velhos aliados da Inglaterra, esta antiga aliança que remonta ao século XIV. [...] Participar naquele conflito, inicialmente não significava qualquer dependência de Portugal, antes o libertava dos propósitos tutelares da Inglaterra ao tomar uma decisão que nos creditaria perante o Mundo, esta era pois a 2ª razão; a 3ª e última seria assegurar a nossa presença nas Conferências de Paz, onde poderíamos defender a inviolabilidade dos nossos domínios ultramarinos. Mostrando uma profunda visão política e patriótica, os chefes republicanos preconizaram desde o início a nossa participação no conflito, para evitar que Portugal continuasse à mercê das combinações internacionais anteriores [pactos secretos anglo-germânicos de 1898 e de 1913], e que tivesse o seu destino dependente de tais tramas. Afonso Costa, Alexandre Braga, Álvaro de Castro, [o maçom chefe do Partido*

Evolucionista] *António José de Almeida, Augusto Soares, Bernardino Machado, João Chagas* [que era "um dos mais obcecados e entusiastas intervencionistas",² tal como o maçon comandante da Divisão Naval de Defesa capitão-de-fragata] *Leote do Rego* e [o maçon governador-geral de Angola major CEM] *Norton de Matos foram, entre outros, aqueles que mais trabalharam para a nossa intervenção na Europa. Defendiam eles que Portugal não podia continuar a fazer depender a sua participação, do desejo e conveniência da Inglaterra. [...] Além de que somente a nossa intervenção era válida pois, caso se verificasse a vitória da Alemanha, a perda do nosso Ultramar seria inevitável.*»³

- «*A ninguém que tenha seguido com patriótico cuidado os passos da Alemanha, desde a Conferência de Berlim em 1885, poderá restar dúvida que a sua vitória representará a perda das nossas colónias e talvez da nossa nacionalidade. No coração de todos nós deve bem gravar-se, portanto, que os combates que se estão ferindo em tantos pontos do mundo, são combates que nos tocam muito de perto, que esta guerra é a nossa guerra, a guerra pela nossa liberdade, pela nossa independência, pela integridade do território da nossa Pátria. [...] Para ela nos devemos preparar sem a menor perda de tempo, com o aproveitamento de toda a nossa energia, de todos os nossos recursos, com todo o esforço de que é capaz a nossa raça.*»⁴
- «*Um ponto negro havia porém no horizonte da Nação: as ameaças que pairavam sobre o nosso domínio colonial. A intervenção de Portugal na Grande Guerra [europeia] resultou exclusivamente da existência deste formidável perigo que impendia sobre as Colónias Portuguesas.*»⁵
- «*Portugal participou na única guerra [europeia] em que entrou nos últimos 150 anos (o 1º conflito mundial), para melhor se acautelar de um tal confisco.*»⁶
- «*Entre nós os espíritos dividiram-se: uns queriam que Portugal alinhasse na guerra ao lado dos Aliados; outros defendiam que se mantivesse a neutralidade. Principiou a organizar-se uma Divisão Auxiliar e activaram-se preparativos para envio de expedições para África. [...] A discórdia quanto à atitude a tomar, grassava não apenas na opinião pública mas até nas altas esferas governativas e no âmbito do parlamento. Muitos intervencionistas partiam sinceramente do princípio de que, sem a nossa participação no conflito, viríamos a perder o Ultramar: a tese estava errada, como veio a demonstrá-lo luminosamente a nossa neutralidade na 2ª Grande Guerra; neutralidade "colaborante", apenas quando se tornou indispensável. [...] Doutro modo pensaram os "democráticos", avassalados por autêntica obstinação bélica, apesar de Londres declarar que: se queríamos entrar na guerra, o fizéssemos por nossa conta e risco; e sem invocar a aliança.*»⁷
- «*Neutralidade e não-beligerância, são figuras jurídicas dissemelhantes. Na neutralidade, não é lícito praticar qualquer acto que possa favorecer um dos beligerantes: é um estado de direito e de facto. Na não-beligerância, não há neutralidade formal: é no geral mesmo uma posição que tende a evoluir para a beligerância. Na não-beligerância, é lícito até fornecer meios financeiros e militares a um dos beligerantes.*»⁸

¹ (Camacho); ² (Franco Nogueira); ³ (Araújo Pinto); ⁴ (Norton de Matos, in "Ordem do Exército nº6 de 1916", sua proclamação como ministro da Guerra);

⁵ (idem, in "A Grande Guerra e as Colónias Portuguesas"; pp.427 da "História da Expansão Portuguesa no Mundo", edição da Comissão dos Centenários, Lisboa Jun1940; note-se que o autor desta citação, está nesta data em Luanda onde exerce funções de governador-geral de Angola, das quais será liminarmente exonerado em 27Fev1915 após o que, chegado a Lisboa vai integrar o grupo maçon que em 14Mai1915 leva a efeito um golpe militar);

⁶ (Sertório); ⁷ (Mascarenhas); ⁸ (Diniz Ferreira)

1914 - Agosto.7 (6ªfeira)

No hemiciclo de São Bento o congresso republicano, por unanimidade, autoriza o governo de Bernardino Machado a participar na guerra ao lado da Grã-Bretanha.

- «*Logo após a proclamação da República, todas as nações se apressaram a declarar-nos a sua amizade, e uma delas, a Inglaterra, a sua aliança. Por nossa parte, temos feito, incessantemente, tudo para corresponder a essa amizade que deveras prezamos, sem nenhum esquecimento, porém, dos deveres de aliança que livremente contraímos e a que em circunstância alguma faltariamos. Tal é a política internacional de concórdia e de dignidade que este governo timbra em continuar, certo de que assim solidariza indissolavelmente os votos do venerando Chefe do Estado com o consentimento colectivo do Congresso e do povo português.*»¹
- «*Em 7 de Agosto de 1914, o parlamento autorizou o governo a adoptar as providências que fossem indispensáveis para manter a ordem, e ainda aquelas de carácter económico ou financeiro que o estado-de-guerra, na Europa, tornasse necessárias. Não o autorizou a declarar o País em beligerância, afirmando todavia que "Portugal, aliado da Inglaterra, em todas as circunstâncias e à custa de todos os sacrifícios, cumpriria os deveres emergentes dessa aliança". [...] A declaração feita no Parlamento, mereceu todo o aplauso da Inglaterra, pois não sendo uma declaração de neutralidade nos deixava aptos para lhe fazermos grande número de favores, de inapreciável*

importância nas condições actuais; e não sendo de beligerância, permitia à Alemanha fingir que ignorava a nossa atitude, sem “froissement” dos seus brios nacionais. Da situação criada não poderemos sair, se houver necessidade de sair, senão por um voto do Congresso.»²

Pouco depois, a rua onde está instalada a embaixada da Bélgica é invadida por multidão que se manifesta contra os movimentos invasores de tropas alemãs.

- *«A questão foi posta em 7 de Agosto no Parlamento, com toda a clareza e precisão: “Portugal, aliado da Inglaterra, cumprirá, em todas as circunstâncias, os seus deveres de aliado”. Cá fora, interpretando mal o que no Parlamento se dissera, imaginaram uns que estávamos neutrais, imaginaram outros que estávamos beligerantes, a neutralidade e a beligerância entendendo-se na sua rigorosa significação jurídica. Poucos foram os que perceberam que no Parlamento nada mais se fizera do que constatar uma situação de facto, e reivindicar as responsabilidades e as vantagens de tal situação.»³*

¹ (Bernardino Machado, in “Declaração ao Congresso da República”, Lisboa 07Ago1914); ² (Camacho); ³ (idem)

1914 - Agosto.8

Na África Ocidental, a colónia alemã do Togo é ocupada por tropas britânicas e francesas.

Quatro dias depois em Londres, o Foreign Office assegura ao embaixador Teixeira Gomes a protecção dos territórios ultramarinos de Portugal, em caso de ataque alemão.

Por essa ocasião em Lisboa, é assinado o *Tratado Luso-Britânico de Comércio e Navegação*.

- *«Esse acordo, aliás, explica a posterior insistência do governo de Londres para que concentrássemos os nossos recursos, na defesa de Moçambique ao norte e de Angola ao sul, ameaçadas pelos alemães, os quais não tardaram a revelar nessas áreas a sua agressividade antiportuguesa. Já em guerra com a Alemanha, à Inglaterra nessa altura interessava que o seu inimigo fosse contido no Continente Negro.»¹*

- *«Logo no começo da guerra, os alemães trataram de afundar uns lanchões em Dar-es-Salaam no propósito de impedir que ali chegassem navios ingleses. Eles não poderiam servir-se do mar, e convinha-lhes que os ingleses ali não desembarcassem tropas, de que dispusesse a União [Sul-Africana] para auxiliar, em África, a Metrópole. Isto explica por que o governo inglês pediu ao nosso governo licença para atravessarem o território, a caminho de Blantyre, as forças que o general Botha mandasse para a Rodésia, forças que iriam atacar os alemães da “German East Africa”. Sempre correcta, a Inglaterra não quis fazer passar tropas suas por territórios nossos, sem nos pedir licença.»²*

Menos de 24 horas decorridas, no litoral centro de Moçambique as tropas sul-africanas do general Louis Botha desembarcam no Chinde (margem sul do estuário do Zambeze), e dirigem-se para noroeste a fim de reforçar guarnições britânicas na Rodésia do Sul e no Niassalândia.

¹ (Mascarenhas); ² (Camacho)

1914 - Agosto.15 (sábado)

Em Lisboa são finalmente publicados 2 diplomas - desde há 3 anos previstos no art.87º das *«Disposições Transitórias»* da Constituição e há muito referendados pelo ex-magistrado no Ultramar e anterior ministro das Colónias dr. Artur Rodrigues de Almeida Ribeiro -, que promulgam *«as primeiras leis de base da administração ultramarina do novo regime: a Lei nº 277 (Lei Orgânica da Administração Civil das Províncias Ultramarinas); e a Lei nº 278 (Lei Orgânica da Administração Financeira das Províncias Ultramarinas)»*:

- *«O decreto-regulamento [nº951] de 14 de Outubro de 1914 [referendado pelo ministro das Colónias (09Fev-11Dez1914) Alfredo Augusto Lisboa de Lima], inspirado pelo [actual MNE e] futuro ministro das Colónias (Freire de Andrade), sujeita o indígena à “obrigação moral e legal de prover às suas necessidades e melhorar sucessivamente a sua condição social, por meio de trabalho”.»¹*

- *«A primeira [citada Lei nº277] é precedida de um notabilíssimo relatório que se deve ao chefe-de-gabinete do ministro, o capitão-de-fragata Ernesto [Jardim de] Vilhena cuja carreira decorreria em grande parte na África. [...] Fazia-se uma descrição muito desenvolvida dos sistemas praticados por*

outros Estados, apontavam-se as suas vantagens e inconvenientes, fazia-se a apreciação crítica das práticas usadas na administração ultramarina portuguesa e apontava-se o sistema que se considerava mais adequado para as substituir. Neste, que se traduzia nas disposições da lei, aproveitava-se muito das ideias da geração de 1895 [nomeadamente a redacção que o antigo comissário-régio António Ennes deu em 11Nov1899 ao “Regulamento do Trabalho dos indígenas das colónias”], mas não se avançava tanto como [no art.67º da Constituição] havia sido defendido no caminho da descentralização. E compreende-se que assim fosse: as perturbações causadas pela mudança de regime, as vicissitudes da vida internacional que preludiavam a primeira Grande Guerra, tudo aconselhava a que o Governo central, responsável pela condução da política externa e pela defesa da integridade do território, conservasse nas suas mãos os poderes necessários para intervir com oportunidade e energia logo que as circunstâncias o exigissem. Os factos haviam de dar razão ao legislador, com as tentativas de ocupação de zonas fronteiriças de Angola [sudoeste] e Moçambique [nordeste]; e os incidentes que [...] forçaram o governo a enviar forças expedicionárias para assegurar a defesa daquelas Províncias. A nossa entrada na Guerra [já autorizada em 07Ago14 pelo parlamento], trouxe depois preocupações que impediram os governantes de dedicar atenção suficiente à execução das leis² de 1914.»³

¹ (Andrade); ² (as respectivas “Cartas Orgânicas das Províncias Ultramarinas” são publicadas apenas em meados de 1917, sem quaisquer resultados práticos face à situação de guerra e em meados de 1919 revogadas pelo ex-padre João Lopes Soares ministro das Colónias; só em 15Out1926 o novo regime vai promulgar a primeira “Carta Orgânica da Colónia de Angola”, à qual então se sucedem as relativas às demais províncias do Ultramar);

³ (Silva Cunha)

1914 - Agosto.18

Em Lisboa, o ministro da Guerra general António Júlio da Costa Pereira d’Eça, decreta a organização de expedições militares, com destino ao nordeste de Moçambique e ao sudoeste de Angola. Para a fronteira fluvial do Rovuma, o CEME general Martins de Carvalho determina a imediata constituição de um Corpo Expedicionário com cerca de 1500 efectivos de infantaria do Exército, sob comando do recém-promovido tenente-coronel Pedro Francisco Massano de Amorim, veterano de campanhas naquela província.

- «*“O comandante desta expedição era o Director Militar das Colónias que, portanto, antes de sair de Lisboa podia melhor do que ninguém ter preparado tudo, ou então não partir”. [...] O seu objectivo era: guarnecer alguns [9] postos da fronteira [...] do norte de Moçambique ao longo do Rovuma; manter cerrada vigilância sobre os postos fronteiriços alemães; submeter o indígena no caso de se revoltar, instigado pelo inimigo; e finalmente, cooperar com os Aliados ingleses, caso fosse requisitado o auxílio português. [...] Era composta por um total de 50 oficiais, 77 sargentos, 1400 cabos e soldados, e 322 solípedes. O destacamento [operacional] era constituído pelo 3º Batalhão de Infantaria nº15 de Tomar que só contava com 200 homens, os outros 800 eram de proveniências várias. A mobilização foi feita de improviso, a robustez dos soldados deixava muito a desejar para quem ia suportar um clima tropical. [...] Também improvisado foi o fardamento de cotim de algodão [...], os capacetes de feltro [...] e o calçado fraco.»¹*

No respeitante ao sudoeste de Angola, o ministro da Guerra convida o tenente-coronel² de cavalaria Alves Roçadas, antigo governador distrital da Huíla e veterano do Cuamato, para constituir também rapidamente um Corpo Expedicionário com cerca de 1500 efectivos³.

- «*Além das forças acantonadas no Forte do Humbe, os nossos efectivos [num total aproximado de 1 batalhão com 620 militares para toda a fronteira sul de Angola] distribuíam-se da seguinte forma: 15ª Companhia do Cuangar [sob comando do tenente Joaquim Ferreira Durão], para as guarnições desde Cassinga ao Bunjei⁴; 16ª nos Gambos, guarnecendo Pocolo⁵, Gambos, Quipungo, Capelongo, Mulondo, Quiteve e Dongoena; 14ª no Evale, para guarnecer Cafu e Cafima; e 17ª no Forte do Cuamato, responsável pelas guarnições de todo o território ‘cuamato’ até Naulila. Os efectivos destas [4] Companhias [de Caçadores Indígenas com enquadramento metropolitano], regulavam por 12 soldados europeus e 140 indígenas cada.»⁶*

- «*A Expedição [do tenente-coronel Roçadas] era constituída por um quartel-general, um batalhão de infantaria, uma bateria de metralhadoras, uma bateria de artilharia de montanha, um esquadrão de cavalaria, serviços de saúde, engenharia, administração militar, transportes e de etapas, num total de 61 oficiais, 1534 praças e 335 solípedes. A missão desta campanha era assegurar a obediência do gentio e vigiar a fronteira sul nos pontos mais importantes. [...] Por informações colhidas, sabia-se*

que o inimigo tinha no Sudoeste Alemão uma força de infantaria montada, artilharia, metralhadoras, polícia, serviços auxiliares, etc., perfazendo o conjunto 16 mil homens.»⁷

- «Expedições foram estas sem dispôr de um mínimo de condições, constituídas em geral sem preparação adequada e sem armamento suficiente; e que por isso mesmo, acumularam sucessivos malogros apesar da bravura e do apurmo demonstrados em vários lances por oficiais e soldados. Para Angola embarcou a 1ª expedição em [12 de] Setembro de 1914, chefiada por Alves Roçadas.»⁸
- «A Alemanha tem hoje, em África, as mesmas forças que tinha antes de rebentar a guerra; se é certo que em Portugal, há quatro meses, não havia sequer o conhecimento aproximado do que essas forças eram, não acredita ninguém que ignorasse o governo alemão qual era a nossa força militar em Angola. Facilmente ela terá invadido aquela província antes de lá chegar a “Expedição Roçadas”, tão insignificante resistência lhes poderiam oferecer os nossos modestos postos destacados, a considerável distância uns dos outros. Ao comandante Roçadas, bem como ao comandante Amorim, não cabe a mínima responsabilidade na organização das respectivas colunas. Esta história há-de fazer-se, e ainda aí se verá a nefasta preocupação do envio de tropas para a França - como se tivéssemos forças militares em abundância tal que pudéssemos espalhá-las por todos os continentes. [...] O ministro das Colónias, levando ao parlamento uma proposta de lei autorizando o governo a contrair um empréstimo de 8 mil contos para acudir de pronto a Angola, declarou que tinha garantido o empréstimo com dinheiro belga. A este empréstimo deveria seguir-se outro, de 32 mil contos, também para fomento da mesma província de África. A poucos dias do encerramento [na Figueira da Foz], do Congresso [do PRP dito “Partido Democrático”], sabíamos que influências grandes se tinham movimentado para que o capital alemão fosse participante no empréstimo. Deixámos ao governo a responsabilidade dessa operação, de colocar sob a dependência financeira da Alemanha a nossa província de África que ela tanto ambicionava. A verdade é que o empréstimo se não fez, e escusado será encarecer os benefícios que dele haveriam resultado para Angola, se do seu produto se fizesse uma aplicação inteligente.»⁹

¹ (Araújo Pinto); ² (promovido em 27Fev14); ³ (miscelânea do RI4-Faro, GBat-Tavira, RI5-Grça, RI12-Guarda, RI21-Penamacor, RI22-Portalegre, RI35-Coimbra); ⁴ (povoação a 139km de Vila Artur de Paiva, no futuro concelho do Chipindo); ⁵ (posto militar de Chapumina, 106km leste do Lubango);

⁶ (Padrão); ⁷ (Araújo Pinto); ⁸ (Mascarenhas); ⁹ (Camacho)

1914 - Agosto.20

Bruxelas é ocupada por tropas alemãs.

1914 - Agosto.23

Em Tóquio, o governo japonês junta-se às potências Aliadas e declara guerra à Alemanha.

- «24 de Agosto de 1914 - A Europa inteira está em armas, embora em alguns Estados as tropas ainda não saíssem dos quartéis, aguardando a ordem de marchar contra o inimigo. Na África já a guerra principiou, e a União Sul-Africana já usou, para com os alemães que ali residem, um tratamento severo. E no Extremo Oriente, já o ‘Mikado’ tomou posição no conflito mundial, pegando em armas contra a Alemanha. Das clássicas cinco partes do mundo, apenas em duas - a América e a Oceania -, não teve ainda repercussão bélica a guerra desencadeada pela megalomania do Kaiser. Mas é preciso considerar que ainda não há um mês que se formulou a primeira declaração de guerra na Europa, e que os principais exércitos inimigos - o alemão e o francês - ainda não realizaram a sua concentração.»¹

¹ (Camacho)

1914 - Agosto.24 (2ªfeira)

Durante a madrugada na fronteira sul do Tanganica, um destacamento de tropas alemãs orientado pelo colono dr. Weck atravessa o médio Rovuma e invade território português, atacando cerca das 05:00 o posto avançado do Forte Maziúá, cujo comandante Eduardo Rodrigues da Costa, sargento-enfermeiro da Marinha, e toda a guarnição (seis soldados moçambicanos) são mortos a tiro, e seguidamente o fortim saqueado e incendiado.

- «Incendiaram o posto e as palhotas anexas e mataram o sargento, chefe do posto. Desta forma manifestaram os alemães a sua hostilidade a Portugal, que actuava ainda como neutral ao conflito. [...] Confirmando as suas ameaças, a Alemanha atacava Moçambique e [preparava-se para o fazer no sudoeste de] Angola, muito antes de nos declarar guerra [em 09Mar1916]. Desta forma, Portugal

justificava a sua participação no conflito, em prol da legítima defesa dos nossos territórios ultramarinos.»¹

- *«A decisão mais grave em matéria de política externa no 1º quartel deste século - a entrada na Guerra de 1914-18 -, foi justificada pela necessidade de garantir a continuação no Ultramar. [...] No plano exterior a execução desta política não foi fácil porque sempre, com maior ou menor intensidade, contra ela se manifestaram e agiram outros Estados.»²*

Nove dias depois em Berlim, o embaixador major Sidónio Pais recebe finalmente instruções do chefe do 6º Governo republicano, no sentido de comunicar oficialmente ao governo alemão a decisão adoptada no pretérito 7 de Agosto pelo Congresso da República, no que respeita à posição portuguesa quanto à guerra entre as potências europeias:

- *«Portugal não declara a neutralidade porque, sendo aliado da Grã-Bretanha, está na disposição de cumprir firme e lealmente os deveres que daí lhe derivam desde que fôr solicitado. O nosso desejo é mantermo-nos estranhos ao conflito. Não hesitaríamos em nele tomar parte, sob a invocação da aliança. Quando a Inglaterra no-lo solicitasse, mas fora desta obrigação de lealdade procederemos como neutrais.»*

E no dia seguinte em Londres - um mês após o governo britânico ter declarado guerra à Alemanha -, é firmado entre a Grã-Bretanha, França e Rússia um pacto segundo o qual os signatários³ se comprometem a não realizar uma paz separada.

- *«O compromisso assinado em Londres, e nos termos do qual as potências signatárias se comprometem a não fazer a paz separadamente, teve a vantagem de mostrar aos germanófilos que a derrota da França, se vier a dar-se, não poria termo à contenda.»⁴*

¹ (Araújo Pinto); ² (Silva Cunha); ³ (aos quais se juntam o Japão em 19Out15 e a Itália em 21Nov15); ⁴ (Camacho)

1914 - Setembro.6 (domingo lua-cheia)

Na região do Marne, as tropas francesas defrontam pela 1ª vez numa grande batalha, as forças invasoras alemãs.

1914 - Setembro.9 (4ªfeira)

No Marne as tropas francesas derrotam as forças invasoras alemãs, que iniciam a retirada.

Entretanto no estuário do Tejo, o aviso *São Gabriel* levanta ferro rumo ao Atlântico Sul para defesa do arquipélago do Cabo Verde.

Dois dias depois no cais da Desinfecção, o paquete inglês *Durhan Castle* larga com o Corpo Expedicionário sob comando do tenente-coronel Massano de Amorim, rumo ao porto de Lourenço Marques com escolta do cruzador *Almirante Reis*.

- *«O Governo português apoiou desde o começo da guerra os inimigos do Império Alemão, por actos contrários à neutralidade. Em quatro casos foi permitida a passagem de tropas inglesas por Moçambique. Foi proibido abastecer de carvão os navios alemães. Aos navios de guerra ingleses foi permitida uma larga permanência em portos portugueses, contrária à neutralidade, bem como ainda foi consentido que a Inglaterra utilizasse a Madeira como base naval. Canhões e material de diferentes espécies foram vendidos às potências da [Triple] "Entente" e além disso à Inglaterra, um destruidor de torpedeiros. O arquivo do vice-consulado imperial de Moçamedes foi apreendido. Além disso, foram enviadas expedições à África e foi dito, então abertamente, que estas eram dirigidas contra a Alemanha.»¹*

No dia seguinte em Luanda, o governador-geral major Norton de Matos determina medidas para defesa da fronteira sul de Angola, a fim de prevenir ataques de forças alemãs estacionadas da Damaralândia.

- *«Norton de Matos faz publicar a port.958, que visa criar condições para acudir à situação do sul de Angola: "Tendo-se dado no distrito da Huíla acontecimentos reveladores de rebeldia dos povos indígenas - que têm ido com forças armadas atacar as nossas escoltas e povos dos distritos da Huíla e Benguela, exercendo actos de banditismo sobre indígenas pacificados, e europeus nacionais e estrangeiros -, hei por conveniente determinar que seja declarado o estado-de-sítio, com suspensão total de garantias, no distrito da Huíla".»²*

- «A partir do dia 20 [de Agosto, o tenente-coronel Alves] Roçadas, por intermédio do Ministério das colónias, enviou ao governador-geral de Angola telegramas em que pedia informações sobre os recursos existentes na Província e que se procedesse à mobilização de unidades indígenas e europeias. Em 9 de Setembro, o comandante Roçadas elaborou um projecto de operações em que previa o reforço da Expedição com unidades de Angola, para constituir uma coluna de operações, de composição e efectivos suficientes para efectuar a ocupação do Cuanhama e opôr-se à invasão dos alemães.»³

Por essa ocasião na baía de Cascais, levantam ferro os navios-vapor *Cabo Verde* e *Moçambique*, levando a bordo o Corpo Expedicionário destinado ao sudoeste de Angola, que anteontem e ontem havia embarcado no Cais do Arsenal, em Lisboa, sob comando do tenente-coronel Alves Roçadas, e que seguem escoltados pelas canhoneiras *Ibo* e *Beira* rumo à baía de Moçâmedes.

¹ (embaixador Rosen, justificação preambular à “Declaração de guerra”; será entregue em 09Mar1916 ao MNE português); ² (Padrão); ³ (Araújo Pinto)

1914 - Setembro.15 (3ªfeira)

Na Nova Guiné, as forças alemãs capitulam perante os ingleses.

1914 - Setembro.20 (domingo)

Em Lisboa o MNE general Freire de Andrade recebe em audiência o embaixador britânico Carnegie, que o informa ter o seu governo concordado em «promover um encontro em Londres e em Lisboa, de técnicos militares para prepararem a entrada de Portugal na guerra»¹.

¹ (Araújo Pinto)

1914 - Setembro.27 (domingo)

Nos Camarões, a cidade colonial alemã de Duala rende-se a ingleses e franceses.

No dia seguinte entra no Tejo o cruzador britânico *Argonaut* sob comando do contra-almirante Robeke, «expressamente enviado para saudar a Bandeira Portuguesa, reconhecer a República e a aliança secular luso-inglesa»¹.

¹ (Araújo Pinto)

1914 - Outubro.1 (5ªfeira)

Na baía de Moçâmedes, desembarcam as Forças Expedicionárias vindas de Lisboa sob comando do tenente-coronel Alves Roçadas, que seguidamente ali instalam o quartel-general expedicionário.

- «Organizaram-se os serviços de informações e os serviços da retaguarda, tendo [...] Norton de Matos determinado que o governador de Moçâmedes cooperasse com o comandante da Expedição. Roçadas pediu ao dito governador informações relativas ao inimigo.»¹
- «Pouco tempo depois, o sargento do posto de Nalueque [i.e. Calueque]² apresentou na capitania-mor um europeu, denunciado pelo gentio do Cuamato por se encontrar numa palhota do sobado Cuambi. Preso e ouvido em declarações, foi-lhe encontrada uma caderneta militar que atestava ter servido no exército alemão, e ainda um bloco de apontamentos coberto de algarismos, que explicou serem dias de itinerários e distâncias percorridas com carros ‘boers’ pelo interior.»³
- «Após a confirmação das primeiras investidas germânicas, foram presos em Caconda pelo administrador daquela circunscrição civil, sr. José Maria da Costa, dois alemães que ali se encontravam adquirindo géneros de primeira necessidade. Um desses homens era o agente do governo alemão, encarregado de fazer internar os carros de víveres em território alemão. Sabe-se que os alemães se preparam há muito para as eventualidades de uma guerra colonial. Emissários germânicos trabalhavam há muito tempo na circunscrição de Caconda, preparando grandes comboios de víveres que destinavam ao abastecimento da sua gente da Damaralândia, e ao mesmo tempo estudavam a topografia da Província.»⁴
- «Vão aparecer coisas graves em Angola: a incursão dos alemães pela fronteira sul, em número de alguns milhares, e a necessidade de para lá mandarmos mais tropa, torna impossível a ida do contingente para França.»⁵

¹ (Araújo Pinto); ² (povoação comercial do posto do Chitado, circunscrição do Curoca no distrito do Cunene); ³ (Varão);

⁴ (notícia “Preparativos para a guerra”, in *O Século*, Lisboa 29Dez1914); ⁵ (Camacho)

1914 - Outubro.7 (4ªfeira)

Em Lisboa, o MNE general Freire de Andrade envia para o embaixador em Londres o seguinte telegrama:

- «Peço V.Exª chamar atenção Governo Inglês expedição seguiu Moçambique pode ser atacada no mar por forças superiores, visto notícias têm aparecido de ataques a navios britânicos mar das Índias.»

Decorridos 3 dias, o MNE recebe em audiência o embaixador britânico Carnegie que lhe entrega uma nota, pela qual o seu homólogo Edward Grey formalmente «convidou o Governo português, invocando a antiga aliança, a sair da atitude de neutralidade e a colocar-se activamente a seu lado e dos seus Aliados»:

- «“Seria de grande vantagem que Portugal expedisse (...) para o teatro de guerra uma força, especialmente de artilharia, seguida depois por outras armas, a fim de cooperar com as forças britânicas na presente campanha”. [...] Sir Edward Grey escreveu uma carta ao presidente do Ministério, Bernardino Machado, onde lhe dizia que não desejava ver Portugal comprometido com uma declaração de guerra, antes de ter embarcado a artilharia, pois a quebra de neutralidade viria a trazer muitos inconvenientes para Portugal.»¹

- «A missão que enviássemos, iria assistir à preparação do exército inglês para combater na Europa. Tudo o que ela visse em trabalhos preparatórios, e no seguimento das operações de guerra, seria magnífica lição para nós, quer para adestrarmos e apetrecharmos a Divisão que houvéssemos de mandar, quer para mais tarde revermos a nossa organização do Exército, de harmonia com o que a guerra nos houvesse ensinado. Numa coisa os nossos aliados são mestres, e essa nós a aprenderíamos com eles: no campo das realizações práticas, na organização dos serviços administrativos. E não precisamos dizer o que isso importa, em que larga medida isso contribui para o êxito, bom ou mau, de uma campanha.»²

Um dia depois no deserto de Moçâmedes, os efectivos do Corpo Expedicionário, sob comando do tenente-coronel Alves Roçadas, iniciam a deslocação para o Lubango.

Passados 2 dias, em Lisboa o Conselho de Ministros determina a mobilização e preparação do *CAPÍ* (Corpo de Artilharia Pesada Independente), destinado a cooperar na Flandres com o exército francês.

Entretanto no Transvaal, agentes alemães logram instigar a colónia *boer* a rebelar-se contra o domínio britânico.

¹ (Araújo Pinto); ² (Camacho)

1914 - Outubro.16 (6ªfeira)

Aporta a Lourenço Marques o pacote inglês *Durhan Castle*, com o Corpo Expedicionário português destinado ao norte de Moçambique que, sob comando do tenente-coronel Massano de Amorim, começa a ser transbordado para o vapor *Moçambique*, vindo de Moçâmedes.

Enquanto isso em Lisboa, são conhecidas as conversações ultimadas desde final do ano transacto entre a Grã-Bretanha e a Alemanha, relativas à reformulação do anterior acordo secreto anglo-germânico de 1898, no qual tinha ficado prevista a possibilidade de “partilha das colónias portuguesas”.

- «15 de Outubro de 1914 - A Inglaterra, com fundamento nos tratados em que se definem as relações entre os dois povos, solicita a nossa intervenção directa na guerra. [...] Em 16 de Outubro - isto é, dois dias antes de partir para Londres a missão militar -, o ministro de Portugal em Madrid, devidamente “toiletizado”, foi comunicar ao governo da Espanha que Portugal saía da atitude em que se mantivera, para se declarar beligerante! Não o soubemos por qualquer inconfidência repreensível. Soubémo-lo pelo “Daily Sketch” que, num telegrama de Madrid, o levou ao conhecimento do seu milhão de leitores. Sucedeu isto em 16 de Outubro, e só um mês depois [23Nov1914] é que o Congresso em reunião extraordinária autorizou o poder executivo a ajustar com a Inglaterra a nossa intervenção directa no conflito europeu.»¹

- «Para ter uma hipótese de conservar as suas colónias, Portugal abandona a neutralidade. O principal teatro-de-operações situa-se na África Oriental, onde os britânicos tropeçam na resistência obstinada de Paulus von Lettow-Vorbeck (1870-1964), o responsável militar do Leste Africano Alemão.»²

Quanto às ambições germânicas sobre o Ultramar Português, são de há muito conhecidas, pelo que a entrada na guerra ao lado dos Aliados pode significar, em caso de vitória, o fim do perigo de perdas territoriais no Ultramar Português. Na realidade, se por um lado a participação de tropas portuguesas no teatro-de-operações do noroeste de França poderá garantir o reconhecimento *de facto* da jovem República portuguesa, a principal razão da predisposição de Portugal prende-se em primeiro lugar com a legítima defesa dos seus territórios ultramarinos.

- «A República foi feita a partir do Ultimato inglês: os republicanos entraram em colisão absoluta com a Monarquia por considerarem que ela havia traído os interesses nacionais, quando soçobrou perante o ultimato inglês. Todo o movimento republicano foi estruturado em torno da ideia de Pátria [maçónica e jacobina]. Portugal, de resto, entrou na Guerra de 14-18 com a ideia central de preservar as colónias portuguesas de África.»³

¹ (Camacho); ² (Enders); ³ (Soares)

1914 - Outubro.17

Entram no Lubango as tropas do tenente-coronel Roçadas, que logo a seguir recebe informação de a fronteira do Dongoena ter sido violada por um grupo alemão.

- «A 13 de Outubro o governo ordenou a mobilização [do CAPI], e a 17 [sem declarar guerra à Alemanha] anunciou a entrada de Portugal na guerra ao lado da Grã-Bretanha e dos Aliados. [...] O governo alemão não se mostrava interessado em declarar guerra a Portugal, esperando ser ele a fazê-lo. [...] Em 17 de Outubro, Roçadas recebeu a informação de que uma missão alemã acampara junto do Cunene próximo de Dongoena, ou seja, entraram em território português sem dar qualquer explicação prévia à autoridade portuguesa.»¹

- «A 17 de Outubro, quando [no sudoeste de Angola] lavrava inquietação entre os portugueses pelo tumultuar de boatos sobre concentração de tropas alemãs do Sudoeste e as suas intenções, o sargento do posto de Naulila recebeu um bilhete do comandante Schultze, das forças alemãs abusivamente sediadas no nosso território. Este bilhete foi levado ao conhecimento do capitão-mor do Cuamato, sobre o qual exarou um despacho para o alferes [de cavalaria Manuel Antunes] Sereno [comandante de um pelotão do ECav9].»²

E na manhã seguinte junto à fronteira sul de Angola, sai do Cuamato um destacamento de cavalaria sob comando do alferes Sereno, que se dirige ao acampamento dos alemães invasores, a fim de lhes pedir explicações e exigir a saída de território português.

- «No dia 18, o alferes de cavalaria Sereno recebeu ordens do capitão-mor do Cuamato para seguir para o Naulila, para o acampamento alemão e, após fazer o reconhecimento dos seus elementos, conduzi-los ao Forte Roçadas. Chegado ao acampamento alemão, informaram-no de que andavam em perseguição de um soldado desertor. Sereno avisou-os que para tal necessitavam da autorização do capitão-mor do Cuamato. Para a obterem, convidou-os a acompanhá-lo ao Forte Roçadas.»³

- «Este [alferes Sereno, na manhã de 18Out1914] reúne uma força de 19 cavaleiros, 2 soldados europeus e 15 indígenas, marchando [do Cuamato] rumo aos alemães que encontram ao fim da tarde. O comandante alemão, administrador do Otjô, responde que se encontra no nosso território à procura de um desertor. Dado o adiantado da hora, as nossas forças pernoitam no acampamento alemão. O alferes Sereno convence os alemães a acompanhá-lo a Naulila e dali ao Cuamato, a fim de esclarecer a situação.»⁴

Um dia depois, no exterior do posto administrativo de Naulila ocorre um incidente entre militares portugueses e o pequeno grupo invasor alemão, do qual resulta a morte de três destes últimos.

- «Partem no dia seguinte [2ªfeira 19Out1914], com o comandante alemão acompanhado de 1 tenente do estado-maior, 1 alferes da reserva, 1 soldado alemão e 3 indígenas, e 1 intérprete ex-comerciante da Chibia que em [meados de] 1907 acompanhara [o então major Alves] Roçadas na sua campanha. Naulila é alcançada cerca do meio-dia e o alferes Sereno convida-os para o almoço. Quando se dirigiam para a sala de refeições, os alemães retrocederam apressadamente para as suas montadas e tentaram evadir-se. O alferes Sereno correu para o cavalo do administrador do Otjô, ao mesmo tempo que o notificou de que não poderia regressar sem que falasse com o comandante português do Cuamato. Como resposta, os alemães sacaram das suas armas e, quando se preparavam para alvejar o alferes Sereno, os nossos soldados atingiram mortalmente o

administrador alemão e o alferes da reserva. Na confusão que se seguiu, os sobreviventes alemães fugiram, não sem que um soldado português ainda matasse o tenente do estado-maior, que se encontrava já a cerca de 500 metros. Foi capturado o intérprete, escapando os indígenas e o soldado alemão. Conforme relato do comandante do Cuamato, “na retaguarda vinham mais carros, que voltaram para trás, os quais vinham buscar os géneros de 11 carros ‘boers’ que eu aprisioneí em 27 dias que andei em diligência pela fronteira alemã”.⁵

- «No [...] posto de Naulila, onde Sereno os convidou para almoçar, enquanto se encaminhavam para a casa, um dos alemães deu uma ordem a um dos oficiais, que se afastou em direcção às montadas. O alferes Sereno foi prevenido de que os alemães já estavam a aparelhar para partirem. Dirigiu-se ao grupo e segurou pelas rédeas o cavalo do administrador [e comandante do posto alemão do Otjô], que puxou de uma carabina. O alferes apelou aos soldados que dispararam, atingindo o administrador, o veterinário [alferes do exército alemão na reserva] e o tenente. O intérprete foi preso e os outros fugiram. Foi este episódio, o incidente de Naulila, o prelúdio das hostilidades na província de Angola.»⁶

- «O governador alemão do distrito [noroeste da Damaralândia], dr.Schultze-Jena, bem como dois oficiais e alguns praças, em 19 de Outubro de 1914, na fronteira do Sudoeste Africano Alemão e Angola, foram atraídos por meio de convite a Naulila e ali declarados presos sem motivo justificado; e como procurassem subtrair-se à prisão foram, em parte, mortos a tiro, enquanto os sobreviventes foram à força feitos prisioneiros.»⁷

Entretanto, de Lisboa larga para Southampton um navio com uma delegação do Exército português - constituída pelos capitães do CEM Arthur Ivens Ferraz, Eduardo Augusto de Azambuja Martins e Fernando Faria -, que em Londres vão conferenciar com Lord Kitchener e o seu *War Office* sobre os termos da futura participação de Portugal no teatro-de-operações francês.

- «No mesmo dia, [em Londres o embaixador português Manuel] Teixeira Gomes respondeu ao memorandum de Sir Edward Grey: “O Governo Português, tendo tomado conhecimento do memorandum que V.Ex.^a me entregou a 10 de Outubro [para o presidente do Ministério, Bernardino Machado], encarrega-me de declarar que, em conformidade com os tratados de aliança entre Portugal e a Inglaterra, e atendendo à grande amizade que une os dois países, Portugal ajudará de bom grado a Grã-Bretanha e seus aliados na presente guerra, na medida dos seus recursos”. Recapitulando: a situação financeira não nos aconselhava a entrar na guerra mas, conhecidas as aspirações da Alemanha quanto às Colónias Africanas, era fácil de prever que Portugal seria a primeira vítima perante uma vitória alemã. Era portanto conveniente para o nosso País colocar-se ao lado da Inglaterra. [...] A Inglaterra tudo fazia para evitar a nossa entrada na guerra, até que a França pediu a cedência de artilharia que o governo inglês apoiou, efectivando o nosso apoio. A Inglaterra parecia ter esquecido o incidente de Naulila em 18 de Outubro, ao afirmar pretenciosamente que apenas ela poderia fornecer uma razão para Portugal entrar na guerra, ao pedir auxílio em nome da aliança.»⁸

- «Pois que a Inglaterra nos pedia um reforço militar, ela é que deveria mandar aqui uma comissão, para ver o que nós poderíamos dar-lhe em satisfação do seu pedido. Fez-se justamente o contrário, e o facto só poderá causar estranheza a quem não soubesse que o “oferecimento” precedera o “pedido”. Bem podia o Parlamento, em sessão secreta, tomar conhecimento de todos os documentos que dizem respeito à nossa participação na guerra, e que existem no Ministério dos Negócios Estrangeiros. Mas já que o Parlamento jura sobre a fé dos autos, então que se publique um Livro Branco, que se demonstre ao País, numa forma irrecusável, que a Inglaterra - ‘sponte sua’ - pediu a Portugal um auxílio de tropas; e que Portugal fica desonrado se lho não der, mesmo que a Inglaterra declare dele prescindir.»⁹

¹ (Araújo Pinto); ² (Varão); ³ (Araújo Pinto); ⁴ (Varão); ⁵ (idem); ⁶ (Araújo Pinto); ⁷ (Rosen, preâmbulo da “Declaração de guerra”, 09Mar1916);

⁸ (Araújo Pinto); ⁹ (Camacho)

1914 - Outubro.20 (5ªfeira)

Em Bragança e em Mafra movimentam-se grupos restauracionistas monárquicos, que ocupam momentaneamente a EPI-Mafra declarando-se contra a participação de Portugal na guerra - ou seja, fora de solo português -, primeiro sintoma de que a mobilização de tropas para a Flandres não vai ser pacífica.

- «A cobardia de ir batalhar em França! Mas se as nossas tropas têm de batalhar em África, ali encontrarão pela frente os alemães, tão soldados como os seus camaradas que andam a bater-se na

Europa, e dispondo das mesmas armas de que eles se servem. Há, efectivamente, uma diferença grande entre combater na Europa e combater na África, mas essa diferença é de natureza a fazer desejar os combates na Europa. Nas batalhas de África há todos os perigos das batalhas na Europa, acrescidos do perigo de um clima mortífero para os feridos, de enorme dificuldades no abastecimento de víveres, da impossibilidade de uma hospitalização conveniente, em termos que não morram por falta de a propósito tratamento os que caem no campo de batalha - feridos pelas balas ou pelas febres. O medo de morrer na Europa! Como se fôsse um idílio a guerra da África... »¹

- «*Outra revolução monárquica (20-X-14), de elementos que não atenderam à recomendação de Dom Manuel II para auxiliarem o governo em tão melindrosa conjuntura internacional.*»²

Entretanto no porto de Lourenço Marques, o vapor *Moçambique* prepara-se para largar rumo à baía de Porto Amélia com o contingente expedicionário.

Ao mesmo tempo em Londres, o embaixador Teixeira Gomes envia para o MNE general Freire de Andrade o seguinte telegrama:

- «*Resposta ao telegrama de V.Ex.^a, de 7 de Outubro, Foreign Office informa que almirantado, embora julgue bastante medidas adoptadas Governo Português para protecção expedição Moçambique, deu instruções cruzadores ingleses vigiar sítio para onde se dirige expedição e cobrir comboio ao longo costa África Oriental.*»

Dois dias depois na fronteira sul-oriental de Angola, o capitão-mor do Baixo-Cubango tenente de infantaria Joaquim Ferreira Durão é informado, no fortim do Cuangar (margem esquerda do Cubango), sobre «*o estado de guerra, a neutralidade de Portugal e a declaração do estado-de-sítio na Província*».

- «*Entre o comandante da Companhia-Mor do Cuangar, tenente Joaquim Ferreira Durão, e o seu colega alemão estacionado no Forte do Kuring-Kuro, a poucas centenas de metros na outra margem do Cubango, as relações desde sempre se caracterizaram pela cordialidade. As visitas recíprocas entre oficiais, sargentos e praças sucediam-se com frequência, tornando-se rotineiras. Para o caso de a situação de guerra na Europa se estender a Angola, foi acordado entre os dois comandantes que, em caso de rompimento, as hostilidades só seriam iniciadas, emitido que fosse um aviso com antecedência de 24 horas, pelo primeiro que soubesse da modificação do 'status quo'.*»³

- «*O tenente [...] mantinha boas relações com o comandante do posto alemão de Kuring-Kuro, fronteiro ao português. [...] Além do mais os dois comandantes, o português e o alemão, tinham combinado de se avisarem mutuamente em caso de terem de se hostilizar. [...] Observaram que no posto alemão se faziam preparativos, mas desconfiaram que eram precauções tomadas contra os ingleses.*»⁴

¹ (Camacho); ² (Mascarenhas); ³ (Padrão); ⁴ (Araújo Pinto)

1914 - Outubro.31 (sábado)

Na fronteira sul de Angola, a partir das 04:30 as tropas portuguesas estacionadas no fortim do Cuangar são alvo de inesperado ataque de tropas alemãs, já infiltradas em território angolano sob comando do capitão Lehmann, como retaliação armada à morte de militares alemães ocorrida em Naulila há doze dias. Durante o assalto àquele fortim, e nos subsequentes ataques para oriente, a quatro outros postos fronteiriços fluviais de Angola, são mortos 16 civis e 56 militares portugueses.

- «*O posto foi atacado por 8 a 10 alemães, acompanhados da sua polícia indígena e de numerosos gentios do ex-soba Ananga. Foram mortos 2 oficiais (tenentes Ferreira Durão e Henrique de Sousa Machado), 1 sargento, 5 praças e 13 indígenas, além do negociante Nogueira Machado e seu filho. O resto da guarnição fugiu para o mato até chegar ao posto de Caiundo, enquanto os alemães saqueavam e queimavam o posto do Cuangar, e levavam com eles as mulheres que não conseguiram fugir. Mas os alemães não pararam por ali. Seguiram ao longo do Baixo Cubango, arrasando e incendiando os postos de Bunga, Sambio, Dirico e Mucusso, em que as fraquíssimas guarnições, desprevenidas, não lhes conseguiram fazer frente. O inimigo demonstrava claramente os seus verdadeiros objectivos, que eram: invadir o território português, atingir o planalto da Huíla e alcançar Moçamedes. Perante estas informações, o comandante Roçadas suspendeu o seu projecto inicial e marchou de encontro ao adversário. Para isso, determinou a 31 de Outubro a organização das forças em operações ao sul de Angola, com a expedição da Metrópole e as forças da Província ao seu dispôr. O destacamento era constituído por 113 oficiais, 2155 praças europeus e 1028 praças indígenas.*»¹

- «Um dia [29Out1914], na ignorância do incidente de Naulila, o tenente Durão recebeu o seu camarada alemão, acompanhado de oficiais e sargentos, com quem confraternizou até bastante tarde. No dia seguinte, a vida no aquartelamento processou-se como habitualmente e não se tomaram quaisquer precauções. À noite, ouvido o toque de recolher, as luzes apagaram-se e o silêncio invadiu o pequeno Forte: “Aí pelas 3 horas, estávamos nas nossas camas quando ouvimos tiros disparados pelas nossas sentinelas. Levantámo-nos desarmados, porque as armas e munições estavam fechadas na arrecadação do Forte, e seguimos a correr para lá quando vimos que na Fortaleza já estava arvorada a bandeira alemã, com as peças e as metralhadoras voltadas contra nós e metralhando-nos. Percebemos que deviam estar mortos o comandante da Companhia [tenente Joaquim Ferreira Durão], o tenente [Henrique José de Sousa] Machado [veterano do Niassa 1897-98], o primeiro-sargento [Ângelo de Almeida] Cabral (natural de Monção), e outros praças que dormiam na Fortaleza. Mal viram que o Forte estava tomado e porque estavam desarmados, 15 praças europeus e 100 angolanos fugiram internando-se no mato. Depois de matar todos os nossos militares que encontraram desprevenidos, e não contentes de deitar fogo a tudo, ainda assassinaram um comerciante português [Domingos Nogueira Machado] juntamente com a senhora e um filho de 3 meses”. A seguir ao morticínio, os alemães ocuparam todos os nossos postos ao longo do Cubango. A guarnição do Posto A (Massaca) [margem esquerda do Cubango, a noroeste do Cuangar] recuou para Cassinga [a noroeste do rio Cuvelai] e toda aquela vasta zona nos foge por completo, ao mesmo tempo que o gentio do Caiundo² se rebelou contra nós. Um obelisco de cimento perpetuou no Cuangar, até 1974, a memória dos que deram a vida em defesa do que consideravam direitos inalienáveis de Portugal.»³
- «Seguiram-se [ao incidente de Naulila] medidas de retorção da tropa colonial [alemã]. A tropa colonial, isolada [?] da Alemanha, procedeu na suposição, originada pelo acto português, de que Portugal se achava em estado de guerra com o Império Alemão. O Governo português fez representações por motivo das últimas ocorrências, sem todavia se referir às primeiras. Nem sequer respondeu ao pedido que apresentámos, de ser intermediário numa livre troca de telegramas em cifra com os nossos funcionários coloniais, para esclarecimento do estado da questão.»⁴
- «Há uma grande e justificada ansiedade em conhecer o relatório do comandante Roçadas, porquanto ele dirá a todos que ordens lhe foram dadas em Lisboa, como foi organizada a coluna do seu comando, que disposições haviam sido tomadas em África para o receber, e que elementos tinha ao seu dispôr quando os alemães nos atacaram.»⁵

¹ (Araújo Pinto); ² (posto militar criado em 22Jan1909, pela port.55 do governo-geral; em 12Dez1917, pela port.210, passa a designar-se Posto A do distrito militar do Cunene); ³ (Padrão); ⁴ (Rosen, preâmbulo da “Declaração de guerra”, 09Mar1916); ⁵ (Camacho)

1914 - Novembro.1

Na baía de Porto Amélia, desembarcam do vapor *Moçambique* as tropas expedicionárias, sob comando do tenente-coronel Massano de Amorim, que começam a instalar o quartel-general para as operações junto à fronteira fluvial, a fim de estabelecer no planalto de Mueda postos de etapas com tropas moçambicanas em Miteda e Chomba até Mocimboa do Rovuma, dali irradiando para oriente, criando postos de vigilância em Namitema, Nangade, Nhica, Pundanhar e Madai, até alcançar o planalto do Namato fronteiro ao Quionga; e para ocidente com postos avançados em Negomano (foz do Lugenda), Nachinamoca, Unde e Maziúá, até Macaloge no Alto Rovuma.

- «Nada fôra preparado para os receber, muito embora se tenha expedido uma ordem ao governador de Moçambique para que adquirisse gado, carros e víveres, além das necessárias instalações de desembarque e outras providências. “Os homens desembarcaram às cavalistas em pretos e alojaram-se em palhotas parcialmente cobertas com zinco: era a época das chuvas e a água penetrava naqueles abrigos, empapando o solo que ficava convertido num pântano”. As únicas instruções que Massano de Amorim trazia de Lisboa, eram manter a neutralidade e opôr-se a uma possível invasão fronteiriça, [...] reforçar os postos militares ao longo do Rovuma, manter uma vigilância constante sobre os postos alemães fronteiros, montar ligações telegráficas e abertura de estradas para a fronteira do mesmo rio.»¹

¹ (Araújo Pinto)

1914 - Novembro.5 (5ªfeira)

De Lisboa larga com destino a Moçâmedes mais um navio, com um batalhão de infantaria da Marinha sob comando do capitão-tenente Coriolano da Costa, para reforço do Corpo Expedicionário ao sul de Angola após o ataque-surpresa que tropas alemãs da Damaralândia, há cinco dias, fizeram contra o fortim do Cuangar e a quatro outros postos fluviais fronteiriços.

- «*Uma propaganda metódicamente conduzida pelos alemães insufla nos nativos a motivação para erradicarem os portugueses de além-Cunene, propaganda prioritariamente assente, como sempre, na acção dos missionários protestantes [luteranos]. A par daquelas acções, o incidente de Naulila e o morticínio do Cuangar funcionam como catalisadores da resistência dos indígenas e a situação torna-se cada vez mais explosiva. Adivinha-se que a todo o momento se poderá passar ao estado-de-guerra.*»¹
- «*Afonso [Júlio] de Cerqueira, [...] apareceu em África como segundo-tenente num navio comandado por João de Azevedo Coutinho [Fragoso de Siqueira, antigo governador-geral de Moçambique]. Era [Afonso de Cerqueira] um indefectível republicano. [...] No sul de Angola chefiou a famosa carga do Batalhão de Marinha, durante a qual foi ferido 5 vezes.*»²
- «*Ao mesmo tempo, [no Lubango] foi organizado um outro destacamento. Roçadas conferiu o seu comando ao major Salgado e era composto pela 3ª Companhia do Batalhão de Infantaria 14, uma bateria de metralhadoras, uma bateria [de artilharia] Ehardt e um esquadrão de cavalaria. Enquanto Roçadas marchou para o Humbe, o major Salgado seguiu para o sul.*»³

¹ (Padrão); ² (Calvão); ³ (Araújo Pinto)

1914 - Novembro.17 (3ªfeira)

Em Lisboa o governo determina que no Teatro da Rua dos Condes, seja interdita a representação de uma peça *revisteira* por oferecer um «*quadro pouco abonatório do Exército Português*», quando já é previsível a entrada de tropas portuguesas na frente europeia da guerra.

- «*A 14 de Novembro, foi a Inglaterra que pediu ao Governo português para apressar a mobilização [do CAPI]*»¹.»²
- «*14 de Novembro de 1914 - Neste momento, a frente de combate na Bélgica e França tem qualquer coisa como 580km, contados nas ondulações de uma linha entre Nieuport e Belfort. A Inglaterra [através do seu ministro da Guerra, Lord Kitchener] promete estar habilitada, daqui por alguns meses, a lançar 1.2 milhão de homens para os campos da batalha. Lá para esse tempo, devemos nós estar habilitados a fazer seguir para o mesmo destino, qualquer coisa como 18 [a 20] mil homens, ou seja uma Divisão que, nessa frente de combate, ocuparia no seu máximo desenvolvimento uns 2km, coisa modesta para quem sonha com glórias. Mas 1 milhão de homens, não é igualmente verdade que seja sempre 1 milhão de soldados; faz a sua diferença e, tão grande ela é, que Lord Kitchener declarou que não mandaria os seus voluntários para a guerra, sem que estivessem devidamente instruídos e adestrados para o que há a fazer nos campos de batalha. Cada inglês é um bocado da Inglaterra, e por isso mesmo quando ameaça ou perigo impendem sobre a Grã-Bretanha, todo o inglês se reconhece em risco e sente ameaçado. Os voluntários de Lord Kitchener irão para a guerra bem preparados para combater, não apenas com a elementar instrução de parada - "direita, esquerda, volver" -, mas com o suficiente saber técnico, que indispensavelmente devem ter os militares que alguém atire para a frente do exército alemão.*»³

¹ (sob comando do coronel João Climaco Pereira Homem Teles, a ser constituído por tropas do Campo Entrincheirado de Lisboa, com 10 baterias de artilharia e efectivo inicial de 20 oficiais, 10 sargentos e 748 praças); ² (Araújo Pinto); ³ (Camacho)

1914 - Novembro.23 (2ªfeira)

No hemiciclo de São Bento, o congresso republicano reúne em sessão extraordinária e por unanimidade autoriza o governo de Bernardino Machado, a participar ao lado da Inglaterra na guerra, mas sem que esta à Alemanha seja formalmente declarada.

- «*A 23 de Novembro o congresso autorizou o governo a entrar na guerra ao lado dos Aliados. Este decretou a imediata mobilização da Divisão Auxiliar [CEP], condicionada pela precária situação do Exército português, ainda de organização recente, com deficiências materiais e desgastado pelas [duas] expedições para o Ultramar.*»¹
- «*Em 23 de Novembro reuniu o parlamento para autorizar o governo a concertar com a Inglaterra os termos da nossa intervenção militar. O sr.Sidónio Pais continuou em Berlim [como embaixador português], e o sr.Rosen continuou em Lisboa [como embaixador alemão]. Depois de estalar o*

conflito europeu, Bernardino Machado esteve no Poder quatro meses e - a despeito das sessões parlamentares de 7 de Agosto e 23 de Novembro -, não quebrou as relações com a Alemanha. [...] Estando no poder, quando foi de Maziúta e Cuangar, o sr. Bernardino Machado, partidário da guerra, porque a não declarou o seu governo à Alemanha, visto como Maziúta se deu em Agosto, Cuangar em Outubro, e esse governo só caiu em princípios de Dezembro?»²

- *«A imprensa e o Parlamento, durante todo o decurso da guerra, entregaram-se a grosseiras ofensas ao povo alemão, com a complacência mais ou menos notória do Governo português. O chefe do Partido dos Evolucionistas [António José de Almeida] pronunciou na sessão do Congresso, de 23 de Novembro de 1914, na presença dos ministros portugueses assim como na de diplomatas estrangeiros, graves insultos contra o imperador da Alemanha, sem que por parte do presidente da Câmara [o "democrático" comandante Vítor Hugo de Azevedo Coutinho] ou de alguns ministros portugueses, se seguisse um protesto. Às suas representações, o enviado imperial [barão Rosen] recebeu apenas a resposta, que no boletim oficial das sessões não se encontrava a passagem em questão. Contra estas ocorrências protestámos em cada um dos casos em especial, assim como por várias vezes apresentámos as mais sérias representações e tornámos o Governo português responsável por todas as consequências. Não se deu porém nenhum remédio. Contudo o governo imperial, considerando com longanimidade a difícil situação de Portugal, evitou então tirar mais sérias consequências da atitude do Governo português.»³*

Entretanto no sudoeste de Angola, o tenente-coronel Alves Roçadas chega ao Forte Roçadas com o seu destacamento de 3300 efectivos.

¹ (Araújo Pinto); ² (Camacho); ³ (Rosen, preâmbulo da "Declaração de guerra", 09Mar1916)

1914 - Dezembro.10

No cais fluvial de Lisboa, embarcam mais tropas com destino à fronteira sudoeste de Angola.

- *«O grosso [das Forças Expedicionárias] chegou ao Forte Roçadas [no dia 23 de Novembro] e o destacamento [do major Salgado] atingiu o mesmo forte a 7 de Dezembro. Como se presumisse que a fronteira sobre a qual incidiria o avanço alemão, seria entre o Cuamato Grande e o Cunene, o [tenente-]coronel Roçadas fixou o grosso das suas forças na linha Naulila-Dongoena. Desta forma, em 7 de Dezembro as nossas forças dividiam-se da seguinte forma: destacamento de Naulila comandado pelo capitão Mendes dos Reis; destacamento de Dongoena-Calueque a 10km do primeiro, comandado pelo major Salgado.»¹*
- *«Cerca do dia 10 de Dezembro, o auxiliar José Guerreiro noticia a presença de contingentes militares alemães em território português. A informação é recebida sem surpresa e [o tenente-coronel] Roçadas, numa primeira análise, conclui que os objectivos inimigos só poderiam ser um avanço sobre o Humbe e a invasão do planalto da Huila.»²*

¹ (Araújo Pinto); ² (Padrão)

1914 - Dezembro.11 (6ªfeira)

No Palácio de Belém, o PR aceita a demissão do VIº Ministério constitucional.

No dia seguinte, é empossado um novo gabinete democrático¹ chefiado pelo presidente da Câmara dos Deputados, comandante Vítor Hugo de Azevedo Coutinho que acumula a pasta da Marinha.

- *«Dado o nome próprio do seu chefe, logo foi apelidado de "ministério dos Miseráveis".»²*

Entretanto na fronteira fluvial angolana do Cunene, ocorre o primeiro recontro entre patrulhas portuguesas e militares alemães que se haviam infiltrado em reconhecimento.

Um dia depois junto ao Cunene, sucede-se novo recontro entre tropas portuguesas e alemãs.

- *«A vigilância do rio passou a ser feita pelos [pelotões de cavalaria dos] "Dragões" do capitão [i.e., tenente Francisco Xavier da Cunha] Aragão. [...] Uma força alemã de 300 homens acampa junto ao sobado Cuambi e recebia substanciais reforços. A coluna, sob comando do major Franck, projectava seguir para o Humbe depois de ocupar Naulila. Alves Roçadas dirigiu-se para o Cunene, com o fim de lhe impedir a passagem do rio.»³*

E menos de 24 horas depois em Londres, o Foreign Office solicita ao embaixador Teixeira Gomes que o seu novo governo requisite quaisquer navios mercantes alemães

que se mantenham, desde início da guerra, refugiados em portos do Continente, Ilhas e Ultramar.

- «*Internationally, the importance of the port and CFLM only increased, particularly for the use of traffic connected with the Transvaal. The efficiency of the Lourenço Marques port was tested with the difficulties arising from World War I. The movement of foreign vessels entering Delagoa Bay increased with the channelling of the Transvaal's coal through the port, thus confirming Lourenço Marques economic and political international importance. [...] The [Mocumba-Xinavane branch of the Limpopo] line was inaugurated in 1914. [...] The completed [Gaza railway] line opened to traffic in 1915, forming a connection between Xai-Xai and Chicomo. [...] In 1915, the first part of the [90km Lumbo-Cuamba northern railway of] Moçambique line had been constructed, and the relevant studies were completed.*»⁴
- «*No dia 14 apresentou-se ao Parlamento o novo ministério, presidido pelo sr. Azevedo Coutinho. Na declaração ministerial afirmou-se que iríamos para a guerra, na realização de compromissos internacionais: "Para a guerra na Europa ou para a guerra em África, conforme as circunstâncias". [...] Se no mês de Dezembro gastarmos tanto, pelo menos, como temos gasto em cada 1 dos 3 meses que já tem de duração a guerra, fecharemos o ano com 'deficit' de aproximadamente 20 mil contos. Se por motivo da guerra criarmos uma dívida de 50 mil contos, os respectivos encargos ficarão pesando sobre nós durante largos anos.*»⁵
- «*E para que nos não fiquem dúvidas algumas sobre o imbecil papel que a nossa diplomacia e governo vêm representando desde Agosto de 1914, [...] a Inglaterra pretendia de nós a artilharia de que precisava, a apreensão dos navios alemães que lhe convinha para o seu comércio, os nossos portos para bases navais, etc.; mas deixava-nos sós se quiséssemos tomar parte na guerra com as nossas tropas. Garantia-nos a protecção das costas mas, quanto às fronteiras terrestres, que nos governássemos como pudéssemos: cartuchos não nos fornecia e quanto a dinheiro, só se apresássemos os navios alemães e lhos vendéssemos.*»⁶

¹ (Alfredo Rodrigues Gaspar, ministro das Colónias; Álvaro Xavier de Castro, ministro das Finanças; Augusto Soares, ministro dos Estrangeiros e da Justiça, esta última passando em 22Dez para José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães (nascido em 1879, licenciado em Direito e jurisconsulto); Eduardo Alberto de Lima Basto, ministro do Fomento; Frederico António Ferreira de Simas, ministro da Instrução; e Joaquim Basílio Cerveira de Sousa Albuquerque e Castro, ministro da Guerra); ² (Mascarenhas); ³ (Araújo Pinto); ⁴ (Pinto Teixeira); ⁵ (Camacho); ⁶ (Gomes da Costa, in "Portugal na Guerra", pp.40-41; ed.Arthur Brandão, Lisboa 1925)

1914 - Dezembro.17 (5ªfeira lua-nova)

Na fronteira fluvial do Cunene, acumulam-se indícios de preparativos das tropas alemãs para invadir o sul de Angola.

- «*No dia 17, as forças alemãs acamparam nas margens do Cunene sob comando do major Franck, que estacionaram a 15km da posição de Naulila, enquanto o capitão Water se fixava na margem esquerda do Cunene em frente da posição do major Salgado, que [...] não atacou por não ter recebido ordens nesse sentido.*»¹
- «*Antes de iniciar as operações [militares contra as tropas invasoras alemãs], em 12, 16 e 17 de Dezembro [o tenente-coronel] Alves Roçadas ouve os relatos dos seus batedores que seguiam os movimentos das forças alemãs. Com base nessas informações, resolve aguardar o ataque do inimigo.*»²

Durante a madrugada seguinte, no sudoeste de Angola um contingente alemão, precedido por bandos *cuamatos* sublevados, ataca a partir das 05:00 o fortim da Hinga onde está acantonada uma parte da guarnição portuguesa de Naulila. Durante o assalto e sucessivos recontros, morrem 75 militares portugueses.

- «*Na madrugada do dia 18, as duas colunas alemãs marcharam sobre Naulila, atacaram com a infantaria e a artilharia. As metralhadoras portuguesas comandadas pelo tenente Bettencourt responderam com eficácia, mas a nossa infantaria indígena não aguentou o fogo. [...] Chegados à orla do mato, recuaram abalados e dizimados perante o fogo do inimigo. [...] O combate iniciou-se junto ao vau do Calueque, tendo sido restabelecido o QG português em Naulila. [...] Durante 4 horas, tanto os soldados europeus como os landins se bateram com tenacidade, mas os seus esforços mal coordenados não conseguiram fazer frente à manobra enérgica dos alemães. [...] Deste confronto morreram três oficiais (o capitão [de infantaria Artur] Homem Ribeiro e os alferes [de cavalaria Joaquim Maria] Alves e [Manuel Antunes] Sereno), 54 praças europeus e 12 indígenas; feridos 5 oficiais, 61 praças europeus e 12 indígenas; e ficaram prisioneiros 3 oficiais, 34 praças³ e 10 indígenas. [...] Entretanto os alemães ocuparam o Forte de Naulila, onde enforcaram 6 soldados indígenas, punindo barbaramente a sua valorosa resistência. [...] Depois de quatro horas de violento*

tiroeio, as forças de Roçadas recuaram para a margem esquerda do rio e retiraram para Dongoena.»⁴

- «Às 5 horas da manhã, o inimigo investe contra as nossas posições de Naulila. Os nossos soldados combatem com galhardia, mesmo quando se chega ao corpo-a-corpo. Por volta das 08:30, embora a vitória não estivesse decidida para um ou outro dos contendores, as nossas forças retiram para Dongoena. Alves Roçadas justifica a retirada de Naulila com o facto de, o destacamento do Calueque [comandado pelo major Salgado] e os Dragões do tenente [de cavalaria Francisco Xavier da Cunha] Aragão, não terem chegado a tempo de atacar os alemães, se se confirmasse a sua marcha na direcção leste. Estas duas omissões tiveram influência no desfecho do combate.»⁵
- «Quando os alemães atacaram no sul de Angola sem haver guerra declarada com Portugal, [...] o tenente [Aragão] comandante do Esquadrão de Dragões que em Naulila, desobedecendo a ordens superiores, tentou acudir ao Forte cercado, caindo gravemente ferido quando carregava heroicamente sobre os alemães que o atacavam, [...] ferido e prisioneiro, só quando as tropas inglesas ocuparam essa colónia alemã [da Damaralândia] foi libertado.»⁶

¹ (Araújo Pinto); ² (Padrão); ³ (entre eles, o cartaxeiro Manuel Marques Júnior); ⁴ (Araújo Pinto); ⁵ (Padrão); ⁶ (Horta Catarino)

1914 - Dezembro.24 (5ªfeira)

Na baía de Moçâmedes desembarca o segundo reforço às forças expedicionárias do sul de Angola, que marcha rapidamente para o planalto da Huíla com destino ao Humbe.

- «De Dongoena, após refeição de 2 bolachas e 1 decilitro de vinho, [na tarde de 18 as tropas do tenente-coronel Roçadas] seguiram para o Humbe onde chegaram no dia 19. Horas depois, a explosão do paiol do Forte Roçadas obrigou o comandante a concentrar todas as suas forças na zona da Cahama-Gambos. As forças alemães retiraram para a Damaralândia.»¹
- «Face à avaliação que faz do poderio alemão, Roçadas determina o abandono de todos os redutos situados além-Cunene, bem como os do Humbe e Dongoena. A nossa fronteira, que tantos esforços, sacrifícios e vidas havia custado para a sua consolidação, recua assim para uma linha que vai dos Gambos a Cassinga e ao Caiundo, o que representa a perda de territórios com uma área de cerca de 1/5 da superfície de Angola.»²
- «Na madrugada de 18 dava-se o desastre de Naulila, isto é, os alemães entravam em território nosso, chacinando a nossa gente, e recolhiam aos seus quartéis para lá da fronteira, tendo deixado entre o gentio uma semente de revolta. Ainda estava reunido o Parlamento, quando se teve notícia oficial do desastre e, como se o caso fôra apenas um incidente de fronteira, o sr.Sidónio Pais continuou em Berlim e o sr.Rosen continuou em Lisboa. [...] Naulila deu-se a 18 de Dezembro, e estava então no poder o [mesmo] Partido Democrático. Porque não declarou esse governo, a que presidia o sr.Azevedo Coutinho, guerra à Alemanha, quente como estava o sangue dos oficiais e soldados que em Naulila tinham sido mortos pelos alemães, numa batalha em que todas as superioridades estavam do seu lado, excepto a da valentia pessoal a despeito do que se tem dito? Não só o Partido Democrático - alcandorado no poder à data em que se deu o combate de Naulila, e em que foram mortos uns poucos dos nossos oficiais e algumas dúzias dos nossos soldados -, conservou as boas relações que havia entre Portugal e a Alemanha, mas sem sequer romper as relações diplomáticas mandando o sr.Rosen para Berlim e chamando o sr.Sidónio Pais para Lisboa. Os partidários da guerra, não se têm cansado de falar em Maziúia, no Cuangar, em Naulila, crimes alemães ainda por vingar, e que seria desonroso deixar impunes. É indesculpável que [em 17Fev1916] ainda não estejam publicados os relatórios dos srs. Massano de Amorim, Alves Roçadas e Pereira d'Eça. Reclamou uma gazeta, afecta ao governo, que sejam julgados os oficiais e praças que em Naulila se houveram menos conformemente aos bríos militares, pondo uma nódoa de cobardia na heróica página em que se inscrevem os feitos do nosso Exército, desde velhos tempos. Que esses homens sejam julgados e que sobre eles caiam todos os rigores da justiça, se na verdade delinquiram. Mas que tudo se diga, para que tudo se saiba, com respeito ao modo como foi organizado o corpo expedicionário a Angola, com respeito à missão de que teve encargo, e com respeito aos elementos que lhe forneceram para bem se haver.»³

¹ (Araújo Pinto); ² (Padrão); ³ (Camacho)

1915 - Janeiro.13 (4ªfeira)

Na sul da Damaralândia, a área de Swakopmund é invadida por milhares de tropas sul-africanas sob comando do general Louis Botha.

- «Depois do combate de Naulila, o comandante Roçadas pediu a exoneração do cargo. [...] Os alemães, que também sofreram graves perdas em Naulila, estavam ocupados com a parte sul do seu território, após a invasão do general Botha à Damaralândia com um corpo de 50 mil homens. Contudo, não se podia pôr de lado a hipótese de uma nova incursão em território português, ou de uma futura cooperação com as forças do general Botha.»¹
- «13 de Janeiro de 1915 - Com excepção das guerras coloniais, e não levando em conta as lutas internas para a implantação do regime constitucional, o País vive no remanso da paz há um século, durante o qual se obliterou a nossa tradição guerreira. Gozamos de uma situação privilegiada no extremo ocidental da Europa e, desde que perdemos o medo à união ibérica, feito por intrigas monárquicas, nunca mais olhámos com desconfiança a Espanha.»²
- «O Integralismo [Lusitano presidido por António Sardinha], tomou posição contra a vaga de iberismo manifestada em Espanha em 1915, promovendo uma série de conferências sobre "A Questão Ibérica", que teve grande repercussão.»³

¹ (Araújo Pinto); ² (Camacho); ³ (Mascarenhas)

1915 - Janeiro.23 (sábado)

Em Lisboa é promulgado o decreto que aprova, para ser ratificado, o *Tratado Luso-Britânico de Comércio e Navegação*, assinado em meados do ano transacto.

Dois dias depois, o VIIº Ministério constitucional é dissolvido na sequência do *Movimento das Espadas*, dirigido pelo general Joaquim Pereira Pimenta de Castro¹ e durante o qual, sob as ordens do prócere carbonário (dito *comandante*) Machado Santos, foram presos 64 dirigentes políticos.

- «De 14 de Dezembro a 25 de Janeiro esteve o sr. Azevedo Coutinho no Poder e - a despeito das referidas sessões parlamentares [07Ago1914 e 23Nov1914], e ainda a despeito de Naulila -, conservou o sr. Sidónio Pais em Berlim e deixou ficar o sr. Rosen em Lisboa. O governo a que presidia o sr. Azevedo Coutinho, democrático puro, manteve-se até 25 de Janeiro. E numa das últimas sessões parlamentares, tendo já renunciado os unionistas [chefiados por Manuel de Brito Camacho], afirmou-se o compromisso de honra de irmos para a guerra, mas sem que se declarassem rôtas as relações de Portugal com a Alemanha, como se não tivesse havido Naulila: uma invasão de território português, a chacina e o aprisionamento de grande número dos nossos soldados e oficiais.»²
- «Algumas providências destinadas a acudir a problemas urgentes e a aprovação de nova lei eleitoral, foi tudo quanto esse quadro governamental [do Partido Democrático] pôde empreender, pois caiu menos de 2 meses depois de formado em consequência de pressões militares, que se traduziram em esboço de revolta em Lisboa e depois na ida de Machado Santos a Belém, para entregar ao presidente a sua espada. Manuel de Arriaga pretendeu então que se organizasse de novo um governo extrapartidário ou de coligação dos 3 partidos republicanos, decidindo-se a intervir na "barafunda política" provocada pelas "paixões sectaristas", segundo as suas palavras. E chamou para o efeito o seu amigo general Pimenta de Castro.»³

Decorridos três dias e sem ter consultado o congresso republicano, o PR Manuel de Arriaga dá posse a um novo gabinete ministerial⁴ por si nomeado e chefiado pelo cabecilha do *putsch*, que passa a acumular a pasta da Guerra.

- «Pimenta de Castro organizou [no dia 25] um ministério com individualidades renomadas, quase todas pertencentes às Forças Armadas. Como terminara a sessão legislativa e as novas eleições somente se realizariam em [13 de] Junho, o governo começou a actuar em dictadura, se bem que não explícita.»⁵
- «Os membros dos comités da Junta [de Defesa dos Direitos d'África], perante a situação do País invadido ao sul de Angola pelo estrangeiro e em toda a parte pelo monarquismo disfarçado em democracia, resolvem: apoiar qualquer Governo da República que encare o problema da defesa da Pátria comum com energia, acção continua e desassombro; repudiar com indignação toda e qualquer tentativa que em Angola ou em outras províncias haja sido feita quer por elementos europeus quer por indígenas, no sentido de favorecer a acção absorvente dos alemães; significar o seu aplauso à iniciativa de serem desde a primeira hora enviadas forças e reforçarem as guarnições de Angola e Moçambique, prova de que se começa a considerar, embora sob impulso dos acontecimentos, que fazem parte do País as províncias da África portuguesa; afirmar que os africanos portugueses estimariam poder combater também ao lado dos portugueses da Europa, nos campos de batalha da Flandres e Aisne, tal como os povos da Índia inglesa, Canadá, Nova Zelândia, Austrália e os africanos

franceses da Argélia e Senegal estão heroicamente fazendo ao lado dos valentes soldados da Inglaterra, da Bélgica e da França.»⁶

¹ (em 1883 publicou "O Projecto Eleitoral do Governo - O Sufrágio Universal e o Proletariado"); ² (Camacho); ³ (Mascarenhas); ⁴ (Guilherme Alves Moreira, ministro da Justiça; Herculano José Galhardo, das Finanças; José Jerónimo Rodrigues Monteiro, dos Estrangeiros; almirante José Joaquim Xavier de Brito, da Marinha; José Nunes da Ponte, do Fomento; coronel Manuel Goulart de Medeiros, da Instrução; Pedro Gomes Teixeira, do Interior; e Teófilo José da Trindade, das Colónias); ⁵ (Mascarenhas); ⁶ (editorial da JDDA, no seu recente quinzenário "Portugal Novo", 01Fev1915)

1915 - Fevereiro.3 (4^afeira)

De Lisboa larga para Moçâmedes mais um navio, com outro contingente expedicionário para fazer face aos constantes ataques das tropas alemãs junto à fronteira sul de Angola.

1915 - Fevereiro

A sudeste de Malanje eclode uma «*revolta na circunscrição do Libolo*»¹, perto do Pungo-Andongo.

- «*Apesar da solenidade de que se revestiu [em 23Mar1913] o acto da fundação da "Liga Angolana", a primeira organização [Grémio Africano] foi vítima de um clima de perseguição política pelo próprio [governador-geral major] Norton de Matos, que decretou o seu encerramento em 1915.*»²
- «*Entre Junho de 1912 e Março de 1915, Norton de Matos exerce um primeiro mandato de governador-geral de Angola, largamente consagrado a estender a ocupação colonial e a dominar as grandes revoltas que põem em causa a presença portuguesa, como a insurreição dos 'bacongo' (1913-1915).*»³

Enquanto isso junto à fronteira norte de Moçambique, «*também os alemães se mostravam activos procurando revoltar os indígenas nos territórios da Companhia do Niassa, confinantes com o Rovuma. Mas a conspiração descoberta a tempo tornou possível evitar a revolta.*»

- «*Entretanto os alemães retornaram para a fronteira sul [do Tanganica] e depois para norte, [a fim de] atacar de novo a colónia inglesa e o Congo Belga, deixando os portugueses em paz durante algum tempo.*»⁴
- «*Tanto o Sudoeste como o Oriente Alemão em África, sem a insurreição do Transvaal de há muito estariam na posse de outro dono: o Sudoeste incorporado na União Sul-Africana; o Oriente anexado como novo domínio da Inglaterra. Duas colunas se deveriam ter formado para realizar este duplo objectivo, e só não se formaram por terem os alemães conseguido fomentar uma grave insurreição no Transvaal, que o general Botha teve de abafar por completo antes de atacar a Damaralândia.*»⁵

¹ (Cunha Leal, in "A Gadanha da Morte", pp.104/5; ed.autor, Lx 10Ago61); ² (Andrade); ³ (Enders); ⁴ (Araújo Pinto); ⁵ (Camacho)

1915 - Fevereiro.17 (4^afeira de Cinzas)

Em Londres o Foreign Office - invocando explicitamente a *Aliança Luso-Britânica de 09Mai1386* e a recente ratificação do *Tratado Luso-Britânico de Comércio e Navegação*,

- insiste uma vez mais junto do embaixador Teixeira Gomes para que o novo governo português requisite quaisquer navios austríacos e alemães fundeados em portos da Metrópole e do Ultramar.

- «*18 de Fevereiro: o bloqueio alemão à Inglaterra entra em vigor com intensa actividade dos submarinos.*»¹

Dez dias depois em Lisboa o novo ministro das Colónias, coronel de engenharia Teófilo José da Trindade, comunica para Luanda ao major Norton de Matos a sua exoneração das funções de governador-geral, cargo que vai passar a ser desempenhado pelo general Pereira d'Eça cumulativamente ao de comandante-chefe das Forças Expedicionárias no sul de Angola, para o qual foi entretanto nomeado a fim de substituir o tenente-coronel Alves Roçadas exonerado a seu pedido.

- «*Sentira-se [o maçónico major Norton de Matos] um soberano absoluto: enquanto os seus tinham o mando, encomendara nada menos de 80 camiões ao [conde da Ribeira Brava] agente numa casa estrangeira bem cotada, mas sem autorização do Ministro. E enquanto o representante da firma ameaçava o governo com reclamações severas por parte da Itália, visto já se terem feito despesas para satisfazer o pedido, ordenou-se a rápida demissão do culpado.*»²

- «Norton de Matos foi simplesmente demitido por decreto de 27 de Fevereiro (1915). Nenhum processo lhe foi instaurado. Bem ao contrário disso.»³
 - «O ministro das Colónias comunicou a Roçadas, a nomeação do general Pereira d'Eça para comandante das forças expedicionárias e também para governador da província. Esta acumulação de funções poderia resultar benéfica para a execução das operações em Angola. [...] Roçadas, antes [...] do seu embarque para a Metrópole, requisitou pessoal para o quartel-general, para os serviços de engenharia, de artilharia, de saúde, etc., no sentido de elevar os efectivos já depauperados.»⁴
 - «Foi necessário o martírio de missionários e funantes, o sacrifício de colunas inteiras, a paralisação total das trocas comerciais nas regiões em litígio, para que o Governo central decidisse encarar o problema da fronteira sul de Angola, deixando-se de mais improvisações. Incumbe o general Pereira d'Eça de organizar a expedição, ao mesmo tempo que lhe faculta todos os meios que empresa de tal envergadura exige. E mais ainda: para que mesmo em Angola o empreendimento tenha todo o apoio, Pereira d'Eça acumulará as funções de comandante-chefe com as de governador-geral.»⁵
- ¹ (Williams); ² (Rocha Martins); ³ (Pimenta de Castro, in "O Dictador e a Afrontosa Dictadura", pp.84/5; Weimar, 1915); ⁴ (Araújo Pinto); ⁵ (Padrão)

1915 - Março.6 (sábado)

Em Lisboa o ministro das Finanças, Herculano José Galhardo, é substituído por José Jerónimo Rodrigues Monteiro que se mantém como ministro dos Estrangeiros.

Mas decorridos 2 dias o ministro das Colónias, Teófilo Trindade, passa a acumular interinamente a pasta dos Estrangeiros.

E na manhã seguinte no porto de Luanda, embarcam de regresso a Lisboa o tenente-coronel Alves Roçadas e o major CEM Norton de Matos, exonerado de governador-geral de Angola.

- «Nem sequer se lhe instaurou o processo. Deixaram-no à vontade. Era mais um elemento - embora pouco conhecido e sem prestígio naquela data -, com que se presenteava os conspiradores.»¹
- «Veio em liberdade para o Continente, passou a fazer parte da Junta Revolucionária, e assistiu - de 'motu proprio' ou como mandatário, para que não deixasse de se realizar -, ao cobarde ataque de marinheiros e civis [em 14Mai1915] contra os alunos da Escola de Guerra, prévia e propositadamente escasseados de munições.»²

Entretanto no Sudoeste Africano alemão, as tropas do general Louis Botha iniciam a ocupação da Damaralândia, a fim de pôr termo à guerra na região transfronteiriça do sul de Angola.

Cerca de 48 horas depois, entra em vigor o bloqueio naval imposto pela Grã-Bretanha à Alemanha.

Enquanto isso em Lisboa, o VIII Governo da República sofre a terceira remodelação: Teófilo José da Trindade mantém-se como ministro dos Estrangeiros, passando a pasta das Colónias a ser desempenhada por José Maria Teixeira de Magalhães.

¹ (Rocha Martins); ² (Pimenta de Castro)

1915 - Março.21 (domingo)

Chega a Luanda o vapor *África*, de onde desembarca o novo governador-geral de Angola e comandante-chefe das Forças Expedicionárias, general Pereira d'Eça, com os oficiais dos respectivos estados-maiores.

- «Estabeleceram-se as operações a realizar, requisitou-se pessoal e material, estudos [prévios elaborados em Lisboa pelo general] e todos os esforços necessários para evitar o que acontecera em [finais de] 1914. Os preparativos demoraram [os subsequentes] 3 longos meses, pois havia que garantir a manutenção de 12 mil homens, 3 mil solípedes e a eficiência combativa de 5 mil homens. [...] Quanto à assistência clínica, [...] em África a CVP montou 6 hospitais: 1 em Angola (Lubango) e 5 em Moçambique.»¹

¹ (Araújo Pinto)

1915 - Abril.22

Em Lisboa, Porto, Aveiro, Faro, Leiria, Arronches, Mafra, Torres Vedras, Portalegre, Monção e Loures, por determinação do ministro do Interior, Pedro Gomes Teixeira, as câmaras municipais são dissolvidas e substituídas por comissões administrativas.

- «Em 1914, já por reflexo do conflito bélico europeu, a população começou a açambarcar moedas [de "escudo"] de prata e o Estado viu-se impotente "ante a avassaladora marcha crescente do valor das matérias-primas e dos metais, com o seu inevitável reflexo na alta do custo de vida e no valor da moeda". Em consequência - e por sua alta recreação (como se costuma dizer) -, começaram particulares e até entidades oficiais a emitir "cédulas e senhas de diversos valores divisionários, a fim de ocorrer à carência de espécies amoedadas pelo Estado". Os governos foram tentando sucessivas reformas monetárias sem resultados válidos e a confusão não parou de aumentar. Desde estabelecimentos comerciais a municípios, emitiam cédulas em pedaços de papel ou de cartão, não logrando os governos pôr termo a este estado de coisas, apesar de autorizar a Casa da Moeda a emitir notas de meio, um e dois centavos. Falsificações múltiplas complicavam ainda mais a situação.»¹

Nos dias seguintes, outras câmaras municipais são também dissolvidas.

- «Elaborada nova lei eleitoral que não agradou a ninguém, Pimenta de Castro - embora recebesse apoio expresso das agremiações partidárias mais moderadas e de numerosos elementos da oficialidade do Exército e da Armada -, teve desde o primeiro momento a hostilidade aberta e feroz do Partido Democrático [intervencionista] que, inclusivamente no palácio da Mitra em Santo António do Tojal, promoveu uma reunião que mais ninguém tomou a sério. Outros problemas políticos se sucederam, impedindo o governo de se dedicar aos negócios públicos.»²

¹ (Mascarenhas); ² (idem)

1915 - Maio.12 (4ªfeira)

Windhoek capital da Damaralândia, é ocupada por tropas sul-africanas do general Louis Botha.

- «Figurou-se a hipótese dos alemães, recuando diante do general Botha, entrarem na província de Angola, não para se acolher à nossa protecção mas para eleger domicílio em nossa casa: segundo uns, os alemães viriam ao Humbe, subiriam até ao planalto e ali se instalariam na disposição de tomar Moçâmedes, servida por caminho-de-ferro; segundo outros, eles seguiriam o curso do Lubango, iriam até ao planalto de Benguela e ali se instalariam provavelmente como hóspedes.»¹

¹ (Camacho)

1915 - Maio.14

Em Lisboa a Escola de Cadetes é tomada de assalto, por um grupo de marinheiros e civis, sob comando de uma *Junta Revolucionária* encabeçada pelo maçom comandante da Divisão Naval de Defesa, capitão-de-fragata Leote do Rego.

- «Revolução contra a ditadura de Pimenta de Castro, chefiada quase exclusivamente por maçons: Norton de Matos, Sá Cardoso [em Abr-Ago1910 co-planeador do derrube da Monarquia], [comandante José de] Freitas Ribeiro [da Silva em 13Nov1911-29Jan1912 ministro das Colónias e 09Jan1913-09Fev1914 ministro da Marinha] e António Maria da Silva [carbonário e maçom, ministro do Fomento em 09Jan1913-09Fev1914]. A revolta salda-se por centenas [102-120] de mortos e [250-400] feridos.»¹

- «A 14 de Maio estalou a revolução radical organizada pelo Partido Democrático: revolução que repetiu quase a papel químico o que se passara a 5 de Outubro de 1910 e que forçou Pimenta de Castro a renunciar. 102 mortos e 250 feridos graves entre centenas, foi o saldo do 14 de Maio. [...] De novo as associações secretas - já então não se falava tanto na carbonária mas na "Formiga Branca" [marinheiros communistas] -, tinham contribuído poderosamente para o êxito do movimento revolucionário e voltavam a influir na vida pública do País.»²

- «Os escoteiros dos grupos já existentes [da AEP] apresentaram-se imediatamente para servir. [...] Aquando do caso da Escola de Guerra, os valentes rapazes foram perseguidos pela fuzilaria a partir da Rua Gomes Freire, ficando ferido Manuel Pereira, filho do enfermeiro do mesmo apelido. [...] Eram 22 horas do dia 14, ao Arsenal da Marinha chegou um oficial vindo de bordo do "Vasco da Gama", com uma carta do comandante Leote do Rego para a sua família. [...] Uma criança de 10 a 11 anos, escoteiro [Ralão do Grupo nº7 chefiado por José da Conceição Rodrigues], dirigiu-se ao oficial e acanhadamente ofereceu-se para desempenhar a missão. [...] Uma hora depois estava de volta: apresentou-se ao oficial de quem tinha recebido a missão, entregando-lhe um bilhete da esposa do sr.Leote do Rego. O oficial [...] comovido com a bravura do Escoteiro, meteu a mão ao bolso para gratificar a criança; o rapaz, porém, [...] suspendeu-lhe o gesto dizendo: "Se quer recompensar-me, leve-me ao "Vasco da Gama". Quería abraçar o sr.Leote do Rego". A criança não

quis dizer o nome! [...] Os “boy scouts”, rapazes entre os 12 e 17 anos apenas, [...] viam-se nos postos [da Cruz Vermelha] do Terreiro do Paço [orientado pela enfermeira Maria Luísa de Magalhães]³, da Avenida Duque de Loulé e Conde Barão. No 1º dia da revolução, transportaram os “boy scouts” nas suas macas 8 feridos e 1 morto, aos diversos hospitais mais próximos do sítio em que se encontravam. No 2º dia foram de uma abnegação extrema, por ocasião do tiroteio no jardim da Cervejaria Jansen e nas proximidades da Igreja de São Paulo. Ontem [dia 16], por exemplo, visitaram nos hospitais os feridos que ali conduziram e auxiliaram no posto da Misericórdia o transporte de feridos, para as enfermarias de onde na véspera tinham sido retirados por se recear o bombardeamento do Quartel do Carmo.»⁴

Na manhã seguinte, o general Pimenta de Castro é apeado do poder e o PR Manuel de Arriaga, uma vez mais sem consulta prévia ao Congresso da República, nomeia um governo «democrático»⁵ encabeçado pelo intervencionista João Chagas, que vai acumular a pasta do Interior. Mas antes do final da tarde, o indigitado chefe do novo gabinete é gravemente ferido a tiro; e logo a seguir, os ministros nomeados para os Estrangeiros e a Guerra, respectivamente Augusto Manuel Alves da Veiga e Basílio Teles, recusam tomar posse.

- «A Junta Revolucionária vencedora “nomeou” novo ministério a que João Chagas deveria presidir: mas este, vindo do Porto com Afonso Costa, foi alvejado a tiro pelo senador João de Freitas - que pretendia assassinar o chefe democrático - e que, desembarcado no Entroncamento foi ali morto por arruaceiros. Nestas condições, quem veio a chefiar o novo ministério democrático foi [o indigitado ministro da Instrução] José [Augusto Soares Ribeiro] de Castro.»⁶
- «Na madrugada de ontem [16] saiu a barra o ‘aviso’ “Cinco de Outubro” [ex-vapor real ‘Amélia’], conduzindo para Ponta Delgada o general Pimenta de Castro, o coronel [Manuel] Goulart de Medeiros [ministro da Instrução], o almirante [José Joaquim] Xavier de Brito [ministro da Marinha] e o [controleiro-mor carbonário] fundador da República, Machado Santos. Estes cidadãos não puderam despedir-se das suas famílias, nem sequer preveni-las. Fez-se isto em nome da Constituição que, sobre 200 [i.e., 102-120] mortos e mais de 1000 [i.e., 250-400] feridos, exige ainda uma maior glória, o sacrifício destes 4 cidadãos. E no propósito de o escárneo ser maior, escolheram para seu instrumento de ignomínia e expiação o barco que [após o derrube da Monarquia] se chama “Cinco de Outubro”! O 14 de Maio, como um felino, saltou sobre a Rotunda, laçerando com as garras o símbolo da glória [?] republicana.»⁷
- «A seguir à vitória da revolução de 14 de Maio, Norton de Matos - que dela fôra um obreiro inteligente -, em vez de ir para Angola continuar a sua obra, entra [em 22Jun1915] como ministro [da Guerra] para o governo dela saído, iniciando assim a fase culminante da sua vida política. A primeira vez que Norton de Matos foi visto em posição de demonstrar, por actos, o seu liberalismo, foi em 1915 quando entrou, após a “Revolução do 14 de Maio”, para o governo. Logo aí colaborou com os seus colegas de gabinete, na monstruosidade jurídica de um governo que começa por deportar, sem qualquer acusação, pronúncia ou julgamento, o presidente e ministros do governo derrubado, cujo único crime era terem acedido aos pedidos do chefe do Estado, dr. Manuel de Arriaga, para formarem um governo de salvação nacional. Com o presidente e ministros desse governo legal, derrubado revolucionariamente pelo sr. Norton de Matos e seus correligionários, foi também mandado, pela barra fora, o fundador [?] da República, Machado Santos.»⁸

¹ (Moreira e Pedrosa); ² (Mascarenhas); ³ (em Mar1916 forma o 1º grupo de escoteiras, mais tarde Grupo nº28 da AEP); ⁴ (Eduardo Ribeiro);

⁵ (Francisco José Fernandes da Costa, ministro da Marinha; José Augusto Soares Ribeiro de Castro, da Instrução; José Jorge Pereira, das Colónias; Paulo José Falcão, da Justiça; Sebastião de Magalhães Lima (desde 1907 grão-mestre maçónico do Grémio Lusitano), do Fomento; Tomé José de Barros Queirós, das Finanças; Augusto Manuel Alves da Veiga, dos Estrangeiros; e Basílio Teles, da Guerra); ⁶ (Mascarenhas); ⁷ (maçon “evolucionista” e intervencionista António José de Almeida, in “Em nome da liberdade”, editorial do seu jornal *República*); ⁸ (Brochado)

1915 - Maio.17 (2ªfeira)

Em Lisboa o indigitado ministro da Instrução, José Augusto Soares Ribeiro de Castro, remodela o gabinete «democrático» anteontem nomeado pelo PR Manuel de Arriaga, e assume interinamente a chefia do 10º Governo¹ republicano, acumulando as pastas do Interior e da Guerra.

- «Reaberto o parlamento apenas com os elementos que [no final de Abril] se haviam reunido na Mitra, principiou então outra ditadura não explícita, do partido [democrático] triunfante. As primeiras iniciativas tomadas foram: a de nova lei eleitoral, semelhante à penúltima; e outras decisões que anularam os actos do anterior governo.»²

- «Da sucessão de Ministérios com políticas internacionais diferentes, resultou que o Ministério Pimenta de Castro ordenasse a retirada de 500 homens da Expedição [do nordeste de Moçambique] para Lisboa e, dias depois, deu-se a revogação dessa ordem pelo Ministério seguinte.»³

¹ (Francisco Teixeira de Queiroz ministro dos Estrangeiros e Manuel Joaquim Rodrigues Monteiro ministro do Fomento, passando o grão-mestre Magalhães Lima a ministro da Instrução, mantendo-se Fernandes da Costa ministro da Marinha, José Jorge Pereira ministro das Colónias, Paulo José Falcão ministro da Justiça e Barros Queirós ministro das Finanças); ² (Mascarenhas); ³ (Araújo Pinto)

1915 - Maio.26 (4ªfeira)

No Palácio de Belém, Manuel de Arriaga é forçado pelo prócere maçom-evolucionista António José de Almeida a renunciar à presidência da República, temporariamente assumida por Teófilo Braga que chefiou o 1º governo provisório republicano.

- «Dias depois da revolução o presidente Manuel de Arriaga decidiu [?] renunciar ao cargo. Para lhe suceder até ao final do seu mandato (5-X desse mesmo ano), foi eleito [?] Teófilo Braga.»¹

- «Tendo sido obrigado a resignar, [Manuel de Arriaga]² saiu do Palácio de Belém escoltado por forças da Guarda Republicana. [...] Primeiro residente em Belém, [sobre Teófilo Braga] os escritos da época dizem que “chegava ao palácio com ar distraído, sentava-se e para ali ficava. Recebia poucas visitas, assinava um ou outro decreto. E [ao longo dos 5 meses seguintes] aborrecia-se naquelas esperas, alheado de tudo”.»³

¹ (Mascarenhas); ² (virá a falecer em 05Mar1917, ficando sepultado no cemitério dos Prazeres em jazigo de família); ³ (Adelino Cunha)

1915 - Junho.4 (6ªfeira)

Em Bissau, o professor Manuel Moreira é assassinado por indígenas.

- «Perante a repressão conduzida pelo chefe de Estado-Maior da Guiné, o capitão Teixeira Pinto, contra a “Liga Guineense” dissolvida em 1915, Raimundo Ledo Pontes (seu último presidente) condena as manobras das autoridades administrativas e militares tendendo a opôr as etnias entre elas e a fazer correr o boato da revolta dos “papéis” de Bissau. E [no quinzenário “Portugal Novo” da JDDA, em 01Fev1915] escreve: “As maquinações destes célebres dirigentes da governança Guineana são também contra nós, membros da direcção da Liga, e contra outros filhos ilustres da Guiné que se não têm cansado de lhes combater uma arbitrariedade que só poderá redundar na perturbação do sossego desta infeliz província, não contando com as complicações que adviriam de uma guerra em Bissau onde residem também súbditos estrangeiros”. Ao longo dos 5 números (Janeiro a Maio daquele ano), a Guiné ocupa lugar central: “Depois do bárbaro assassinato dos “papéis” e “grumetes”, do encerramento das escolas, da dissolução dos Centros e Ligas, segue-se a violência miserável das prisões, a deportação em massa. Dir-se-ia que na Guiné está declarado o estado-de-sítio e que os vencedores, triunfantes e gloriosos, hão decretado o saque”. Encontra-se o instigador da revolta dos “papéis” na pessoa do presidente da Liga Guineense, Raimundo Ledo Pontes, preso em Lisboa. Contra estas “violências sem nome” comandadas pelo capitão Teixeira Pinto, reage com indignação junto dos poderes públicos portugueses o directório federal africano da JDDA [presidido pelo santomense Marcos Bensabat].»²

No dia seguinte no Alto do Intim, as tropas travam o último combate durante o qual morre o segundo-sargento Ribeiro Moens. Pouco depois terminam na Guiné as campanhas militares comandadas pelo CEM capitão João Teixeira Pinto, promovido a major.

- «Entre 1913 e 1915, o capitão Teixeira Pinto organiza a fase final de pacificação. O comércio instala-se definitivamente, a cultura europeia cristã-ocidental tentava penetrar na população através dos missionários, segundo o princípio da assimilação: a condição necessária para ter um cartão de identidade era “saber ler e escrever o português, e comportar-se como um civilizado”.»³

- «Parece razoável apontar 1913 como data efectiva - e sempre aproximada - do estabelecimento definitivo do domínio europeu em Moçambique. Para Angola e para a Guiné poder-se-á apontar, respectivamente, 1914 e 1915. Impressionantemente [?]»⁴, as últimas regiões e povos submetidos ao domínio europeu - os macondes no Norte de Moçambique, os bacongós nos Dembos ao Norte de Angola, e os balantas ao sul da Guiné -, foram dos primeiros a revoltarem-se [i.e, a ser sediciados do exterior] contra esse poder, cinco décadas mais tarde.»⁵

Entretanto no planalto sudoeste de Angola, vindo de Moçâmedes o governador-geral general Pereira d’Eça chega com o seu estado-maior ao Lubango e ali instala o quartel-general das Forças Expedicionárias.

- «Havia um obstáculo a transpôr: o modo de transportar o pessoal, os materiais e os abastecimentos através da Serra da Chela. [...] Para tal fez-se uso de locomotivas, camiões e mobilizaram-se camelos, além de se estabelecerem, ao longo de centenas de quilómetros, ligações telegráficas e telefónicas. [...] O objectivo [imediat] do general era retomar o Humbe, que fôra saqueado e incendiado por indígenas revoltados.»⁶

¹ (e director em Lisboa do comité federal da JDDA para a “Liga dos Interesses Indígenas de São Tomé e Príncipe”); ² (Andrade); ³ (Sambú);

⁴ (porquê «impressionantemente»?), sendo lógico e razoável afirmar-se «obviamente», dado que em ambos os momentos históricos, as ditas «revoltas» foram fomentadas do exterior: em Moçambique, pelos vizinhos alemães, ingleses e sul-africanos; em Angola, pelos vizinhos franceses e belgas no norte, e pelos alemães no sul; e na Guiné pelos vizinhos franceses, tendo ali sido realizadas as seguintes campanhas militares de pacificação: Felupes 1878, Manjacos 1880, Fulas de Buba 1880-81, Fulas e Beafadas 1882, Balantas de Nhacra 1883-85, Papéis 1886-90, Oincas 1897, Manjacos de Tehurre 1904-06, Mandingas do Geba 1907-08, Oincas 1910-13, Manjacos 1914 e Papéis 1915); ⁵ (MacQueen); ⁶ (Araújo Pinto)

1915 – Junho.12 (sábado lua-nova)

No sudoeste de Angola, as tropas do Corpo Expedicionário entram na região do Humbe.

- «A sua reocupação, a 12 de Junho de 1915, não encontrou qualquer resistência embora tivesse que vencer uma das maiores dificuldades que uma marcha por Angola impõe, a falta de água. No Humbe ficou estabelecida a base de operações, o centro de comunicações para [os destacamentos do] Dongoena, Cuamato, Cuanhama e Evale. Objectivava-se, futuramente, dominar o Cuanhama. [...] Mantinha-se a rebelião dos povos [ovambo] além-Cunene, instigados pelos alemães e encorajados pelos insucessos portugueses de [finais de] 1914. Para além de pôr fim a estas rebeliões, impunha-se a ocupação efectiva do Cuanhama, pois a época das chuvas aproximava-se (em Setembro), o que dificultava a concretização desse projecto. [...] Os sectores de operações previstos seriam o vale do Cunene e o vale do Cubango, o que obrigou a organizar linhas de comunicação numa extensão de 1200km, que exigiram para o seu funcionamento um total de 6379 homens, 855 solípedes e 512 viaturas. Este trabalho de preparação complementou o já anteriormente iniciado no comando de Roçadas.»¹
- «Antes de iniciar a marcha para o Cuanhama, o general Pereira d’Eça abriu e fechou no Lubango uma reunião com oficiais superiores e subalternos, limitando-se a comunicar: “Meus senhores, mandei-os aqui reunir para lhes dizer que, do meu dicionário, foi banida a palavra ‘dificuldade’. Podem retirar-se”.»²

¹ (Araújo Pinto); ² (Padrão)

1915 – Junho.15 (3ªfeira)

Em Londres, o embaixador Teixeira Gomes recebe do Foreign Office o convite formal, para que Portugal tome «parte activa nas operações militares dos aliados na Grande Guerra».

Horas depois em Porto Amélia, o comandante do Corpo Expedicionário tenente-coronel Massano de Amorim recebe uma mensagem do novo governador-geral de Moçambique, Alfredo Baptista Coelho, informando que «o Governo objectivava a reocupação do Quionga, a invasão da Colónia Alemã e a ocupação de uma faixa de terreno na margem norte do rio Rovuma».

Decorridos 7 dias, em Lisboa o presidente do X Ministério e ministro do Interior, José de Castro, cessa a acumulação interina da pasta da Guerra, para a qual nomeia o exonerado governador-geral de Angola major Norton de Matos, e na pasta dos Estrangeiros substitui Francisco Teixeira de Queiroz por Augusto Luís Vieira Soares que exerceu o cargo em anteriores governos.

- «A 13-VI tiveram lugar as eleições legislativas marcadas por avultada abstenção, com vitória dos Democráticos. Como novidade, registou-se a eleição de um deputado do Centro Católico [CADC-Centro Académico da Democracia Cristã]. Passados [9] dias foi constituído novo ministério presidido também por José de Castro, o qual apenas durou até Novembro.»¹
- «As várias orientações políticas assumidas em Lisboa, forçavam a mudar constantemente o procedimento a tomar em África. [...] O governo adoptou posteriormente um plano de acção, que em nada tinha a ver com a capacidade militar e administrativa daquela expedição [no nordeste de Moçambique]. [...] O comandante [tenente-coronel Amorim] procurou iniciar uma nova época de operações, pediu que lhe fossem enviadas tropas capazes e que se ordenasse ao governador que preparasse unidades indígenas. A 27 de Junho, queixou-se a Lisboa que tinha apenas 1200 homens,

na sua maioria enfraquecidos pelo clima, pedindo que lhe enviassem um Batalhão de Infantaria e uma bateria de montanha.»²

- «Militares responsáveis haviam salientado a precaridade da nossa preparação para tais aventuras bélicas: em 1915 o então [recém-promovido] coronel [de cavalaria Manuel de Oliveira] Gomes da Costa,³ proclamava alto e bom som que o Exército não estava preparado, não dispunha de armamento nem de munições, nem de material, de uniformes, de calçado; sublinhando que a culpa deste estado de coisas não era do Exército mas dos governantes, dos monárquicos primeiro, dos republicanos depois. [...] Em funções de comando, Gomes da Costa veio mais tarde a impôr-se, como já sucedera na Índia portuguesa e em Moçambique.»⁴

¹ (Mascarenhas); ² (Araújo Pinto); ³ (veterano das campanhas do final do século na Índia e no sul de Moçambique; em 1912 nomeado CEM das Forças Armadas em Angola e no ano seguinte desempenhou idêntico cargo em São Tomé e Príncipe, de onde regressou recentemente para assumir o comando da 1ª Divisão do CEP em formação); ⁴ (Mascarenhas)

1915 - Julho.7 (4ªfeira)

No sudoeste de Angola, têm início as operações militares de reocupação das áreas anteriormente infiltradas por tropas alemãs provenientes da Damaralândia.

- «O [veterano de Macontene] major [de cavalaria] Vieira da Rocha partira dos Gambos, ocupara Otchinjau e Dongoena, restabelecendo a soberania naqueles territórios. O general Pereira d'Eça fez avançar a coluna, cujo comando directo foi cometido ao coronel Veríssimo de Sousa. A marcha das tropas foi praticamente um passeio até 7 de Julho, data em que foi ocupado sem resistência o Humbe, conjuntamente com as forças do major Vieira da Rocha. [...] Fixado o quartel-general no Humbe, [em 07Jul1915 o general] Pereira d'Eça põe em movimento a máquina que montara no Lubango: expede ordens para que as forças de Cassinga, já chegadas ao Mulondo, desçam o Cunene; organiza a coluna do coronel Veríssimo de Sousa para ocupar o Cuamato; e confia ao tenente Amorim a missão de retomar Naulila. A coluna principal confiada ao tenente-coronel Caldas, tem por missão reduzir as forças do Mandume. Esta pluralidade de ataques visa distrair os 'cuamatos', 'evales' e 'cafimas', para que não vão engrossar os efectivos do 'cuanhama' Mandume.»¹
- «Organizaram-se destacamentos destinados a operar no Baixo e Médio Cunene: o destacamento de Cassinga, que era comandado pelo major Reis e Silva, depois de disponível passou a ser o do Evale com o objectivo de bater os povos entre o Mulondo e Cafú, além de atravessar o Cunene e finalmente recuperar o território do Evale; o destacamento do Naulila, que atravessaria o Cunene no vau do Calueque, reocuparia Dongoena e Naulila, unindo-se depois ao destacamento do Cuamato que, tal como o nome indica, deveria reocupar o Cuamato comandado pelo major Vieira da Rocha; o quarto destacamento era o do Cuanhama, o mais forte de todos e que [no mês seguinte] o próprio general acompanhou, e tinha como objectivo o território do Cuanhama. Os destacamentos enviariam as suas comunicações sobre o Humbe e procurariam ligar-se transversalmente, durante a marcha ou assim que atingissem os seus objectivos.»²

Dois dias depois na Damaralândia, o comandante militar alemão apresenta formalmente ao general sul-africano Louis Botha³ a rendição das suas tropas.

- «Fomos de opinião que os alemães, quando se vissem na impossibilidade de resistir às forças do general Botha, entregariam as armas sem condições, preferindo ser prisioneiros dele do que nossos. E se [em 12Jul1915] não mente o telégrafo, assim mesmo sucedeu. [...] A colónia alemã do sudoeste africano foi conquistada pelo general Botha, antes das nossas tropas terem submetido o gentio insurrecto do sul de Angola. Seja qual fôr o destino da vastíssima colónia que acaba de ser conquistada à Alemanha, o triunfo do general Botha garante-nos ao sul de Angola uma vizinhança amiga [?]. Não será preciso reeditar Coolela ou Chaimite, para definitivamente assegurarmos o nosso domínio e avigorarmos a nossa autoridade entre toda a região que vai do Cunene ao Lubango, no extremo meridional da provincia de Angola. Vamos fazer a rectificação da fronteira: ou conservando a zona neutra que provisoriamente foi adoptada; ou estabelecendo uma linha definitiva, sendo respeitados os nossos direitos, tanto os efectivos como os simplesmente históricos. O general Pereira d'Eça preparava tudo para vingarmos o desastre de Naulila, reduzindo à obediência a "pretalhada" que os alemães haviam erguido contra nós. A questão de Angola pode reputar-se liquidada, e bom será que a respeito dela se publiquem todos os documentos que devem existir nos vários ministérios, sobretudo no Ministério das Colónias.»⁴

No dia seguinte no sudoeste de Angola, um pelotão de reconhecimento que se desloca na área do Quiteve entre os Gambos e o Mulondo, sofre uma emboscada dos ovampos do soba cuanhama Mandume, morrendo em combate o tenente Raul José de

Andrade e o capitão Sebastião Roby de Miranda Pereira, veterano de campanhas militares em Moçambique e na Guiné.

- «Afastado para sempre o perigo dos alemães, restava reduzir a tribo 'cuanhama', já que as outras não eram mais que satélites daquele grupo etnolinguístico. O general Pereira d'Eça não se limitava a mandar os seus homens como batedores: para se informar pessoalmente, viajava pela Quilemba, Chibia, Quihita, Gambos, Pocolo e Tchiapepe, até às portas do Chicusse, Cahama e Humbe. Os soldados que lhe haviam posto a alcunha de "Boca Negra", excediam-se em todos os cometimentos a que metiam ombros. Os dados recolhidos serviram-lhe para elaborar a estratégia na sua marcha para a longínqua N'dgiva, capital do império Ovampo.»⁵
- «Recebi no Lubango [em 12Jul15] um telegrama participando que os alemães da Damaralândia se tinham rendido ao general Botha e, com verdade deve dizer-se, foi esta a notícia mais desagradável que em toda a campanha me chegou.»⁶

¹ (Padrão); ² (Araújo Pinto); ³ (morre em 27Ago1919, com 57 anos); ⁴ (Camacho); ⁵ (Padrão); ⁶ (Pereira d'Eça, "Relatório da Força Expedicionária ao Cuanhama", fins de 1915)

1915 - Agosto.4 (4ªfeira)

No hemiciclo de São Bento, um ano decorrido sobre o início da Grande Guerra, o parlamento autoriza o governo de José de Castro a contrair dois créditos extraordinários, destinados a fazer face à manutenção dos corpos expedicionários para defesa do Ultramar Português.

No dia seguinte em Lisboa, o congresso republicano *elege* Bernardino Machado para a chefia do Estado.

1915 - Agosto.12 (5ªfeira lua-nova)

No sudoeste de Angola, o general Pereira d'Eça dá início às operações militares para debelar a rebelião *ovampo* (evale, cuamato e cuanhama) de além-Cunene, anteriormente sediciados pelos invasores alemães, para o efeito saindo do Humbe quatro destacamentos destinados a dominar o sobado Cuanhama.

- «Em 12 de Agosto de 1915 partem as colunas para os seus respectivos destinos mas, enquanto o Cuamato, Evale e Cafima são conseguidos com relativa facilidade, o objectivo principal Cuanhama depara com dificuldades quase insuperáveis.»¹
- «O destacamento [do Cuanhama] saiu do Humbe no dia 12 de Agosto, atingiu o Cunene pelas 13 horas tendo percorrido perto de 20km. Passou o rio na manhã do dia 13. [...] O destacamento de Naulila, que saiu do Humbe no dia 12 de Agosto, atingiu o vale do Calueque a 13 e atravessou o Cunene no dia 15: a região da Hinga estava deserta e o Forte de Naulila encontrava-se arrasado. [...] Quanto ao destacamento do Cuamato, partiu do Humbe a 12 de Agosto e entrou no dia 15 no Forte do Cuamato. [...] O rebelde [ovampo], como que ensinado por alguma estratégia de fonte europeia, em vez de se dividir e combater cada um dos destacamentos, concentrou-se para combater o destacamento mais forte, o do Cuanhama. [...] No dia 16, a cavalaria e os auxiliares informaram que o inimigo se concentrava nas cacimbas [poços artesianos] da Môngua.»²
- «Pereira d'Eça congrega todas as forças para junto de si e prepara-se para a batalha. As planuras da Môngua vão assistir a uma luta em condições desvantajosas para os portugueses, que dificilmente suportam temperaturas que no Cuanhama chegam a atingir os 50o centígrados. A 17 de Agosto, com as cacimbas da Môngua à vista, as tropas deparam finalmente com o inimigo.»³
- «No dia 17, o destacamento sofreu o primeiro ataque que repeliu. Continuou a marcha até aos depósitos de água da Môngua. [...] O destacamento do Cuamato, [que] atingira a foz daquele rio no dia 15 de Agosto, [...] ali ficou até ao dia 18 quando saiu para ir socorrer o destacamento do Cuanhama.»⁴

¹ (Padrão); ² (Araújo Pinto); ³ (Padrão); ⁴ (Araújo Pinto)

1915 - Agosto.18 (4ªfeira)

Perto do rio Cunene no sul de Angola, as tropas sob comando do general Pereira d'Eça - cerca de 3 mil militares do BI17, 15ª Landins, ECav4, ECav11 e Batalhão da Marinha -, quando às 09:30 chegam às imediações das cacimbas da Môngua, são alvejadas por fogo-de-barragem de 2 Divisões da artilharia de campanha alemã

instalada além-fronteira, que durante hora e meia gastam cerca de 2 mil granadas explosivas, acção que precede o cerco de milhares de *ovampos* sediciados pelos alemães e comandados pelo soba Mandume.

- «Este, sabedor da importância da água naquela região semi-desértica, desencadeia de imediato um vigoroso ataque que, apesar das pesadas baixas que sofre nas suas fileiras, se prolonga pelos dias 18 a 23 de Agosto. [...] A 18, do nosso lado há a morte do major [de artilharia José Afonso] Palla, dos capitães do estado-maior Cortez e Pires Monteiro, do alferes Mateus e de outros graduados.»¹
- «No dia 18, voltou a ser atacado por intenso fogo que durou 5 horas. Quando o fogo inimigo abrandou, saiu o Esquadrão 11 e 4 de Cavalaria, comandado pelo bravo major Vieira da Rocha: carregaram sobre o inimigo com tal impetuosidade que pôs termo ao combate. [...] No combate, que teve a duração de cerca de 2 horas, morreram o alferes Damião Dias e 15 praças, ficaram feridos o major Afonso Palla, os capitães Cortez e Pires Monteiro, o tenente Ataíde e os alferes Mateus e Mamede Pires, além de 24 praças e de alguns desaparecidos. [...] Foi encontrado no dia seguinte, entre outro, o cadáver do alferes Damião Dias barbaramente mutilado, os olhos vasados, o nariz cortado, os órgãos genitais decepados e um ferimento de bala que lhe atravessava o peito.»²

Na manhã seguinte, durante uma carga de cavalaria sobre os sitiados, morrem mais dois oficiais e outro fica gravemente ferido.

- «No dia 19, a morte do capitão [João Francisco de] Sousa e do tenente [Augusto Valdez de] Passos e Sousa, e um ferimento grave no tenente Ataíde Pereira.»³
- «No dia 19 a coluna continuou a marcha até outras cacimbas, a 2km. Verificou-se mais um ataque suportado pelos atiradores, 2 pelotões do 17 e 1 da 15ª Companhia indígena de Moçambique, devidamente flanqueados pela cavalaria e auxiliares indígenas, comandados por [tenente-coronel de cavalaria] Ferreira do Amaral. As baixas nesse dia foram: o capitão Sousa e um praça; feridos, o tenente Passos e Sousa (que morreu dias depois) e 6 praças.»⁴

No quarto e último dia da *Batalha da Môngua*, as tropas portuguesas sofrem mais 45 baixas mortais.

- «No dia 20, Mandume desencadeia um ataque aos comboios que ligam à retaguarda e garantem o apoio logístico aos expedicionários, conseguindo isolar as forças de Pereira d'Eça.»⁵
- «Foi no dia seguinte, dia 20, que se registou o maior ataque do gentio. Foi essencial para a vitória a brilhante carga de cavalaria e do batalhão da Marinha, esta em duas vagas sucessivas, enquanto a primeira entrava pelo mato dentro repelindo o inimigo. [...] As baixas deste confronto, que durou 10 horas, foram: mortos, 15 [?] praças e um civil; feridos, os tenentes Ataíde e Dinis, os alferes Penedo e Furtado Henriques, além de 15 praças. O balanço das perdas dos 3 dias (18, 19 e 20 de Agosto) foi no total de 34 [?] mortos, entre eles o capitão João Francisco de Sousa e o tenente Álvaro Damião Dias; 57 feridos, entre eles 11 oficiais, dos quais morreram o major José Afonso Palla e o tenente Passos e Sousa. Apesar do inimigo ter sido repellido, o destacamento do Cuanhama ficara imobilizado por falta de gado de tiro e de sela, além de serem escassos os víveres e as forragens.»⁶

¹ (Padrão); ² (Araújo Pinto); ³ (Padrão); ⁴ (Araújo Pinto); ⁵ (Padrão, op.cit pp.248); ⁶ (Araújo Pinto, op.cit)

1915 - Agosto.23 (2ªfeira)

Em Porto Amélia, o tenente-coronel Massano de Amorim recebe um telegrama proveniente do governador-geral de Moçambique, através do qual o novo ministro da Guerra e recém-promovido general Norton de Matos, informa que aquele Corpo Expedicionário vai ser rendido no próximo mês, por um contingente militar reforçado.

1915 - Agosto.24 (3ªfeira lua-cheia)

No sudoeste de Angola, as tropas do general Pereira d'Eça que se encontram cercadas pelos *ovampos*, são finalmente reabastecidas nas cacimbas da Môngua por um destacamento vindo do Cuamato.

- «O destacamento do Cuamato, que no dia 20 se preparava para marchar sobre a N'Giva, em cumprimento da ordem do comando superior suspendeu esse movimento à chegada do alferes Olímpio Chaves. Este era portador da nota que expunha a crítica situação do destacamento do Cuanhama. Por sugestão do capitão Santos Correia, o destacamento do Cuamato marchou ao encontro do destacamento do Cuanhama, chegando à linha de comunicação da coluna a socorrer. Estava garantida a protecção ao comboio de abastecimento que, organizado no Humbe, transportava em 15 camiões, víveres e tudo o mais necessário.»¹

- «No Cunene, o oficial encarregado das comunicações apercebe-se da situação e organiza uma coluna de socorro, que quebra o cerco e abastece as nossas tropas. Mandume faz o balanço das enormes perdas que sofreu e conclui que a batalha está perdida, fugindo à frente dos seus guerreiros. A batalha terminara e a Môngua tornara-se um local histórico.»²

Três dias depois, as tropas do general Pereira d'Eça são reforçadas na Môngua pelo 1º Esquadrão dos Dragões do Planalto, vindo do seu aquartelamento no Evale.

- «Logo que a 27 chega o Esquadrão de Dragões do Evale, o general Pereira d'Eça ordena a marcha para a "embala" do Mandume. Durante o percurso, cria os postos do Dombe, Balunganga e Oxinde.»³

- «Para melhor firmar o domínio português, organizou-se militarmente o território do Baixo Cunene, restabeleceram-se os postos militares do Humbe, Naulila, Forte Roçadas, Damequero, Cuamato, Cafu e Evale. No Cuanhama, os postos de N'Giva, Oxinde, Balunganga, Môngua e Cuancula, criando-se o posto de Ompanda. [...] No dia 27 de Agosto chegou [à Môngua] o destacamento do Evale, que organizou com as forças ali concentradas a coluna do N'Giva.»⁴

¹ (Araújo Pinto); ² (Padrão); ³ (idem); ⁴ (Araújo Pinto)

1915 - Setembro.4 (sábado)

Junto à fronteira sudoeste de Angola, após haver subjugado a rebelião *ovampo*, as Forças Expedicionárias do general Pereira d'Eça entram na *embala* do soba Mandume, que encontram deserta.

- «A sua missão era marchar sobre N'Giva onde chegou no dia 4 de Setembro. Não encontrou qualquer oposição do gentio, que se encontrava desmoralizado. Desta forma, não houve resistência na ocupação do N'Giva.»¹

- «Finalmente a 4 de Setembro de 1915, pelas 14:30, o capitão Ramalho Ortigão é o primeiro soldado português a entrar na 'embala' da Ndgiva, que encontrou vazia porque Mandume lançou fogo à sua capital e mais uma vez fugiu à aproximação das nossas tropas.»²

No dia seguinte as tropas de infantaria do Batalhão de Marinha, sob comando do segundo-tenente Afonso Júlio de Cerqueira, entram em N'giva e ali içam a Bandeira de Portugal.

- «Na N'Giva ficou o comando do território [do Baixo-Cunene] e em Namacunde, entre o sul da província e o norte da Damaralândia, ficou a residir como delegado português o tenente [i.e., tenente-coronel] de cavalaria Roque de Aguiar,³ que manteria a ligação com um oficial inglês que ali ficava a representar o seu país.»⁴

¹ (Araújo Pinto); ² (Padrão); ³ (veterano de Gaza); ⁴ (Araújo Pinto)

1915 - Setembro.11 (sábado)

Em Lisboa o ministro da Guerra general Norton de Matos determina a constituição do 2º Corpo Expedicionário ao norte de Moçambique, que em breve vai seguir no vapor *Moçambique* para rendição das tropas estacionadas na fronteira do Rovuma, há quase um ano.

- «Comandava-a o major de artilharia [José Luís de] Moura Mendes, que era um oficial sem qualquer experiência colonial. Foi acompanhado pelo [novo] governador-geral da Província, dr. Álvaro [Xavier] de Castro¹. O núcleo [operacional] desta expedição foi o 3º Batalhão de Infantaria 21, de Penamacor, mobilizado em jeito de improvisação [tal como o anterior], sem qualquer coesão nem apurada instrução. Era acompanhado por uma bateria de artilharia montada, um esquadrão de cavalaria, tropas de engenharia, de saúde, etc., num total de 41 oficiais e 1502 praças.»²

¹ (capitão de infantaria, bacharel em Direito e professor das Escolas Militar e Colonial; ministro da Justiça em 09Jan1913-09Fev1914 e ministro das Finanças em 12Dez1914-25Jan1915); ² (Araújo Pinto)

1915 - Setembro.17 (6ªfeira)

Regressado ao Lubango, o general Pereira d'Eça¹ dá por terminada a sua missão de pacificar o gentio dos territórios do sul de Angola, anteriormente sediciado pela influência alemã junto do soba Mandume.

- «Sobre a morte deste potentado, constantemente perseguido por portugueses e sul-africanos, estes encurralaram-no no lugar do Ehole, área [da Matemba no Baixo-Cunene] que viria a ser o posto

administrativo de Namacunde. Acompanhado por alguns cuanhamas, o soba Mandume lutou até que os sul-africanos lhe cortaram a cabeça.»²

- «Pereira d'Eça, na qualidade de governador-geral e comandante-chefe, faz publicar a portaria de 17 de Setembro de 1915, que cria o território militar do Baixo-Cunene, nomeando o major Pires Viegas seu primeiro governador. A fronteira sul de Angola é para sempre, de direito e de facto, a resultante dos convénios de 1886.»³

¹ (um mês depois regressa a Lisboa; em 16Nov1915 nomeado comandante da 1ª Divisão do Exército e do governo militar de Lisboa; virá a falecer em 06Nov1917, com 65 anos); ² (cfr padre Carlos Mittelberger); ³ (Padrão)

1915 - Outubro.5 (3ªfeira)

No Palácio de Belém cessa funções o PR interino Teófilo Braga, substituído por Bernardino Machado.

1915 - Outubro

Chega ao Lubango vindo de Naulila, o último destacamento das Forças Expedicionárias que concluíram a pacificação do sul de Angola.

- «Durante o mês de Setembro foram-se retirando a maioria das unidades da Metrópole. [...] O destacamento [de Naulila], cumprida a sua missão de ocupação provisória da Hinga, regressou em Outubro ao Lubango. [...] A última unidade a ser repatriada foi o 3º Batalhão do 17, que ficou em África durante mais de 1 ano, vindo a desembarcar em Lisboa em princípio de Fevereiro de 1916.»¹

¹ (Araújo Pinto)

1915 - Novembro.7 (domingo lua-nova)

Na baía de Porto Amélia, desembarcam do vapor *Moçambique* os militares do 2º Corpo Expedicionário¹, sob comando do major Moura Mendes, para render as tropas do tenente-coronel Massano de Amorim.

¹ (tendo como sub-CEM o capitão Manuel Simões Vaz: nascido em 09Set1889 em Lisboa, frequentou a Escola do Exército e a Escola Prática de Cavalaria de Torres Novas; em 15Nov1910 promovido a alferes e em Set1911 a tenente, sendo colocado em São Tomé onde organizou um Pelotão de Cavalaria de Polícia; em 1914 seguiu para o OG de Lourenço Marques, de onde regressou no ano corrente; até fins de 1916 vai efectuar o reconhecimento do Vale do Rovuma, ao longo de 560km, com apoio de cipaio e carregadores; após o Armistício de 11Nov1918 fica residente em Lourenço Marques; em Jan1920 entra em licença ilimitada e em Abr1926 funda o jornal diário "Notícias"; em Set1961 regressa a Lisboa, onde virá a falecer em 27Set1969)

1915 - Novembro.29 (2ªfeira)

Em Lisboa o X Ministério é demitido, sendo Afonso Costa encarregue de formar, pela segunda vez, um novo gabinete ministerial.

1916 - Janeiro.13 (5ªfeira)

Ao fim da tarde em Lisboa, deflagra violento incêndio no *Depósito de Fardamentos do Exército*, cujo recheio e vastas instalações ficam completamente destruídas.

- «O incêndio foi pavoroso e, entre aqueles que socorriam, "estavam os Grupos de Boy Scouts, prestando os mais relevantes serviços".»¹

¹ (Eduardo Ribeiro)

1916 - Fevereiro (início)

Chega a Lisboa o navio proveniente de Moçâmedes, com o último contingente das Forças Expedicionárias ao sul de Angola.

- «Com a mesma frieza foram recebidos em Lisboa, os soldados portugueses que regressaram de Angola em 1915 e 1916, "como se não fossem filhos da mesma Pátria".»¹
- «Vários episódios se sucederam, uns infelizes para as nossas cores, outros coroados de êxito. No final o saldo foi-nos positivo, pois permitiu a ocupação de cerca de 60 mil km² no sul de Angola, à custa porém de 810 baixas e de 311 feridos.»²

¹ (Araújo Pinto); ² (Mascarenhas)

1916 - Fevereiro.18 (6ªfeira)

Na costa centro-ocidental da África, a última guarnição alemã dos Camarões rende-se às tropas britânicas.

1916 - Fevereiro.21 (2ªfeira lua-cheia)

No nordeste de França, as tropas do general Pétain defrontam-se contra os invasores alemães na planície do rio Meuse e nas florestas de Verdun (antiga Lotaríngia), dando início a sangrenta batalha de trincheiras.

Menos de 48 horas decorridas, em Lisboa o presidente do *XI Ministério*, Afonso Costa, com base no art.2º do Tratado Luso-Alemão de Comércio e Navegação firmado em 30Nov1908, promulga e emite um decreto com efeitos imediatos, determinando a apreensão de cerca de 70 navios mercantes alemães que, sob aquela bandeira, se encontram fundeados em águas territoriais portuguesas, com a finalidade não declarada de os colocar ao serviço da *Aliança Luso-Britânica*. Portugal, desorganizado devido à guerra, necessita de uma parte daqueles navios para o seu comércio internacional; e o maçon capitão-de-fragata Leote do Rego, na sua qualidade de comandante da Divisão Naval de Defesa, requisita 35 navios alemães ancorados no estuário do Tejo.

- *«Definindo a sua política no Parlamento, o sr. Afonso Costa renovou a sua profissão de devotamento para com a aliança inglesa, e tomou o compromisso, em nome do seu governo, de favorecer por todos os meios a causa dos aliados. O sr. Afonso Costa é um ministro resoluto, e chega numa ocasião oportuna. Desejamos-lhe todo o sucesso; mas quer ele vença, quer falhe, ingleses e portugueses podem igualmente regozijar-se sabendo que a aliança entre os dois povos nunca foi, em todo o decurso da sua longa história, mais poderosa e mais cordial do que é hoje. A experiência dos últimos dezoito meses provou sobejamente, que em qualquer momento em que solicitemos o auxílio dos nossos aliados, o não faremos em vão.»¹*
- *«O orçamento apresentado ontem [12Jan1916] ao Parlamento, acusa um 'deficit' ordinário de 3 mil e tantos contos, e um 'deficit' extraordinário - resultante da guerra -, de 30 mil contos. Uma análise detalhada do Orçamento fará com que sejam rectificadas estes números, tornando-os maiores. Por não estarmos habilitados a produzir, não tiramos da guerra os proveitos económicos que poderíamos ter tirado, e que estão fazendo a fortuna da vizinha Espanha. [...] O dr. Azevedo Antas - republicano dos saudosos tempos da propaganda e ilustre correligionário [do Partido Unionista] -, esteve em Moçâmedes pelos começos de Dezembro de 1915. E contou ontem [16Fev1916] na Câmara dos Deputados, o que viu na praia e nas ruas daquela cidade: "Sacas de farinha ou milho, caixas de bolacha e de conservas, montes de capim para alimento do gado, águas minerais engarrafadas, tudo semeado em dia de vento pela praia e pelas ruas. O milho a germinar, o capim e a farinha a apodrecer, as conservas em fermentação, as águas minerais a fazerem-se beberagem para uso dos vários bichos desenvolvidos naquela montureira. Ao passo que tais desperdícios se constatarem em Moçâmedes, lá para o interior do distrito milhares de pretos morrem à fome, e Deus sabe o que terá sucedido a muitos expedicionários brancos. A homens que de Luanda tinham ido para Moçâmedes, contratados para fazer serviço como carregadores nos contingentes expedicionários, querendo regressar às suas terras foi-lhes negado o embarque para não morrer a bordo reduzidos quase a pele e osso". O ministro das Colónias ouviu a trágica narrativa feita pelo dr. Azevedo Antas, que honestamente expôs o que vira sem carregar as sombras do quadro. [...] Ontem [23Fev1916], o governo mandou tomar posse de todos os navios alemães surtos no Tejo. Não sabemos se também mandou tomar posse de vários navios da mesma nacionalidade, ancorados em outras águas da República, mas é de presumir que o tenha feito. Ao governo de Berlim foi notificada a apropriação feita dos navios de nacionalidade alemã, surtos no Tejo. O ministro dos Negócios Estrangeiros não considera hostil para com a Alemanha o acto praticado, achando estranho que a propósito dele se falasse de belligerância e de 'revanche'. Certo é que o navio-chefe da nossa divisão naval, ao ser arvorada nos barcos alemães a bandeira portuguesa, salvou - com 7 tiros segundos uns, com 21 tiros segundo outros -, como se não fossem apenas barcos de comércio, simples transportes de carga e passageiros, incapazes de retribuir a saudação.»²*
- *«Algumas facilidades nos solicitara a Inglaterra e a todas satisfizemos, sem que Berlim reagisse. Mas, necessitado de navios mercantes, o governo londrino pediu que Portugal pusesse à sua disposição os barcos mercantes do inimigo, fundeados em portos portugueses desde o início das hostilidades. As autoridades imediatamente apreenderam 70 navios alemães e 2 austríacos que estavam naquelas condições; e da sua tonelagem total, cederam-se aos ingleses 80% mediante contrato com a firma Furness Witty & Cº, manifestamente ruinoso, negociado por Afonso Costa. A apreensão dos navios replicou a Alemanha. [...] Estava satisfeita a grande aspiração dos intervencionistas.»³*

- «Logo em 27 de Fevereiro, o ministro da Alemanha em Lisboa, o sr. Rosen, apresentou os seus protestos»⁴
- «A 23 de Fevereiro de 1916, fundada num decreto do mesmo dia, sem que antes tivesse havido negociações, seguiu-se a apreensão dos navios alemães, sendo estes ocupados militarmente e as tripulações mandadas sair de bordo. Contra esta flagrante violação do direito protestou o governo imperial e pediu que fosse levantada a apreensão dos navios. O governo português não atendeu a este pedido e procurou fundamentar o seu acto violento em considerações jurídicas. Delas tira a conclusão de que os nossos navios imobilizados por motivo da guerra nos portos portugueses, em consequência desta imobilização não estão sujeitos ao artigo 2º do Tratado Luso-Alemão de Comércio e Navegação, mas sim à ilimitada soberania de Portugal e, portanto, ao ilimitado direito de apropriação do governo português, da mesma forma que qualquer outra propriedade existente no País. Além disso, opina o governo português ter procedido adentro dos limites desse artigo, visto a requisição dos navios corresponder a uma urgente necessidade económica, e também no decreto de apropriação estar prevista uma indemnização, cujo total deveria mais tarde ser fixado. Estas considerações aparecem como vazios subterfúgios. O artigo 2º do Tratado de Comércio e Navegação refere-se a qualquer requisição da propriedade alemã em território português. Pode ainda assim haver dúvidas sobre se a circunstância dos navios alemães se encontrarem pretendidamente imobilizados em portos portugueses, modificou a situação de direito. O governo português violou, porém, o citado artigo em dois sentidos: primeiramente, não se mantém na requisição dentro dos limites traçados no tratado, pois que o artigo 2º pressupõe a satisfação duma necessidade do Estado, enquanto a apreensão, como é notório, estendeu-se a um número de navios alemães em desproporção com o que é necessário a Portugal para suprir a falta de tonelagem; mas além disso, o mencionado artigo torna a apreensão dos navios dependente dum prévio acordo com os interessados sobre a indemnização a conceder-lhes, enquanto o governo português nem sequer fez a tentativa de se entender, quer directamente quer por intermédio do governo alemão, com as companhias de navegação. Desta forma, apresenta-se todo este procedimento do governo português como uma grave violação do direito e do tratado.»⁵

¹ (notícia, "The Times", Londres 08Jan1916); ² (Camacho); ³ (Mascarenhas); ⁴ (Araújo Pinto); ⁵ (Rosen, introdução à "Declaração de guerra", 09Mar1916)

1916 - Março.9 (5ª feira seguinte ao Carnaval)

Em Lisboa o MNE Augusto Soares recebe em audiência o embaixador alemão Rosen, que formalmente lhe entrega uma «*nota de declaração de guerra*», consequência da recente concretização do apresamento de 2 navios austro-húngaros e 70 navios germânicos, dos quais metade abrigados no estuário do Tejo.

- «Em 9 de Março, [o embaixador alemão] *recapitulou todos os actos cometidos por Portugal desde o início da guerra e considerou que: "Por este procedimento, o governo português deu a conhecer que se considera como vassalo da Inglaterra, que subordina todas as outras considerações aos interesses e desejos ingleses. Finalmente, a apreensão dos navios realizou-se sob formas em que deve ver-se uma intencional provocação à Alemanha. A bandeira alemã foi arriada dos navios alemães e em seu lugar foi posta a bandeira portuguesa com a flâmula de guerra. O navio Almirante salvou por esta ocasião, O governo imperial vê-se forçado a tirar as necessárias consequências do procedimento do governo português. Considera-se, de agora em diante, como achando-se em estado de guerra com o governo português".* Desta forma, estava feita a declaração de guerra da Alemanha ao Governo português.»
- «Em 9 de Março de 1916, pelas 18 horas o embaixador da Alemanha barão Rosen foi entregar, ao ministro dos Negócios Estrangeiros dr. Augusto Soares, a nota de declaração de guerra. A entrega deste documento revestiu-se de fria solenidade. Mas, quando o barão Rosen, ao ler a nota, considerou Portugal "como vassalo da Inglaterra", o dr. Augusto Soares ergueu-se e perguntou ao embaixador alemão "quantos passaportes desejava". No dia seguinte o barão Rosen saía de Portugal, sendo acompanhado até à fronteira por um secretário do ministro dos Estrangeiros.»¹
- «Abílio dos Santos [escoteiro-chefe do Grupo nº2], tendo aprendido transmissões Morse² nos escoteiros, quando na primeira Grande Guerra foram apresados barcos alemães surtos no Tejo, tornou-se necessário admitir telegrafistas. Abílio dos Santos ofereceu-se para o desempenho dessa função, foi aceite e acabou por fazer carreira (nos Correios e Telégrafos de Moçambique), onde chegou a ocupar o cargo de director do telégrafo.»³

¹ (Júlio Quintinha, in "Portugal na Guerra", pp.245/6); ² (inventadas pelo norte-americano Samuel Morse, que fez a 1ª demonstração pública do seu "Telégrafo" em 06Jan1838 em Morristown, New Jersey); ³ (Eduardo Ribeiro)

1916 - Março.13 (2ª feira)

Em Lourenço Marques o governador-geral Álvaro de Castro, logo após receber um telegrama do Governo central que determina a reocupação do «*triângulo de Quionga*», transmite para Porto Amélia aquelas ordens ao major Moura Mendes, comandante do 2º Corpo Expedicionário. Simultaneamente estão a ser organizadas 5 baterias com seis metralhadoras cada e 30 companhias indígenas, enquanto na área de Nampula são recrutados cerca de 8 mil auxiliares e 20 mil carregadores.

- «*O Governo da Metrópole definiu o verdadeiro objectivo da expedição [ali chegada em 07Nov15], que seria invadir e ocupar a Colónia alemã [do Tanganica] até ao rio Rufigi, e cooperar com os ingleses ao norte do Lago Niassa. Pediu ainda para que o comandante [da força expedicionária] informasse com urgência os efectivos necessários a enviar da Metrópole. O interesse na ocupação de Quionga era sobretudo atingir um objectivo militar, o de cooperar com os ingleses e ocupar a margem sul do Rovuma na parte mais rica junto à foz, com o sentido de passar para a margem norte e ocupar território inimigo.*»¹

Dois dias depois em Londres, os jornais ingleses publicam a «*declaração do governo britânico no Parlamento, em que assegurava a Portugal todo o seu auxílio e dos Aliados*»:

- «*Terminava assim [publicamente] a posição indefinida de uma neutralidade fictícia de Portugal, imposta pela Grã-Bretanha. Pôs-se fim à incompreensível passividade de Portugal, tendo em conta os assaltos alemães aos portos [fluviais] portugueses fronteiriços em Moçambique e Angola. Portugal saía daquela situação equívoca que manteve durante [quase] dois anos, período em que prestou auxílios importantes aos Aliados; mas tão discretamente que ficariam apagados [da História para sempre], anulando Portugal e a sua dignidade como Nação livre.*»²

Poucas horas decorridas, em Lisboa o gabinete governamental de Afonso Costa é dissolvido e António José de Almeida passa a chefiar o *XII Ministério*, apelidado «*governo da União Sagrada*» devido à aliança evolucionista-democrática.

- «*15 de Março de 1916 - Em França deixou de haver “pacifistas” desde que estalou a guerra; e o “internacionalismo” - que era uma expressão do pacifismo -, também desapareceu mal as tropas do Kaiser se puseram em movimento. O perigo da França todos os franceses o sentiram, e por isso mesmo todos se juntaram para mais facilmente o conjurar. Deviam ter em consideração este facto, os que negam aos monárquicos o direito de ter representação num ministério nacional, acusando-os de “germanófilos”.*»³

- «*Constituiu-se então o ministério chamado de “união sagrada” [...] e começou em Tancos a preparação de uma divisão, que veio a proporcionar o envio para França do Corpo Expedicionário Português (CEP), apesar da relutância de ingleses e franceses - estes pretendiam apenas que lhes fornecêssemos artilharia -, relutância que se revelava nos aspectos programáticos, não correspondendo muitas vezes às declarações e às palavras proferidas: os nossos aliados sabiam que o CEP não dispunha de condições capazes; nem sequer de oficiais suficientes.*»⁴

- «*O País inteiro e o Governo da República têm os olhos fitos no Exército [que desde 17Out1910 teve como CEME o general João Martins de Carvalho, recém-substituído pelo general António Rodrigues Ribeiro] e depositam nele a maior confiança; o ministro da Guerra [general Norton de Matos] tem a certeza de que ele [Exército Português] cumprirá integralmente o seu dever e saúda-o nesta hora de perigo com o mais vivo entusiasmo.*»⁵

¹ (Araújo Pinto); ² (idem); ³ (Camacho); ⁴ (Mascarenhas); ⁵ (Norton de Matos, Ordem do Exército nº6 de 1916)

1916 - Março.27 (2ªfeira, quarto-minguante)

Na costa nordeste de Moçambique, largam da baía de Porto Amélia o aviso *Adamastor* e a canhoneira *Chaimite*, com cerca de 400 militares sob comando do major Guedes Quinhones Portugal da Silveira, para proceder à reocupação do Quionga.

- «*Em fins de Março organizou-se em Porto Amélia um pequeno destacamento, sob comando do major Portugal da Silveira, com uma companhia [do Batalhão] de Infantaria 21, uma bateria de artilharia de montanha e um pelotão de cavalaria. Tinha como fim ocupar Quionga e fazer um reconhecimento ofensivo na direcção de Mikindani [60km norte do estuário do Rovuma] e Lindi, procurando-se fixar nestas cidades inimigas. O major Silveira marchou de Palma para Quionga, cerca de 12km, com as forças referidas e a 20ª Companhia Indígena.*»¹

Entretanto em Paris, o chefe do governo francês Aristide Briand² dá início à *Conferência dos Aliados*.

Por essa ocasião em Lisboa, o novo governo determina que seja rapidamente constituído o 3º Corpo Expedicionário ao norte de Moçambique.

- «Era composta por 3 batalhões dos Regimentos de Infantaria nos 23, 24 e 28, recrutados em Coimbra, Aveiro e Figueira da Foz. [...] Contava ainda com 3 baterias de metralhadoras, 3 baterias de artilharia, 1 companhia de engenharia, telegrafistas, elementos do serviço de saúde, administrativos e de transporte, etc. Apresentava um total de 159 oficiais, 4483 praças, 945 solípedes e 159 viaturas. Comandava a expedição o general Ferreira Gil, que não tinha qualquer experiência colonial. [...] Foram sujeitos [...] a uma intensiva instrução, na Escola de Infantaria de Mafra. [...] Esta expedição deveria incorporar ainda as forças da expedição anterior, que se encontravam fisicamente esgotadas. [...] O objectivo principal desta expedição era a passagem do [médio] Rovuma para assim invadir o território alemão, e ocupar [a nordeste do posto fronteiriço de Negomano o posto de Maúta, os poços de água do planalto e o fortim de] *Newala* e [mais para norte as povoações de Quivambo e de] *Massassi*.»³

Na manhã seguinte, o governo emite um decreto que determina sejam enviados à censura prévia, enquanto durar o estado-de-guerra, todos os periódicos e quaisquer outras publicações: de imediato, surgem protestos da *Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto*; e logo a seguir o *XII Ministério da República* declara dissolvidas as estruturas sindicais que se manifestem contra a participação de tropas portuguesas no teatro-de-operações europeu.

- «Com o fim de evitar que seja utilizada a Imprensa como uma arma política contra a realização do seu programa de reconstrução nacional, contra as instituições republicanas e contra o bem-estar da Nação, [...] não deve porém deixar de considerar-se a influência deletéria que exercem sobre a opinião pública determinados jornais do País, quer aplaudindo ainda que indirecta ou veladamente a violência e a desordem, a coberto de uma ideologia falseada, quer mantendo um mutismo culposo e absurdo em face de actos que a Nação repudia e cujas consequências só em lágrimas de sangue podem ser avaliadas.»⁴

¹ (Araújo Pinto); ² (nascido em 1862, filho de um agricultor bretão; em 1903 deputado socialista e em 1905 liderou o movimento para a separação entre o Estado e a Igreja); ³ (Araújo Pinto); ⁴ (director-geral dos Serviços de Censura, ofício de "Instruções às Delegações"; Lisboa, 28Ago1931)

1916 - Abril.10 (2ªfeira)

No extremo nordeste de Moçambique, o destacamento vindo de Palma sob comando do major Portugal da Silveira entra no Quionga, ocupado durante quase 22 anos pelos alemães.

- «Os alemães tinham-na abandonado. Depois tratou-se de efectivar a ocupação do chamado "Triângulo de Quionga", terreno este também abandonado pelo inimigo. Assim, estabeleceu-se na margem direita do Rovuma uma linha de postos auxiliares de Namaca, Namiranga, Namoto, Nachinamota e Nhica, com uma frente de 50km até ao mar e que serviram de base à ofensiva às cidades alemãs de Mikindani e Lindi, no litoral alemão. Esta ofensiva foi prejudicada pelas doenças cada vez mais frequentes, pois a povoação e o palmar de Quionga era de tal modo insalubres, que 545 doentes [militares] foram julgados incapazes e retirados três meses depois. O comando da 2ª Expedição, ao dispersar daquela forma as suas forças pelos numerosos postos de vigilância o longo da extensa linha fronteiriça, anulou à expedição a oportunidade de uma acção ofensiva contra os alemães.»¹

¹ (Araújo Pinto)

1916 - Abril.18 (3ªfeira lua-cheia)

Durante a madrugada em Lisboa, novamente por sabotagem irrompe violento incêndio no edifício do Arsenal da Marinha, «perdendo-se a Sala do Risco e tendo-se salvo as bibliotecas» da Escola Naval.

- «Nunca da minha memória se apagará o desespero que sentimos uma vez, a bordo de um dos navios que se destinava à defesa das costas portuguesas das investidas dos submarinos, quando a bordo de um dos navios, que também tinha a missão de defender os arrojados pescadores portugueses das investidas dos submarinos alemães. Aí pelo mês de Maio de 1916, quando procurávamos fazer fogo sobre os submarinos que apareceram à superfície, passámos pela desilusão

e sentimos o desespero dessas granadas não cumprirem o seu dever, devido à deterioração da pólvora.»¹

- «Foi grande o pânico na cidade, mas os escoteiros compareceram em força. Cerca das seis e meia horas da manhã um grupo de marinheiros, sob comando do aspirante Couceiro auxiliado por escoteiros, avançaram para a Escola Naval e lançaram-se a salvar da Biblioteca tudo o que fosse possível, já que os Bombeiros estavam ocupados noutra local. Foi tão dura quanto corajosa a acção dos Escoteiros, e muitos livros e aparelhos preciosos foram salvos pela sua acção. [...] Sem olhar ao perigo, entravam e saíam da Escola Naval carregando livros, móveis e outros objectos. [...] Subiam e desciam as escadas, metendo-se entre espessa fumaçada e sob jactos de água, sem se importarem com outra coisa que não fosse prestar serviços. [...] Os escoteiros mais uma vez honraram a sua nobilíssima missão. Com a primeira bomba [de água dos Voluntários Lisbonenses] compareceu um escoteiro, tendo mais tarde comparecido todos os grupos, inclusive [o Grupo nº13] da Amadora. Foi dura a acção dos Escoteiros pois ficaram feridos alguns, dos quais destacamos: escoteiro António Alves, ferido num joelho; escoteiro Ramiro, ferido também num joelho.»²

Dois dias depois o governo de António José de Almeida publica um novo decreto, mandando proceder à censura toda a correspondência postal expedida para países estrangeiros e colónias, e destas recebida, bem como no que respeita à censura telegráfica.

¹ (Agatão Lança, deputado do Partido Democrático; "Diário da Câmara dos Deputados", 22Mai1923); ² (Eduardo Ribeiro)

1916 - Abril.23 (domingo de Páscoa)

Na fronteira nordeste de Moçambique, o posto avançado do Namoto é atacado por tropas alemãs, que reagem à reocupação do Quionga e forçam os indígenas e europeus a retirar para a povoação.

1916 - Maio.5 (6ªfeira)

No polígono militar de Tancos, a Divisão do núcleo de instrução do *Corpo Expedicionário Português à Flandres* (CEP), inicia finalmente a concentração de tropas sob comando do general Fernando Tamagnini de Abreu e Silva¹.

¹ (nascido a 13Mai1856 em Tomar, filho de Ângela Tamagnini de Abreu e de António Eleutério Dias da Silva, juiz da comarca de Álcacer do Sal e deputado; fez a sua carreira na Arma de Cavalaria; será nomeado comandante-chefe do CEP na Flandres)

1916 - Maio.8 (2ªfeira)

Perto da embocadura do Rovuma, o major Portugal da Silveira envia um pelotão¹ da 9ª Companhia de Landins para Namoto, que reocupa aquele posto fronteiriço português.

¹ (por esta acção são louvados os primeiros-cabos 970/L Banéne e 915/L Maculana, e o soldado 960/L Babalala)

1916 - Maio.14 (domingo)

Nas imediações do Palácio Nacional de Mafra, tem início na EPI a instrução dos quadros do CEP.

1916 - Maio.21 (domingo)

Na embocadura do Rovuma, as forças expedicionárias portuguesas lançam mais um assalto para reocupar todo o território do *Triângulo do Quionga*.

- «Em 18 de Maio, o governador-geral [Álvaro de Castro] embarcou em Lourenço Marques para o Rovuma e levava com ele os reforços que conseguira mobilizar na Colónia: formava uma companhia europeia de infantaria montada da Guarda Republicana de Lourenço Marques e uma companhia indígena da mesma unidade, ainda outra companhia indígena e uma bateria de artilharia de montanha. O cruzador Adamastor chegou à baía do Rovuma em 19 de Maio: cooperando de imediato com a expedição nos reconhecimentos para a passagem do rio, era ajudado pela canhoneira Chaimite. No dia 21, duas lanchas a vapor entraram no rio e subiram-no, fazendo fogo continuamente sobre a margem inimiga: foi incendiado tudo o que rodeava a Fábrica alemã, que foi depois bombardeada.»¹

No sábado seguinte, durante a manhã as forças expedicionárias do major Moura Mendes lançam um assalto sobre o posto de Namiranga, sendo a travessia comandada

pelo capitão Torres, coadjuvado pelo tenente miliciano de infantaria Francisco Luís de Abreu Amorim Pessoa, auxiliado pelo aspirante-de-marinha António Prestes Salgueiro e protegido pela artilharia do capitão Mota Marques. Mas as tropas portuguesas não conseguem desalojar as forças alemãs da margem norte do Rovuma e são forçadas a retirar, ficando a baleeira da “Chaimite” em território inimigo. O comandante Matos Preto decide então reaver sozinho aquela baleeira, mas é feito prisioneiro.

- «A 23 a Marinha tentou com as suas lanchas desembarcar no mesmo posto [da Fábrica], mas foram recebidas ao som de metralhadoras, sendo obrigadas a retirar. A 27 tentou-se uma passagem à força, sob comando do major Moura Mendes: organizaram-se duas colunas na margem sul para atravessar o rio. O objectivo principal era a Fábrica na margem alemã, assim foi bombardeada a margem inimiga com a ajuda das artilharias do Adamastor e da Chaimite. Às 9 horas tentou-se a passagem do rio, embarcando a coluna da direita em baleeiras, composta por uma companhia europeia e outra indígena; a coluna da esquerda avançou de ilha para ilha, conseguindo atingir a última que se situava a 150 metros da margem alemã; foi alvejada intensamente pelas metralhadoras. O mesmo aconteceu quando as baleeiras da coluna da direita se aproximaram a 200 metros da margem norte: a nossa tropa foi dizimada, obrigando a retirar; a artilharia que apoiava esta coluna foi impotente, devido à deficiência do seu material e as munições de artilharia da Chaimite não eram próprias para esta ofensiva. Foi então dada ordem à coluna da esquerda para retirar: o combate de Namiranga foi um malogro. Foi o governador quem mais impulso deu para a passagem do Rovuma, [...] além de contrariar o telegrama de Lisboa que aconselhava a não dar início à ofensiva antes da chegada ao Rovuma das forças expedicionárias que embarcariam em Maio. Este insucesso parou a 2ª Expedição durante quatro meses, [...] mas manteve a ocupação do lado sul do Rovuma.»²

Menos de 24 horas decorridas, no porto de Lisboa larga rumo a Lourenço Marques o vapor *Portugal*, com o 1º contingente do 3º Corpo Expedicionário destinado ao norte de Moçambique.

E passados 6 dias, com o mesmo destino, no vapor *Moçambique* embarcam o 2º contingente e o quartel-general do 3º Corpo Expedicionário, sob comando do general Ferreira Gil.

¹ (Araújo Pinto); ² (idem)

1916 - Junho.9 (6ªfeira)

Em Lisboa embarcam para Southampton os ministros dos Negócios Estrangeiros e das Finanças, respectivamente Augusto Luís Vieira Soares e Afonso Augusto da Costa, que seguidamente vão participar em Paris na *Conferência Económica dos Aliados*.

Cinco dias depois em Paris, é aberta a citada *Conferência Económica*.

E no dia seguinte o MNE britânico Edward Grey convida formalmente o seu homólogo português Augusto Soares, para que Portugal tome parte nas operações militares da Grande Guerra na Europa, contra a Alemanha. Por seu lado, o ministro Afonso Costa decide renegociar as condições da participação portuguesa na guerra.

1916 - Junho.24 (sábado)

De Lisboa larga rumo a Lourenço Marques o vapor *Zaire*, com o 3º contingente do 3º Corpo Expedicionário destinado ao norte de Moçambique. Quanto à preparação do CEP-Flandres, prioritária desde Março, continua a fazer-se sob resistência passiva de alguns oficiais do QP, que têm vindo a manifestar desacordo quanto à intervenção portuguesa no teatro-de-operações europeu, porque «as tropas só devem defrontar-se com alemães em território sob soberania de Portugal»: neste clima de pré-insurreição, um grupo de militares do RI11-Évora aproveita a tradicional Feira de São João e a insatisfação de moageiros alentejanos - forçados a vender toda a sua produção à Manutenção Militar¹ -, para lançar uma revolta na cidade.

- «Os problemas de ordem diplomática e militar criados pela guerra europeia, implicavam preocupações e opções aos governos, atrapalhando consideravelmente a sua actuação. Com o custo

de vida a aumentar em paralelo com a escassez de víveres e de outros produtos, a atmosfera social deteriorava-se, a moeda continuava a desvalorizar-se.»²

- «Os escoteiros desta cidade [de Évora], pertencentes ao Grupo nº27, prestam nessa ocasião relevantes serviços nos socorros a feridos.»³

Três dias depois chega a Lourenço Marques o vapor *Moçambique*, com o general Ferreira Gil e respectivo quartel-general, ao qual se juntam os 2 primeiros contingentes das forças expedicionárias, iniciando-se os preparativos para a campanha no nordeste.

- «Em 26 de Junho, o governo britânico pediu ao Governo português o recrutamento de forças indígenas de Lourenço Marques, para ficarem sob as ordens do general Smuts. Era neste ponto que se destacava a diferença: enquanto os ingleses e os alemães utilizavam quase exclusivamente as forças indígenas, Portugal insistia em enviar sucessivas expedições da Metrópole com uma fraca resistência ao clima. [...] O comandante [general Ferreira Gil] conferenciou com o governador Álvaro de Castro e combinaram o auxílio que o governo da Colónia daria à Expedição, quer em tropas indígenas, quer em víveres, material de engenharia e transportes marítimos. Foi informado que as tropas da expedição Moura Mendes, com as quais contava, estavam apenas em condições de serem repatriadas. O governador exigiu ainda que o destacamento da Guarda Republicana de Lourenço Marques [estacionado em Palma] recolhesse à sede. [...] Improvisaram-se dez companhias indígenas, sujeitas a uma instrução de quatro meses.»⁴

E no dia seguinte larga de Lisboa o vapor *Machico*, com os militares do 4º contingente do 3º Corpo Expedicionário destinado ao norte de Moçambique.

¹ (detendo o exclusivo da importação – à excepção dos moageiros –, depois de retirar os cereais que necessita, a Manutenção Militar vende o restante aos moageiros, a preço superior ao internacional); ² (Mascarenhas); ³ (Eduardo Ribeiro); ⁴ (Araújo Pinto)

1916 – Julho.1 (sábado lua-nova)

Aos primeiros alvares do dia na fronteira fluvial do Rovuma, o posto avançado de Nangade sofre o primeiro ataque de tropas alemãs vindas de Maúta.

- «Nomeado comandante do sector da fronteira Nangade-Nhica, segui para Nangade onde cheguei na tarde de 31-6-916. Guarnecia Nangade: uma secção da 21ª Companhia Indígena expedicionária do meu comando, comandada pelo tenente J. dos Reis Pereira; um pelotão da 1ª Indígena dos Territórios [da Companhia do Niassa], comandado pelo alferes António Maria; e 16 praças do Corpo de Polícia do Niassa, comandados pelo primeiro-cabo Vieira. Os praças da 21ª Indígena e 1ª dos Territórios estavam armados de velhas espingardas 8m/K [Kropatchiek]¹ e só dispunham de munições com pólvora negra; os praças do Corpo de Polícia tinham antigas espingardas Snyders. Na manhã de 1 de Agosto, proximamente das 05:30 horas, era dado o alarme da presença do inimigo que, a coberto do mato, se tinha avizinhado do posto sem que a sua passagem fosse notada pelos nossos postos de vigilância no Rovuma. Era uma coluna alemã dispendo de metralhadoras e espingardas, último modelo fabrico 1915, que possuindo dados precisos acerca de todos os nossos recursos e elementos de defesa, tentava um golpe sobre aquele posto de importância para as nossas comunicações. [...] Depois de 2 horas de renhido combate, quando o inimigo julgaria iminente a sua vitória e abatido o moral dos nossos, consegue o nosso comando o fogo por descargas feitas à sua voz, fogo de tal forma regular, calmo e preciso, que o inimigo retira desordenadamente pelas 9 horas com graves perdas.»²
- «O general [Ferreira Gil comandante-chefe do 3º Corpo Expedicionário] saiu [da baía de Lourenço Marques] para Tunque em 1 de Julho, no “Moçambique”. [...] “Em cada porão foram alojados 250 homens que, meio vestidos, se deitavam em enxergas lançadas no chão”. [...] Foi incorporada a Expedição Moura Mendes nesta, apesar de se encontrar destroçada pela doença. [O major] Moura Mendes foi nomeado comandante da artilharia. [...] “O transporte [do vapor “Moçambique” fundeado no dia 5 na baía da Palma] fazia-se em pangaios atracados ao vapor: em cada um eram metidos 20 a 30 homens e iam até à praia, fundeando o mais possível perto dela; daqui éramos finalmente carregados para terra, sobre os ombros nus duma legião algazarrante de pretalhões [...], galopando connosco para o areal”. [...] Do dia 5 ao dia 11, ocuparam-se do desembarque.»³

¹ (carabinas de 8mm adquiridas em 1889 e utilizadas nas Campanhas de África a partir de 1895); ² (capitão de infantaria Francisco Pedro Curado);

³ (Araújo Pinto)

1916 – Julho.8 (sábado)

De Lisboa larga rumo a Lourenço Marques o vapor *Amarante*, com tropas do 5º contingente destinado ao 3º Corpo Expedicionário ao norte de Moçambique.

Três dias depois na baía de Palma, são concluídas as operações de desembarque do vapor *Moçambique* e transbordo das primeiras tropas do 3º Corpo Expedicionário, vindas de Lourenço Marques sob comando do general Ferreira Gil.

- *«Sem abrigos capazes, assentaram num terreno recentemente revolvido, sem qualquer instalação em terra, sem os víveres requisitados ao governador e sem qualquer pesquisa de água feita. Sem qualquer higiene e depois de uma viagem sem cuidados de qualquer espécie, agravadas por uma alimentação irracional, num ápice a malária atacou os homens. A 19 de Julho seguiram para Lourenço Marques 300 oficiais e praças; e a 29 retiraram-se 545 homens. Desta forma a Expedição ficou muito reduzida.»*¹

¹ (Araújo Pinto)

1916 - Julho.22 (sábado)

Na polígono militar de Tancos, perante o ministro da Guerra general Norton de Matos e sob comando do novo CEME general António Rodrigues Ribeiro, é formalmente terminada a instrução do CEP, cujo efectivo se prevê venha a atingir os 30 mil homens.

- *«Durante cerca de 3 meses esteve reunida no campo de Tancos uma Divisão composta de contingentes de diversas unidades, a fim de receber instrução e de se preparar convenientemente para a guerra. [...] O presidente da República, que muito bem impressionado ficou com a visita ao campo de Tancos e com a revista que em sua honra se realizou em Montalvo, deseja que se manifeste à Divisão de Instrução o seu muito apreço pela forma como se desempenhou dos serviços que lhe foram determinados [...]; o Governo da República manda que, pelo ministro da Guerra, seja louvada a Divisão de Instrução pela disciplina, patriotismo e verdadeiro espírito militar de que tantas provas deu.»*¹

¹ (Norton de Matos, Ordem do Exército nº16 de 07Ago1916)

1916 - Julho.28 (6ªfeira)

Em Lisboa, o ministro da Guerra recebe um telegrama proveniente de Lourenço Marques, de onde o general Ferreira Gil solicita reforços para o 3º Corpo Expedicionário estacionado no nordeste de Moçambique.

Dias depois, larga para nordeste de Moçambique o vapor *Beira* transportando mais um contingente expedicionário, constituído por *«432 praças de infantaria 21, transferidas para as Colónias por se terem insubordinado»*¹.

- *«As greves sucediam-se, vivia-se num ambiente de intranquilidade acentuado por motins em Lisboa em Agosto de 1916.»*²

- *«O Regimento de Infantaria 21 sediado na Covilhã com o 1º e 2º Batalhões, o 3º em Penamacor [unidade correcional desde Out1915 mobilizada para o nordeste de Moçambique] e o 4º em Castelo Branco. Os 2 batalhões da Covilhã foram mobilizados para incorporar o CEP. [...] Os outros batalhões tomaram rumo ao Niassa e ao Rovuma - norte de Moçambique -, onde a soberania portuguesa estava seriamente ameaçada pela Alemanha.»*³

¹ (Araújo Pinto); ² (Mascarenhas); ³ (Rui Delgado, Covilhã 24Mar2001)

1916 - Agosto.31

Chegam a Lisboa os oficiais britânicos major-general Barnardiston, tenente Calthrop e segundo-tenente Robinson, acompanhados pelos franceses tenente-coronel Paris, major De L'Epercier e alferes Giraudoux, que constituem a missão militar anglo-francesa destinada a conversações com a delegação portuguesa - presidida pelo CEME general António Rodrigues Ribeiro coadjuvado pelo comandante da Divisão de Instrução do CEP general Tamagnini de Abreu, com o CEM daquela divisão major de cavalaria Roberto da Cunha Baptista, o capitão Miguel de Almeida Santos e outros oficiais -, a fim de acertar o *«devido emprego das forças portuguesas no teatro-de-operações»* do sector britânico no noroeste da França.

- *«Das conferências realizadas, destacaram-se alguns pontos mais importantes, tais como: "A proposta inglesa de que as tropas enviadas para a frente anglo-francesa ficassem sob as ordens do Comando Superior Britânico; a instrução complementar dessas tropas em França, assim como o fornecimento do material e dos transportes, ficariam a cargo do governo britânico; o governo*

francês pedia qu lhe fosse enviado o pessoal artilheiro necessário, devido à falta de pessoal técnico francês para servir a sua poderosa artilharia pesada". Em complemento a estas conferências, [em 03Nov16] o governo britânico enviava notas que regularizavam a actuação, organização, transporte e outras medidas a assumir pelo Exército português.»¹

No dia seguinte o parlamento republicano vota favoravelmente o restabelecimento da pena de morte², apenas para situações específicas que possam vir a verificar-se em teatros-de-operações da guerra.

- *«Devido à entrada de Portugal na Guerra, restaura as ordens honoríficas e condecorações, e restabelece a pena de morte em caso de guerra e no teatro de operações.»³*

¹ (Araújo Pinto); ² (de acordo com o CJM e cfr decreto publicado em 30Nov1916); ³ (Moreira e Pedrosa)

1916 - Setembro.4 (2ªfeira)

No litoral do Tanganica alemão, a capital administrativa Dar-es-Salaam é tomada de assalto por tropas britânicas, que a seguir anunciam terminada a sua campanha, ao mesmo tempo que as forças belgas - já apoderadas da capital Tabora -, dão igualmente por encerrada a sua ofensiva local contra os alemães.

1916 - Setembro.16 (sábado)

No extremo nordeste de Moçambique, animados pelas recentes proclamações britânica e belga no vizinho Tanganica alemão, enquanto um destacamento português reocupa o Forte Maziúá, e um outro em Mocímboa do Rovuma prepara a invasão do planalto de Newala, junto ao estuário outro destacamento sob orientação dos oficiais Jorge Castilho, Pais Ramos e Viriato de Lacerda¹, procede a acções de reconhecimento para a travessia do rio, ficando estabelecidos nos vauz fronteiriços os principais postos de vigilância do Nacôa e do Namoto, em frente do qual as tropas de engenharia constroem uma ponte de cavaletes.

Três dias depois um contingente do 3º Corpo Expedicionário português - integrando companhias indígenas -, sai de Quionga e invade cerca de 60km de território inimigo.

- *«Na véspera, os alemães tinham evacuado aquela zona e retirado para montante. [...] No local da travessia, feita por jangadas, foi lançada uma boa ponte sobre o Rovuma. [...] A travessia do Rovuma foi efectuada a 19 de Setembro. A cooperação da Marinha fez-se sentir pela presença do "Adamastor" na foz do rio, ao proteger o comboio de víveres marítimo e ao realizar um pequeno bombardeamento na margem alemã. [...] Foi enviado um reconhecimento de oficiais e escolta à povoação de Mikindani a 60km, sendo estabelecida a ligação com o batalhão de tropas indianas que a ocupava: a expedição estabeleceu ainda uma linha telegráfica até aquela localidade, para facilitar toda a colaboração com o comando inglês. [...] Propôs-se ao general [Ferreira Gil] prosseguir a ofensiva, operar pelo vale do Rovuma e depois para norte na direcção de Liwale. Os dois objectivos eram as localidades de Newala e Massassi. Newala era um centro administrativo de recrutamento, com um fortim de alvenaria situado num planalto e por isso de difícil acesso. Para se fazer a ocupação do terreno que o inimigo ia abandonando, foi enviado um reconhecimento a Newala comandado pelo capitão Liberato Pinto. A escolta era constituída por três companhias indígenas e uma bateria de metralhadoras.»²*

- *«Assim que entram em guerra, as tropas portuguesas atravessam o Rovuma, caminho que voltarão a fazer em sentido inverso alguns meses mais tarde, abandonando o seu material, perseguidos por uma companhia da 'Schutztruppe'.»³*

¹ (Viriato Sertório da Rocha Portugal Correia de Lacerda, tenente de infantaria da 3ª do RI21); ² (Araújo Pinto); ³ (Enders)

1916 - Outubro.1 (domingo)

No polígono militar de Tancos concentra-se a 3ª Brigada de Infantaria, para reforçar a constituição do CEP (Corpo Expedicionário Português à Flandres).

- *«Nos últimos meses de 1916, tinham partido para França missões de oficiais e sargentos de várias armas e serviços. Ali entraram em contacto com várias escolas e unidades britânicas, onde aprenderam as novas modalidades da guerra de trincheiras, em que as forças portuguesas iam tomar parte.»¹*

Entretanto em Lisboa, tem início no quartel do RI5-Graça a instrução de infantaria especializada dos quadros *prontos* vindos da EPI-Mafra.

¹ (Araújo Pinto)

1916 - Outubro.4 (4^afeira)

Na fronteira norte de Moçambique, o destacamento de tropas do capitão Liberato Pinto sai do posto de Nangade a nordeste de Mocímboa do Rovuma, atravessa o rio e, partindo do Sicumbiriro, progride no planalto maconde cerca de 20km em território do Tanganica, em direcção a Newala até ser travado em Maúta, a 12km leste do destino, por uma emboscada das tropas do general Paulus von Lettow-Vorbeck. Com 52 baixas mortais, os militares portugueses são forçados a recuar para a fronteira fluvial.

- «Como comandante da 21^a Indígena, fazia parte da escolta de reconhecimento a Newala por Maúta. No dia 4 de Outubro de 1916, coube à unidade do meu comando os serviços da guarda avançada. Tinha-se partido de Sicumbiriro, margem [norte] do Rovuma, subira-se o planalto dos Macondes e marchava-se na estrada que conduz a Newala. As tropas levantaram-se às 4 horas, iniciaram a marcha às 6 e debaixo de um sol abrasador, sem gota água além da transportada nos cantis esvaziados, marchavam em terreno para nós completamente desconhecido, uma espécie de corredor estreito, um desfiladeiro terrível como era ali a estrada de Maúta, aberto através de uma mata impenetrável de espinheiros. [...] Pelas 16 horas ouve-se um tiro de pistola seguido logo de viva fuzilaria e rajadas de metralhadora. Era o inimigo que emboscado e entrincheirado no espesso do mato, numa curva da estrada cuidadosamente escolhida, deixara passar a flecha disparando à queima-roupa sobre a extrema guarda avançada e próprio grosso da guarda avançada. [...] A flecha caía varada pelas balas inimigas e a mesma sorte tiveram todos os graduados da extrema guarda avançada. Oponho ao inimigo parte do pelotão que seguia na testa do grosso da guarda avançada, força depois reforçada pelo pelotão seguinte do meu bravo alferes António Simões Godinho, depois ainda reforçada por um grupo de soldados da companhia que o capitão Zilhão de artilharia, retirando ferido, encontrou e mandou comandado pelo sargento Ruivo. As nossas metralhadoras e a 22^a Indígena Expedicionária conseguiram desenvolver na sua altura o grosso da coluna, a um e outro lado da estrada, abrindo fogo e evitando que o inimigo me envolvesse pela retaguarda. [...] Na frente, quase corpo-a-corpo com o inimigo, ficaram unicamente os atiradores que directamente comandava e os do comando do alferes Godinho, na totalidade umas 90 espingardas, atiradores que colando-se ao terreno desde o início do combate, embora rijamente batidos pela fuzilaria e metralhadoras inimigas, nunca recuaram um passo. [...] Hora e meia depois de iniciado o combate [...], os nossos atiradores rompem o fogo por descargas [...] até à boca da noite, permitindo a nossa retirada a reunir ao grosso das forças. [...] A jornada deste dia foi rude para nós, especialmente para a minha companhia pelo número de baixas que sofreu, mas o punhado de valentes que na frente se bateu até final, salvou a impedimenta e grosso das forças, que a coberto se puderam reconstituir à retaguarda, e ao mesmo tempo infligia ao inimigo perdas tão sérias que esse inimigo também teve que retirar.»¹

- «Foi um combate de curta duração, este de 4 de Outubro, mas muito mortífero. Aquele dia tinha sido deveras quente: assim, a absoluta falta de água levou o comando da coluna a ordenar a retirada das forças para o posto de Nichichira, a 30km à retaguarda, onde se aguardavam reforços. Esse apoio foi dado pela coluna de Massassi que, incorporada na anterior, contava com: cinco companhias indígenas, duas companhias europeias de infantaria 28, duas baterias de metralhadoras, quatro peças de montanha, um pelotão de infantaria montada e os serviços de saúde e administrativos.»²

Dois dias depois as tropas alemãs atacam o posto de Nichichira, entretanto já reforçado com a coluna do major José Pires.

- «Esta coluna, comandada pelo major José Pires, não teve a capacidade de combate necessária para avançar com rapidez. Foi ela que parou a retirada do reconhecimento de Newala. O general [Ferreira Gil] enviou um outro reforço, formado por duas companhias de infantaria 28, duas peças e um pelotão indígena.»³

¹ (Francisco Curado); ² (Araújo Pinto); ³ (idem)

1916 - Outubro.20 (6^afeira)

No estuário do Rovuma, parte das forças expedicionárias concentra-se na área do Namoto, ao mesmo tempo que em Nangade a coluna do major Azambuja Martins prepara a travessia do rio para marchar rumo a Newala.

- «No começo da noite de 20 de Outubro de 1916, abalávamos para o difícil vau do Licuco no rio Rovuma, enquanto pela tarde era feita uma demonstração em outro vau próximo, atraindo os alemães que deixaram morto no campo um sargento europeu. Reconhecido de noite o vau, que a corrente do Rovuma tornava instável, [...] dormitámos até de madrugada, em que a 17a [Companhia de Infantaria Indígena] como guarda avançada passava o vau e o protegia, enquanto as metralhadoras passavam o rio sobre jangadas improvisadas com as portas de caniçado, que na véspera se tinham transportado do posto militar. A marcha sobre Newala queria-se fazer de uma assentada, mas a etapa era muito extensa. [...] Outra noite tivemos de passar ao relento sem encontrar água.»¹

Dois dias depois no sudeste do Tanganica, as tropas portuguesas voltam a ocupar os poços de Newala distantes cerca de 2.5km do fortim alemão.

- «Na manhã seguinte [dia 22], já aspirávamos porém o perfume da humidade denunciando a água próxima, mas para a conquistar foi preciso a força das baionetas da 17a em duas cargas, vitoriosas e solenizadas pelos entusiásticos cânticos guerreiros dos indígenas. [...] À tarde enterrávamos um soldado de cavalaria, morto no combate, e cavavam-se as trincheiras defronte do fortim de Newala.»²

- «A coluna de Massassi não avançou para leste, para atacar pelo planalto [de Newala] como previsto. As forças restantes, dirigidas pelo coronel [i.e. major Eduardo Augusto de] Azambuja Martins, marchavam para sul e atacavam em simultâneo. Enquanto a coluna Massassi se desviava do seu itinerário, o outro destacamento encontrou-se com o inimigo em 22 de Outubro. Ali se travou o combate da Ribeira de Newala, que os alemães abandonaram aos portugueses que por sua vez ocuparam os seus poços.»³

¹ (Azambuja Martins); ² (idem); ³ (Araújo Pinto)

1916 - Outubro.26 (5ªfeira lua-nova)

No sudeste do Tanganica, as tropas portuguesas prosseguem as suas acções de retaliação à anterior invasão alemã do norte de Moçambique e apoderam-se do fortim alemão de Newala.

- «Finalmente, lá surgiu a coluna Massassi pela retaguarda, e foi então que se atacou Newala e os alemães mais uma vez retiraram. A bandeira portuguesa era finalmente içada [pela 17ªCCacl] no fortim de Newala.»¹

Dois dias depois, as tropas portuguesas avançam para norte dos poços e do fortim de Newala, e atacam em Lubindi (Quivambo) a guarnição alemã.

¹ (Araújo Pinto)

1916 - Novembro.5 (domingo)

Junto à fronteira sudeste do Tanganica, as tropas alemãs retaliam ao ataque dos portugueses à guarnição de Lubindi e cercam o posto de Maúta, mas são repelidas para norte até à zona do Quivambo.

- Assumi o comando da coluna Massassi o major Leopoldo da Silva que, apesar do estado de fadiga das tropas, prosseguiu a marcha.»¹

Três dias depois, a guarnição alemã de Maúta ataca perto do Sicumbiro (margem norte do Rovuma frente a Nangade), as tropas portuguesas que sofrem muitas baixas e o comandante da coluna, major de artilharia Leopoldo da Silva, morre em combate atingido por dois tiros.

- «Com destino a Massassi [para norte do Quivambo], iniciaram a marcha em 8 de Novembro e nesse mesmo dia a coluna chocou com o inimigo, que lhe cortava a estrada em Lubindi (Quivambo). Travou-se um combate renhido, onde morreu o comandante Leopoldo da Silva. [...] Esta perda desastrosa abalou o moral que restava à coluna. O novo comandante, major Aristides Cunha, retirou para o Newala receoso da contra-ofensiva alemã, agora reforçada pelos marinheiros do cruzador Köenisberg.»²

¹ (Araújo Pinto); ² (idem)

1916 - Novembro.19 (domingo)

Em território do Tanganica, as tropas portuguesas são forçadas a retirar do Quivambo para o fortim de Newala, onde pouco depois sofrem um ataque dos alemães que entretanto se apoderaram dos únicos poços de água potável daquela região.

Três dias depois, junto aos poços de Newala as tropas alemãs atacam uma coluna de reabastecimento de água, morrendo em combate o alferes de infantaria Luís Aires Pereira de Matos e ficando aprisionado o tenente Montanha.

- «Em 22 os alemães atacaram os defensores da água, no sopé do planalto. A resistência dos soldados portugueses foi até ao esgotamento das munições. A partir daí, restava-lhes retirar através do mato até ao Rovuma. [...] A situação dos sitiados era muito difícil, até que no dia 28 saiu de Maúta uma coluna de socorro sob comando do capitão Benedito de Azevedo. Desgraçadamente esta coluna não chegou a cumprir a sua missão, pois a 10km de Newala foi barrada pelo inimigo que, com uma força superior, a obrigou a retirar.»¹

Passados seis dias, em Newala a 21ª Companhia de Caçadores Indígenas aproveita a escuridão da noite de lua-nova para abandonar o fortim e, sob comando do capitão de infantaria Francisco Pedro Curado, cerca das 20:00 inicia a retirada rumo à fronteira fluvial do Rovuma, seguida pelas 17ªCCacl e 11ª/BI28, esta sob comando do capitão José Maria Pereira coadjuvado pelo tenente José Rodrigues Sota e pelo alferes João de Sousa Matheus com os restantes praças europeus e auxiliares moçambicanos, e o tenente de infantaria José de Magalhães Queiroz de Abreu Coutinho a comandar a bateria de metralhadoras.

- «Na noite de 28 para 29, deu-se a famosa retirada de Newala, prepara e executada de tal forma que tarde o inimigo se apercebeu dela. Destruíram o material pesado, entre ele quatro peças [de artilharia] de montanha. Fez-se a retirada em direcção ao Rovuma e ocupou-se novamente a sua margem direita, em 30 de Novembro.»²

¹ (Araújo Pinto); ² (idem)

1916 - Novembro.30 (5ªfeira)

Na fronteira norte de Moçambique o posto de Nangade, onde ontem chegou cerca das 12:00 a coluna portuguesa retirada de Newala, é atacado por tropas alemãs e, após renhido combate, as tropas portuguesas são forçadas a abandonar aquele posto fronteiriço, perseguidas pelas forças invasoras que se internam em território português na direcção de Mocimboa de Praia.

- «Assim, pautou-se o avanço português em território alemão por um triste malogro e que serviu apenas para enfraquecer física e moralmente as forças portuguesas. Restou apenas para consolação, na margem norte do Rovuma, o posto [de vigilância] colocado na Fábrica junto à foz do rio, mas que foi mais tarde abandonado por ser desnecessário.»¹

¹ (Araújo Pinto)

1916 - Dezembro.4 (2ªfeira)

Em Lisboa o MNE Augusto Soares recebe em audiência o embaixador britânico Carnegie, que lhe entrega extenso *memorandum* elaborado pelo antigo ministro das Munições, ex-chefe do War Office e recém-PM David Lloyd George, com as suas 21 «condições de emprego das forças portuguesas na zona britânica das operações em França»²:

- «1º - Os efectivos e composição das forças Portuguesas serão determinados de tempos a tempos por acordo entre os Governos de Portugal e Grã-Bretanha; 2º - Em conformidade com as necessidades tácticas, as forças Portuguesas operarão sob as ordens do Estado Maior das forças Britânicas do qual receberá, o Quartel General Português, as instruções necessárias relativas às operações militares; 3º - As tropas Portuguesas seguirão em primeiro lugar para França, para aí serem treinadas e equipadas segundo as instruções do General Comandante dos Exércitos Britânicos, num campo ou campos a determinar; 4º - Para fins de instrução será fornecido, pelo General Comandante dos Exércitos Britânicos, o número suficiente de oficiais de ligação junto de cada unidade Portuguesa; 5º - Dois ou mais oficiais Portugueses do Estado Maior, conforme seja necessário, serão nomeados pelo

Governo Português como representantes do Comando Português junto do Quartel General Britânico em campanha. Destes, um ficará junto do Quartel General do Comandante dos Exércitos Britânicos, e outro junto do Quartel General do General Comandante das Linhas de Comunicações Britânicas; 6º - Todo o custo das forças Portuguesas assim empregadas será da conta do Governo Português; 7º - Todas as despesas a que ocorra o Governo Britânico, incluindo o custo de transporte por terra ou mar, rações, forragens, armas e equipamentos, serviços médicos, etc., serão reembolsados pelo Governo Português pela forma por que venha a ser mais tarde combinado entre os dois Governos. Ao Governo Britânico e às Autoridades Militares Britânicas não compete o desembolso de vencimentos, subsídios em dinheiro, pensões ou outros emolumentos, ao pessoal das forças Portuguesas; 8º - O transporte em Portugal até aos pontos de embarque de todo o pessoal, animal, provisões e material, para as forças Portuguesas, será realizado pelo Governo Português; 9º - O transporte desde os pontos de embarque em Portugal até aos pontos de desembarque, e à Zona de operações das forças Portuguesas será acordado pelos Governos Britânico e Português, preparando este último para este serviço alguns navios alemães apropriados, que estejam em portos portugueses, conforme fôr necessário. Para este fim o Almirantado Britânico consultará e cooperará com o Adido Naval da Legação Portuguesa em Londres e fornecerá o necessário pessoal de direcção nos pontos de embarque em Portugal, para auxiliar as autoridades Portuguesas; 10º - A escolta naval para as forças Portuguesas durante os transportes no mar será fornecida pelo Almirantado Britânico mas, pelo menos, um navio de guerra Português fará parte da escolta; 11º - O Governo Britânico fornecerá às tropas Portuguesas rações, forragens, etc., segundo as tabelas em vigor nos Exércitos Britânicos em campanha. As ordens para o estabelecimento de tais depósitos e provisões, julgados necessários pelo Quartel General Português, serão dadas pelo General Comandante dos Exércitos Britânicos. O custo de tais rações, forragens, etc., será pago pelo Governo Português como ficou exposto no parágrafo 7; 12º - A substituição das baixas no pessoal e animal das forças Portuguesas competirá ao Governo Português. O transporte será fornecido pelos Governos Britânico e Português, como ficou exposto nos parágrafos 9 e 10; 13º - A reparação do material de guerra empregado pelas forças Portuguesas, competirá em princípio ao Governo Português. Quando, por ter sido o rearmamento das forças Portuguesas realizado pelo Governo Britânico, as reparações e substituições sejam necessariamente feitas pelo Governo Britânico, o seu custo será a cargo do Governo Português, como ficou exposto no parágrafo 7; 14º - Qualquer transporte, adicional ao fornecido para o estabelecimento das forças Portuguesas, que seja julgado necessário para o Quartel General Português, será realizado pelo Governo Britânico. Esse transporte adicional só pode consistir em material e nesse caso as forças Portuguesas fornecerão o pessoal necessário ou, unidades britânicas completas serão destinadas, temporariamente ou doutra qualquer forma, à vontade do General Comandante dos Exércitos Britânicos, para servirem em tropas Portuguesas. Ao Governo Português não caberá nenhuma responsabilidade no que diz respeito ao custo destas unidades Britânicas, mas quando fôr fornecido material para uso exclusivo das forças Portuguesas, o seu pagamento será feito como ficou exposto no parágrafo 7; 15º - A evacuação do pessoal, animal e material da Zona de operações das forças Portuguesas, incluindo o transporte até aos portos de desembarque em Portugal, será realizada pelos Governos Britânico e Português, sendo a despesa feita pelo Governo Britânico recuperável como se expõe no parágrafo 7. Pela mesma forma se procederá no regresso eventual das forças Portuguesas a Portugal depois de cessarem as hostilidades; 16º - Os prisioneiros capturados ao inimigo pelas forças Portuguesas serão enviados às Autoridades Militares Britânicas que se tornarão desde então responsáveis pela sua remoção e tratamento; 17º - Os doentes e feridos das forças Portuguesas serão, tanto quanto fôr praticável, tratados e conduzidos às formações sanitárias Portuguesas, mas em caso de necessidade ser-lhes-á dada assistência pelas Autoridades Britânicas; 18º - A acção da Cruz Vermelha Portuguesa será restrita aos serviços que sejam determinados pelo General Comandante dos Exércitos Britânicos; 19º - Uma disposição semelhante à estabelecida pelo parágrafo 17, para o pessoal, aplicar-se-á aos animais doentes e feridos das forças Portuguesas; 20º - Para preparar a chegada das forças Portuguesas a França, serão previamente enviados, segundo condições a combinar mais tarde, quaisquer elementos avançados que sejam julgados necessários; 21º - Quaisquer acordos suplementares que sejam necessários a fim de, por exemplo, regular assuntos referentes à administração, manutenção, abastecimentos, equipamentos ou disciplina, serão estabelecidos por oficiais nomeados para esses fins pelo General Comandante dos Exércitos Britânicos e pelo Comandante das forças Portuguesas.»³

² (neste Dez1916, Lloyd George (chefe do War Office) assumiu a chefia de um governo de coligação e nomeou seu MNE o conservador (antigo PM 1902-05) Lord Arthur James Balfour (que em 1898 havia negociado secretamente com a Alemanha o 1º acordo para partilha dos territórios ultramarinos portugueses); é este último que em 02Nov1917 vai informar o arquimilionário judeu Lionel Rothschild, sobre a aprovação oficial do governo britânico ao

Sionismo; em 1919 cessará funções de MNE e em 1922 agraciado com o título de 1º conde de Balfour; até 1929 mantido em cargos ligados ao governo, vindo a falecer em 19Mar1930 com 82 anos, em Woking no Surrey; pós-mortem publicado o seu livro "Capítulos de Autobiografia");

³ (a respectiva convenção será assinada em 03Jan1917)

1916 - Dezembro.7 (5ªfeira)

No nordeste de Moçambique a ocidente de Pundanhar, durante uma missão como parlamentar junto das tropas invasoras alemãs, o capitão de cavalaria João Luiz Ferreira da Silva é assassinado.

- *«Entretanto o general [Ferreira Gil] comandante da expedição, adoeceu gravamente. O governo autorizou o seu regresso à Metrópole; assumiu o comando o governador-geral Álvaro de Castro, provisoriamente [até 12Set1917].»¹*

¹ (Araújo Pinto)

1916 - Dezembro.13 (4ªfeira)

Em Lisboa, a um mês do previsto embarque do 1º contingente para França, sucede mais uma tentativa de sublevação militar liderada pelo controlador-mor carbonário Machado Santos que, recém-chegado do exílio açoreano, faz publicar um falso número do Diário do Governo com a pseudo-extinção do Ministério da Guerra e nomeação de um gabinete governativo por si próprio presidido. Enquanto isso, aquele dito *comandante* surge em Abrantes e apresenta-se no RI15 montado a cavalo e envergando farda mista - do exército com apetrechos da marinha e botas de cavalaria -, trazendo atrás de si uma turba de revolucionários civis e alguns militares arrebanhados em Tomar, Castelo Branco e Figueira da Foz.

Antes de findar o dia, as autoridades declaram o estado-de-sítio e são efectuadas inúmeras detenções, entre elas a do controlador-mor Machado Santos, que é levado para o quartel de Viseu onde fica preso.

- *«Mais uma revolução chefiada por Machado Santos, frustrada pelas forças governamentais. Os protestos contra o estado de penúria que se arrastava subiram de tom, na imprensa e na Câmara.»¹*

¹ (José Barbosa, in "Diário da Câmara dos Deputados", 12Jan1917)

1917 - Janeiro.3 (4ª feira)

Em Lisboa é assinada a convenção luso-britânica, apresentada há um mês no memorando do governo britânico, pela qual fica regulamentada a cooperação militar que o CEP irá prestar na frente de guerra da Flandres ao exército britânico.

Na madrugada seguinte, no centro-oeste do País e a exemplo do que os bandos carbonários e maçónicos têm perpetrado na capital e arredores desde o derrube da Monarquia, são assaltadas e saqueadas as igrejas do Olival em Ourém e dos Pousos em Leiria, *«de onde levaram o cálice com as hóstias»¹.*

- *«Devido à intensificação da sua política diplomática, não obstante as dificuldades decorrentes da Grande Guerra que eluta a Europa, Bento XV vê aumentar de 14 para 27 a lista dos Estados representados junto da Santa Sé. Em 1917 proclama o Código de Direito Canónico, iniciado [em 1903] por Pio X. [...] Tenta apaziguar as potências envolvidas na confrontação, às quais escreve em 1917 oferecendo-se para mediador do conflito que classifica de "estrago inútil", o que lhe vale a animosidade de Estados beligerantes, mas concita o respeito de milhões de católicos que o intitulam "Papa da Paz".»²*

Menos de 24 horas decorridas, larga do Tejo com destino a Lourenço Marques o vapor *Portugal*, levando a bordo o BI29-Braga para rendição de tropas do 3º Corpo Expedicionário no norte de Moçambique.

¹ (Brochado); ² (fasc. "Os Papas")

1917 - Janeiro.10 (4ªfeira lua-cheia)

Durante a madrugada em Mirandela, a igreja de Mascarenhas é alvo de arrombamento *«mas, tocados os sinos a rebate, o povo conseguiu apanhar os assaltantes e recuperar as pratas»¹.*

¹ (Brochado)

1917 - Janeiro.26 (6ªfeira)

Em Lisboa embarca com destino ao noroeste de França a *1ª Brigada do CEP*, sob comando do coronel de cavalaria Manuel de Oliveira Gomes da Costa.

Entretanto no centro e norte do País, os bandos maçons prosseguem os assaltos e saques durante a madrugada, a capelas e igrejas católicas:

- «17Jan (4ªf), assaltadas as igrejas paroquiais de Lama (Felgueiras), Burgães e Palmeira (Santo Tirso), das quais roubaram tudo quanto tinha valor; 24Jan (4ªf), saqueada a igreja de Arazede (Montemor-o-Velho), tendo o povo apanhado um dos assaltantes; e 31Jan (4ªf), assaltadas e saqueadas as igrejas paroquiais de Mosteiró e Vilar do Pinheiro (Vila do Conde), Canidelo (Gaia) e Alfena (Valongo), em todas ficando as hóstias espalhadas pelos altares e pelo chão.»¹
- «A partir de Janeiro de 1917, começaram a sair de Lisboa sucessivos contingentes de tropas do CEP, transportados em sete navios britânicos e dois portugueses, devidamente escoltados por navios de guerra britânicos. Após longa e por vezes atribulada viagem, devido à ameaça constante dos submarinos franceses, desembarcaram finalmente em Brest, seguindo por via férrea para a zona dos acantonamentos que lhes era destinada.»²

Sete dias depois, o primeiro contingente de tropas portuguesas destinado à Flandres, desembarca no porto de Brest e desloca-se imediatamente de comboio rumo a Aire-sur-La-Lys.

¹ (Brochado); ² (Araújo Pinto)

1917 - Fevereiro.7 (4ªfeira lua-cheia)

Durante a madrugada nos arredores de Braga, as capelas do Santuário do Bom Jesus do Monte são alvo de uma tentativa de assalto.

No dia seguinte chega a Théroouanne o primeiro contingente da 1ª Divisão do Exército português, que inicia as operações de acantonamento em Marthes, a fim de ali iniciar a instrução, enquanto em Roquetoire o coronel Gomes da Costa estabelece no Chateaux de La Morande o QG1, para coordenar a concentração de todo o CEP.

Entretanto na cidade russa de São Petersburgo, eclode contra o regime do czar Nicolau II uma revolução de *soviets*, que se prolonga por quatro dias.

- «A Revolução Russa de 1917 limitou-se a ser o corolário natural de um processo que, vindo de longe, se agigantava monstruosamente até aos limites do absurdo.»¹

¹ (Múrias)

1917 - Fevereiro.15 (5ªfeira)

De Lisboa larga com destino a Lourenço Marques o vapor *Moçambique*, levando a bordo oficiais e sargentos que vão formar 20 companhias indígenas e um esquadrão, unidades a ser integradas no 4º Corpo Expedicionário que se está a constituir e cujo efectivo total será de 209 oficiais e 5058 praças.

1917 - Fevereiro.22 (5ªfeira)

De Lisboa largam para o porto francês de Brest mais navios com o restante contingente da 1ªDiv/CEP.

- «Tomou-se com a Inglaterra o compromisso de manter em França um efectivo de 55 mil homens, fazendo-se o envio mensal de 4 mil homens para suprir as baixas que nesse efectivo se dessem; deveriam ser 4 mil soldados, e não 4 mil lapuzes transferidos do campo para bordo de navios.»¹
- «Assisti à mobilização e fui também mobilizado. Era uma desorganização organizada. Quanto a mim, era uma desordem ordenada porque havia apenas algumas ordens a dar. Mas não era apenas isso. Os franceses, quando se referiam ao nosso Exército, empregavam esta expressão: “Pas d’administration militaire”. De facto o nosso Corpo de Exército, o nosso Corpo Expedicionário, à sombra da organização actual, teria perecido de fome e de frio, não teria guardado durante os longos meses que guardou as trincheiras, se não fosse a organização militar inglesa.»²

Dois dias depois em São Petersburgo, é declarada greve geral e ocorrem violentos confrontos entre populares e a guarda imperial.

Quatro dias depois, nos arredores de Gaia, durante a madrugada a igreja paroquial de Serzedo é alvo de uma tentativa de assalto.

¹ (Camacho); ² (António Granjo, in “Diário da Câmara dos Deputados”, 23Fev1921)

1917 - Março.3 (sábado)

Em Aire-sur-La Lys, é estabelecido o QG do CEP sob comando do general Tamagnini de Abreu.

- «O sector português apresentava um aspecto afunilado, com a abertura voltada para o inimigo e cortado na sua largura pelas ribeiras de Lawe e de Clarence. [...] A frente portuguesa não ultrapassava os 18km, pois as suas duas Divisões mais não comportavam. Era constituída por um trapézio, em que a base de contacto com o inimigo se prolongava de Schetland Road a oeste de La Bassée [fronteira franco-belga], a New Bond Street a leste de Lavantie numa extensão de 11km; enquanto a base oposta, com metade da extensão ia do Canal do Lys a sul de Haversquerque, à ponte da linha férrea Merville-Berguette. No flanco direito o canal de La Bassée seguido do canal do Aire, e no flanco esquerdo o canal do Lys, da ponte da estrada Estaires-Armentières a sul de Haversquerque. [...] O sector português era atravessado por dois afluentes do rio Lys: a ribeira de Lawe, que desagua próximo de La Gorgue e que constituía uma das linhas de defesa do sector; e para oeste a ribeira de Clarence, que desagua no Lys a norte de Calonne. [...] As posições de Arras e as defesas do Somme poderiam ser [pelo inimigo] facilmente torneadas pela esquerda: seguindo de La Bassée por Béthune e Lillers sobre Amiens, permitindo a separação do exército francês do britânico, o caminho seria pela direita do sector português. Também a resistência de Ypres [fronteira ocidental da Bélgica] poderia cair: avançando pela sua direita na direcção de Hazebrouck e Calais, atingindo os portos do Mar da Mancha e Mar do Norte, o caminho seria pela esquerda do sector português. [...] Toda esta frente com mais de 50km, estava confiada ao 1º Exército Britânico sob comando do general Horne, que tinha à sua esquerda o 2º Exército comandado pelo general Plumer e à direita o 5º Exército comandado pelo general Gough. A frente total britânica, onde foi incorporada a frente portuguesa, era aproximadamente de 230km: do Oise ligava-se ao grupo de exércitos franceses, do norte a Dixmude prolongada pela frente belga até Ostende. [...] Em Ambleteuse [uma aldeia de pescadores] estava instalada a base [logística] do CEP¹, que antes funcionara em Etaples junto à base britânica. Era o seu quartel-general directamente subordinado ao QGC [em Saint-Venant]: ali funcionavam várias formações, como os hospitais, com destaque para a Cruz Vermelha²; em Calais instalou-se o Depósito de Remonta e um serviço de beneficiação de fardamento; e em Brest o porto de desembarque com o seu comando próprio. [...] Quanto ao inimigo, ocupa na frente do sector português uma encosta suave, de 30 a 40 metros de altitude, a crista de Aubers-Fromelles. Eram as primeiras defesas avançadas das alturas de Lille, cidade francesa que os alemães ocupavam desde Setembro de 1914. Ao longo daquela encosta, instalaram-se as linhas defensivas alemãs, compostas por uma desenvolvida rede de trincheiras de comunicação, com abrigos de betão, ninhos de metralhadoras, instalações cómodas e disfarçadas, e com excelentes observatórios sobre as nossas trincheiras. As linhas mais avançadas dos alemães estavam quase abandonadas durante o dia, contando apenas com alguns postos de metralhadoras em abrigos de betão; mas as linhas da retaguarda estavam conservadas por uma cuidadosa e constante reparação.»³

¹ (até final da guerra são mobilizados para a Flandres: 3260 oficiais do QP e milicianos; 114 funcionários civis, equiparados a oficiais, para serviços administrativos, de justiça, postais, etc.; e 51079 sargentos e praças); ² (até final da guerra, a CVP vai manter: no hospital de Ambleteuse, 2 oficiais, 26 enfermeiros e 41 auxiliares enfermeiras chefiadas por Maria Antónia Ferreira Pinto; e no hospital-avançado de Herbelles, 11 enfermeiras do “1º Grupo Auxiliária de Damas Enfermeiras” chefiado por Eugénia Manuel, originado na “Cruzada das Mulheres Portuguesas” fundada pela escritora anarco-sindicalista Ana de Castro Osório, em 1912 co-fundadora da “Voz do Operário” e que depois também fundou em Hendaye um «hospital para recuperáveis» e em Lisboa o «Instituto de Reeducação dos Mutilados da Guerra», sediado no palácio Linhares em Arroios); ³ (Araújo Pinto)

1917 - Março.14

Durante a madrugada no centro e norte de Portugal, bandos maçons prosseguem os assaltos e saques em templos católicos:

- «Assalto e roubo nas igrejas de São Pedro (Arcos de Valdevez) e Gesteira (Soure), e na capela da Ega (Condeixa-a-Nova), em todas deixando as hóstias pelo chão.»¹

¹ (Brochado)

1917 - Março.19 (2ª feira)

De Lisboa larga com destino a Lourenço Marques o vapor *Mossamedes*, transportando o BI30-Bragança que constitui o 2º contingente destinado ao 4º Corpo Expedicionário ao norte de Moçambique.

- *«Quanto à assistência religiosa, dada a neutralidade do Estado quanto à religião proclamada pela República, não existiam capelães militares. Contudo, o governo autorizou que as unidades expedicionárias fossem acompanhadas por sacerdotes. Destacou-se o reverendo cônego dr. José do Patrocínio Dias, que em Março de 1917 foi nomeado capelão-chefe em França; e foi mais tarde o venerado bispo de Beja. Também foram capelães para Moçambique, chefiados pelo padre Alfredo Bento da Cunha.»*¹

Dois dias depois no concelho de Guimarães, são assaltadas e saqueadas durante a madrugada as igrejas paroquiais de Silvares (Moreira de Cônegos), Pedome e Serzedo (Guimarães), *«em todas deixando as hóstias pelo chão»*².

¹ (Araújo Pinto); ² (Brochado)

1917 - Abril.4 (4ªfeira anterior à Páscoa)

Na região do Aire-sur-La-Lys, uma unidade da 1ª Brigada da 1ª Div/CEP - cerca de um mês após chegada à Flandres -, entra pela primeira vez ao serviço nas trincheiras e morre em combate na primeira linha o soldado António Gonçalves Curado¹, primeiro militar português a tombar na Grande Guerra fora de solo pátrio. De facto, tendo seguido para Angola em 1914 e 1915 dois contingentes expedicionários e para Moçambique desde 1914 outros quatro, as baixas militares portuguesas na Grande Guerra até ao presente apenas tinham ocorrido no Ultramar Português.

Entretanto em Washington o presidente Woodrow Wilson convoca uma sessão especial do Congresso, a fim de falar sobre uma comunicação secreta alemã interceptada pelos serviços secretos ingleses e pedir autorização para que os EUA entrem na Grande Guerra.

Dois dias depois na Suíça, o ideólogo *bolchevik* Lenine³ termina o seu exílio e embarca secretamente num comboio rumo à Alemanha, tendo a Rússia como destino final.

- *«Lenine fizera a viagem num comboio blindado, em cumplicidade com os alemães inimigos, em guerra com os russos. Estava na Suíça e, quando quis voltar à Rússia - onde se dera a revolução liberal -, com o auxílio dos alemães estes arranjam-lhe um "wagon" selado, onde seguiu até Petrogrado, atravessando toda a Alemanha de comboio até à Rússia. Foi muito criticado pela gente do Kerensky e pela social-democracia europeia. Por um lado, Lenine arranjou-se com os alemães para concretizar esse percurso; por outro, os alemães utilizaram-no porque sabiam que iria criar um grande problema no seio de uma potência que estava a fazer-lhes guerra ao lado dos Aliados. Foi um encontro de interesses.»*⁴

Enquanto isso em Washington, o governo dos EUA declara guerra à Alemanha.

¹ (nascido em 29Set1894 na Barquinha, filho de Maria Clara e de José Gomes Curado; sem instrução primária e solteiro, em 12Jan1915 assentou praça no RI28 e em 30Abr1915 foi dado como pronto de recruta; em 22Fev1917 embarcou para França como soldado nº234 da 4ª Companhia do 4º Batalhão do RI28; ficou sepultado no cemitério inglês de Laventie; depois exumado e reinumado no cemitério de Richebourg L'Avoué, em 31Jul1929 os seus restos mortais chegarão a Lisboa, sendo trasladados em 18Ago1929 para o cemitério de Vila Nova da Barquinha);

³ (Vladimir Ilitch Oulianov, nascido em 22Abr1870 em Sibírsk); ⁴ (Soares)

1917 - Abril.12 (5ªfeira seguinte à Páscoa)

Na frente de trincheiras da Flandres, os soldados João da Fonseca e João dos Santos são os primeiros militares portugueses a atravessar "terra de ninguém" e penetrar em linhas alemãs.

1917 - Abril.20 (6ªfeira)

Na Flandres o CEP, já formado a duas Divisões, é incorporado no 1st British Army e fica sob as ordens do marechal Douglas Haig, comandante-chefe das forças expedicionárias britânicas.

Cinco dias depois no norte de Portugal, durante a madrugada bandos maçons levam a cabo mais 2 assaltos e saques a templos católicos:

- «*Saqueadas as capelas de São Bartolomeu (Régua) e Vila Nova de Poiares, de onde levaram o cálice com as hóstias.*»¹

Enquanto isso em Lisboa, a propagação de boataria sobre inúmeras mortes nas frentes de batalha, aliada à carestia de bens essenciais pelo esforço de guerra, continua a criar dificuldades à governação e o *XII Ministério* é dissolvido. Ao tomar posse no Parlamento, o maçom Afonso Costa – que pela 3ª vez é encarregue de formar gabinete² governativo –, afirma:

- «*Portugal não é um pequeno país. Os que sustentam isso esquecem as províncias ultramarinas, que fazem com o território metropolitano um todo, uno e indivisível. E sobre o português basta recordar o passado que, longe de ser um motivo para nada fazermos, deve constituir uma obrigação imperativa para agirmos. Não compreendo como se criou essa lenda de que o português é contemplativo, sem qualidade de acção. Toda a nossa história diz o contrário.*»

¹ (Brochado); ² (Alexandre Braga; Artur Rodrigues de Almeida Ribeiro; Augusto Luís Vieira Soares, ministro dos Estrangeiros; Eduardo Alberto de Lima Basto; capitão-de-fragata Ernesto Jardim de Vilhena; Herculano Jorge Galhardo; José António Arantes Pedrosa; José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães (ministro da Justiça 22Dez1914-25Jan1915), actual ministro da Instrução Pública; general José Mendes Ribeiro Norton de Matos, ministro da Guerra)

1917 - Abril.30 (2ªfeira)

Na Flandres, o recém-promovido general José Augusto de Simas Machado¹, coadjuvado pelo coronel Almeida Barbosa, instala em Fauquembergues o QG2 da 2ªDiv/CEP.

- «*Para resolver a questão dos transportes e de outros problemas referentes à vida do CEP, deslocou-se a Londres [e depois a Paris o ministro da Guerra general] Norton de Matos, acompanhado por [CEM do CEP tenente-coronel] Roberto Baptista, onde ficaram perto de um mês. Conseguiu o ministro da Guerra regular a questão dos transportes. Portugal tinha à sua disposição 2 navios, o “Bellerophon” e o “Inventor”, auxiliados contudo pelo “Pedro Nunes” e o “Gil Eanes”. Após os transportes das 2 Divisões, seria retirado o “Inventor” e manter-se-ia naquela função o “Bellerophon”. Mas Londres reconheceu ainda outras necessidades, tais como o envio urgente de tropas: o aumento da força do CEP elevada para 55 mil homens, constituindo um Corpo do Exército; e que o Corpo de Artilharia Pesada e o Batalhão de Sapadores dos Caminhos de Ferro fizessem parte do CEP. À conta destas dificuldades e demoras, lá se foi arrastando a organização do CEP em França, como Corpo do Exército. Mas os problemas não ficaram por aqui.*»²

Entretanto de Lisboa larga novamente com destino a Lourenço Marques o vapor *Portugal*, transportando os militares do BI31 que constituem o 3º contingente a integrar no 4º Corpo Expedicionário ao norte de Moçambique.

Dois dias depois no concelho de Mafra, durante a madrugada é assaltada e saqueada a igreja paroquial da Igreja Nova.

¹ (nascido a 27Jul1859 em Braga; seu pai, natural dos Açores, era liberal e foi preso até à chegada de Dom Pedro IV, com este desembarcando no Mindelo incorporado no BI12, tendo sido agraciado com a Ordem da Torre e Espada; prossequindo as tradições paternas, em 1875 José Augusto assentou praça no RI8 e frequentou a Escola do Exército; em Jan1881 promovido a alferes, em Out1886 a tenente, em 1895 a capitão e em 1906 a major; em 05Out1910 comandava o 3º/BI3 em Barcelos e no mês seguinte promovido a tenente-coronel comandante do BC5; em 13Jun-12Ago1911 em Trás-os-Montes e em 11Out-21Nov1911 no Minho, cooperou na repressão das rebeliões monárquicas; depois comandou o 3º Grupo de Metralhadoras e em Nov1912 promovido a coronel comandante do RI18; em Mai1916 passou a inspector da Arma de Infantaria na 3ª Divisão do Exército; em Mar1917 promovido a general comandante da 7ª Divisão do Exército); ² (Araújo Pinto)

1917 - Maio.9 (4ªfeira lua-cheia)

No norte do País os bandos maçons levam a cabo, como vem sendo hábito nas madrugadas das 4ªs feiras, mais assaltos e depredações em templos católicos:

- «*Assaltadas e saqueadas as igrejas de Loivos (Chaves), espalhando as hóstias pelo chão; do Freixo (Almeida), Sebadelhe e Touça (Foz Côa); e as capelas de Gondomar (Tarouca) e São Martinho de Sande (Guimarães).*»¹

No dia seguinte, larga de Lisboa com destino a Brest um navio transportando os 10 oficiais e 17 sargentos do CAPI que, sob comando do tenente-coronel Tristão da Câmara Pestana, vão realizar em França a preparação técnica e administrativa para a futura intervenção daquele contingente de artilheiros portugueses, junto dos congêneres franceses e subordinado ao comando britânico.

- «*Seguiram também para Inglaterra, para receber instrução especial, o pessoal de artilharia pesada que deveria fazer parte do CEP. Como órgão do Corpo do Exército, foram cedidas pelo comando britânico duas brigadas de artilharia pesada, colocadas à disposição do general Tamagnini de Abreu*

e [após Fev18] *sob o comando do general [britânico] Vincent. Desta forma, a organização do Corpo do Exército Português foi completamente adaptada à organização militar britânica.*»²

¹ (Brochado); ² (Araújo Pinto)

1917 - Maio.16 (4ªfeira véspera da Ascensão)

Durante a madrugada, sucedem-se no norte do País mais três assaltos a igrejas:

- «*Saqueadas as igrejas paroquiais de Galafura (Peso da Régua), Ermida (Ponte da Barca) e Nogueira (Braga).*»¹

No dia seguinte em Paris, é finalmente assinada pelo ministro da Guerra francês sr. Painlevé e pelo seu homólogo português general Norton de Matos, a convenção relativa à actuação do *CAP* na Flandres.

- «*Tomou-se o compromisso de manter em França um corpo de artilharia com o efectivo de [pouco mais de] 1000 homens, fazendo-se o envio mensal de 100 homens para suprir as baixas que nele se fossem dando.*»²

Três dias depois em Lisboa, face à escassez de géneros devido ao seu racionamento pelo esforço da guerra, eclodem motins populares que redundam em inúmeros assaltos.

- «*Os governos procuraram acudir ao mais instante, mas as suas providências revelavam-se inócuas. Já com Afonso Costa [novamente] no poder, ocorreram em Lisboa (20-21-V-1917) graves tumultos com 2 mortos e bastantes feridos; e a população principiou a assaltar estabelecimentos comerciais (nomeadamente mercearias), levando o governo a suspender as garantias constitucionais em quase todo o distrito de Lisboa e a empregar a força contra a turba amotinada. Houve bombas, tiroteio, actos de puro vandalismo para além das pilhagens.*»³

- «*A 20 de Maio de 1917, após uma visita ao CEP, [o ministro da Guerra general] Norton de Matos escreveu ao presidente do Ministério, Afonso Costa, apelando ao envio urgentíssimo dos oficiais indispensáveis para complemento dos quadros e para fazer a reserva necessária. [...] O certo é que poucos ou mesmo nenhuns desses alferes [de infantaria e artilharia de campanha, que na Escola de Guerra estavam a terminar os respectivos cursos], chegaram a França.*»⁴

Decorridos 2 dias, a agitação pública alastra à cidade do Porto mas é rapidamente contida.

- «*Restabelecida a ordem, contaram-se 22 mortos e muitos feridos, algumas dezenas em estado grave.*»⁵

¹ (Brochado); ² (Camacho); ³ (Mascarenhas); ⁴ (Araújo Pinto); ⁵ (Mascarenhas)

1917 - Maio.30 (4ªfeira)

Durante a madrugada em Vila Real, a igreja da Pena é alvo de assalto e roubo.

Entretanto na frente das trincheiras da Flandres, a 1ª Brigada da 1ª Div/CEP assume a responsabilidade pela defesa da metade de um sector, confiado pelo comando-supremo britânico ao marechal Douglas Haig. Junto ao reduto do castelo de Neuve-Chapelle, os militares portugueses ocupam o respectivo sector defensivo, instalando-se o BI35 à direita da estrada de Estaires para La Bassée e 50mts abaixo de Pont-du-Hem, enquanto o RI24 sob comando do major Andrade Peres segue para a primeira linha das trincheiras de Neuve-Chapelle.

- «*Na frente do sector, o espectáculo de ruína e de desolação era completo. Destroços de casas e dos campanários, árvores esgalhadas, todo um conjunto de destroços que serviam de defesas e observatórios que passavam despercebidos e camuflavam os abrigos. Em Neuve-Chapelle erguia-se o chamado "Cristo das Trincheiras", que o acaso salvou da total destruição e ruína; e muitos foram aqueles que a Ele se elevaram em auxílio, nos momentos mais difíceis ao longo deste conflito.*»¹

¹ (Araújo Pinto)

1917 - Junho.4 (2ªfeira lua-cheia)

Em Neuve-Chapelle, os militares do BI35 instalados no sector de trincheiras portuguesas, repelem o primeiro *raid* alemão dirigido à frente defensiva da Flandres atribuída ao CEP.

1917 - Junho.13 (4ªfeira)

Durante a noite e madrugada no sector de Ferme-du-Bois, as trincheiras guarnecidas por militares do RI22 são alvo do segundo ataque alemão, morrendo em combate 2 oficiais e 72 praças¹ de pré.

- «Na noite de 12 para 13 de Junho, os portugueses dos sectores de Ferme-du-Bois e Neuve-Chapelle, na Flandres, sofriam um novo raid que foi energicamente repellido pelos batalhões de infantaria.»²

Enquanto isso nos arredores de Lisboa e no centro do País, também de madrugada ocorrem mais três assaltos a igrejas.

- «Assalto à igreja paroquial de Colares (Sintra), deixando as hóstias pelo chão; e tentativa frustrada na igreja de Ceira (Coimbra) onde tudo estava em lugar seguro, dali seguindo os assaltantes para a paroquial de Castelo Viegas, onde procederam ao saque.»³

¹ (17 morreram no local; os restantes, feridos gravemente, vêm a morrer depois); ² (Araújo Pinto); ³ (Brochado)

1917 - Junho.16

Na frente portuguesa da Flandres, vindo de Théroouanne durante a noite anterior, o coronel Gomes da Costa instala o QG1 em Lestrem e passa a dirigir todo o sector das linhas defensivas de Ferme-du-Bois e de Neuve-Chapelle, encastrado num saliente das linhas britânicas e a poucas centenas de passos das fortificações passageiras alemãs, entrando para reforço das trincheiras de Ferme-du-Bois a 2ª Brigada sob comando do coronel José Peres, com o 3º Regimento (três batalhões do RI23, RI24 e RI35) e o RI7, ficando o restante RI35 em Faches (floresta frente à cidade de Lille) em apoio à 142ª Brigada britânica.

1917 - Junho.20 (4ªfeira lua-nova)

Durante a madrugada, no norte e centro de Portugal bandos levam a cabo mais quatro assaltos e saques em templos católicos:

- «Assaltadas e saqueadas as igrejas de São Pedro de Escudeiros e Santo Estêvão do Penso (Braga), e as de Trouxemil e Pampilhosa do Botão (Coimbra).»¹

- «Consta do “Bulletin du Bureau International des relations maçônicas” de Abril de 1914, que nos Congressos da Maçonaria tem-se estudado a República Maçônica Mundial, começando pelos Estados Unidos da Europa, um Super-Estado de que a Maçonaria seria soberana. Com esse intuito foram convidadas as Maçonarias aliadas e neutras para o Grande Congresso, que reuniu em Paris em 28, 29 e 30 de Junho de 1917. Nele esteve representado o [Grémio] Grande Oriente Lusitano Unido.»²

¹ (Brochado); ² (Oliveira Marques)

1917 - Junho.24 (domingo)

No sector português da Flandres, sob comando do major de artilharia Eugénio Augusto Almada Castro Bilstein de Meneses, o 4º Grupo de Baterias da artilharia ligeira do CEP entra pela 1ª vez em acção e atinge posições avançadas alemãs.

1917 - Julho.2

Em Lisboa o vapor *Moçambique* larga novamente com destino a Lourenço Marques, transportando um contingente formado por 1 companhia de Engenharia, 2 baterias de Artilharia, 2 baterias de Metralhadoras e serviços de saúde e administração militar, que completam o 4º Corpo Expedicionário ao norte de Moçambique.

Um dia depois o navio *Niassa* larga rumo a Mocimboa da Praia, levando a bordo 3 aviões-caça monomotor *Farman-F40*¹ do Destacamento de Aeronáutica Militar, sob comando do tenente do Exército piloto-aviador João Luís Moura.

E na madrugada seguinte no concelho de Leiria, bandos maçons levam a cabo saques e profanações nas igrejas de Porto de Mós e de Alqueidão da Serra, e na igreja do Mosteiro da Batalha.

¹ (origem francesa, recebidos em 1916 na Escola de Aeronáutica Militar em Vila Nova da Rainha; em 1920 abatidos ao activo da Aeronáutica Militar)

1917 - Julho.10 (3ªfeira)

Na frente de trincheiras da Flandres, à esquerda do sector de Neuve-Chapelle, o QG1 do CEP assume também a responsabilidade pela defesa do sector de Fauquissart, que é ocupado pelos efectivos da 3ª Brigada da 1ª Divisão.

- *«Ficou assim esta Divisão com três sectores de brigada a seu cargo, numa frente demasiado extensa para o real efectivo da guarnição. Estava subordinada ao IX Corpo do exército britânico sob comando do general Hacking. Tinha como principais funções: repelir raids inimigos, fazendo mortos e prisioneiros entre eles; efectuar raids sobre as trincheiras alemãs, acções de patrulha, bombardeamentos de artilharia, etc.»¹*
- *«Ocupávamos na frente ocidental um sector que media 12 quilómetros, isto é, constituíamos uma frente linear, sem profundidade, o que dava ao nosso contingente o valor de uma espécie de defesa militar. Uma frente de 12 mil metros a 5 homens por metro corrente, exige um efectivo de 60 mil homens e nós só tínhamos 55 mil em França - o que não quer dizer que os tivéssemos todos dispostos na frente -, uns na linha de fogo e outros constituindo os respectivos apoios e reservas.»²*

Na madrugada seguinte, no norte e centro de Portugal os bandos maçons atacam e saqueiam mais três templos católicos:

- *«Assaltadas as igrejas de São Romão (Mesão Frio), Regueira de Pontes (Leiria) e [pela 2ª vez em] Alqueidão da Serra (Porto de Mós), tudo roubando de todas elas.»³*

Um dia depois em Lisboa, eclode *«mais uma greve dos operários da construção civil, a pretexto da carestia da vida e da insuficiência dos salários. O Governo não esteve com meias medidas, entregando o caso ao ministro da Guerra, general Norton de Matos»*. Poucas horas decorridas, o governo proclama o estado-de-sítio para vigorar até 28 do corrente na capital e concelhos limítrofes.

- *«Reprimida a greve com violência, veio o governo explicar ao Parlamento, na sessão de 14 de Julho de 1917, como as coisas se haviam passado. O sr. Norton de Matos procurou convencer a Câmara de que havia "notícia de 6 mortos, de 7 feridos por bala e 13 por estilhaços de bomba, ente os quais 4 militares". Mas o deputado José Barbosa interrompeu-o: "Posso afirmar que não houve nenhum ferido por estilhaços de bomba, mas sim por balas". [Vozes na sala: "Cometeram-se crimes! A força cometeu verdadeiros assassinatos!"]. Falou a seguir o deputado Costa Júnior: "A força pública, postada nas embocaduras das ruas, assassinou criaturas indefesas que ou passavam nas ruas tranzidas de pavor ou assomavam às janelas. O governo em vez de elevar os salários aos operários das obras do Estado, dá-lhes balas". Prosseguindo o debate, [e dirigindo-se ao chefe do governo Afonso Costa], usou da palavra o deputado Casimiro de Sá: "Sabe que da parte da força pública se praticaram cenas de selvagens. Os operários eram alvejados por tiros ao passarem nas ruas, como muitas pessoas o foram nas suas próprias casas. Os acontecimentos do dia 12 são, em seu parecer, equivalentes aos de 5 de Abril de 1908 quando, junto à igreja de São Domingos, a guarda municipal matou 14 republicanos que queriam votar. Então, o sr. Presidente do Ministério (Afonso Costa) condenou severamente o procedimento da força pública, o que não sucede hoje, que a vem defender". Na sessão seguinte, a 21 de Julho de 1917, voltou-se ao assunto, tendo o deputado Marques da Costa falado assim ao Parlamento: "No 2º dia dos tumultos, uma patrulha da guarda dirigiu-se a um desgraçado que estava sentado num banco do Rossio e deu-lhe ordem para seguir o seu caminho. Como o pobre homem não obedecesse com uma rapidez de autómato, foi corrido à coronhada. Também assisti à violência praticada contra um indivíduo que estava a uma esquina. Não obedecendo rapidamente à ordem de se retirar, um soldado da guarda agarrou a sua espingarda pelo cano e deu uma pancada de tal ordem que abriu a cabeça a esse indivíduo. A guarda prendeu um pequeno de doze anos e, durante o trajecto até à esquadra, um sargento entreteve-se a dar-lhe coronhadas". O deputado Moura Pinto afirmou ao Parlamento, na sessão de 26 de Julho de 1917, que "o Governo [de Afonso Costa] que se encontra nas cadeiras do Poder é, em verdade, um Governo de opressão, de violência e de crimes".»⁴*

¹ (Araújo Pinto); ² (Camacho); ³ (Brochado); ⁴ (idem)

1917 - Julho.20 (6ªfeira lua-nova)

Durante a madrugada na Flandres os militares do RI24, instalados há cerca de um mês no sector de Neuve-Chapelle, fazem o seu primeiro prisioneiro alemão.

1917 - Julho.26 (5ªfeira)

Na barra do Tejo o caça-minas *Roberto Ivens* choca com uma mina e afunda-se, morrendo o seu comandante primeiro-tenente Raul Alexandre de Cascaes.

- «Um dos maiores inimigos de Portugal foram os espanhóis. Eles deixavam os alemães estacionar os seus submarinos nos seus portos, próximo de Portugal. Ajudados pelo seu serviço de espionagem, os alemães eram informados sempre que de Portugal largava algum barco, para depois esperá-lo e afundá-lo.»¹

¹ (Evaristo Martins de Almeida, veterano do CEP)

1917 - Agosto.1 (4ª feira)

Durante a madrugada no concelho de Leiria, a igreja paroquial de Marrazes é assaltada.

Entretanto em Londres decorre uma *Conferência Internacional* de socialistas dos países Aliados, na qual participam dois portugueses.

- No dia 6 de Agosto registou-se [no sector português da Flandres] um ataque da aviação alemã. Esta lançou um torpedo que foi cair atrás de uma fábrica de munições, onde estava um batalhão de infantaria a aprontar-se para ir para as trincheiras. "Foi uma desgraça", pois só ali morreram muitos soldados.»¹

¹ (José Valente de Matos, soldado-condutor no serviço de transporte dos feridos)

1917 - Agosto.7 (3ªfeira)

De Lisboa larga com destino a Mocimboa da Praia mais um navio, transportando um contingente formado por oficiais e praças mobilizados em diversos Regimentos, para recompletamento operacional do 4º Corpo Expedicionário no nordeste de Moçambique.

1917 - Agosto.14 (3ªfeira)

Na Flandres, a linha de trincheiras portuguesas é alvo de cerrado ataque inimigo, que lança duas colunas com cerca de 500 efectivos sobre os subsectores de Neuve-Chapelle e Fauquissart: no primeiro caso, as tropas dos BI15 e RI24 aguentam e repelem o embate; mas no segundo caso alguns soldados do BI35 são feitos prisioneiros, que no entanto pouco depois logram fugir ao inimigo e regressar às suas trincheiras, «*devido à iniciativa do alferes miliciano Hernâni Cidade*»:

- «Este saltou para o parapeito [da sua trincheira] e com apenas três homens se lançou na "Terra de Ninguém" contra o inimigo, provocando a reacção dos prisioneiros que lutaram a par com os colegas e venceram, recolhendo o corajoso alferes¹ ainda alguns alemães que aprisionou.»²

Três dias depois, no norte e centro de Portugal os bandos maçons retomam durante a madrugada de lua-nova os seus ataques a templos católicos:

- «*Assaltadas e saqueadas as igrejas de Meixomil (Paços de Ferreira), Priscos (Braga), Maiorga e Aljubarrota (Leiria), e Valado de Santa Quitéria (Alfeizerão)*.»³

¹ (meses depois aprisionado, depois logra fugir e voltará para as trincheiras; regressado em 1919 a Portugal, promovido por distinção a capitão, agraciado com a Cruz de Guerra e a Medalha de Serviços Distintos); ² (Araújo Pinto); ³ (Brochado)

1917 - Setembro.1 (sábado lua-cheia)

Em Lisboa os funcionários telégrafo-postais, que desde há 4 meses apresentam *reivindicações*, ameaçam hoje entrar em greve: 345 grevistas são presos e imediatamente recolhidos num navio-de-guerra fundeado no Tejo. Entretanto o ministro da Guerra general Norton de Matos - depois de consultar o chefe do governo Afonso Costa e o PR Bernardino Machado -, emite o dec.3327¹ e declara mobilizados todos os funcionários, submetendo-os às leis e regulamentos militares, e dando-lhes prazo de apresentação até ao meio-dia da próxima segunda-feira.

Decorridas menos de 48 horas e antes de expirado o referido prazo, cerca de 700 funcionários apresentam-se no Terreiro do Paço mas dispostos a não trabalhar, pelo que recebem voz de prisão e são considerados compelidos da 3ª Companhia do RI1: a maioria segue para os Fortes da Ameixoeira e Alto do Duque; 64 contestatários são

levados para o Forte de Caxias; e outros 92 embarcados no vapor *Lourenço Marques*, ficando às ordens do comandante Leote do Rego.

¹ (complementado pela port.1078, emitida pela repartição do gabinete chefiado pelo major Luís Galhardo)

1917 - Setembro.6 (5^afeira)

Em Lisboa, na sequência do surto de agitação grevista, desde início do mês que o governo intensifica a censura à imprensa diária e a central sindical clandestina *UON* (União Operária Nacional)¹ proclama greve geral a partir de amanhã, à qual adere de imediato a classe dos tipógrafos.

Um dia depois em Mocimboa da Praia, o alferes de cavalaria piloto-aviador Jorge de Sousa Gorgulho realiza aos comandos de um avião *Farman-F40*, o primeiro voo português em África.

Na manhã de sábado, o alferes Gorgulho repete o voo mas despenha-se e morre no primeiro acidente aéreo em terras moçambicanas.

¹ (constituída em Mar1914 em Tomar durante o Congresso Operário, dois anos depois ilegalizada)

1917 - Setembro.10 (2^afeira)

Em Lisboa, o governo de Afonso Costa emite um decreto que proíbe a exibição de filmes sem prévia fiscalização militar.

- «*Em Outubro* [i.e, 08Set1917], o alto comando inglês propôs-nos a redução da nossa frente, metade do que era [i.e, para 6 quilómetros]. Mas o [ministro da Guerra] sr.Norton de Matos enfureceu-se com semelhante proposta, aliás fundamentada nas melhores razões militares e tendendo a tornar o nosso auxílio mais eficaz.»¹

- «*A 8 de Setembro de 1917*, [o ministro da Guerra britânico] Lord [Edward George Villiers Stanley] Derby² dirigiu uma carta a [seu homólogo português general] Norton de Matos, onde tentava dissociar e desnacionalizar o CEP, ao procurar enquadrar as unidades do Corpo com oficiais britânicos e incorporá-las nas Grandes Unidades Britânicas, além de anular o comando do general Tamagnini de Abreu que passaria à simples categoria de inspector. Na sua resposta de 1 de Outubro, Norton de Matos repudiou com diplomática cortesia as propostas feitas por Lord Derby. A situação interna portuguesa também não era das melhores.»³

Entretanto já se encontram paralisados os serviços telegrafo-postais, os tipógrafos, os eléctricos e trens; os estabelecimentos bancários e comerciais começam a fechar, as instituições não funcionam, as carroças e os automóveis deixaram de circular.

- «*Nova onda de greves - na construção civil, na Companhia das Águas, nos Correios e Telégrafos - provocou repressão das autoridades, entre novos motins, mais bombas, mais tiroteio, mais mortos, mais feridos.*»⁴

Decorridas cerca de 48 horas, a *UON* aconselha o operariado a retomar o trabalho e os contestatários são libertados dos fortes de Caxias, Ameixoeira, Alto do Duque e do vapor *Lourenço Marques*.

- «*Quando da greve do pessoal dos correios, em 1917, foram mobilizados a Instituição* [i.e, Sociedade de Instrução] *Militar Preparatória* [nº2] *e os Escoteiros, por ordem do coronel Desidério Bessa. O Grupo nº1 estava então desligado da AEP, pelo que o seu presidente* [interino] *Robert Moreton conseguiu perguntar ao general Norton de Matos, por favor de um diplomata* [britânico], *se os escoteiros do Grupo nº1 podiam prestar serviço. A resposta foi afirmativa, pelo que o Grupo se apresentou* [no Terreiro do Paço] *nos serviços dos correios. Os escoteiros da AEP foram destacados para os serviços telegráficos* [e na estação-central] *ficaram sob a chefia do António F.[rancisco] Xavier de Brito* [guia da Patrulha Cão do Grupo nº2], *coadjuvado por um escoteiro de apelido Fernandes; chegaram a estar ali 70 rapazes, que dormiam na própria estação. [...] Aos escoteiros é vedado intervir em situações de greve e só excepcionalmente se justificam tais intervenções, em face de situação grave que se achesse. Os actos heroicos dos escoteiros granjearam-lhes grande simpatia e o maior respeito das autoridades e da população. [...] Existimos para servir, mas não constituímos um corpo de socorros ou de salvação pública. Poder-se-á admitir que os Caminheiros excepcionalmente executem serviços de tal natureza, mas devemos opôr fortes reservas e até proibir que os adolescentes o façam. [...] Certa madrugada chegou um telegrama urgente para o comandante do regimento aquartelado em Sapadores. [...] Xavier de Brito pediu ao Fernandes para*

o substituir [...] e avançou para Sapadores: no trajecto, como havia suspensão de garantias, as patrulhas militares gritavam “Quem vem lá?”, Xavier de Brito respondia “Escoteiro” e deixavam-no passar. O quartel estava de prevenção rigorosa, mas o escoteiro chegou à sentinela e informou que tinha uma comunicação urgente para o comandante: foi conduzido a uma sala onde se encontrava este se encontrava reunido com oficiais; Xavier de Brito sacou o telegrama do cano da bota e fez a sua entrega. [...] O Grupo nº1 foi enviado à 5ª Secção Internacional, apresentaram-se aos oficiais do Exército e estes encarregaram os escoteiros do serviço de censura: liam as cartas que eram remetidas [para o noroeste de França] ao Corpo Expedicionário Português, punham-lhes o carimbo de “Censura Militar” e preparavam as malas para expedição; a correspondência para os militares era expedida, a restante em obediência à promessa feita pelos grevistas, de que não seria “furada” a greve, ficava pronta a seguir mas retida. Este trabalho era dirigido pelo João Clímaco do Nascimento. [...] Era-lhes dada uma senha para almoço, que tomavam num restaurante da Baixa; recebiam também senhas para transporte. [...] Alguns escoteiros foram despedidos dos seus empregos por terem sido mobilizados, enquanto a outros não foram pagos os ordenados. Em 19 de Setembro de 1917, a comissão executiva [da Associação dos Escoteiros de Portugal] emitiria convite, subscrito pelo dr. [Nuno de] Magalhães Domingues, para que “todos os escoteiros que estiveram de serviço na Estação Central Telegráfica e que estavam naquelas condições, se apresentem na secretaria da AEP, devendo levar o seu documento de mobilização”. Por esta forma de convocar, excluía-se tacitamente os rapazes do Grupo nº1, que estiveram no serviço de estrangeiro.»⁵

Por essa ocasião no extremo nordeste de Moçambique, o coronel Tomás de Sousa Rosa assume o comando do 4º Corpo Expedicionário, instalado em Palma desde meados deste ano.

- «O rendimento destas forças foi desolador pois, sem se ter deslocado da base marítima de Palma, perdia 10% ao mês do seu efectivo.»⁶

Na manhã seguinte em Mocimboa da Praia, desembarca o repletamento militar para as tropas expedicionárias.

¹ (Camacho); ² (nascido em 1865 em Londres; 17º conde de Derby, em 1892-1906 chefiou a bancada do Partido Conservador na Câmara dos Comuns; em 1915 nomeado director-geral do recrutamento do Exército e em Dez1916 secretário do War Office; em 1918-20 embaixador em Paris e em 1922-24 novamente secretário do War Office; virá a falecer em 1948); ³ (Araújo Pinto); ⁴ (Mascarenhas); ⁵ (Eduardo Ribeiro); ⁶ (Araújo Pinto)

1917 - Setembro.14 (6ªfeira vésperas de lua-nova)

No sector português de Neuve-Chapelle, as trincheiras da 2ªBrig/CEP, comandada pelo coronel José Peres, são alvo do 2º raid alemão mas as tropas do RI24 repelem o ataque: desde meados de Junho aquela brigada já sofreu cerca de 800 mortos, feridos e incapacitados. Logo a seguir um pelotão do RI7, comandado pelo alferes miliciano de infantaria Gomes Teixeira, depois de aguentar pesado ataque inimigo sobre o seu subsector, captura 4 militares alemães que constituem o 2º grupo de *boches* aprisionado pelo contingente português.

1917 - Setembro.16 (domingo)

No sector português da Flandres, junto ao cruzamento de Bacquerot na estrada Laventie-Picantin, por ordem do Tribunal de Guerra o ex-2º sargento da 1ª/BI31 José Augusto Ferreira de Almeida, de 23 anos, acusado de alta traição, é fuzilado às 08:00 por um pelotão de 8 sargentos sob comando de 1 alferes.

- «Já 2º sargento, foi castigado, ou seja, colocado na frente e incorporado numa patrulha para ir à “terra de ninguém”, mas os colegas que o acompanharam, acusaram-no de ele ter mostrado vontade de se entregar nas mãos do inimigo. Sabia-se que enquanto civil, ele tinha sido motorista de um alemão em Portugal. Ele era bastante habilidoso, gostava de desenhar tudo o que via à sua volta. Assim, quando foi parar às trincheiras, ocupava o seu tempo desenhando o que via ali. Perante a acusação dos colegas e a sua actividade de artista, julgaram-no como espião ao serviço da Alemanha. De todas as vezes que o padre Aguiar o confessou, o pobre negou sempre a sua culpa, mas o veredicto foi tão cruel quanto injusto e acabou por ser fuzilado.»¹

- «Ao ser preso na primeira linha, quando tentava passar-se para o inimigo, lhe fôra apreendida uma carta das trincheiras onde se encontravam indicadas as posições de artilharia, sedes de comandos e outras informações precisas para o inimigo, provando-se assim o crime de alta traição durante o período de guerra, pelo qual era condenado à morte. [...] Tendo sido acusado de tentar passar-se

para o inimigo e de pretender indicar-lhe os locais ocupados pelas tropas portuguesas, [...] em Tribunal de Guerra, por maioria, o juri declarou apenas o primeiro facto praticado, tendo o defensor officioso recorrido da sentença proferida pelo promotor de justiça. Em novo julgamento, todavia, e à semelhança do anterior, a sentença concluiu pela pena de morte. [...] Foi o único soldado português fuzilado na Guerra de 1914-18.»²

Passados sete dias, o sector de Neuve-Chapelle atribuído à 2ª Div/CEP recebe como reforço a 4ª Brigada, que se instala em Le Marais (Fauquissart) e depois fica conhecida como “Brigada do Minho”.

¹ (Evaristo Martins de Almeida, veterano da Flandres); ² (Araújo Pinto)

1917 - Setembro.28 (6ª feira)

Na doca do Bom Sucesso junto à Torre de Belém, levantam do *CAN* (Centro de Aviação Naval) dois hidroaviões *Franco-British Aviation/FRA-B* - oriundos da base fluvial da Escola de Aeronáutica Militar próxima de Vila Nova da Rainha -, que dão início a missões de patrulha costeira.

1917 - Outubro.4 (5ª feira)

Durante a madrugada em Palmela, a igreja paroquial de São Pedro é alvo de assalto e saque.

Para além da longa série de 52 assaltos, saques e profanações - na maioria perpetrados em madrugadas de 4ªs feiras -, que desde início do ano se verificaram em capelas e igrejas católicas das regiões do norte e centro do País até chegar aos arredores da capital, também desde o derrube da Monarquia e até ao momento foram sequencialmente assaltadas, profanadas e saqueadas as seguintes 42 capelas e igrejas de Lisboa e freguesias limitrofes:

- *«Igreja das Salésias, capelas do Menino Jesus e de Santo Amaro, igrejas em São Pedro de Alcântara, capelas do Asilo da Ajuda e de Nossa Senhora do Livramento, igrejas do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora das Necessidades, ermida de Sant'Ana, igrejas de Campolide e de Santo António da Convalescença, capela de Nossa Senhora da Saúde (Benfica), igreja de Nossa Senhora da Conceição (Rego), capela de Nossa Senhora de Lourdes (Picoas), igreja da Estefânia, capela de Nossa Senhora das Graças (Arroios), igreja do hospital de São José, capela de São Jerónimo (transformada em palheiro!), ermida de Nossa Senhora do Monte Agudo, capela de Nossa Senhora (Prazeres), igrejas de São Vicente e do Menino de Deus, capela da Verónica, igrejas de Santa Luzia, do Santíssimo Salvador e de Santo António (Sé), capela de Nossa Senhora da Caridade, igrejas de Santa Clara, Madre de Deus e do Beato António, capelas do asilo Maria Pia¹ e do Senhor da Salvação e Paz, igrejas de São Lourenço (Carnide), das Teresinhas e de Nossa Senhora da Luz, capela de Nossa Senhora da Assunção (Palhavã), igreja de São Roque, capela de São Pedro de Alcântara (transformada em sala de visitas!), e igrejas da Santíssima Trindade (Trinas) e de Santa Brígida.»²*
- *«Como se isto não bastasse, o governo de Afonso Costa desterrou mais uma vez o patriarca de Lisboa [cardeal Dom António Mendes Belo], o bispo do Porto [Dom António José de Sousa Barroso], os arcebispos de Évora e de Braga. Esta e outras actuações sectárias empurraram alguns políticos moderados a constituir o Partido Centrista, por iniciativa do doutor [António Augusto Caetano de Abreu Freire] Egas Moniz³. A situação em que vivia o País tornava-se intolerável a tal ponto, que se sentia aproximar novo ponto de ruptura: a Nação aspirava por alguma coisa que lhe restituísse tranquilidade, confiança e esperança em melhores dias; tanto mais que nem as notícias, vindas das frentes de batalha europeia e africana, eram de molde a suscitar orgulho e fervor patrióticos. [...] Deve anotar-se também, o reaparecimento em 1917 do Centro Católico [CADC], que promoveu a divulgação da doutrina social da Igreja e a defesa das posições eclesiais. [...] O ano de 1917 foi de funda perturbação socio-política, a ponto de se sentir no ar que mais uma revolução seria inevitável. Começou esse movimento a ser organizado pelo major Sidónio Pais. [...] O centro conspiratório situou-se na redacção do jornal “A Luta” de Brito Camacho [chefe do Partido Unionista], se bem que este não se solidarizasse com os conjurados.»⁴*

¹ (rainha Dona Maria Pia de Sabóia, avó do último rei de Portugal Dom Manuel II; falecida no exílio do Piemonte em 05Jul1911); ² (Brochado);

³ (nascido em 1874 em Avanca; licenciado em Medicina pela Universidade de Coimbra, especializado em psiquiatria e professor universitário; a par da política, dedica-se à investigação de neurologia); ⁴ (Mascarenhas)

1917 - Outubro.11 (5ªfeira)

No Atlântico Norte, submarinos alemães atacam navios mercantes portugueses, enquanto Verdun e Reims recebem a visita do PR Bernardino Machado, que pernoita em Avenay-sur-le-Marne.

Dois dias depois, na Serra de Aire perto de Fátima três jovens pastores¹ afirmam ter-lhes aparecido² na Cova da Iria *«uma senhora vestida de branco»*.

¹ (Lúcia de Jesus dos Santos, nascida em 22Mar1907 no lugar de Aljustrel na freguesia de Fátima, e seus dois primos mais novos, Jacinta e Francisco Santos Marto de uma família de sete irmãos; ambos vêm a morrer de tuberculose ainda jovens (Francisco em 05Abr1919), e o 5º irmão João, nascido em 15Jun1906, virá a falecer em 28Abr2000 em casa, na sequência de trombose; em 13Mai2000, o Papa João Paulo II beatifica em Fátima os videntes Jacinta e Francisco Marto); ² (desde 13Mai1917, mensalmente no mesmo dia até 13Out1917, revelando algumas semanas depois que *«a senhora” é a Virgem Maria Nossa Senhora»*)

1917 - Outubro.19 (6ªfeira)

Chegam a Beauvais os primeiros artilheiros do CAPI, cujo QG sob comando do coronel Câmara Pestana fica instalado em Bailleul, com uma peça de 32cm montada num vagão ferroviário.

- *«O 1º contingente [do CAPI], transportado pelo “Pedro Nunes”, desembarcou em Brest e daí seguiram de comboio até Beauvais, onde chegou a 17 de Outubro de 1917. Era composto por 20 oficiais e 758 praças [sargentos, cabos e soldados].»*¹

¹ (Araújo Pinto)

1917 - Outubro.23

Perto da povoação francesa de Lunéville¹, tropas dos EUA entram pela 1ª vez em combate em solo europeu.

¹ (29km sudeste de Nancy, local da assinatura em 1801 do Tratado Franco-Austriaco)

1917 - Outubro.25 (5ªfeira)

Durante a madrugada no litoral norte e no centro do País, e em concelhos limítrofes do distrito de Lisboa, sucedem-se mais 7 assaltos a igrejas católicas:

- *«Assaltadas e saqueadas as igrejas paroquiais de Ferreiro (Vila do Conde), Gradil (Maфра), Matacães (Torres Vedras), Palmela, Moita do Ribatejo, Ribeira de Santarém e Sever da Serra (Moimenta da Beira).»*¹

- *«As aparições de Fátima ocorridas em 1917, que [...] as autoridades do Partido Democrático tudo tentaram para abafar, haviam produzido a revivescência do fervor católico da população. [...] Até hoje [Jun1982], o jacobinismo ateu de todos os matizes não tem descansado no afã de desacreditar Fátima, alvitrando as explicações mais fantasiosas e mais incríveis: tão incríveis pelo menos como a hipótese do milagre. Nada e nunca os fará concordar com a afirmação de Chesterton²: “O mais espantoso nos milagres, é que por vezes acontecem”.»*³

¹ (Brochado); ² (Gilbert Keith Chesterton, nascido em 29Mai1874; jornalista inglês católico e dramaturgo, criador do personagem “Padre Brown”; neste ano de 1917 publicou em Londres “A Short History of England”); ³ (Mascarenhas)

1917 - Novembro.5

No sector português da Flandres, o comandante do CEP general Tamagnini de Abreu muda o seu QG do Aire-sur-La Lys, para perto da ferrovia de Saint-Venant onde assume a responsabilidade pela defesa dos 4 sectores do médio Lys, ficando subordinado ao comando estratégico do 1st British Army e sob ordens do general Horne.

1917 - Novembro.17 (sábado)

A ilha de Java é tomada de assalto por tropas inglesas.

1917 - Novembro.19

Nos céus de Laon o capitão de cavalaria piloto-aviador Óscar Monteiro Torres¹, integrado na Esquadilha Francesa de Caça *Spad-65*, após ter abatido dois aviões inimigos entre Soisson e Ailette, é atingido sobre o Chemins des Dames durante um combate contra a aviação alemã.

- «Nesse combate aéreo participaram sete aviões: 5 Fokker alemães; e 2 Spad, pilotados respectivamente pelo nosso compatriota e pelo capitão Lamy que, mais consciente, logo retirou perante a superioridade numérica do inimigo. Sem munições e já perdido, o capitão Torres tentou “in extremis” arrastar na sua queda um avião inimigo. [...] Compromissos diplomáticos assumidos por ditames da consciência nacional, levaram os soldados de Portugal aos campos de Armentières para, ao lado dos Aliados, combater os alemães. [...] Não tínhamos aviação. A arma aérea dos 3 principais beligerantes europeus (França, Inglaterra e Alemanha), era de início orientada apenas em missões de exploração; o parque aeronáutico militar era para eles, nessa data, pouco superior a meio milhar de aviões. O CEP embarcou pois para França [em 26Jan17] sem apoio aéreo privativo. Para eliminar essa lacuna, logo se criou [no início de Mar17] uma Esquadilha Inicial e um Serviço de Aviação com sede em Paris, chefiado pelo então capitão piloto-aviador Norberto Guimarães. Não havia contudo pessoal nem material para equipar aquela unidade de aviação, pelo que desde logo e para tanto se estabeleceu um plano. [...] A 1ª fase do programa forneceu [em Jun17] ao Exército português alguns mecânicos e cerca de 3 dezenas de pilotos-aviadores [oriundos do 1º curso da Escola de Aeronáutica Militar de Vila Nova da Rainha]. Por razões de ordem política [...], a 2ª fase só pôde ser aproveitada por 12 [i.e., 13]² desses pilotos; conseqüentemente, a fase final do programa não chegou a ter realidade.»³
- «Como havia falta de material aeronáutico no CEP, os aviadores portugueses instruíram-se nas escolas francesas.»⁴

No dia seguinte na Flandres, o grupo de esquadrões de cavalaria do CEP é transformado em Grupo de Companhias Ciclistas.

Entretanto em Paris decorre uma conferência económica dos governos Aliados, na qual participam o chefe do Governo português Afonso Costa e o MNE Augusto Soares.

Ao mesmo tempo em Lisboa, por determinação do ministro capitão-de-fragata Ernesto Jardim de Vilhena é fundada a *Companhia dos Diamantes de Angola*: as prospecções diamantíferas foram iniciadas há cinco anos nas Lundas angolanas, sob direcção do engenheiro Brandão de Melo; e no ano passado o citado ministro fundou a sociedade *PEMA* (Prospecção e Exploração de Minérios de Angola), para explorar os jazigos que se prolongam da Lunda Norte ao Cassai-Norte no vizinho Congo Belga, onde este ano foi formada a *Forminière* (Compagnie Forestière et Minière du Congo Belge): com capitais desta e da *PEMA*, a *Companhia dos Diamantes de Angola* é assim constituída.

- «Em 1917, a constituição da companhia de prospecção de diamantes *Diamang*⁵ - com capitais britânicos, franceses, norte-americanos e belgas -, era uma indicação clara da futura riqueza material.»⁶

¹ (nascido em 1889; voluntariou-se em 1915 para fazer no estrangeiro um curso de aeronáutica militar, tendo seguido (com Alberto Lelo Portela e António de Sousa Maia) para Inglaterra, onde frequentou a escola de pilotagem civil em Hendon e a escola de Ruislip do Royal Flying Corps em Northolt; em Jun1916 obteve o “brevet” de piloto-aviador e foi colocado no 10th Squadron de observação na frente de Lille, onde passou a tripular um BE21 da esquadilha baseada em Shoques arredores de Bethune; após alguns meses de estágio em campanha, pediu ao CEM-CEP o ingresso na aviação de caça e frequentou as escolas militares francesas em Avord e em Pau, com especializações em tiro aéreo e vôo nocturno nos centros de aviação em Cazaux e em Istres; no início de Nov17 terminou o estágio no Groupe de Divisions d’Entrainement em Plessis-Belleville e regressou à frente de combate, colocado na Esquadilha Spad-65 “das Cegonhas”; entretanto foi agraciado com a Légion d’Honneur e condecorado com a Cruz de Guerra de 1ª classe; retirado do avião despenhado ainda com vida, virá a falecer na madrugada seguinte e fica sepultado pelo inimigo em Laon entre dois tenentes da aviação alemã; será agraciado a título póstumo com o grau de Comendador da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito; e atribuída toponímia a uma das avenidas novas de Lisboa; em 20Jun30 os seus restos mortais são recebidos no aeroporto de Lisboa com honras militares portuguesa e francesa);

² (Alberto Lelo Portela e António de Sousa Maia, António Maria da Cunha e Almeida, João Barata Salgueiro Valente, José Barbosa Santos Leite, José Francisco Antunes Cabrita, José Joaquim Ramires, José Pereira Gomes Júnior, Luís Carlos da Cunha e Almeida, Oscar Monteiro Torres, Paulo de Sousa Gomes, Pedro Emilio Jones da Silveira e Ulisses Augusto Alves); ³ (Diniz Ferreira); ⁴ (Araújo Pinto); ⁵ (só após o Armistício, a *Forminière* vai adquirir o capital social da *PEMA* dando origem à *DIAMANG*, com investimentos vultuosos da De Beers britânica (já controlada pela família Oppenheimer), da Société Générale de Belgique, da Ryan and Guggenheim norte-americana e do Estado português); ⁶ (MacQueen)

1917 - Novembro.21 (4ªfeira)

Ainda noite cerrada no sudeste do Tanganica, tropas alemãs abandonam o fortim de Newala e dirigem-se à fronteira fluvial onde iniciam a 20km norte de Mocimboa do Rovuma os preparativos para travessia do rio, com intuito de fazer entrar em território português um grande contingente militar reforçado por colunas *askari*.

- «No final do ano, [no contingente operacional do 4º Corpo Expedicionário português] já poucos restavam, dizimados por doenças contraídas naquela base [marítima de Palma]. [...] “No quartel do [Batalhão de Infantaria] 31, a situação chegou a ser verdadeiramente alarmante. Todas a manhãs

faltavam vários soldados às chamadas e o sargento de serviço que ia abaná-los à cama para os despertar, ia dar com eles mortos. Dias houve em que apareceram assim mortos, dez soldados (3 de Julho)”. [...] Em 21 de Novembro, os alemães iniciaram a sua ofensiva sobre o território português, seguindo bem apetrechados, em homens e material, para oeste pela margem norte do Rovuma.»¹

Dois dias depois no Cadaval, durante a madrugada a igreja paroquial é assaltada por um bando de maçons que procedem ao saque «*escondendo as hóstias*»².

¹ (Araújo Pinto); ² (Brochado)

1917 - Novembro.25 (domingo)

Ao alvorecer junto à fronteira fluvial do Rovuma, um sentinelado da guarnição portuguesa do acantonamento avançado de Negomano, surpreende nas imediações da foz do Lugenda uma patrulha de reconhecimento alemã, que precede a coluna invasora com efectivo de 6 companhias, constituída por cerca de 2 mil askaris e 100 militares alemães armados com 12 metralhadoras pesadas e granadas-de-mão. Cerca das 07:00 o corneteiro português dá o alarme e o comandante major Teixeira Pinto coordena prontamente a formação do quadrado: a força defensiva portuguesa apenas dispõe de 300 cartuchos por atirador; e o posto de reabastecimento mais próximo é Mocimboa do Rovuma, a 132km para leste. O comandante alemão dá ordem de ataque e o contingente de *askaris* lança-se ao assalto, desenvolvendo-se o tiroteio durante as nove horas seguintes até que os militares portugueses esgotam as munições. Rompido o quadrado, travam-se duros combates corpo-a-corpo que terminam com a derrota portuguesa: 29 militares metropolitanos mortos, entre os quais o comandante da guarnição major de infantaria João Teixeira Pinto, o major de cavalaria Luiz Filipe de Avelar Pinto Tavares, o tenente de infantaria Miguel António Ponces de Carvalho, os alferes Adrião Lucas e Levindo Correia Teixeira Vaz Júnior, os segundos-sargentos António Ambrósio Pratas, Francisco António e José França de Carvalho; mais 208 landins mortos e cerca de outros 70 militares feridos graves e ligeiros, entre eles 3 oficiais e 3 sargentos. Quanto à força atacante - que sofreu 3 oficiais mortos e 2 feridos, e cerca de 300 askaris mortos e feridos -, depois de saquear e incendiar o acantonamento, interna-se para leste em território moçambicano, levando consigo 550 prisioneiros, entre eles 31 oficiais que mais tarde são libertados.

Na 5ªfeira seguinte, nos arredores de Sintra um grupo maçom aproveita a madrugada de lua-cheia para assaltar e saquear a Igreja de São Pedro de Penaferrim.

1917 - Dezembro

A cidade do Funchal é bombardeada por navios alemães.

1917 - Dezembro.3 (2ªfeira)

No interior moçambicano da concessão territorial da *Companhia do Niassa*, encontrando-se na Serra da Mecula apenas cerca de 250 efectivos (4ªCCaCl-Beira, 29ª de Infantaria Landim, 1ª Bateria Indígena de Metralhadoras e alguns praças da Companhia do Niassa), sob comando do capitão de infantaria Francisco Pedro Curado, a defender o sector a oeste do Lugenda - onde está o depósito de munições e mais a sul o de víveres em Nanguar -, por volta das 04:00 é interceptada a coluna *askari* vinda de Negomano com enquadramento de oficiais alemães e que procura progredir rumo ao rio Lugenda.

- «*Construction [of the Quelimane-Chindi railway] began in 1914, but was interrupted during the German invasion of northern Moçambique in November 1917. Thus the one hundred and forty-five kilometres line from Quelimane to Mocuba became the actual Quelimane railway.*»¹

Enquanto isso em Washington, o presidente Woodrow Wilson dirige-se ao Congresso onde solicita autorização para declarar oficialmente guerra ao império Austro-Húngaro.

Na manhã seguinte em Porto Amélia, o comandante das Forças Expedicionárias coronel Sousa Rosa, recebe ordem para evacuar aquela localidade, que vai passar a constituir a nova base das forças inglesas.

Um dia depois em Lisboa, unidades militares encabeçadas por cadetes da Escola de Guerra, com apoio de populares, revoltam-se sob chefia do ex-embaixador português em Berlim, major Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Pais.

- *«A revolução saiu para a rua a 5 de Dezembro. As forças rebeladas tentou opôr-se Norton de Matos, ministro da Guerra. Enquanto se desenrolavam acesos combates, Lisboa ficou entregue ao populacho que saqueou armazéns e mercearias à vontade. Machado Santos, que [desde 13Dez16] estava preso em Viseu, evadiu-se e revoltou unidades da Beira Alta movimentando-as para sul. [...] Rodeado por um grupo de jovens oficiais - que pela sua mocidade ficaram conhecido como "os cadetes de Sidónio" -, o chefe da revolução logo empolgou as imaginações e a adesão da generalidade dos seus compatriotas, muito em especial das mulheres. A "maioria silenciosa" da Nação viu-o como seu intérprete, nele depositando a esperança da necessária regeneração nacional. O golpe de 5 de Dezembro rasgou um horizonte de exaltante expectativa. Basílio Teles, patriarca da República que se afastara da vida activa, exclamou: "Mas então ainda há rapazes? Mas então deste estrume, desta podridão, germinou uma mocidade que se bate?". [...] Durante a revolução, a luta com o contingente da Armada fôra mais áspera e dura no Largo do Rato: a derrota desses combatentes [da "Formiga Branca"], determinou que circulasse a frase com sentido pejorativo - "Os marinheiros foram beber água ao chafariz do Rato" -, que aumentou o ressentimento da Marinha.»²*
- *«As ruas de Lisboa foram palco de mais uma sangrenta revolução, na qual uma vez mais os Escoteiros de diversos grupos prestaram relevantes e abnegados serviços. A Imprensa referiu-se particularmente a um acto corajoso praticado pelos escoteiros do Grupo Um [dissidente da AEP]. A refrega era violenta no Largo do Rato. Durante 2 horas, os escoteiros assistiram a fogo de canhão e fuzilaria constante, socorrendo sempre que possível os feridos. Em certa altura, recolheram-se na escada do prédio nº26 da Rua São Filipe Nery. Os feridos caíam naquela artéria sem que pudessem ser socorridos, porque os 2 grupos combatentes de degladiavam ferozmente. Durante o sofrimento e agonia dos feridos, os rapazes afligiam-se e um deles, o João Clímaco do Nascimento, ficou mesmo fora de si. Era preciso intervir. Então na ponta de uma das suas varas puseram uma bandeira branca que agitaram, arremessando-se para a rua no socorro aos feridos, e forçaram os ferozes contendores a interromper a luta. Os feridos foram transportados de automóvel ao hospital e nas macas improvisadas dos escoteiros; e após isto a luta prosseguiu com a mesma ferocidade. O escoteiro-chefe Ernesto de Sousa, que acompanhava os rapazes, louvou em ordem de serviço os escoteiros João Clímaco do Nascimento, António Joaquim Ribeiro, Albano da Silva e Armando Alfaia Gouveia, sendo este acto considerado como prova prestada para Escoteiro da Pátria. Foram ainda citados, com felicitações, os escoteiros Henrique Alves Casquilho, Óscar Mário de Sousa, David Baudouin, João Pedro de Figueiredo e Joaquim Coelho do Nascimento.»³*

Horas depois no Terreiro do Paço, o ministro da Guerra general Norton de Matos demite-se.

- *«Em 5 de Dezembro a nossa frente ainda era de 12 quilómetros, mas o nosso efectivo - contando só a gente válida para o combate - já não era de 55 mil homens, nem coisa parecida. Constou que uma nova Divisão (a terceira) partiria para França, conservando-se o nosso sector independente, melhor garantida a sua defesa por acréscimo de uns 20 mil homens. Tal divisão não partiu, e os envios mensais - 4 mil homens por mês, a que nos obrigáramos por uma convenção -, não chegaram a fazer-se.»⁴*
- *«Na tropa, a antiguidade é um posto. O sistema rouba-lhes postos. Tinha acontecido o mesmo na guerra de 1914-1918. O golpe de Sidónio Pais em 1917, foi em grande parte provocado por isso. Na altura, quem se revoltou foram os cadetes. Agora [56 anos depois], quem se insubordinaria seriam maioritariamente os capitães e os majores.»⁵*

Enquanto isso em Brest-Litovsk, delegações da Rússia e da Alemanha reúnem para negociar um armistício separado.

¹ (Pinto Teixeira); ² (Mascarenhas); ³ (Eduardo Ribeiro); ⁴ (Camacho); ⁵ (Múrias)

1917 - Dezembro.6 (5ªfeira)

No interior distrital do Niassa as tropas portuguesas, dispendo apenas de 250 espingardas e 5 metralhadoras, desde há 3 dias sustêm na Serra da Mecula os avanços

do destacamento inimigo, que ontem à tarde recebeu reforços de 2 mil askari, 8 companhias de infantaria alemã e mais 250 soldados apoiados por 10 metralhadoras, 1 divisão de artilharia e forças de reserva sob comando do general Lettow-Vorbeck acompanhado por Von Schnee governador do Tanganica sul alemão. Esta madrugada, sob comando do general Whale as tropas invasoras lançam um violento assalto, mas não logram abater a resistência da posição defensiva portuguesa.

Aos primeiros alvares de sábado, a artilharia alemã flagela na Serra da Mecula as posições portuguesas, sucedendo-se vagas de assalto que forçam a maioria dos landins moçambicanos a fugir, enquanto o restante efectivo português - com as tropas britânicas a 3 dias de viagem -, se defende à baioneta contra o avanço dos milhares de *askari*. Mas, ultrapassada a primeira resistência da companhia indígena, e com a morte em combate dos oficiais de infantaria capitão Sousa Guedes e tenente miliciano Viriato de Lacerda¹ - «atingido quando tentava destruir a única metralhadora que restava, para que o inimigo a não utilizasse»² -, as tropas alemãs logram tomar Mecula e aprisionam o capitão Curado, 8 oficiais subalternos, 17 sargentos, os cabos e soldados europeus e 36 praças indígenas. Em seguida a grande coluna invasora interna-se para sul em direcção ao rio Licungo, com intuito de atacar Quelimane.

Enquanto isso em Lisboa o major Sidónio Pais instaura uma ditadura militar, com apoio velado dos unionistas e declarado do *Partido Centrista* dirigido pelo médico Egas Moniz.

¹ (às 08:30 de 09Dez1917, foi feito localmente o seu funeral); ² (Araújo Pinto)

1917 - Dezembro.9 (domingo)

No hemiciclo de São Bento, a Câmara dos Deputados é dissolvida por decreto do major Sidónio Pais, que simultaneamente destituiu o PR Bernardino Machado e o intima a sair do País; por essa ocasião, os maçons ex-ministro da Guerra general Norton de Matos¹ e comandante da Divisão Naval de Defesa capitão-de-fragata Leote do Rego, já haviam procurado refúgio num navio britânico fundeado no estuário do Tejo; quanto ao chefe de governo Afonso Costa e seu MNE Augusto Soares, regressados de Paris foram presos no Porto.

- «A Junta [troika militar] Revolucionária constituída por Sidónio, Machado Santos e Feliciano da Costa, impôs a Bernardino Machado a renúncia à presidência da República. [...] O governo teve de aceitar a derrota ao cabo de 60 horas de luta, em que a Marinha fôra o principal esteio do governo democrático. Os recontros haviam sido mais ásperos que no "14 de Maio" e as baixas, só do lado governamental, ascenderam a mais de 100 mortos e cerca de 500 feridos. [...] No rescaldo da revolução, a turba assaltou e destruiu residências e escritórios dos mais notórios vultos democráticos. [...] A Junta foi substituída por um ministério formado pelos [3] membros da própria Junta, outro militar [major João] Tamagnini [de Sousa] Barbosa² e 5 [unionistas] civis.»³

- «Uma revolução chefiada por Sidónio Pais depunha o governo de Afonso Costa e instituiu a ditadura, presidida por um chefe que trouxe ao CEP uma difícil existência. Para França, aquela substituição do governo por um elemento que se elevava ao mais alto cargo da Nação portuguesa, com poderes dictatoriais absolutos, impressionava desagradavelmente aos nossos Aliados. Estes viam nesta brusca mudança de governo uma alteração da política de Portugal perante a guerra, além da desconfiança das tendências germanófilas [!?] de Sidónio Pais por ter sido representante diplomático de Portugal em Berlim. As preocupações atingiam as esferas governamentais dos Aliados pois, dada a crise de efectivos, Portugal tinha prometido enviar, pelo menos, 2 Divisões para França [que na realidade embarcaram para a Flandres, mau grado o facto de] durante o ano de 1917, o número de navios que o governo britânico prometera para transportar para França as tropas do CEP, foram sucessivamente reduzidos até não restar nenhum. Por consequência, não foi possível expedir para França os reforços indispensáveis para recompletar os efectivos do CEP, desfalcado em baixas pela prolongada demora no regresso a França de oficiais em licença em Portugal, e de muitos que foram chamados oficialmente e não voltaram.»⁴

Dois dias depois, o major Sidónio Pais assume a chefia provisória do Estado e do Governo, dando início à primeira experiência de república presidencialista⁵.

- «Apesar das palavras de louvor aos soldados na guerra, que Sidónio Pais dirigiu na proclamação do novo Governo ao País, o certo é que as suspeitas dos Aliados não eram infundadas. [Sensível às pressões do comando britânico, logo em 10Dez1917 o comandante-chefe do CEP] *general Tamagnini de Abreu dirigiu ao chefe-de-gabinete do ministro da Guerra* [i.e, ao chefe da repartição do gabinete da nova secretaria de Estado da Guerra], *uma nota confidencial em que expunha os inconvenientes do aumento de 15 para 20 dias, do período de licença de campanha. [...] A agravar a situação, sucediam-se os telegramas que mandavam regressar à Metrópole oficiais, assumindo proporções tais que o general Tamagnini acabou por as não cumprir. [...] Do dia 11 a 12 de Dezembro de 1917, as 2 Divisões portuguesas foram guarnecer os sectores de Ferme-du-Bois, Neuve-Chapelle, Fauquissart e Fleurbaix.»*⁶
- «A intervenção portuguesa neste conflito [Grande Guerra] veio acentuar a instabilidade política, as dificuldades económicas e financeiras, e a agitação social. Logo em finais de 1917, a direita e os não intervencionistas apoiaram um golpe militar colocando no poder o major Sidónio Pais, que [até 05Mai18] governou em ditadura.»⁷
- «Os ministros passaram a chamar-se secretários de Estado e o presidente dirigia pessoalmente o Governo.»⁸

Tendo o Exército português mobilizado há 1 ano grande parte dos seus efectivos para a frente da guerra ocidental europeia, os sucessivos governantes têm vindo a alimentar a ilusão de, apenas por aquele facto, haver concretizado um dos principais objectivos do seu programa político: alcançar o tão almejado *prestígio internacional*, consolidando a jovem República. Como consequência imediata desta «*revolução sidonista*», a situação interna deteriora-se tão rapidamente que - em conjunto com as dificuldades de transporte levantadas pela Inglaterra -, leva à não concretização da substituição das tropas portuguesas nas trincheiras da Flandres e à interrupção dos respectivos reabastecimentos.

- «O governo de Afonso Costa foi derrubado por Sidónio Pais, o qual, apesar de demasiado absorvido pela situação interna, se empenhou em reorganizar o CEP. Entretanto, aliás, o aparecimento no País de um epidemia de tifo levou os Aliados, já então reforçados [desde 23Out1917] pela participação de tropas norte-americanas, a desinteressar-se completamente da presença de tropas portuguesas em França.»⁹

¹ (em 18Jan1919 ressurgiu em Versalhes, integrado na primeira delegação portuguesa à Conferência de Paz); ² (nascido em 1883); ³ (Mascarenhas);

⁴ (Araújo Pinto); ⁵ (nos meses seguintes altera a Constituição, suspende anteriores decretos sobre o ensino, extingue organismos ministeriais e cria outros, restitui ao serviço funcionários até então afastados e suspende restrições à imprensa); ⁶ (Araújo Pinto); ⁷ (Moreira e Pedrosa); ⁸ (Adelino Cunha);

⁹ (Mascarenhas)

1917 - Dezembro.13 (5ªfeira lua-nova)

No sector português da Flandres, após barragem da artilharia Aliada, uma patrulha do BI4 interna-se em território inimigo e o alferes miliciano David Neto, ajudado pelo seu ordenança, logra capturar uma patrulha alemã constituída por 1 oficial e 7 praças.

Entretanto chegam à baía de Porto Amélia navios de transporte ingleses, de onde é iniciado o transbordo da coluna Aliada, que ali vai ficar baseada sob comando do coronel Rose.

- «Embora cooperassem na defesa da nossa Colónia, não ficavam subordinadas ao Comando português. O plano de campanha dos Aliados era cercar os alemães, que se mantinham ao centro dos territórios da Companhia do Niassa entre os rios Rovuma e Lúrio.»¹

Dois dias depois em Brest-Litovsk, o chefe da delegação da Rússia anuncia a conclusão das negociações do armistício com a Alemanha, pelo que o seu país vai retirar-se da guerra.

Menos de 48 horas decorridas, de Lisboa larga rumo ao Lobito um navio com a 2ª Companhia Expedicionária a Angola, que irá ficar estacionada no planalto central em serviço de policiamento.

¹ (Araújo Pinto)

1917 - Dezembro.21 (6ªfeira)

Em Brest-Litovsk é assinado o tratado de paz entre a Rússia e a Alemanha.

- «Em 22 de Dezembro, o sector de Fleurbaix foi guarnecido por forças britânicas. Intercalou-se Chapigny entre os sectores [portugueses] de Neuve-Chapelle e Fauquissart, assim ficou mais curta a frente que no total media 11km.»¹
- «Durante o ano em curso, o Corpo Expedicionário Português tomou o seu lugar no fogo e durante muitos meses guarneceu um sector da frente britânica. Embora não tenham sido empenhados nas ofensivas principais, os oficiais e praças do CEP, no decurso de uma quantidade de raids e de acções secundárias, mostraram-se bravos e úteis soldados.»²

Seis dias depois na região de Vila Real, durante a madrugada de lua-cheia a igreja de Avelada é assaltada e saqueada. A persistente *agit-prop* anticlerical dos maçons republicanos e seus camaradas jacobinos extremistas, os sistemáticos assaltos e depredações nas igrejas, a continuada participação de soldados portugueses na frente de guerra na Flandres - e também a *Revolução Bolchevik* na Rússia -, intensificam o fervor patriótico, as manifestações de fé católica em geral e do culto mariano em particular. Sucede-se na imprensa portuguesa uma intensa campanha *antibolchevik*, visando principalmente Lenine presidente do *Soviete de Petrogrado* e seu *tovaritch* Trotsky.

¹ (Araújo Pinto); ² (Douglas Haig, comandante-chefe britânico, relatório de 25Dez1917)

1918 - Janeiro.6 (Domingo de Reis)

No estuário do Tejo, um grupo de marinheiros da guarnição do cruzador *Vasco da Gama* - sediciados por oficiais maçons -, amotinam-se e tentam uma acção contra-revolucionária.

- «Foram anuladas as decisões mais arbitrárias do governo vencido, mas houve a má ideia de humilhar a Marinha, fazendo-a desfilar desarmada na parada comemorativa da vitória: o que provocou 2 tentativas de rebelião de marinheiros, imediatamente dominadas.»¹
- «Além destes factos que afectaram a vida do CEP ao longo do ano de 1918, outros não menos graves alteraram profundamente a sua estrutura orgânica. Entre eles, a exoneração do general Abel Hipólito comandante-geral da Artilharia [do CEP e do CAPI], e do coronel Roberto Baptista chefe do Estado-Maior do CEP. [...] A instrução especial a que foram sujeitos os artilheiros portugueses, com a utilização da possante artilharia de costa adaptada à marcha e ao tiro sobre vagons de caminho-de-ferro, mereceu os maiores elogios dos chefes franceses. [...] Teve a artilharia do CEP como seu primeiro chefe superior, o comandante-geral general Abel Hipólito até Janeiro de 1918, acompanhado pelo seu braço-direito o coronel Bernardo de Faria e Silva. [No entanto] o governo britânico nunca lhe forneceu o material necessário para armar as baterias do Corpo, e nunca pôde funcionar colectivamente como força integrada do CEP. [...] Londres não desistira de alterar a organização do CEP a seu favor, atitude repelida com vigor [em 01Out1917] pelo então ministro da Guerra, Norton de Matos. Após a queda do Governo que repudiou as suas propostas, Londres "atacou" agora sobre o novo Governo, sugerindo [...] que as forças portuguesas fossem organizadas em 2 Divisões, uma [a 2ª] na linha e outra [a 1ª] na retaguarda, constituindo esta um centro de instrução: a 1ª [formada a 4 brigadas de infantaria] seria comandada por um general português [Simas Machado depois substituído por Gomes da Costa], que ficava sob o comando do Corpo do Exército britânico; a 2ª ficaria sob as ordens directas do general [Tamagnini de Abreu] comandante do CEP; finalmente, manifestava Londres o desejo de agregar a cada batalhão ou unidade portuguesa um oficial britânico. Esta foi a proposta do [major-]general Barnardiston de [6 e] 11 de Janeiro, a Sidónio Pais.»²

Dois dias depois em Petrogrado, os soviets iniciam os trabalhos da Assembleia Constituinte mas pouco depois o local é invadido por bolcheviks armados que, a mando de Lenine, declaram terminada a sessão.

- «A nova Assembleia Constituinte acabada de eleger [?], teve a sua primeira e única reunião em Petrogrado (antiga São Petersburgo) em 8 desse mês. [...] Lenine mandou dissolvê-la pelas suas milícias logo no dia da abertura quando foi votada uma moção que repudiava, por irregular e usurpador, o governo instituído pelo mesmo Lenine pouco antes. E este passou a governar em dictadura, sem mais preocupações com assembleias constituintes.»³

Decorridas menos de 48 horas, em Lisboa o governo provisório sidonista dissolve por decreto todos os corpos administrativos e ordena aos governadores civis a nomeação

de comissões, que vão substituir as respectivas Juntas Gerais, Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia.

- «*Em 3 de Janeiro de 1918, a província de Angola é dividida em 10 distritos: em regime civil os de Luanda, Congo, Cuanza-Norte [desde o noroeste confinante com o litoral e a fronteira norte], Cuanza-Sul, Benguela e Moçâmedes [confinantes com o litoral]; em regime misto o da Huíla [desde o planalto sudoeste à respectiva fronteira]; e em regime militar os da Lunda, Moxico e Cubango [todos confinantes com as fronteiras nordeste, leste e sudeste-sul].*»⁴
- «*A autoridade moral de Sidónio Pais impôs-se fulminantemente e o seu prestígio reforçou-se nas visitas que, em Janeiro de 1918, efectuou ao norte e ao sul do País.*»⁵

¹ (Mascarenhas); ² (Araújo Pinto); ³ (Gonçalves Ferreira); ⁴ (Milheiros); ⁵ (Mascarenhas)

1918 - Janeiro.15 (3ªfeira)

Chega ao porto de Brest o vapor *Rome*, de onde desembarca o 2º contingente do CAPI formado por 50 oficiais e 500 sargentos e praças, que imediatamente seguem de comboio para Beauvais a fim de se juntar na frente da Flandres aos restantes artilheiros portugueses, ficando assim aquele CAPI com um efectivo total de 70 oficiais QP e milicianos, e 1258 sargentos, cabos e soldados, sob comando do tenente-coronel Tristão da Câmara Pestana.

- «*A 27 [de Janeiro, de Lisboa o chefe do governo provisório e ministro interino da Guerra major Sidónio Pais, respondia ao major-general britânico Barnardiston] comunicando-lhe que as propostas [apresentadas em 6 e 11 desse mês] tinham sido aprovadas pelo Governo da República. A este trato fôra estranho o comando do CEP, que apenas teve conhecimento dele a 26 de Janeiro por telegrama do Ministério da Guerra. [...] O general Tamagnini veio a Lisboa conferenciar com o Governo. Contudo, foi uma perda de tempo pois estava perante um facto consumado. A 2 de Fevereiro, chegava às mãos do general Simas Machado, comandante-interino do CEP, a cópia dos ofícios [de 6 e 11Jan1918] do [major-]general Barnardiston e a nota aprovativa [de 21Jan1918] do Ministério da Guerra português. [...] Nessa altura as duas Divisões tinham a seu cargo a defesa da frente constituída pelos sectores de Ferme-du-Bois, Neuve-Chapelle e Fauquissart. Naquelas circunstâncias, o comando britânico não julgou oportuno modificar de momento a organização das tropas portuguesas.*»¹
- «*Ao governo do sr.Sidónio Pais, os ingleses propuseram a redução [de 12 para 6km] da nossa frente [na Flandres]. Não haveria senão que aceitar essa proposta, aceitá-la imediatamente porque ela nos permitia remediar um grave erro de início. Como disse [em 1925] o general Gomes da Costa: “As unidades que se achavam na frente, não tinham os comandos que deviam ter e em quase todas elas faltavam os homens numa percentagem que atingia 50%, em relação a algumas. Para mais, toda essa gente - inibida de repousar por não haver quem a substituísse -, encontrava-se num estado lastimável de fadiga, sendo quase inconcebível que a fortaleza de ânimo suprisse nela o esgotamento físico”.*»²

¹ (Araújo Pinto); ² (Camacho)

1918 - Janeiro.23

No Vaticano o Papa Bento XV «*aprova o culto do Beato Nuno de Santa Maria,*¹ *na vida profana Dom Nuno Álvares Pereira*»².

- «*Para o Condestável antepunha-se a tudo o interesse do povo português, de cujos instintos profundos se sentia irmanado, e defendê-lo de Castela constituía a sua missão suprema. Como guerreiro era chefe e os demais, mesmo os velhos e experientes, aceitavam-no “naturalmente” nessa qualidade. [...] Sempre se houve com heroísmo e honra no campo da luta como capitão, em negociações políticas como plenipotenciário, em expedições de África como soldado de um reino em ascensão. [...] Haviam-lhe medo os pequenos e receio de o anojár os fidalgos e cavaleiros, mas depois da luta por encobertos modos e graciosos gestos procurava maneira de emendar os rigores de que tivesse usado. Não tinha cobiça e das presas de guerra nenhuma guardava para si.*»³

¹ (em 15Ago1423 ingressou como “donato” no convento da Ordem dos Carmelitas em Lisboa, onde faleceu em 01Nov1431); ² (fasc. “Os Papas”);

³ (Fernão Lopes, “Crónica de Dom João I”)

1918 - Fevereiro.5 (3ªfeira)

Em Petrogrado, o *Præsídium dos Sovietes* decreta a separação entre o Estado e a Igreja.

Quatro dias depois, é anunciado que a Ucrânia e a Alemanha acabam de assinar um tratado de paz.

1918 - Fevereiro.18 (2ªfeira)

No sector português da Flandres, militares do CEP no subsector de Neuve-Chapelle capturam 2 soldados da infantaria alemã do «269º RIR da 81ª Divisão, que fizeram interessantes revelações quanto às intenções do comando alemão naquela frente»¹.

- «Em Fevereiro de 1918 o CAPI foi incorporado no CEP, para reforçar a artilharia pesada da frente britânica.»²

¹ (Araújo Pinto); ² (idem)

1918 - Fevereiro.23

Em Lisboa, o governo provisório sidonista revoga parcialmente a Lei da Separação entre o Estado e a Igreja, restituindo ao clero «parte dos seus poderes nas questões referentes ao culto».

- «É alterada a lei da separação entre a Igreja e o Estado.»¹

- «Em Fevereiro o governo publicou um decreto de reforma da Lei da Separação, que atenuava ou até anulava as suas disposições mais sectárias. [...] A seguir foi remodelado o ministério, dele saindo os elementos [5 civis] unionistas, substituídos por independentes como Forbes Bessa, [o caboverdeano José Nosolini] Pinto Osório [Silva Leão e o seu conterrâneo advogado] Martinho Nobre de Melo. [O major Sidónio Pais cessou as funções interinas de secretário de Estado da Guerra que passam a ser desempenhadas por Álvaro Mendonça e o comandante José] Carlos da Maia assumiu a pasta da Marinha. E logo foi publicada a legislação sobre as futuras eleições [marcadas para domingo 28 de Abril] e a composição do parlamento.»²

¹ (Adelino Cunha); ² (Mascarenhas)

1918 - Março.1 (6ªfeira)

Na frente de trincheiras portuguesas da Flandres, ocorre uma remodelação na chefia da 2ª Divisão, ficando o coronel Gomes da Costa indigitado para a comandar, enquanto no OG de Saint-Venant o CEM coronel de cavalaria Roberto da Cunha Baptista é substituído pelo coronel João José Sinel de Cordes.

Dois dias depois em Brest-Litovsk, é assinado um tratado de paz entre os *bolcheviks* e as potências centrais da Europa.

Passados quatro dias, em Bucareste é assinado um tratado de paz entre a Roménia e a Alemanha.

Entretanto no molhe portuário de Ponta Delgada, é instalada pelos EUA uma base para hidroaviões *Curtiss*, com autorização do governo provisório que nomeia o general Simas Machado¹, ex-comandante da 2ªDiv/CEP na Flandres, para exercer funções de alto-comissário da República naquele arquipélago.

- «Em 8 de Março de 1918, [na floresta dos Dembos angolanos] são definidos no Encoje os limites do posto do Quitexi.»²

¹ (em Mar1919 regressa a Lisboa para comandar a 6ª Divisão do Exército; em Set1921 comandante da 5ª Divisão; depois membro do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, e presidente de honra da Comissão Central dos Padrões da Grande Guerra; em Dez1925 ser-lhe-á entregue o comando da 1ª Divisão, cargo a que renuncia após o *putsch* de 28Mai1926; virá a falecer em 16Mar1927); ² (Milheiros)

1918 - Março.9 (sábado vésperas de lua-nova)

Na frente pantanosa das trincheiras da Flandres, os militares da 1ª/BI21-2ªDiv executam ordens do Estado-Maior do CEP e no sector de Ferme-du-Bois, levam a cabo uma sucessão de ataques contra trincheiras de observação avançada alemã, logrando a destruição de abrigos bem como a captura de prisioneiros e material.

- «O coronel Sinel de Cordes [...] procurou de imediato uma solução que mantivesse o Corpo do Exército Português como até ali, alterando pouco o acordo de [21 de] Janeiro entre os dois governos [britânico e português], mas salvaguardando os preceitos basilares da Convenção Militar de [3 de Janeiro de] 1917. Desta nova combinação saiu a feliz decisão de substituir pelas forças [das 50ª/55ª

Divisões] britânicas, grande parte das portuguesas [da 2ª Divisão] que na retaguarda gozariam um justo e merecido repouso.»¹

¹ (Araújo Pinto)

1918 - Março.14 (5ªfeira)

No sector português de Ferme-du-Bois, tendo à sua esquerda o BI9 e à direita o BI28, o contingente do BI34 ocupa na 1ª linha a esquerda do subsector II com as 3ª e 4ª companhias a guarnecer respectivamente os lados esquerdo e direito, a 2ª em apoio a Guards Trench e a 1ª na reserva. Às 04:00 a artilharia alemã responde ao recente ataque português e faz fogo sobre o citado subsector II, alvejando sucessivamente a esquerda da 1ª linha até à Linha das Aldeias passando pelas Cokspur e Mole Streets. Às 04:30 surge frente à 1ª linha a infantaria alemã, que durante a hora seguinte tenta o assalto mas não logra sucesso.

Dois dias depois a 1ª Bateria do 1º Grupo do CAPI, com a sua peça de 32cm montada num vagão ferroviário na posição de Soupir, pela primeira vez abre fogo «a 18km contra as baterias inimigas, saindo-se bem sucedida»¹.

Passados três dias, no sector de Neuve-Chapelle cabe aos militares do BI14 levar a efeito ataques contra as linhas alemãs, repetindo o sucesso da anterior ofensiva da infantaria portuguesa.

¹ (Araújo Pinto)

1918 - Março.21 (5ªfeira)

Na frente de batalha do Somme, as tropas alemãs iniciam uma ofensiva em larga escala com 42 Divisões contra as linhas de La Fère e Fontaine-les-Croisilles. Tropas portuguesas que iam ocupar posição na Linha das Aldeias, desabrigada e sem posições de defesa, são atingidas por granadas e bombas de gás-mostarda.

- «Ao sul de Arras caíram granadas [da artilharia alemã perto do QG do CEP] em Saint-Venant, tendo como objectivo a linha férrea e os depósitos próximos. Foi [o ataque inimigo] executado por quatro exércitos alemães, mas apenas o de San Quentin realizou progressos assinaláveis, os outros não atingiram os seus objectivos.»¹

No dia seguinte em Lisboa, é finalmente publicado um decreto com instruções para rendição do pessoal do CEP em serviço na Flandres.

¹ (Araújo Pinto)

1918 - Março.25 (2ªfeira anterior à Páscoa)

No noroeste da França, a ofensiva das 42 Divisões do exército alemão logra passar as linhas defensivas das Divisões britânicas em Péronne, Nesle e Chaumy.

- «O Governo não tinha feito o envio mensal de 4 mil homens para França durante os meses de Setembro, Outubro e Novembro, nos termos da convenção estabelecida [em 03Jan1917] com a Inglaterra. Mas também esse envio se não fez nos meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro, governando já os homens que tinham sucedido aos “democráticos” no Poder. Por ser impossível fazê-lo? Nesse caso, mais uma razão para se aceitar a redução [de 12 para 6km], proposta [pelos ingleses] aos “democráticos” e aos que se lhes seguiram na governação do Estado, tendo da banda uns e doutros o mesmo [não] acolhimento. A insofismável verdade é que, meses depois da revolução que afastou do Poder os “democráticos”, nós ocupávamos na frente ocidental um sector de 12 quilómetros que não podíamos guarnecer devidamente, sector criado como meninos brincando aos soldados em campanha.»¹

E no dia seguinte em Doullens, o PM francês Georges Benjamin Clemenceau² e o representante do governo britânico Lord Alfred Milner³ assinam um acordo, que estabelece para a Frente Ocidental o comando-supremo Aliado sob as ordens do general francês Ferdinand Foch⁴.

- «A ofensiva alemã de 21 de Março retardou a transferência [prevista no mês anterior, para que o CAPI se incorporasse no CEP] e o CAPI estava inactivo numa altura em que a frente sofria um violento ataque. Desta forma, o coronel Câmara Pestana transmitiu ao comando francês o desejo do

CAPÍ de querer contribuir para a vitória dos Aliados. O [inspector-geral da artilharia francesa] general Herr, a par daquela vontade, acordou com o Governo português que junto do exército francês ficava o 1º Grupo do CAPÍ comandado pelo major Luciano Cordeiro, e o restante do Corpo partia [em 10Abr1918] para o Havre onde embarcaria para Inglaterra. [...] Entretanto desencadeou-se a grande ofensiva alemã ao sul de Arras, o que fez deslocar as forças britânicas de Armentières para a Somme impossibilitando a rendição, prevista para 27 de Março, das nossas tropas.»⁵

Menos de 12 horas decorridas, na madrugada de lua-cheia, a alargada ofensiva alemã consegue ultrapassar em Albert, Montdidier e Noyon as trincheiras das 17 Divisões britânicas, até que a sua progressão é finalmente barrada ao longo do dia pela intervenção dos exércitos aliados sob comando do marechal Foch.

- *«Na guerra europeia de 1914-18, de início quase toda a gente acreditou numa vitória relâmpago do exército alemão, em virtude dos exércitos aliados agirem “democraticamente”, isto é: cada exército dos diversos países agiam de ‘motu próprio’ com os diversos comandos separados. Só depois é que se reconheceu que tal sistema “democrático” os conduzia à inevitável derrota e o sistema “democrático” teve de ser posto de parte e substituído pelo Comando Único de todos os exércitos aliados, inicialmente confiado ao marechal Joffre e depois entregue ao marechal Foch.»⁶*

¹ (Camacho); ² (nascido em 28Set1841; em 1898 fundou o diário “L’Aurore” para ajudar a causa do deportado capitão do exército Alfred Dreyfuss (nascido a 09Out1859), que em 22Dez1894 havia sido julgado sob acusação de ter vendido segredos militares à Alemanha e condenado a degredo na Ilha do Diabo na Guiana Francesa; no citado jornal, o escritor Émile Zola publicou o seu artigo “J’Accuse”; em 1913 fundou outro jornal intitulado “O Homem Livre”, no qual publicou editoriais avisando para os perigos de guerra com a Alemanha; em 1914 o jornal foi interdito mas pouco depois reapareceu sob o título “O Homem Engaiolado”; em 1917 aceitou a nomeação para chefiar o governo; em 1919 irá presidir em Versalhes à Conferência de Paz); ³ (antigo alto-comissário britânico na África do Sul, em 1909 opôs-se ao orçamento do ministro das Finanças Lloyd George; mas a partir de Dez1916 integrou o governo chefiado por aquele, tomando parte em actividades civis relacionadas com a guerra); ⁴ (nascido em 02Out1851 em Tarbes no sul de França, filho de um advogado; em 1871 ingressou na Escola Politécnica do Exército, onde concluiu o curso de Artilharia e entrou para a Escola de Guerra; em 1894 promovido a major instrutor daquela escola; em 1901 passou a servir como oficial de linha no Exército; em 1907 nomeado comandante da Escola de Guerra; em 1912 promovido a comandante do 8º Exército e seguidamente comandou o 20º Exército; em 01Ago1914 nomeado comandante do 9º Exército e logo a seguir conseguiu deter na Batalha do Marne o avanço alemão sobre Paris; mais tarde, o seu comando em Ypres logrou manter os portos franceses do Canal da Mancha na posse dos Aliados; em 1917 nomeado CEM do Exército francês e desde o corrente é comandante-supremo das Forças Aliadas; sob a sua autoridade, será detida na Flandres a primeira grande vaga alemã; em 18Jul1918 vai abrir uma contra-ofensiva e em 07Ago1918 será promovido a marechal, não parando o contra-ataque às tropas alemãs até que estas peçam o armistício; após a guerra servirá o governo francês como conselheiro; virá a falecer em 20Mar1929 em Paris); ⁵ (Araújo Pinto); ⁶ (Juvenal)

1918 – Abril.2 (3ªfeira seguinte à Páscoa)

Em Saint-Venant, o CEM do CEP coronel Sinel de Cordes envia do seu quartel-general, para o CEME general António Rodrigues Ribeiro, o seguinte telegrama:

- *«Informo Corpo ficou responsabilidade sector incluindo linha principal devia ser guarnecida duas brigadas britânicas. Efectivos batalhões reduzidos metade falta quadros parte quais ficam Portugal vários pretextos, falta solípedes correndo risco perda quase totalidade material, deficiência oficiais Estado Maior estando repartições reduzidas um oficial. Situação difícil e perigosa, impossível assim cumprir com decôr Exército português missão confiada Corpo crescendo circunstância homens esgotados fisicamente moral deprimido visto não irem licença contrário oficiais foram e ficaram. Material artilharia fatigado. Faltam camiões transportes já pedidos Ministério Guerra sem resultado algum.»*

Dois dias depois, é a vez do próprio comandante-chefe do CEP general Tamagnini de Abreu expedir para a repartição do gabinete de Álvaro Mendonça, novo secretário de Estado da Guerra, o seguinte telegrama:

- *«Informo hoje ordenou-se rendição uma das brigadas frente a fim marchar retaguarda. Brigada devia entrar linha insubordinou-se declarando não querer ir frente visto terem prometido irem retaguarda, alegando não virem reforços nem darem licenças, que oficiais iam licença e eram substituídos enquanto eles ficavam, que Alemanha tinha declarado guerra Portugal e não só duas divisões aqui. Apenas 2 batalhões incompletos entraram linha. Movimento partiu infantaria 7 contaminando infantaria 23, 3, 24 este último menos que dois anteriores. Infantaria 35 fazendo parte mesma brigada entrou quase totalidade linha. Tive expôr situação Exército britânico pedindo rendição toda 1ª Divisão mas não há força para rendição imediata. Lamentando este facto cujas responsabilidades vou mandar apurar julgo indispensável dissolução infantaria 7 ou seu embarque Brest destino Moçambique directamente. Urge voltem imediatamente oficiais preencher vagas aliás receio factos análogos ocorram outras brigadas.»*

- *«Agravava-se desta forma a situação do CEP, quanto à deplorável falta de efectivos – e o desespero dos praças sem os seus antigos oficiais –, o que contribuiu indubitavelmente para enfraquecer o moral e aumentar a insubordinação, como a registada em 4 de Abril. Também destes males se ressentiu o [CAPÍ] Corpo de Artilharia Pesada Independente, que tinha em Portugal [no gozo de*

licença até Mai1918]: 3 capitães, 13 [oficiais] subalternos, 2 médicos, 12 sargentos, 29 cabos e soldados. Assim os Comandos responsáveis, que em França estavam à frente das tropas portuguesas, viam-se entre dois dilemas: ou continuar a conceder licenças merecidas e necessárias, mas enfraquecendo cada vez mais as tropas; ou sacrificar aqueles que as não tinham gozado ainda, privando-os de um direito que as leis concediam. [...] O Alto Comando alemão, em finais de Março [...] reconheceu que lhe era indispensável aproveitar o desgaste produzido nos adversários [...] Tentar a deslocação do centro de gravidade das forças franco-britânicas para a região de Amiens, e encetar num outro sector a batalha decisiva que se não dera em Março. Este sector só podia ser a Flandres, para o qual já tinham um plano de ataque estudado. [...] Apesar da sua força ofensiva que se apresentou já enfraquecida, os alemães tentaram a 4 de Abril um novo plano: partir de Albert e envolver Amiens pelo norte.»¹

¹ (Araújo Pinto)

1918 - Abril.6 (sábado)

Em Londres, o embaixador português Augusto de Vasconcelos¹ responde à questão da ausência de embarque dos reforços para o CEP na Flandres, enviando para o MNE em Lisboa o seguinte telegrama:

- «É completamente impossível obter navio para transporte de tropas. Governo inglês tem comprometido todos os seus navios transportes com Estados Unidos da América e Canadá por mais de três meses, sabendo que de lá vêm homens e material. Por mais instâncias que se realizem nada se obterá. Pedirei documentos escritos em que fique expressamente declarado pelo Governo inglês que essa concessão não nos pode ser feita apesar nossas vivas instâncias. Sobre navios carga é possível se obtenha alguma coisa mas não poderá ser larga a concessão neste momento. Antes da grande ofensiva teríamos conseguido cerca de cinquenta mil toneladas. Agora não podemos contar com isso.»

Enquanto isso na Flandres, o comando-chefe das tropas invasoras alemãs decide virar-se para a Frente de Ypres e La Bassée, que se encontra atribuída ao sector defensivo anglo-português, ultimando os seus preparativos para mais uma pesada ofensiva com a seguinte ordem de batalha: «Atacar de um e outro lado de Armentières a ala norte inglesa, formando saliente para leste e provocar a sua derrocada, avançando na direcção geral de Hazebrouck».

- «No boletim [das 08:00] de 7 de Abril, continua a notar-se [na Linha de vigilância-A] movimento superior ao normal, tanto nas trincheiras [alemãs] de comunicação da zona da frente, como nas estradas à retaguarda da 2ª linha inimiga. Os observadores [da 2ª Divisão do CEP] dos sectores de Fauquissart e Neuve-Chapelle, localizaram um oficial na Distillery com uma carta desdobrada, olhando para as nossas linhas atentamente e tomando apontamentos. O transporte de volumes e o movimento de viaturas, [da retaguarda inimiga] de Aubers para as linhas e vice-versa, e o vaivém anormal e contínuo de vagonetas nos Decauvilles (principalmente em Fauquissart Road), continua a ser notado. Segundo as informações do boletim [das 08:00] de 8 de Abril, em frente da nossa esquerda o inimigo parece ter completado os seus preparativos, pois o movimento pode considerar-se quase normal. No centro e na direita é que se notou grande movimento de homens equipados em torno de Aubers, e de carros e camiões em La Cliqueterie Farm. A Mitzi Trench parece ter sido fortemente ocupada, tendo sido vistos avançar para ela grupos de inimigos rastefando. Em frente da nossa direita (Ferme-du-Bois), o movimento de homens e viaturas foi maior, principalmente na estrada de La Bassée e na de Lorgies, nos dois sentidos, tendo sido muito intenso pelas 12 horas [de 07Abr1918]. Também nos últimos tempos os nossos observadores notavam muito insistentemente trabalhos em reparação e colocação de fios. A actividade aérea do inimigo mostrava-se de uma insistência estranha sobre as nossas linhas, voando alguns aeroplanos de reconhecimento bastante baixo.»²

- «A zona em questão - La Bassée-Armentières, a chamada frente de Neuve-Chapelle [defendida por uma parte da 2ª Divisão do CEP] -, era um sector relativamente calmo, onde a actividade se reduzia a recíprocos bombardeamentos e incursões do adversário. A configuração topográfica e a natureza do terreno, sempre alagado, contribuiu para tranquilizar o comando britânico que julgou pouco provável uma ofensiva de grande envergadura. Tal descuido não passou despercebido ao comando alemão, que teve em conta o efeito surpresa do ataque [...], estudado ao mesmo tempo que a ofensiva do Somme que, apesar de não atingir o seu objectivo estratégico, obrigou o comando britânico a deslocar para sul forças importantes do agrupamento da Flandres. [...] No mesmo dia 6 o

[comandante do XI Corpo do exército britânico] *general Hacking, visitou a frente portuguesa onde detectou o estado de abatimento em que se encontravam as tropas portuguesas. Por este motivo deu ordens para que a [2ª] Divisão [comandada pelo recém-promovido general] Gomes da Costa se retirasse para Saint-Venant e, no dia 9 de Abril pela manhã, as forças da Divisão portuguesa que se encontravam nas linhas de defesa, seriam rendidas pelas tropas britânicas. [...] Foi só a 6 de Abril, perante [os anteriores] actos de indisciplina, que o comando britânico precipitou a rendição. [...] Mas proceder à rendição [anunciada] de tropas quando eram conhecidas as intenções do inimigo, foi um acto de indiscutível incúria. [...] O general Hacking, nas vésperas da batalha ordenara que “a Divisão deve morrer na linha B”: esta era a 2ª linha e traduzia-se no sistema defensivo mais avançado; das suas palavras entendia-se que se deveria resistir na linha B, a principal resistência do sistema. Era aqui que funcionava o contingente português e sobre ele recaía tão grande responsabilidade e sacrifício.»³*

No entanto dois dias depois, em Saint-Venant o comandante do CEP general Tamagnini de Abreu envia para a repartição do gabinete de Álvaro Mendonça, secretário de Estado da Guerra, o seu segundo telegrama do qual se destacam as seguintes informações:

- *«Primeira Divisão iniciou hoje movimento retaguarda; Segunda Divisão retira 9 da frente devendo constituir reserva Exército. Podem completar quadros 2ª Divisão mesmos elementos Primeira ou reforços, mas primeira hipótese impossível realizar aliás ficam tropas sem quadros na 1ª Divisão. É indispensável vinda imediata reforços oficiais, sargentos praças, bem como regresso pessoal licença.»*

Passadas algumas horas, nos sectores de trincheiras portuguesas corre célere a confirmação de que, durante a próxima manhã, a 2ª Div/CEP vai ser substituída, conforme a notícia do XIº Corpo britânico que autorizou a rendição portuguesa pela sua 3ª Brigada.

- *«A verdade é que chegámos a 9 de Abril nas mesmas condições em que estávamos em 5 de Dezembro, agravadas com a circunstância de ir sempre diminuindo o nosso efectivo de campanha, alguns homens mortos ou aprisionados em ‘raids’ - que são a eloquente prova do valor da nossa gente -, e um grandíssimo número afastado da frente por doença ou por fadiga.»⁴*

¹ (MNE 12Out-07Nov1911, chefe do Governo e MNE 13Nov1911-04Jun1912, e MNE 16Jun1912-06Jan1913); ² (Ferreira Martins); ³ (Araújo Pinto);

⁴ (Camacho)

1918 - Abril.9 (3ªfeira vésperas de lua-nova)

Na frente das trincheiras portuguesas da Flandres, esgotados por um ano em duras condições de serviço e recém-mentalizados para ser proximamente rendidos por tropas britânicas, aos primeiros alvares da madrugada os militares da 2ª Div/CEP não resistem à grande ofensiva alemã e, após alguns focos de combate dispersos, entram em colapso total sofrendo pesada derrota.

- *«A precária defesa auxiliar que nós representávamos antes de 5 de Dezembro - guarnecendo uma frente [de 12 quilómetros] que exigia o dobro do efectivo que tínhamos -, essa precária defesa já se convertera num perigo quando bateu a hora dos alemães nos atacarem a valer. Não é lícito a este respeito ter a menor dúvida, depois do general Gomes da Costa nos ter dito que a Divisão do seu comando, a da frente, “estava para ser rendida por uma Divisão britânica”, acrescentando que “pelo facto dessa esperada rendição, ao dar-se o ataque, estava tudo no ar”.»¹*

- *«O bombardeamento de artilharia [pesada alemã], iniciado pelas 04:15, incessantemente durante duas horas inutilizou a maior parte das ligações telefónicas aéreas. [...] Quanto à 3ª Brigada [britânica], a que deveria substituir a Divisão portuguesa, antes das 06:00 horas recebia ordens para ocupar a Linha das Aldeias, como determinava o plano de defesa de emergência elaborado pelo comando britânico; conseqüentemente, faltou ao general Gomes da Costa uma verdadeira reserva. [...] Ao fim de mais de 4 horas de incessantes bombardeamentos, a artilharia alemã tinha conseguido dismantelar de forma irreparável o sistema defensivo dos Aliados, entre o canal de La Bassée e Armentières. [...] Desta forma a infantaria alemã pôde passar a “Terra de Ninguém” numa extensão de quase 20km, lançando-se impiedosamente sobre as primeiras linhas de defesa sempre apoiada pela artilharia e morteiros, e bem “camuflada” pelo nevoeiro que favorecia o avanço. [...] Nessa manhã, quando o QG [do CEP em Saint-Venant] expedía a ordem para a rendição das tropas da Divisão, as primeiras rajadas da artilharia [ligeira] alemã iniciavam o ataque [seguido] da*

infantaria das 12 Divisões do exército de Von Quast, pelas 08:45 contra as três Divisões Anglo-Lusas na frente La Bassée-Armentières, em cujo centro, ocupado pela 2ª Divisão portuguesa, incidiu o principal peso do ataque. [...] O centro do ataque visava o sistema defensivo do sector português, nos pontos em que os flancos da Divisão portuguesa se ligavam às [duas] Divisões britânicas, para as isolar das segundas e dessa forma a esmagar; ou seja, conjugou os movimentos pelos flancos com um forte ataque frontal. [...] No sector português, a batalha resultava num conjunto de combates locais sem conexão alguma, onde se praticaram actos de grande valor mas inúteis. As tropas apenas restava, acompanhadas pela população civil, fugir à frente do inimigo. [...] Destacaram-se algumas baterias [do CAPI] pela sua acção louvável. A que mais se distinguiu em combate na batalha de 9 de Abril, foi a 5ª Bateria do 1º Grupo que, incorporada numa unidade britânica, se bateu com valentia só abandonando a sua posição [de Neuve-Chapelle] à aproximação do inimigo e depois de ter inutilizado o material, o que lhe valeu ser condecorada com a Cruz de Guerra de 1ª Classe. Também a 4ª Bateria do 1º Grupo recebeu a mesma recompensa pelos serviços que prestou durante o mês de Março de 1918, quando incorporada na unidade britânica do Corpo sob comando do general Vincent, em cooperação com o CEP.»²

- «A bravura desses soldados ficou imortalizada na célebre ofensiva alemã desencadeada na madrugada de 9 de Abril de 1918 (batalha de La Lys), em que os franceses e os ingleses, que nos flanqueavam respectivamente à esquerda e à direita, logo recuaram perante o ímpeto do inimigo.»³

As trincheiras defensivas guarnecidas pela 2ª Divisão portuguesa, são frontalmente atacadas pelo VI Exército de von Quast, que lança as suas primeiras 4 Divisões contra as defensivas 3 Brigadas (12 batalhões de infantaria) da 1ª linha, depois outras 4 Divisões contra a 2ª linha e finalmente 3 Divisões contra a 3ª linha. Ao primeiro embate, a 1ª linha resiste durante algum tempo à tentativa de ruptura, virando-se o esforço alemão para a frente do canal de La Bassée e do bosque Grenier, logrando com fogo-de-barragem separar as 1ª e 2ª linhas portuguesas, porém sem as romper. No entanto, o movimento retrógrado de algumas unidades britânicas permite que aquelas linhas de trincheiras portuguesas sejam envolvidas e aniquiladas. A Batalha de La Lys desenvolve-se em Ferme-du-Bois (onde cerca de 300 militares do CEP são logo aprisionados), Les Huit Maisons, Le Drumez, Bout-de-Ville (50 mortos e mais de 100 feridos após 4 horas de combates), Le Marais-Fauquissart, Lacouture e Cense-du-Raux. Durante a batalha morrem 2 oficiais de cavalaria: o tenente Alfredo Guimarães, nas trincheiras; e o alferes João Batista, em combate. Os militares do BI3 estão de reserva em Laventie, para reforço do BI29 colocado na Reed House junto a Fauquissart, onde o RI12 sofre 43 mortos enquanto na 1ª linha de Neuve-Chapelle a 2ª do RI13 é completamente aniquilada. Ao mesmo tempo as 1ª e 3ª do RI15, sob comando do tenente Tribolet, retiram para junto da 55ª Divisão britânica, seguindo o comando do batalhão para Lacouture, e 2 pelotões da 4ª do RI15 conseguem recuar para Les Huit-Maisons, enquanto pelotão e meio da 2ª do RI15 marcha para Richebourg Saint-Vaast, onde chega cerca das 09:30 sob comando do tenente Figueiredo e do alferes Andrade. Por essa ocasião em Cense-du-Raux, o comandante da 5ª Brigada de infantaria coronel Diocleciano Martins e todo o seu QG são aprisionados pelos alemães, o mesmo sucedendo ao comandante da 3ª Brigada coronel de infantaria CEM Felisberto Alves Pedrosa⁴. Entretanto em Laventie e em Lacouture, os restantes militares do RI15 e do RI13 opõem obstinada resistência - numa proporção de 1 português contra 6 alemães -, particularmente o RI13 que junto ao canal do Lowe (Les Lobes) fica envolto num círculo de ferro-e-fogo, onde se destaca a acção do capitão Bento Esteves Roma. Cerca do meio-dia, na Linha das Aldeias a 2ª do RI15 é atacada pelos alemães, sofrendo 37 mortos e 23 prisioneiros, entre eles o comandante tenente Gustavo Augusto Pires de Figueiredo (ferido com 3 balas de metralhadora), o alferes José de Miranda Andrade e os sargentos Santos e Silva.

- «O sector português da frente, situado na região pantanosa de La Lys, decerto por os alemães o consideraram mais vulnerável, sofreu a 9 de Abril de 1918 violentíssimo ataque que não pôde suportar, apesar da brava resistências que os nossos lhe opuseram. O desastre, em que muitos

homens se portaram com verdadeira intrepidez, custou 7 mil soldados e mais de 300 oficiais mortos ou aprisionados. [...] Vexames que as nossas tropas suportaram com autêntico e meritório estoicismo nas trincheiras da Flandres e na retaguarda em França, numa triste odisseia que muitos souberam superar com galhardia.»⁵

- «O comportamento dos alemães para com os seus prisioneiros de guerra, estava longe de respeitar as normas ditadas pelas convenções internacionais, tal como foi o seu procedimento na frente quando recorreram aos gases deletérios que, durante o conflito e depois dele, foram a causa de muita morte entre as forças aliadas. [...] Quanto aos [milhares de] prisioneiros [...], os soldados de Lacouture - após esgotar as condições para manter a sua resistência foram obrigados a entregar-se - , foram cruelmente tratados [entre eles 15 oficiais do BI8] ao longo da sua marcha em direcção aos campos, pois os alemães continuavam a descarregar sobre eles. [...] Mas a humilhação e sofrimento não ficava por aqui: chegados aos campos, era a fome e o frio que minavam os prisioneiros portugueses.»⁶

- «Por muito leigo que seja em coisas militares, alguém dirá que o “9 de Abril” teria para nós as consequências que teve, se - aceite a proposta dos ingleses -, tivéssemos reduzido a nossa frente, ganhando em profundidade, isto é, em resistência, o que perdíamos em extensão? Se quisermos fazer uma justa atribuição de responsabilidades, no que diz respeito à nossa participação na guerra, devemos primeiramente definir a situação militar à data [05Dez17] em que o Partido Democrático foi violentamente arreado do Poder, e considerar depois os factos subsequentes, decorridos desde então até agora. É preciso liquidar todas as responsabilidades, absolutamente todas, e só quem as liquidar honradamente terá autoridade para pedir ao País novos sacrifícios.»⁷

Dois dias depois, Armentières cai em poder das tropas alemãs.

¹ (Camacho); ² (Araújo Pinto); ³ (Diniz Ferreira); ⁴ (em 1915-17 comandante do RI1; em 1920-21 será governador militar de Lisboa); ⁵ (Mascarenhas); ⁶ (Araújo Pinto); ⁷ (Camacho)

1918 - Abril.13 (sábado)

Na área pantanosa da Flandres prossegue a maior ofensiva que, até à data, os exércitos alemães lançaram sobre a Frente Ocidental.

- «Apesar da derrota anglo-lusa na Batalha de La Lys ou de Armentières, os alemães não conseguiram, contudo, alcançar o seu objectivo estratégico de rodear as tropas britânicas da Flandres e empurrá-las para o mar. [...] Destacaram-se como exemplos de coragem e persistência, [...] a heróica defesa de Lacouture pelas forças de Infantaria 13 e 15 luso-britânicas, que se renderam apenas pelas 11:45 do dia 10 de Abril [...], e ainda a resistência luso-britânica [até à tarde do dia 11] nos postos de Le Drumez, Le Marais, Bout de Ville, Huit Maisons, La Fosse, Richebourg [e, até à manhã do dia 12, nos postos de] Les Lobes e Loisne. [...] A partida para o Havre do excedente do 1º Grupo [do CAPI] deu-se a 10 de Abril: a 1ª Bateria ficava em Mailly aguardando ordens; as 2ª e 3ª ficavam perto de Suippes, sob as ordens do IV Exército que operava na Champanhe. [...] Podemos afirmar sem reservas, que foram as tropas portuguesas [da 2ª Divisão] que lutaram renhidamente na batalha do 9 de Abril, onde tudo “jogaram” para a atrasar o mais possível o avanço alemão. [...] Após a batalha o comando britânico prolongou a resistência na Flandres, formando na retaguarda uma nova frente defensiva, de Lillers a Steenberg. Quanto às tropas portuguesas ou o que restava delas, gozaram um curto mas merecido repouso em Desvres-Samer. Partiram a 13 de Abril para a nova frente, especificamente as 1ª e 2ª Brigadas, onde se foram juntar às 14ª e 16ª Divisões britânicas.»¹

Entretanto em Londres, o embaixador Augusto de Vasconcelos recebe um telegrama do seu MNE, no sentido de responder ao homólogo britânico que o Governo português está em condições de satisfazer o anterior pedido inglês, para reforçar o CEP na Flandres com 10 a 15 mil homens, estando porém o seu embarque para Brest condicionado pela manifesta ausência dos navios de transporte prometidos pela Grã-Bretanha:

- «Tendo nós cedido aos Aliados tão grande parte dos antigos navios alemães, não se compreenderá aqui nem teria possível justificação, que nos faltassem agora os meios de acudirmos ao Corpo Expedicionário.»

- «No dia 16 seguiu [de Desvres-Samer] um batalhão da 3ª Brigada [da 2ª Div/CEP] para reforçar a 2ª; e em 26 um grupo de artilharia marchou para a zona Mazingarbes-Vermelles, para combater junto com a artilharia britânica. Ainda incluída nesta nova fase de defesa da Flandres, salientou-se a

colaboração de 2 companhias de sapadores-mineiros, 1 grupo de pioneiros e 1 secção automóvel de telegrafistas. Estava finalmente defendida aquela zona.»²

Dois dias depois atraca em Lisboa o paquete *Lourenço Marques*, regressado do nordeste de Moçambique com o Batalhão Expedicionário da Marinha.

- *«Em Abril foi constituído o Partido Nacional Republicano no qual se fundiu o Partido Centrista [liderado pelo dr. Egas Moniz], enquanto os unionistas [de Brito Camacho] se passaram para a oposição.»³*

Enquanto isso a norte de Namacurra⁴, uma companhia de caçadores indígenas, enquadrada por graduados metropolitanos, quando em marcha para ocupação e defesa da travessia do Licungo no Lugela, é surpreendida entre Munhiba e Mocuba por uma coluna invasora alemã, vinda do rio Lúrio sob comando do capitão Müller. Durante os combates as tropas portuguesas sofrem vários mortos, 1 capitão e 2 sargentos ficam gravemente feridos e 1 alferes é capturado pelos alemães, que prosseguem em direcção a Quelimane.

- *«Em meados de Abril de 1918, todas as forças inglesas [desde 13Dez1917] desembarcadas em Porto Amélia, ficaram sob comando do general Edwards. [...] Os portugueses [do contingente militar das Forças Expedicionárias] continuaram em Chomba [posto de etapas a sul de Mocimboa do Rovuma], e no rio Lúrio. Em Abril os alemães deslocaram-se para sul, depois de atravessar o Lúrio entraram em [território a 145km norte de] Quelimane onde supreenderam algumas forças portuguesas [junto ao terminal ferroviário de Mocuba]. Perante esta ameaça, os Aliados deslocaram-se para sul: o coronel Sousa Rosa deslocou o seu QG para Quelimane e o general Edwards transferiu o seu [de Porto Amélia] para [a ilha de] Moçambique. Os cruzadores Adamastor e Thistle protegeram a vila de Quelimane e os portugueses eram reforçados por um batalhão de três companhias indígenas inglesas. [...] O comando das forças aliadas coube ao tenente-coronel Brown, tinham sido guarnecidas por três companhias portuguesas e duas inglesas.»⁵*

- *«Lourenço Marques recebeu há dias, incorporados na expedição que vai para o Niassa, dois médicos de São Tomé, formados pelas escolas de Lisboa [Aires do Sacramento Meneses], e do Porto, com diploma e a patente de tenentes.»⁶*

¹ (Araújo Pinto); ² (idem); ³ (Mascarenhas); ⁴ (onde está instalado o grande depósito açucareiro da *Sena Sugar Estates*); ⁵ (Araújo Pinto);

⁶ (João Albasini, in "O Africano" 05Jun1918)

1918 - Abril.28 (domingo)

Em Portugal, as eleições gerais concedem esmagadora maioria aos sidonistas da República Nova.

- *«Abstendo-se os 3 principais partidos republicanos, a vitória sidonista foi completa: 136 parlamentares contra 45 monárquicos, 5 católicos e 5 independentes. Especialmente significativa foi a eleição de Sidónio para presidente, por mais de meio milhão de votos. [...] Dois meses antes [de 09Mai1918, o pedagogo e ensaísta] António Sérgio [de Sousa] - com Luís Reis Santos e o ilustre matemático Pedro José da Cunha - promovera a constituição da Liga de Acção Nacional que visava conseguir "a concórdia nacional". Mas todas estas diligências bem intencionadas vieram a naufragar nos proverbiais escolhos dos dissídios políticos, inclusivamente no congresso - tanto na câmara como no senado -, onde depressa vieram à tona divergências entre a própria maioria, a propósito de questões sem interesse de maior, mas sobretudo quanto à participação portuguesa no conflito europeu e sobre a reforma constitucional. Egas Moniz defendeu a solução presidencialista se bem que atenuada, ao passo que [o ministro major João] Tamagnini Barbosa se bateu pelo presidencialismo total.»¹*

- *«Sidónio Pais havia hostilizado os partidos, baralhado o jogo parlamentar e dado um novo alento aos monárquicos.»²*

- *«O Sérgio começou por ser monárquico. Pertencia à família Sérgio de Sousa, uma gente tradicional, era filho de um almirante [?] que foi governador da Índia. Oficial da Marinha, exilou-se para o Brasil para não servir a República e, como se dizia, "partiu a espada"... [...] António Sérgio integra também o coro de protestos contra a "dictadura do Partido Democrático". [...] Para além das extraordinárias qualidades intelectuais e morais, tinha defeitos difíceis de contornar. Fez um percurso político que, de início, tornou delicada a sua aceitação pelos homens da República. [...] O António Sérgio tinha de facto qualquer coisa de "parvinho", umas posições por vezes incompreensíveis, umas vaidades ridículas. [...] António Sérgio nunca teve a dimensão de generosidade pessoal que possuíam [Mário de] Azevedo Gomes³ ou Jaime [Zuzarte] Cortesão⁴. Nem*

tinha grande sensibilidade literária [...], uma sensibilidade artística com algumas falhas. [...] O Brito Camacho [chefe do Partido Unionista] pontificava no Chiado, na livraria "Portugália" que existia na Rua do Carmo. Um dia passou o [António] Sérgio e alguém perguntou ao Camacho: "Vai ali o Sérgio. Conhece?". Resposta assassina: "Sim, é o parvinho mais inteligente que eu conheço..."⁵

Menos de 24 horas decorridas, na nova frente de combates da Flandres, as forças luso-britânicas sustentam finalmente o avanço alemão. Durante os combates e assaltos da *Batalha de La Lys* – que se prolongou por 20 dias –, a 2ª Div/CEP sofreu pesadas baixas: entre mortos, feridos e incapacitados, cerca de 2 mil militares; e prisioneiros, 270 oficiais e cerca de 6400 sargentos e praças.

– «É de destacar o 4º GBA [artilharia ligeira do CEP] que, sob comando do major Bilstein de Meneses, [...] apenas se retirou a 9 de Abril de 1918, para voltar em 24 a incorporar-se na 11ª Divisão britânica (e mais tarde a 14 de Outubro, na 47ª Divisão na frente do Escalda, posição de Mont-Garin à data do Armistício). Este Grupo, [desde 24Jun17] quase ininterruptamente em combate, mereceu [...] a mais alta distinção conferida a unidades em campanha: a Comenda da Torre e Espada.»⁶

¹ (Mascarenhas); ² (Adelino Cunha); ³ (nascido a 22Dez1885 em Angra do Heroísmo; engenheiro agrónomo silvicultor, co-fundador da Estação Agronómica Nacional, desde 1915 professor no Instituto Superior de Agronomia; em 18Dez1923-06Jul1924 ministro da Agricultura (contemporâneo de José Domingues dos Santos ministro da Justiça e de António Sérgio ministro da Instrução 28Dez1923-28Fev1924 substituído pelo maçon tenente-coronel de infantaria Helder Armando dos Santos Ribeiro (em Abr-Jun1910 co-planeador de acções militares em Lisboa com vista ao derrube da Monarquia e, já iniciado maçon no Grémio Lusitano, ressurgiu na política activa em 28Jun1919-15Jan1920 como ministro da Guerra); os anteriores citados e o subsequente, na década de 1930 vão fazer parte de grupos revirralhistas e na década de 1940 de grupos antifascistas); ⁴ (nascido a 29Abr1884 em Ançã, concelho de Cantanhede; historiador e crítico, em 1907 integrou o corpo redactorial da revista literária "Nova Silva"; em 1915-17 capitão-médico, deputado pelo Partido Democrático); ⁵ (Soares); ⁶ (Araújo Pinto)

1918 – Maio.5 (domingo)

Na doca fluvial do Alfeite frente a Lisboa, os submarinos *Foca*, *Golfinho* e *Hydra* passam a constituir a 1ª flotilha de submersíveis¹ da Marinha de Guerra, destinada à defesa das águas territoriais portuguesas.

¹ (contratada no final de 1914, quando o comandante Vítor Hugo de Azevedo Coutinho era chefe de governo e ministro da Marinha)

1918 – Maio.8

Em Lisboa o governo provisório sidonista institui por decreto a *Biblioteca Nacional*¹ – sita no Largo da Biblioteca –, e estabelece obrigatoriedade de ser depositado 1 exemplar de quaisquer publicações impressas.

No dia seguinte o major Sidónio Pais, chefe provisório do Estado e do Governo, é proclamado presidente da República.

– «Investido nas funções de presidente da República, promoveu a elaboração de nova Constituição, de carácter presidencialista.»²

¹ (Fidelino de Figueiredo nomeado director, substituído por Jaime Zuzarte Cortesão em 1919, que nesse ano publica "Nas Trincheiras da Flandres");

² (Mascarenhas)

1918 – Maio.27 (2ªfeira lua-cheia)

Na frente de trincheiras da Flandres, as forças germânicas lançam nova ofensiva.

– «Entraram no fogo [contra o inimigo as 2ª e 3ª Baterias do CAPI] em 18 de Maio, a 6.5km das trincheiras alemãs, tendo sido satisfatórios os resultados do seu tiro. Enquanto isto, a 1ª Bateria fazia fogo certo em 27, nos ramais de Sommessous ao sul do Marne, também com êxito. Mas a ofensiva alemã no Chemin des Dames obrigou a que a artilharia pesada francesa retirasse as duas baterias portuguesas, a 2ª e a 3ª. Estas receberam ordens para se irem reunir à 1ª em Mailly. Quanto ao 1º Grupo [excedente do CAPI], impedida a sua partida [do Havre em 10Abr18] para Inglaterra, manteve-se no campo de Sommessous aguardando novo destino.»¹

Passados 2 dias, as cidades de Soisson e Reims são ocupadas pelas tropas alemãs.

Decorridas menos de 48 horas, na linha recuada da Flandres onde o contingente do RI21 se mantém formado à direita da Brigada britânica, o major Ribeiro de Carvalho² – com a concordância do capitão Gonzaga –, decide lançar um *raid* contra as trincheiras alemãs e nas quais ficam feridos os alferes Alípio e Henrique Augusto.

¹ (Araújo Pinto); ² (nascido em 1889 em Chaves; maçon iniciado no Grémio Lusitano)

1918 – Junho.8

Em Paris o chefe do serviço de aviação do CEP, capitão piloto-aviador Norberto Guimarães, recebe «ordens expressas do então ministro da Guerra general Freitas Soares», para regressar imediatamente a Lisboa com a demais oficialidade portuguesa especializada em aviação, «ordem essa que era extensiva àquele pequeno grupo [12 pilotos-aviadores militares] que já combatia no “front” em esquadrilhas aliadas»¹.

Um dia depois em Lisboa, o novo governo presidencialista do major Sidónio Pais restabelece as relações diplomáticas entre Portugal e o Vaticano.

- «O ministério teve então sucessivas remodelações, reveladoras da “larga teia de desentendimentos políticos a que nunca pôde obstar Sidónio Pais”. [...] No consulado de Sidónio, reorganizou-se o ensino liceal.»²
- «Sidónio Pais [...] acredita que o ensino e a educação se reformam [...], só com publicar no “Diário do Governo” extensos e inúteis protestos de reforma...»³

¹ (Diniz Ferreira); ² (Mascarenhas); ³ (Agostinho de Campos, último director-geral da Instrução no derradeiro Ministério da Monarquia; comentário em 1918, publicado in “A Mãe de todos os vícios”, Lisboa 1922)

1918 - Junho.16 (domingo)

Na Flandres, o general Bernardo de Faria assume o comando da nova 1ª Divisão do CEP, organizada com tropas oriundas de todas as armas das destroçadas 1ª e 2ª Divisões, e que são de novo enviadas para a frente das trincheiras como reserva do XI Corpo do exército britânico.

1918 - Junho.26 (4ªfeira lua-cheia)

Junto ao litoral de Moçambique e a cerca de 80km norte de Quelimane, é assinalada ao longo da ferrovia Mocuba-Quelimane a progressão de colunas *askaris* e tropas alemãs do general Littow-Vorbeck, levando o major de infantaria Jorge Frederico Velez Carço a concentrar imediatamente junto ao terminal ferroviário de Nhamacurra, as 21ª e 39ª Companhias de Caçadores Indígenas sob enquadramento de graduados metropolitanos, enquanto o tenente-coronel Brown marcha de Quelimane com a 1ª Divisão de artilharia e 2 companhias do King’s Army Rifles, para juntos barrarem a ofensiva alemã em direcção à foz do Zambeze.

1918 - Julho.1 (2ªfeira)

Em Nhamacurra, a partir das 16:00 as tropas anglo-portuguesas são alvo de um inesperado e violento tiroteio inimigo das colunas *askaris*, vindas de Mocuba sob comando de oficiais alemães, que rapidamente eliminam as primeiras linhas de resistência dos ingleses. Estes retiram deixando sozinhas as duas companhias de caçadores indígenas, que são massacradas enquanto um soldado transmontano, junto à estação ferroviária, assesta a sua metralhadora contra os alemães e tenta sustentar a hecatombe.

- «O sector oeste foi surpreendido e torneado e, após três horas de combate, todo ele caiu em poder do inimigo. Morreram dois oficiais [alferes de artilharia Edmundo Lemond de Macedo]¹ e um sargento [1Sg do RI35 José Maria Ferreira]² portugueses, muitos feridos e foram aprisionados 11 oficiais. [...] No dia 2, os alemães voltaram a atacar mas foram repelidos. No dia seguinte, repetiram o ataque com maior intensidade: o fogo de artilharia causou o pânico entre a força anglo-portuguesa e muitos fugiram para o rio, onde morreram afogados o comandante [inglês tenente-coronel] Brown e muitos praças.»³

Dois dias depois os atacantes alemães, após terem causado 46 mortos e 66 feridos⁴ à guarnição anglo-portuguesa, retiram para litoral nordeste em direcção ao Angoche, levando prisioneiros alguns militares portugueses.

- «No dia 14 de Julho de 1918, praticamente terminada a guerra com os portugueses na África Oriental com o desastre de Nhamacurra, os oficiais [prisioneiros] portugueses entregavam ao comando alemão um protesto, pela forma não só desumana como vinham sendo tratados, como

também pelo desprezo das convenções e das mais elementares regras de direito e até de piedade, a que vinham sendo votados.»⁵

¹ (atingido por bala askari junto às peças; quanto ao outro oficial, alferes miliciano do RI35 José Herculano de Campos Rego, é gravemente ferido quando carregava à baioneta contra os askari dentro da posição, vindo a morrer no dia 23 em Quelimane e ali ficando sepultado); ² (dois dias depois morrem de graves ferimentos em combate, os segundos-sargentos do RI35 Alexandre David, Inocêncio Pereira e Manuel dos Santos); ³ (Araújo Pinto); ⁴ (entre eles o conde suíço Stucky de Quay e seu irmão Georges, em 1890 fundaram a Companhia Boror; Jorge Stucky de Quay, o filho do conde, nascido em 1910 em Lourenço Marques, seguirá com a mãe para França onde vai fazer os estudos primários; depois na Suíça completará os secundários e em Lisboa a licenciatura em Ciências Económicas e Financeiras, optando em 1931 pela nacionalidade portuguesa; cumpre serviço militar no RC4-Santarém e depois casa com a filha do engenheiro belga Béduwé, director das CRGE; em 1941 será chanceler do consulado português em Rabat; e em 1969 vai dirigir em Lisboa o jornal "Economia & Finanças", da direita nacionalista independente); ⁵ (tenente Mário Costa, in "Revista Militar" nº3/4, Lisboa 1933)

1918 - Julho.15 (2ªfeira)

Em Londres, Lord Alfred Milner¹ recebe o embaixador português acompanhado pelo seu velho conhecido oficial Tomás António Garcia Rosado², recém-promovido general e novo comandante-chefe do CEP.

- «*Em [10 de] Julho de 1918, o Governo português decidiu substituir no comando do CEP o general Tamagnini de Abreu pelo general Tomás António Garcia Rosado, pois o primeiro acumulava [desde 05Nov1917] o comando das tropas portuguesas em França, com o papel de "embaixador" de Portugal naquela guerra, função esta que exigia uma capacidade diplomática a que melhor respondia a habilidade do seu sucessor.*»³

No dia seguinte, na cave de uma casa algures nas florestas dos Urais, o czar russo Nicolau II e sua família são sumariamente executados pelo auto-designado *Conselho Regional dos Urales*.

¹ (em 1902 negociou com o governador-geral de Moçambique, Manuel Rafael Gorjão, o projecto ferroviário entre a Swazilândia e o porto de Lourenço Marques; contemporâneo de Garcia Rosado, que sucedeu ao anterior no governo-geral provincial; em 26Mar1918, como delegado do governo britânico, assinou com Clemenceau o acordo de entrega do comando-supremo das Forças Aliadas em França, ao então general Foch; em 1919 ministro das Colónias britânicas, vindo a falecer em 1925); ² (em 1903-04 tenente-coronel governador-geral de Moçambique; e em 10Jul1918 promovido a general); ³ (Araújo Pinto)

1918 - Agosto.2 (6ªfeira)

A cidade de Soisson é reconquistada pelas forças francesas.

Dois dias depois, perto do litoral moçambicano a nordeste de Nhamacurra, as tropas alemãs em retirada cercam ao alvorecer de domingo em Chalaua, a 15ª Companhia de Landins do Angoche e o seu comandante, capitão de infantaria Humberto Oliveira, suicida-se.

- «*O desastre dos Aliados no combate de Nhamacurra, marcava a última acção em que tomaram parte os portugueses. Quanto aos alemães, fugindo ao contacto com as tropas britânicas, voltaram ao norte. [...] Desta árdua e mortífera campanha, só resultou para Portugal a reconquista de Quionga.*»¹

- «*The fact that the Quelimane railway never reached Tete was to affect the economic development of the district. By the end of World War I the need for a railway in this area was evident. Consequently, in 1918 the Governor of the District [i.e. governor-general Apr1918-Apr1919], Massano de Amorim, contracted [the british construction] Pauling & Co. for the study and construction of a railway, the Quelimane Railway to the District of Tete, which would be financed by the state. This project, however, was not completed. [...] Its importance was connected with the agricultural region of Zambezia, including the tea region of Milange, but it never reached the mining district of Tete because its trajectory went north instead of west. [...] Despite local arguments in favour of such a line, and taking into account the transportation needs of British South Africa, such line was never constructed and the Quelimane line remained a domestic line instead.*»²

¹ (Araújo Pinto); ² (Pinto Teixeira)

1918 - Agosto.15 (5ªfeira)

Os EUA e a Rússia rompem relações diplomáticas.

1918 - Agosto.23 (6ªfeira)

Ao largo de Cascais, o hidroavião *Tellier-T3 nº5* do CAN-Bom Sucesso¹ despenha-se ao efectuar uma missão de vigilância anti-submarina, morrendo o primeiro-tenente piloto-

aviador Eduardo Azevedo de Vasconcelos e o primeiro-grumete mecânico António Joaquim do Passo.

¹ (recebidos este ano para a Aeronáutica Naval, até 1928 mantêm-se activos)

1918 - Setembro.1 (domingo)

De Lisboa larga para Moçâmedes o navio *Quelimane*, com 9 aviões-bimotor Caudron-G4 destinados a instalar no Lubango, uma Esquadilha Expedicionária sob comando do tenente de infantaria piloto-aviador António Maria da Cunha e Almeida¹, coadjuvado por seu irmão Luís Carlos² que tem a mesma patente e especialidade, sendo ambos veteranos da Flandres.

- *«Fizeram ambos parte do primeiro curso de pilotagem organizado no nosso País, o qual decorreu em Vila Nova da Rainha nos anos de 1916-17. Em Junho do ano seguinte [i.e, Jun1917], embarcaram para França onde se aperfeiçoaram nas escolas de aviação de Châteauroux, de Avord e nas escolas de combate e de tiro aéreo, respectivamente de Pau e de Cazaux, em aviões Breguet-14A2, Caudron-G3 e G4, e em aviões Nieuport-13 e 15. O brevet militar foi-lhes conferido pela escola de Chartres. Ingressaram na Esquadilha Spad-79 "os Lobos", depois de um estágio no Groupe de Divisions d'Entrainement de Plessis-Belleville, onde o segundo dos oficiais referidos foi chefe dos pilotos e mecânicos portugueses então ali colocados. A esquadilha referida [...] operava no sector de Montdidier-Noyon fazendo parte de um grupo de combate. [...] Durante os 5 meses (25Fev-08Jun1918) que permaneceram nesta esquadilha, participaram com excepcional abnegação em diversas missões operacionais, designadamente no pelouro dos reconhecimentos aéreos a grande distância dentro das linhas inimigas, em avião Breguet-14A2. Nesse mesmo ano embarcaram para Angola a fim de comandarem, respectivamente, a Esquadilha Inicial Colonial e o Grupo de Esquadilhas de Aviação de Angola, a primeira das quais com vista a cooperar com as forças terrestres na ocupação do Cuamato e do Cuanhama, com aviões bimotores Caudron-G4.»³*

Três dias depois na frente europeia, as forças invasoras alemãs recuam para a Linha Siegfried.

Ao mesmo tempo na Flandres, o general Garcia Rosado assume o comando-chefe do CEP, obtendo do comandante-chefe britânico a concordância *«para reorganizar a 1ª Divisão portuguesa e prepará-la para emprego táctico»⁴* num novo sector da frente Aliada.

- *«Seguiram para a frente, sucessivamente, os Batalhões de Infantaria 15 e 23, seguidos do 9 e do 22, compostos por soldados que contavam já com dois anos [i.e, ano e meio] de campanha sem qualquer descanso, num sacrifício levado ao extremo do desumano. [O general comandante] Garcia Rosado tudo fez para que o CEP na Flandres ocupasse um lugar digno na linha de batalha final.»⁵*

¹ (nascido em 1889; condecorado com o grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Cristo com palma); ² (agraciado com idêntica condecoração);

³ (Diniz Ferreira); ⁴ (cfr nota secreta do embaixador britânico para o MNE português, Lisboa 14Out1918); ⁵ (Araújo Pinto)

1918 - Setembro.8 (domingo)

A Lisboa vão chegando cada vez mais naufragos de navios mercantes portugueses, constantemente bombardeados ao longo da costa atlântica europeia.

Cinco dias depois a 20 milhas da costa de Aveiro, um grupo de aeronaves do *Centro de Aviação Marítima* localiza e ataca um submarino alemão.

1918 - Setembro.18 (4ªfeira)

Chega à baía de Moçâmedes o navio *Quelimane*, do qual são desembarcados os 9 aviões¹ destinados à *Esquadilha Expedicionária do Lubango*.

¹ (primeiros aviões a voar em Angola, até Mar1922 vão actuar na região sudoeste)

1918 - Setembro.28 (sábado)

Na fronteira noroeste de Moçambique, as últimas tropas invasoras alemãs saem finalmente por Mitomani (Alto Rovuma) com 150 soldados europeus, 1200 guerreiros *askari* e 3 mil carregadores africanos.

- *«De Novembro de 1917 a Setembro de 1918, várias colunas alemãs jogam às escondidas com as forças aliadas [Portugal e Inglaterra], atravessando o Norte de Moçambique de um extremo ao*

outro. Nesta guerra africana, os portugueses perdem tantos homens (cerca de 2 mil) como os que morreram na frente europeia. Para os africanos, o balanço das vítimas é calculado, por vezes, em cerca de 130 mil.»¹

- «No século XX a “guerra preta” continuou a ser utilizada, tanto em operações de pacificação [no Ultramar] até ao seu final em 1930, como na 1ª Guerra Mundial, e resistiu como uma força formidável na defesa das colónias. [...] Moçambique fôra também uma base fértil de recrutamento para necessidades das tropas noutras colónias desde o princípio do século XX. Eram formadas uma ou duas companhias [de landins moçambicanos] por ano e utilizadas em turnos de dois anos entre 1906 e 1932. Estas utilizações incluíam quase todas as colónias: Angola, Guiné, Timor, Macau, São Tomé e Índia. Consequentemente, a reputação das tropas moçambicanas estava bem estabelecida. [...] Durante a 1ª Guerra Mundial, [...] a maior campanha levada a cabo foi a defesa de Moçambique contra as incursões alemãs. Portugal enviou 32 mil tropas da Metrópole e recrutou rapidamente outras 25 mil localmente. A composição desta força era 44% africana. Portugal tivera uma necessidade urgente de efectivos na sua fronteira entre Moçambique e a África Oriental Alemã, e não viu outra opção senão depender das tropas locais. Muitas companhias de pessoal indígena foram formadas e treinadas sob as mais difíceis condições e tiveram um desempenho admirável nesta campanha. No final das hostilidades, um major português [de cavalaria, Francisco Xavier da Cunha Aragão, veterano de Naulila e] que aí dirigira as tropas, reconheceu [em 1926 na revista “Seara Nova”] o seu papel vital neste conflito: “Durante os 4 anos de luta, a nossa infantaria africana nativa lutou sempre com uma determinação corajosa, quando bem apoiada e dirigida. Muitas condecorações reconheceram esta dedicação, caracterizada por uma bravura e um valor naturais. A maioria dos portugueses desconheceu esta valiosa contribuição pela causa por que lutávamos”. [...] A razão por que a sua contribuição permaneceu tão obscura é um mistério, apesar do facto de ter sido a mais venerável de entre todos os poderes coloniais africanos.»²

Nos últimos 4 anos e em 4 sucessivos contingentes (01Nov1914, 07Nov1915, 05Jul1916, 02Jul1917), estiveram no nordeste de Moçambique mobilizados 44160 militares (19570 do recrutamento metropolitano e outros 24590 recrutados localmente): a grande maioria das baixas ocorreu por doença (7 oficiais, 1938 sargentos e praças europeus e 209 praças moçambicanos), e a minoria por acidente (2 oficiais, 6 praças europeus e 19 auxiliares moçambicanos), sendo as restantes em combate (16 oficiais, 38 sargentos e praças europeus, 88 moçambicanos e 1 auxiliar), e ainda 2487 carregadores indígenas que morreram por motivos vários (combate, acidente e doença). Total: 4811 mortos, 301 feridos e 1283 incapazes de serviço.

¹ (Enders); ² (Cann)

1918 - Outubro.4 (6ªfeira)

Na Linha Siegfried, o comando alemão propõe às Forças Aliadas do marechal Foch um *armistício* mas, devido à intervenção do presidente norte-americano Woodrow Wilson, aquele não é aceite pelo comando supremo Aliado, que decide levar até final o seu plano ofensivo.

- «President Woodrow Wilson presented his Fourteen Points as a basis for a peace plan. The first points addressed the ideas that the United States had long believed in: freedom of the seas; no secret treaties; free trade; reduction of arms production; and an end to wars for colonial occupation. Later points outlined the plan for self-determination for the countries of Europe. The 14th point proposed the League of Nations as a way to settle international problems. Many of these same ideas were proposed later in the Atlantic Charter of 1941 and found their way into the United Nations Charter.»
- «Entre as condições do Armistício destacam-se: a evacuação da França, da Bélgica, do Luxemburgo e da Alsácia-Lorena, dentro de um prazo de 14 dias [após a assinatura]; a entrega de 5 mil canhões, 30 mil metralhadoras, 3 mil lança-minas e 2 mil aeroplanos, 5 mil locomotoras, 150 mil vagões e 5 mil camiões; a rápida evacuação da margem esquerda do Reno e o estabelecimento de três testas-de-ponte na margem direita, bem como uma zona neutral de 10km de profundidade na mesma margem, da Holanda até à Suíça; a devolução de todos os prisioneiros de guerra, sem reciprocidade; a renúncia aos tratados de Brest-Litovsk e Bucareste; a evacuação de todas as forças alemãs que operavam na África Oriental; a entrega de todos os submarinos; o internamento da maior parte da

frota alemã e o desarmamento da restante; a imobilização e concentração de todas as forças aéreas.»¹

Decorridos 6 dias, perto de Alverca são inauguradas as Oficinas Gerais de Material Aeronáutico.

Dois dias depois é anunciado que a Alemanha e a Áustria aceitam o plano do presidente Wilson, nos termos do qual todas as tropas devem recuar para os respectivos territórios antes da assinatura do armistício. Mas na frente francesa, o comandante-chefe das Forças Aliadas marechal Foch, não se ilude com intenções e prepara as tropas para lançar depois de amanhã, contra as linhas inimigas Hermann, Hinding e Brunhilde, uma sucessão de operações de grande envergadura, a fim de que todas as tropas invasoras recuem para lá do rio Escalda, antes que qualquer tipo de cessação de hostilidades possa ser confirmado.

Menos de 24 horas decorridas, em Lisboa o MNE recebe em audiência urgente o embaixador britânico que lhe entrega uma nota secreta, referindo que na Flandres *«tem havido séria indisciplina da parte das tropas portuguesas de infantaria»:*

- «O descontentamento, que está muito espalhado, provém de um mal entendido acerca da terminação do serviço dos oficiais e seu tratamento de preferência, com respeito a licença e cessação de serviços. Os homens, além disso, quando empregados como trabalhadores, julgaram que esse facto lhes dava alguma esperança de voltar em breve para Portugal, e consideram que essa probabilidade fica afastada pela tentativa de reorganização [da 1ª Divisão do CEP]. O general Rosado [comandante-chefe do CEP] exprimiu a crença, que é confirmada pelas autoridades militares britânicas, de que apenas uma pequena porção do pessoal de infantaria está ou estará disposto a, ou capaz de, emprego tático. O general [Tomás António Garcia] Rosado² fez um pedido definitivo para que, se a 1ª Divisão não fôr renovada por fortes contingentes, ou enquanto o não fôr, o plano de a empregar como unidade seja abandonado.»

Enquanto isso, a cerca de 240 milhas sul de Ponta Delgada, o submarino alemão *U-139* ataca o paquete-vapor *São Miguel* escoltado pelo caça-minas *Augusto de Castilho* que - durante 2 horas e até esgotar as munições (e ser afundado) -, dá luta ao agressor e permite que o navio português consiga rumar ao seu destino com todos os 250 passageiros. Durante o combate naval morrem o primeiro-tenente José Botelho de Carvalho Araújo³ e parte da guarnição do caça-minas: aspirante-de-marinha Carlos Elói da Mota Freitas, 1º marinheiro-telegrafista Elísio Martins da Nova, 2º marinheiro Manuel da Cruz Branco, 2º fogueiro Manuel Joaquim Oliveira e chegador Manuel Tomé.

¹ (Araújo Pinto); ² (depois do Armistício nomeado CEME, cargo que desempenha até 22Nov1924; após o 'putsch' de 28Mai1926, segue para Londres como embaixador de Portugal até 1934; depois membro do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes e presidente da Comissão dos Padrões da Grande Guerra, até falecer em 30Ago1937 em Lisboa); ³ (nascido em 1880 no Porto; participou em Lisboa na rebelião de 28Jan1908 e no derrube da Monarquia em 05Out1910; deputado por Vila Real à Assembleia Constituinte e governador distrital de Inhambane em 1917-18)

1918 - Outubro.14 (2ªfeira)

Em quartéis de Coimbra e de Évora, eclodem tentativas revolucionárias militares.

- «Os conflitos laborais, no último trimestre do ano assumiram carácter insurreccional, sobretudo entre o pessoal ferroviário. [...] Renovadas ameaças de alteração da ordem pública [...] concretizaram-se em vasta conspiração que, abortada em Lisboa e no Porto, levou a actos de insurreição militar em Coimbra e Évora, dominados pelo governo não sem que se registassem mortos e feridos. Seguiu-se-lhes a prisão de numerosos [cerca de 150] elementos oposicionistas.»¹

Decorridas 48 horas, em Lisboa um grupo de revolucionários armados provoca mortos e feridos.

- «“Leva da Morte”: uma emboscada armada a uma coluna com presos políticos, causa em Lisboa seis mortos e dezenas de feridos.»²

- «No dia 16, quando uns 150 presos sob forte escolta saíram do governo civil de Lisboa, a fim de seguir para [os fortes de] Caxias e São Julião da Barra, tiros e bombas estoiraram estabelecendo a maior confusão. Como resultado, registaram-se muitos feridos e 6 mortos entre a escolta e os presos: um dos mortos foi o visconde da Ribeira Brava, monárquico que se transformara num dos mais assanhados vultos democráticos; o incidente, que logo foi alcunhado de “Leva da Morte”, serviu para intensificar os ataques dos inimigos do sidonismo.»³

- «19 [ie, 16] de Outubro: “Leva da Morte”. São assassinadas sete pessoas.»⁴

No dia seguinte em Lisboa, o PR e chefe de governo major Sidónio Pais proclama o estado-de-sítio em todo o território nacional e sucedem-se ameaças de greve geral.

- «Essas ameaças ditaram a recomposição do ministério [governo presidencialista] em Outubro. [...] Os seus colaboradores, muitos deles demasiado jovens e inexperientes, não souberam realizar a tarefa que se impunha: o bico-de-obra dos abastecimentos não encontrou solução; as dificuldades não diminuam e a crise das subsistências, bem como o aumento do custo de vida, não cessavam. Em consequência, deflagrou nova epidemia de greves. Na imprensa, as críticas à impotência governamental em matéria de abastecimentos tornaram-se mais violentas. Várias providências adoptadas - fixação de preços, proibição de exportações, combate aos açambarcadores - revelaram-se ineficazes.»⁵

Menos de 24 horas depois, na Frente Ocidental europeia os exércitos Aliados concluem a 1ª série de ataques sobre as trincheiras alemãs: logram a libertação do litoral belga; a evacuação de Lille e de Donai; e o contacto com as posições Hermann, Hinding e Brunhilde, que constituem a 3ª (e derradeira) linha da resistência militar invasora.

¹ (Mascarenhas); ² (Williams); ³ (Mascarenhas); ⁴ (Moreira e Pedrosa); ⁵ (Mascarenhas)

1918 - Outubro.20 (domingo)

Chegam a Ponta Delgada, numa «pequena embarcação arrombada e desprovida de víveres e instrumentos náuticos», os sobreviventes do caça-minas *Augusto de Castilho* chefiados pelo guarda-marinha imediato Manuel Armando Ferraz, que relata o sucedido em alto-mar.

Entretanto em Berlim, o governo alemão anuncia suspensa a sua guerra submarina.

- «A situação política da Alemanha não era das melhores, o estado moral do povo alemão era de verdadeiro desespero assim como o dos soldados. [...] Perante o receio de que os Aliados invadissem e devastassem a Alemanha, esta nada mais podia fazer senão pedir o Armistício, consignando a derrota militar. [...] Conhecedor da agitação interna da Alemanha, o marechal Foch lançou uma nova ofensiva.»¹

¹ (Araújo Pinto)

1918 - Outubro.28 (2ªfeira)

Em Praga, é proclamada a independência da República Checo-Eslovaca por unificação da Boémia, Morávia e Eslováquia, ex-províncias do desmantelado império austro-húngaro.

Logo a seguir em Budapeste, é proclamada a separação da Hungria do que resta do império.

- «A Bulgária, a Turquia e a Áustria-Hungria aliadas da Alemanha, renderam-se deixando a Alemanha completamente sozinha, a sofrer as vitoriosas ofensivas de Foch e a perder sucessivamente baixas elevadíssimas.»¹

¹ (Araújo Pinto)

1918 - Novembro.3 (domingo)

Em Versalhes, os delegados do dissolvido Império Austro-Húngaro assinam um armistício com os Aliados.

- «De 20 de Outubro até 3 de Novembro, [o marechal Foch] conquistou as linhas Hermann, Hinding e Brunhilde. [...] Perante tal situação, os alemães recorreram novamente ao presidente Wilson no sentido de propôr uma paz baseada nos seus célebres 14 pontos.»¹

Na manhã seguinte a Conferência dos Aliados chega a acordo de princípio com a delegação alemã, sobre os termos de cessação das hostilidades.

- «Ao tão desejado pedido, tanto a França como a Inglaterra e a Itália responderam afirmativamente, com reservas na questão da liberdade dos mares e das reparações a exigir à Alemanha pelos danos causados no território invadido.»²

¹ (Araújo Pinto); ² (idem)

1918 - Novembro.7

Em Lublin é constituído um governo provisório polaco, que proclama a República.

Logo a seguir em Berlim, o chanceler príncipe Maximilian demite-se.

- «Preparava-se então a assinatura do Armistício. No dia 7 de Novembro uma delegação alemã, presidida pelo ministro [sem pasta Matthias] Erzberger,¹ aproximou-se das linhas francesas e no dia seguinte foi feita a dita petição ao marechal Foch, que fôra autorizado a impô-la.»²

Menos de 24 horas decorridas, em Spa o *kaiser* Wilhelm II³ abdica e refugia-se na vizinha Holanda. Pouco depois em Weimar, o social-democrata alemão Philipp Scheidemann proclama a República.

¹ (nascido em 1875 em Bittenhausen, sudoeste alemão; chefe do Partido Democrata-Cristão no Reichstag, recém-eleito ministro-sem-pasta; em 1919 ministro das Finanças até ser assassinado dois anos depois); ² (Araújo Pinto); ³ (virá a falecer em 04Jun1941, com 82 anos)

1918 - Novembro.9 (sábado)

Em Weimar, o poder da Alemanha é assumido por um *Conselho de Delegados do Povo*.

- «À luta das nacionalidades europeias contra os grandes impérios [alemão, austro-húngaro, russo e otomano], à preponderância absoluta da [civilização] da Europa no mundo, ao combate político liberal-maçónico de uma burguesia semi-instalada contra os restos da aristocracia em regressão, sucederam em 1918 os Estados-nação, o operariado organizado e o comunismo, os direitos largamente reconhecidos, mas também o nazi-fascismo, o levantamento das nações não-europeias colonizadas.»¹

Enquanto isso na frente de trincheiras da Bélgica, as tropas alemãs abandonam definitivamente as suas posições no rio Escalda e recuam para território alemão.

Dois dias depois no norte da França, junto ao rio Oise na floresta de Compiègne e perto de Rethondes, às 05:00 uma delegação alemã assina - no interior do vagão do comandante-chefe marechal Foch -, as condições do *Armistício* impostas pelo comando-supremo Aliado, nos termos do qual a partir das 11:00 cessam todas as hostilidades e se dá início às conversações de paz, pondo assim termo oficial à Grande Guerra na frente ocidental europeia, em cujas primeiras linhas o Exército português manteve até final 3 batalhões regimentais de infantaria, 1 batalhão de sapadores de caminhos-de-ferro, 9 baterias de artilharia de campanha e 10 baterias de artilharia pesada.

- «O coronel Maia Pinto comandou o 3ºGBA, que à data do Armistício se situava na frente do Escalda. [...] No dia 10 de Novembro de 1918 [os artilheiros do 1º Grupo de Baterias do CAPI] receberam ordem para seguir [de Sommessous] para o Havre, onde se iriam reunir ao Corpo em Inglaterra. Já nessa data, circulava por toda a parte o fim da guerra. Quando chegaram ao Havre já não embarcaram para Inglaterra. [...] Finalmente, na manhã de 11 de Outubro [ie, Novembro] de 1918, anunciava o telegrama do comando britânico: "Cessam as hostilidades às 11 horas". O CEP tomava, desta forma, conhecimento do Armistício que o marechal Foch, em representação dos Aliados, assinava na floresta de Rethondes. A consolação dos soldados portugueses foi ter cooperado na vitória dos Aliados, até ao fim, com os batalhões portugueses situados na frente e ao lado das forças inglesas. Além do Escalda avançava a Infantaria 23 a caminho de Bruxelas. Lutaram os nossos soldados contra obstáculos, contrariedades e sacrifícios vários com coragem e determinação, e foi com toda a justiça que receberam as merecidas felicitações dos seus compatriotas e Aliados. [...] Suspenderam-se as hostilidades, mas manteve-se o estado de guerra. Nem os governos dos estados beligerantes suspendiam negociações pendentes, nem os comandos das forças em operações deixavam de mantê-las devidamente organizadas e em condições de voltar a combater, se tal fosse necessário. Assim, no próprio dia 11 de Novembro se reconstituiu no CEP a 2ª Divisão em Ambleteuse, sob o comando do general Alves Roçadas.»²

E no dia seguinte em Viena, é proclamada a República da Áustria.

Decorridas menos de 24 horas, na Flandres o marechal Douglas Haig declara no QG das forças britânicas que, «para os Aliados, o Armistício não era ainda a paz, somente a suspensão e não o fim» da Grande Guerra.

- «Como medida preventiva, ficaram à disposição do comando dos Aliados contingentes de tropas de cada uma das Nações. [...] As autoridades britânicas transmitiram a vontade de repatriar de imediato as forças do CEP. Se isto acontecesse, o Exército Português ficava excluído das exibições

militares, das festas da vitória e apagava a cooperação de Portugal na vitória dos Aliados. O general Barnardiston justificava esta pressa por naquele preciso momento haverem navios disponíveis, o que mais tarde seria difícil visto serem necessários para a repatriação das tropas inglesas no ultramar. Perante esta situação, Portugal tomava as devidas diligências para organizar o seu contingente de representação nas Comemorações. Ao convite responderam somente 239 oficiais e 678 praças.»³

¹ (Sebastião Lima Rego, in "Uma efeméride, duas rupturas e o futuro"; Público, 11Nov1993); ² (Araújo Pinto); ³ (idem)

1918 - Novembro.16

Em Budapeste, como consequência da desintegração do Império Austro-Húngaro, é oficialmente proclamada a República da Hungria.

Entretanto em Lisboa, o PR e chefe de governo major Sidónio Pais - por intermédio da «*Legação de Portugal na Suíça*» -, envia para os «*Serviços de Prisioneiros de Guerra*» o seguinte telegrama:

- «*É com a mais comovida satisfação que vos envio esta mensagem, nesta hora solene em que os esforços dos vossos irmãos de armas, de todas as nações aliadas, coroam com a vitória sacrifícios heróicos dos que se bateram pela mesma causa. Portugal lembra-se com carinho e reconhecimento dos seus filhos prisioneiros, e exprime-lhes com palavras de gratidão a satisfação de saber que se aproxima a hora da liberdade e do regresso à Pátria.*»
- «*Com a assinatura do Armistício, uma das condições que se impunha era a entrega imediata de prisioneiros. Desta forma, Portugal preparava-se para receber um grupo numeroso saído de um longo e penoso cativeiro nos campos de prisioneiros alemães. Eram homens marcados profundamente por privações várias, entre elas a fome e o frio, a que muitos não resistiram. Nos cemitérios alemães, ficaram 5 oficiais e 228 praças. [...] Foram os prisioneiros portugueses aqueles que mais sentiram o abandono a que foram votados, sem dinheiro e sem comida. [...] Aos portugueses foi enviado um telegrama de consolo do seu Governo, assinado por Sidónio Pais em 10 de Dezembro [ie, 16 de Novembro] de 1918, e uma lata de sardinhas da Cruz Vermelha Portuguesa.»¹*

¹ (Araújo Pinto)

1918 - Novembro.23 (sábado)

No cais fluvial de Lisboa, desembarcam as primeiras tropas regressadas da Flandres, recebidas pelo PR e chefe de governo major Sidónio Pais.

- «*Nem o armistício de 11 de Novembro, que pusera termo à Grande Guerra, aliviou a tensão que se notava na atmosfera política. A controvérsia entre presidencialistas e antipresidencialistas sobre a reforma constitucional, exacerbou-se. A luta política não tinha tréguas. Sidónio, porém, continuava a merecer a confiança da Nação: sempre que aparecia em público, era delirantemente aclamado. Os seus inimigos sentiram que somente teriam de novo vez se o eliminassem.»¹*

¹ (Mascarenhas)

1918 - Dezembro.4 (4ªfeira)

Em Sarajevo é proclamada a unificação da Sérvia, Croácia e Eslovénia, ex-províncias do desmantelado império austro-húngaro.

Dois dias depois, em Lisboa o presidente Sidónio Pais condecora os marinheiros sobreviventes do caça-minas Augusto de Castilho¹ e logo a seguir é alvo de atentado a tiro, cometido pelo filho de um prócere maçom filiado no Partido Republicano.

- «*6 de Dezembro: Atentado malogrado contra Sidónio Pais.*»²

Menos de 24 horas decorridas, o presidente Sidónio Pais discursa na varanda dos paços do Concelho.

- «*Verificou-se que o rapaz, que sobre ele disparara sem o atingir, era filho de um maçom conhecido, o que levou um grupo de militares e civis a destruir a "loja" a que pertencia e, depois [na Travessa do Guarda-Mor ao Bairro Alto], a própria sede do Grémio Lusitano, casa-mãe da maçonaria. Sidónio, quando soube disso, comentou que fôra assinada a sua sentença de morte. [...] Tudo isto produziu agitação no Exército, formando-se no norte e no sul Juntas Militares comandadas respectivamente pelos coronéis Silva Ramos e João de Almeida [veterano de Angola], de notórias convicções monárquicas.³ apresentavam-se, porém, como desejando garantir apenas a tranquilidade pública.»⁴*

- ¹ (o seu comandante, primeiro-tenente José Botelho de Carvalho Araújo, havia perecido em 13Out1918 ao largo de Ponta Delgada, juntamente com o afundamento do navio; a título póstumo promovido a capitão-tenente por decreto de 29Nov1918 e condecorado com a Cruz de Guerra de 1ª classe); ² (Moreira e Pedrosa); ³ (entre os seu apoiantes, destacam-se José Adriano Pequeto Rebelo e José Hipólito Vaz Raposo, co-fundadores da "Junta Central do Integralismo Lusitano"); ⁴ (Mascarenhas)

1918 - Dezembro.14 (sábado)

À entrada da estação ferroviária do Rossio, o PR e chefe de governo major Sidónio Pais é alvo de novo atentado e morre baleado por José Júlio da Costa.

- «*Na estação do Rossio, quando ia embarcar para o Porto, Sidónio Pais foi morto com vários tiros por José Júlio da Costa, extremista meio desequilibrado (que veio aliás a morrer num manicómio). [...] Visitas que [desde dia 7] o assassino fizera ao grão-mestre da maçonaria [Sebastião de] Magalhães Lima, arreigaram na opinião pública a certeza que essa associação fôra a instigadora do crime: mas as investigações policiais nada puderam provar. [...] Lisboa fez a Sidónio, do Município aos Jerónimos, imponente e impressionante funeral. [...] Fernando Pessoa¹ compôs então o poema "À memória do Presidente-Rei Sidónio Pais".»²*
- «*Sob a invocação da "Santa Liberdade" maçónica, foi também assassinado o presidente da República dr. Sidónio Pais.*»³
- «*Exemplo clássico da intromissão das forças maçónicas internacionais na vida interna dos Estados, fornece-o a Hungria. Depois da malograda revolução judaico-bolchevista de Béla Kun,⁴ o governo húngaro dissolveu em 1920 as lojas franco-maçónicas e publicou-lhes os arquivos, que demonstraram a sua cumplicidade na revolução de Outubro de 1918 e no comunismo em 1919. Os franco-maçons húngaros pediram socorro aos seus irmãos do mundo inteiro, sobretudo às grandes lojas norte-americanas.*»⁵

Decorridos 2 dias, o secretário de Estado da Marinha contra-almirante João do Canto e Castro Silva Antunes Júnior⁶, assume a presidência da República e encarrega o ministro major João Tamagnini de Sousa Barbosa, de constituir o *XV Ministério*.

- «*Decidiu o congresso que a eleição do sucessor do presidente assassinado, se fizesse por sufrágio parlamentar. Assim foi eleito a 16 de Dezembro o almirante Canto e Castro, que fôra ministro da Marinha. [...] O novo presidente encarregou Tamagnini Barbosa de remodelar o gabinete, o que suscitou atritos: [no Porto] com a Junta [Militar] do Norte, por um lado; e [em Lisboa] com os elementos mais convictamente republicanos do congresso.*»⁷

A imprensa volta a ser vigiada, mas as atenções centram-se nas condições do termo da guerra, tendo em vista que os militares do CEP sofrem grandes privações nos campos alemães de prisioneiros.

- «*Em 19 de Dezembro de 1918, o governo inglês enviou [para o campo alemão de Rastatt perto de Baden, onde entre outros prisioneiros estavam 12 oficiais do BI20], um vagão de víveres que permitiu matar avidamente a fome a todos os presos. [...] Dos campos, os soldados foram levados para a Holanda, onde a 28 de Dezembro de 1918 [às 10:30], em Breessen, chegou finalmente o dia da libertação [...] e da longa viagem de repatriação.⁸ [...] Através da Cruz Vermelha, os prisioneiros foram transportados para a Holanda, país neutral que os recebeu até regressarem a França.*»⁹

- ¹ (poeta do movimento modernista); ² (Mascarenhas); ³ (Juvenal); ⁴ (born 1886; hungarian leader captured by Russia; became follower of Lenin, organized revolution in Hungary and set up a Soviet rule; overthrown, became member of the Communist International executive committee; die circa 1938); ⁵ (Oliveira Marques); ⁶ (nascido a 19Mai1862 em Lisboa; monárquico convicto, governador distrital de Moçâmedes e governador de Moçambique; depois segundo-comandante do Corpo de Alunos da Escola Naval); ⁷ (Mascarenhas); ⁸ (em vagões de comboio, com escalas nas cidades alemãs de Hamburgo, Bremen, Osnabrück e Granau, transitando depois pelas cidades holandesas de Enschede e Haia até ao porto de Roterdão, onde vão embarcar rumo ao porto francês de Cherburgo); ⁹ (Araújo Pinto)

1918 - Dezembro.29 (domingo)

Perto de Vila Nova da Rainha, o veterano da Flandres tenente de cavalaria piloto-aviador Pedro Emílio Jones da Silveira¹, morre quando o seu avião se despenha no rio Tejo junto à base aeroflúvia da Escola de Aeronáutica Militar.

- ¹ (nascido em 1890; fez parte em 1916-17 do primeiro curso de pilotagem na referida Escola Aeronáutica Militar; em Jun1917 embarcou para França, onde completou a preparação nas escolas de pilotagem em Juvisy e em Chartres (juntamente com os capitães de cavalaria João Barata Salgueiro Valente e de infantaria José Joaquim Ramires); concluído o estágio no Group de Divisions d'Entrainement de Plessis-Belleville, colocado na Esquadilha 158 "dos Lobos", em 11Jan-06Mar1918 tripulou um biplano Breguet-14A2 em 12 missões de combate sobre o sector de Laon; em 08Jun1918 regressou a Lisboa, onde após o Armistício tinha sido condecorado com o grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Cristo com palma)

1919 - Janeiro.3 (6ªfeira)

No Porto, o monárquico coronel Silva Ramos divulga o *Manifesto da Junta Militar do Norte*, autoproclamada representante da herança sidonista.

1919 - Janeiro.5 (domingo)

Em Berlim, eclode uma revolta organizada pelo grupo comunista *Spartacus*.

1919 - Janeiro.10 (6ªfeira)

Em quartéis de Lisboa, Covilhã e Santarém eclodem movimentações revolucionárias republicanas, sucedendo-se entre o Exército confrontos que se prolongam pelo dia seguinte.

- «*Estalaram insurreições militares, promovidas por forças políticas de largo espectro dentro do republicanismo, desde moderados a socialistas. [...] Em Lisboa, tudo se resumiu a um ataque malgrado ao Castelo de São Jorge.*»¹

Na manhã seguinte perto de Santarém, o veterano da Flandres capitão de infantaria piloto-aviador José Joaquim Ramires², vindo da Escola de Aeronáutica Militar (em Vila Nova da Rainha), morre quando o seu avião-caça se despenha.

- «*Os revoltosos de Santarém, para serem finalmente subjugados, forçaram à mobilização de importantes forças militares sob comando do [antigo comandante-chefe do CEP na Flandres (03Mar1917-10Jul1918) e actual comandante da 5ª Divisão do Exército], general [Fernando] Tamagnini de Abreu [e Silva]³. [...] Na Covilhã, o tenente Teófilo Duarte (que fôra uma espécie de condestável de Sidónio), dominou a sublevação com uma coluna organizada na própria Beira Alta: coluna que depois levou a combater os revoltosos de Santarém, os quais [...] depois de intensos bombardeamentos [...] se renderam a Teófilo Duarte, alegadamente por este ser detentor do cargo de governador de Cabo Verde. Acusado [o próprio chefe do XV Ministério major João] Tamagnini Barbosa⁴ de estar acumpliciado com os revoltosos de Santarém, o que tacitamente confessou.*»⁵

Por essa ocasião em Berlim, é fundado o *Partido Nacional-Socialista*.

- «*Em 12 [Jan1919], estávamos [os militares do CEP ex-prisioneiros de Breessen] a almoçar [no hotel Zeerust na Haia], quando chegou [através do embaixador português António Bandeira] a ordem para embarcarmos nos comboios das 18 horas com destino a Roterdão, a fim de seguirmos para França. (...) Logo que chegámos dirigimo-nos para o porto e embarcámos no navio brasileiro "Sobral" que já nos esperava. Ali pernoitámos; nele também embarcaram mais 2100 soldados [ex-prisioneiros dos alemães]. (...) Na madrugada de 14 de Janeiro de 1919, desamarrou o navio [...] a caminho de Cherbourg, onde desembarcámos em 16 [...] em seguida ao almoço. [...] Os meus companheiros de cativo iam desaparecendo dia a dia. Uns com guias e outros sem elas, lá iam seguindo para Portugal por via terrestre.*»⁶

- «*Muitos deles não passaram pelo CEP [que se estava a concentrar em Cherburgo], vieram directamente da Holanda [porto de Roterdão] para Lisboa em 12 de Janeiro de 1919, num total de 30 oficiais e 1525 praças.*»⁷

¹ (Mascarenhas); ² (nascido em 1884; fez parte em 1916-17 do 1º curso de pilotagem na citada Escola de Aeronáutica; em Jun1917 embarcou para França, onde completou a preparação nas escolas de pilotagem em Juvisy e em Chartres, juntamente com os oficiais de cavalaria Pedro Emilio Jones da Silveira (morto em 29Dez1918 quando se despenhou no Tejo perto de Vila Nova da Rainha) e João Barata Salgueiro Valente; concluiu o estágio no Group de Divisions d'Entrainement de Plessis-Belleville, foi colocado (com os dois oficiais citados) na Esquadilha 158 "dos Lobos" e em 11Jan-06Mar1918 tripulou um biplano Breguet-14A2 em 12 missões de combate sobre o sector de Laon; em 08Jun1918 regressou a Lisboa, onde após o armistício foi condecorado com o grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Cristo com palma; será agraciado a título póstumo com o grau de Oficial da Ordem da Torre e Espada);

³ (após o termo da Grande Guerra, havia sido agraciado com a Grã-Cruz da Ordem da Torre e Espada, a Legião de Honra francesa, a Ordem do Banho britânica e a Cruz de Guerra italiana; vai ser presidente do STJM, vindo a falecer em 24Nov1924 com 68 anos); ⁴ (em 27Jan1919 cessa funções);

⁵ (Mascarenhas); ⁶ (capitão António Brás, in "A Vida dos Prisioneiros Portugueses na Alemanha"); ⁷ (Araújo Pinto)

1919 - Janeiro.18 (sábado)

No Palácio de Versalhes, o PM francês Clemenceau¹ preside à abertura dos trabalhos da *Conferência de Paz* e pouco depois a delegação portuguesa tenta estabelecer condições de responsabilidade negocial, idênticas às dos restantes beligerantes vencedores, bem como indemnizações a que Portugal tem direito.

- «*The main world leaders attending were Prime Minister David Lloyd George² of Great Britain, Premier Georges Clemenceau of France, Prime Minister Vittorio Orlando of Italy, and President Woodrow Wilson of the United States. Wilson had brought along his famous 14-point program for peace.*»

- «*Iniciaram-se os trabalhos com um comité de 10 plenipotenciários que representavam as 5 principais potências vitoriosas: Inglaterra, Estados Unidos, França, Japão e Itália. As potências menores, a "Petit Table", eram: Portugal, Bélgica, Brasil, Checoslováquia, China, Grécia, Polónia e*

Jugoslávia, além dos domínios britânicos como o Canadá, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul. Portugal foi representado por uma delegação inicialmente chefiada por [António Augusto Caetano de Abreu Freire] *Egas Moniz*³ [...], acompanhado por Augusto Soares, Teixeira Gomes, [o foragido ex-ministro da Guerra general maçom] Norton de Matos, João Chagas, [general] Freire de Andrade, [Jaime] Batalha Reis⁴ e Santos Viegas.⁵

Na manhã seguinte no Porto, o major Paiva Couceiro proclama a *Monarquia do Norte* e assume a chefia da *Junta Governativa do Reino*.

- «A Junta do Norte lançou-se abertamente na tentativa de restaurar a Monarquia, proclamando-a no Porto a 19-1-19 e assumindo Paiva Couceiro o cargo de Regente: nomeou a seguir um ministério.⁶ Dias depois a bandeira azul-e-branca ondeava também em Viana do Castelo, Braga, Guimarães, Bragança, Vila Real, Lamego e Viseu. Aveiro [tradicionalmente republicana a sul do Porto] e Chaves [isolada vizinha dos galegos pró-republicanos], mantinham-se fiéis à República.»⁷

Horas em Lisboa, o PR interino contra-almirante Canto e Castro proclama o estado-de-sítio para todo o território metropolitano, em consequência do que são abertas inscrições para constituir batalhões de *Voluntários da República* e endereçados convites a veteranos do CEP para que «se organizem em colunas republicanas».

- «Algumas unidades lisboetas declararam-se neutrais, o que reduziu as forças republicanas a escassos efectivos. [...] Na capital, estes acontecimentos determinaram manifestações republicanas e a entrega de armas a civis, o que decidiu boa parte das unidades da guarnição a sair pela restauração da Monarquia, concentrando-se em [redor do forte de] Monsanto sob a direcção de Aires de Ornelas (que tanto se distinguira nas campanhas ultramarinas durante o reinado de Dom Carlos, e era então) lugar-tenente de Dom Manuel. [...] Em Monsanto encontraram-se [constitucionalistas fiéis a Dom Manuel rei destronado e legitimistas do "Integralismo Lusitano" miguelista], partidários das duas correntes. [...] Entretanto o governo concentrou as tropas fiéis na Rotunda, sob comando do [veterano de Macontene e da Môngua] tenente-coronel [de cavalaria] Vieira da Rocha,⁸ e o capitão-de-fragata [i.e, capitão-tenente] Afonso [Júlio] de Cerqueira organizou aguerrida falange de marinheiros e civis. Passivos em Monsanto, os monárquicos deixaram-se cercar.»⁹

- «Era [o capitão-tenente Afonso Júlio de Cerqueira, veterano de N'giva em 04Set1915], um indefectível republicano. [...] Comandou o [contratorpedeiro] "Vouga" por 2 anos, no silencioso e arriscado serviço de escolta aos transportes que levavam o CEP para França, tendo por isso recebido a Torre e Espada, a Medalha de Ouro de Valor Militar e a Cruz de Guerra de 1ª classe. Mas foi na arrancada de Monsanto, quando defendia a República à frente dos seus marinheiros, que Afonso Júlio de Cerqueira deu a exacta dimensão das extraordinárias virtudes que o distinguiam. De facto entre os monárquicos vencidos, cercados no forte de Monsanto, estava o [antigo governador-geral de Moçambique e] seu antigo comandante [João António de Azevedo Coutinho Fragoso de Siqueira].»¹⁰

- «No congresso para a "protecção dos indígenas da África e dos povos de origem africana", que se desenrolou em Paris nos dias 19 e 20 de Janeiro de 1919, foi o chefe [i.e, um dos membros] da delegação portuguesa à Conferência da Paz, o coronel [i.e, general Alfredo Augusto] Freire de Andrade [governador-geral de Moçambique Jun1906-Out1910 e MNE 25Mai-11Dez14], que se dirigiu àquela assembleia para defender a igualdade entre "os portugueses nascidos de um lado e outro dos mares".»¹¹

¹ (durante esta conferência, será ferido por um anarquista; em 1922 viaja pelos EUA, apelando à cooperação com a Europa; morre a 24Nov1929 em Paris);
² (before going to the peace conference at Versailles, he strengthened his position by winning the election of November 1918. At the peace conference he seemed uncertain. Sometimes he sided with France's efforts to destroy Germany. At other times he sided with the United States efforts for a peace based on reconciliation and the rights of nations and people. After 1919 his leadership weakened, largely as a result of a slump in business that brought on strikes and unemployment. Further weakening his support was the establishment in 1921 of the Irish Free State. In 1922 the Conservatives withdrew from the coalition and at once he resigned. He remained in the Commons for the rest of his life, but the influence of the divided Liberal party grew weak. His last great effort to return to office came in the general election of 1929, when he made glittering promises to unemployment. Unimpressed, the voters returned the rising Labour party instead. His later years were given to the writing of his "War Memoirs". He died in Wales on March 26, 1945);
³ (em Out1917 co-fundador do Partido Centrista e seu chefe, desde 28Abr1918 dirigente do Partido Nacional Republicano); ⁴ (velho 'poetaastro communar' que assina Carlos Fradique Mendes); ⁵ (Araújo Pinto); ⁶ (perdura até 19Fev1919); ⁷ (Mascarenhas); ⁸ (em 01Ago1925 general ministro da Guerra); ⁹ (Mascarenhas); ¹⁰ (Calvão); ¹¹ (Andrade)

1919 - Janeiro.21

Em Dublin, os nacionalistas católicos do Sinn Fein organizam um «parlamento irlandês» e o seu chefe Eamon de Valera¹ proclama unilateralmente a República do Eire.
- «In the 1918 elections Sinn Fein, the Irish revolutionary party, won most of the Irish seats. Sinn Fein had earlier pledged not to take their seats in the English Parliament, however, and after the election they set up an Irish parliament, the Dail Eireann, in Dublin. The Dail issued a declaration of

independence and was headed by Eamon de Valera, a surviving leader of the 1916 Easter uprising. The English attempted to suppress the new government, and violence erupted between British troops and the Volunteers, who became the Irish Republican Army.»

¹ (nascido Edward George de Valera, em 14Out1882)

1919 - Janeiro

Em Washington o senado norte-americano ratifica a 18ª Emenda Constitucional, que aprova a lei restritiva do fabrico e venda de licores e bebidas alcoólicas, a qual deverá entrar em vigor dentro de um ano e que ficará conhecida como *Lei Seca*¹.

- *«Prohibiting the manufacture and sale of intoxicating liquor for beverage purposes, was ratified in January 1919 and went into effect a year later. But in 1933 the 21st Amendment will repeal this prohibition amendment.»*¹

¹ (legislação que origina a eclosão da máfia nos EUA, sendo seu principal 'capo' organizador e beneficiário durante toda a década seguinte, o jovem italo-americano Alphonse Capone: nascido em 17Jan1899; será condenado em 17Out1931 a 11 anos de prisão por "fuga aos impostos"; virá a falecer de velhice em Miami, em 25Jan1947)

1919 - Janeiro.24 (6ªfeira)

No subúrbio ocidental agreste de Lisboa, a insurreição monárquica é derrotada no Forte de Monsanto por marinheiros com apoio de populares armados.

- *«Cerqueira [capitão-tenente¹ e comandante da turba revolucionária], ordenou então que a força sob o seu comando se dispusesse em formatura rigorosa junto ao portão do forte e, ao aproximarem-se [o seu antigo comandante] João [de Azevedo] Coutinho [Fragoso de Siqueira] e os seus companheiros [monárquicos], [...] comandou: "Apresentar armas!".»*²

No dia seguinte em Versalhes, a Conferência de Paz adopta o princípio da *Sociedade das Nações*.

- *«Algumas das cláusulas que constavam do Tratado eram as seguintes: a fundação da Sociedade das Nações, com a função de manter a paz no futuro; a cedência [pela Alemanha] da Alsácia-Lorena à França, a maior parte das províncias da Prússia Ocidental e Posen à Polónia, a Silésia Superior à Checoslováquia, Memel à Lituânia, e o destino de algumas áreas ainda por determinar, perdendo a Alemanha na Europa uma área com uma população de cerca de 4675640 habitantes; e o Império Alemão [ultramarino] cedido, compreendia a África do Sudoeste, a África Oriental, o Camarão, o Togo, as ilhas do Pacífico e Kauchau. As cláusulas militares e navais tinham o duplo objectivo de assegurar o cumprimento dos termos do Tratado e o desarmamento da Alemanha: por exemplo, a Alemanha não podia construir fortificações nem manter forças armadas a Oeste da linha traçada a 30 milhas a leste do Reno; era obrigada a abolir o serviço militar obrigatório; o seu exército regular deveria ser reduzido a um efectivo máximo de 100 mil homens; imposição de um limite ao fabrico de armamento; proibição de ter gases asfixiantes, tanques e carros blindados, bem como a importação de munições e a construção de submarinos; cláusulas especiais visavam impedir a instrução militar.»*³

Dois dias depois em Águeda, as forças monárquicas comandadas pelo major Paiva Couceiro são derrotadas na *Batalha das Barreiras*, pelas colunas de *Voluntários da República* comandadas pelo capitão da GNR João Sarmiento Pimentel⁴ e que, após algumas refregas ao longo do litoral, se dirigem para o Porto onde o estado-de-sítio é mantido.

- *«No Centro e no Norte as forças governamentais também foram obtendo êxitos sucessivos, reconquistando várias cidades e vilas.»*⁵

- *«Em 25 de Janeiro [no porto de Cherburgo], formadas as tropas [de ex-prisioneiros do campo alemão de Breessen] num total de 76 sargentos e equipados, com os oficiais já referidos, embarcámos no [cargueiro] vapor inglês "Helenus". [...] Em 28 de Janeiro de 1919 chegámos finalmente a Lisboa pelas 8 horas, mas só desembarcámos pelas 16. Aqui viámos encontrar nova desorganização, por se estar em pleno período revolucionário.»*⁶

- *«Regressaram [a maioria dos prisioneiros de Friedrichsfeld] a Portugal, num vapor que esteve parado ao largo muito tempo. [...] Desembarcaram no posto de desinfecção em Santos, na Fonte da Rocha. No cais, depois do desembarque, foi feita a chamada e as senhoras da Cruzada das Mulheres Portuguesas distribuíram entre eles tabaco "Duque" - "do mais reles que havia" -, e um bilhete que lhes permitia levantar uma pequena quantia, angariada pelos jornais "O Século" e "Diário de Notícias" [dirigido por Augusto de Castro]⁷, para auxiliar os combatentes e a sua família. Também lá*

estava a Guarda Republicana a cavalo, para impedir que a família saudosa os fosse receber. [...] Ouvia-se dizer que os soldados que regressavam, habituados como estavam à guerra, eram os que melhor estavam preparados para ir para o norte combater os “trauliteiros” [monárquicos comandados pelo major Paiva Couceiro]. E foram muitos os oficiais que foram julgados e castigados, por saudar a bandeira azul e branca hasteada no Porto. Acabados de chegar, o seu País parecia não lhes reconhecer qualquer direito a descansar de tais lides, de poder deixar para trás o sacrifício a que foram sujeitos.»⁸

¹ (promovido a capitão-de-fragata; 50 anos depois, o seu nome é dado à corveta F488 da classe “Baptista de Andrade”); ² (Calvão); ³ (Araújo Pinto); ⁴ (nascido no final de 1888; oficial do Exército, em 04Out1910 na “Rotunda” participou no derrube da Monarquia; em 11Dez1917 logrou ser nomeado para o comando da GNR); ⁵ (Mascarenhas); ⁶ (António Brás, veterano do CEP); ⁷ (até 1924); ⁸ (José Maria Hermano Baptista, veterano do CEP)

1919 - Fevereiro.2 (domingo)

No porto de Cherburgo, o QG do CEP começa a embarcar a maioria do contingente vindo do Aire-sur-La-Lys e dos ex-prisioneiros vindos dos campos de concentração alemães, a fim de ser repatriados.

- *«Durante o mês de Janeiro e Fevereiro ocupou-se o QGC em repatriar todos os portugueses em França, através de navios-transporte que a Inglaterra reservara para o repatriamento dos soldados portugueses. [...] Após a vitória dos Aliados, foi evacuada toda a zona de operações em França, transferidos para Cherbourg e Tournaville todos os serviços do CEP e organizados os primeiros comboios marítimos de repatriação das tropas. Impunha-se não esquecer aqueles que dormiam o sono eterno nos planaltos de Artois e da Flandres. [...] Foi criada em La Gorgue a “Comissão Portuguesa de Sepulturas da Guerra”, presidida pelo então capitão-médico dr. Maximiliano Cordes Cabedo. Diariamente, brigadas de pesquisa saíam de La Gorgue e percorriam em determinadas direcções, toda a zona onde havia permanecido o CEP antes da Batalha de La Lys. Foi vista palmo a palmo toda a área compreendida por Béthune, Lillers, Saint-Venant, Hazebrouck, Bailleul, Armentières, Lille e La-Bassée. [...] A zona em questão estendia-se numa profundidade de 35km, onde os destroços se acumulavam numa promiscuidade de arrepiar. Entre as sepulturas dispersas, nem todas estavam assinaladas devido à precipitação em que se fizeram as inundações: o único indício eram canteiros de vegetação, que se destacavam da desolação que então se presenciava. Foram muitos os corpos levantados [até Mai20], essencialmente entre Laventie [cemitério inglês] e Fetusbert, [...] inclusive nos cemitérios de Brest, Hendaye e Ponarlier em França, Liège, Ninove, Templeuve e Tornai na Bélgica, e Münster e Friedrichsfeld na Alemanha.»¹*

No dia seguinte em Versalhes, o presidente norte-americano Wilson preside à primeira reunião da *Sociedade das Nações*.

¹ (Araújo Pinto)

1919 - Fevereiro.5

Chega a Lisboa vindo de Cherburgo, o navio *Helenus* com um contingente regressado da Flandres, entre ele os militares do BI15 de que se destaca o soldado transmuntano Aníbal Augusto Milhaes¹ que na *Batalha de La Lys* cumpriu *«serenamente, com coragem e determinação»* o seu dever.

No dia seguinte em Weimar, é aberta a 1ª sessão da Assembleia Constituinte da República da Alemanha.

E um dia depois tem início em Berna mais uma *Conferência Internacional Socialista*.

¹ (nascido em 08Jul1895 em Valongo, concelho de Murça, filho de Umbelina Rosa Milhaes e de António Manuel; de profissão jornalista, em 13Mai1916 assentou praça no RI30-Bragança, passando em 16Jun1916 para o RI19-Chaves; transferido como soldado para o RI15-Tomar a fim de formar o CEP em Tancos, em 23Mai1917 embarcou em Lisboa e em 31Mai1917 desembarcou em Brest; seguiu para a 2ª Divisão do CEP e foi integrado no BI15, ficando na frente de trincheiras de Huit-Maisons como soldado nº1 das metralhadoras; durante a Batalha de La Lys, aguentou-se no seu posto durante 4 dias, sozinho e sem comer, protegendo junto de um canal e uma ponte a retirada dos Aliados; três meses depois regressou à posição de Huit-Maisons com os soldados aliados, repetindo idênticas façanhas; em 15Jul1918 louvado em Ordem de Serviço do BI15; em 05Out1918 o general Gomes da Costa reuniu em Isbergues uma formatura de 15 mil tropas, perante a qual o soldado Milhaes foi galardoado com a 4ª Classe da Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito; mais tarde condecorado com a Cruz de Guerra de 1ª Classe com palma, a Cruz de Leopoldo da Bélgica (oferecida pelo próprio), a Medalha da Vitória e a Cruz de Guerra comemorativa da Batalha de La Lys; em 03Abr1919 é-lhe concedido por uma sociedade italiana, um prémio de mil liras. «Voltou à sua aldeia e ao trabalho do campo. O Governo português estabeleceu uma pensão para ele de 15\$00 mensais e mandou que a sua terra - Valongo - se passasse a chamar Valongo de Milhaes»; virá a falecer em 03Jun1970, deixando viúva, 7 filhos e 19 netos)

1919 - Fevereiro.11 (3ªfeira)

Em Weimar, o chefe socialista Friedrich Ebert¹ é eleito primeiro presidente da nova República Alemã.

E passados dois dias o socialista alemão Philipp Scheidemann forma governo.

Enquanto isso no Porto, levantado o estado-de-sítio e abolido o «Reino da Traulítândia», é anunciada a *reimplantação* da República naquela cidade.

- «A meio de Fevereiro, a própria cidade do Porto voltou a ser dominada pelas forças da República.»²

No dia seguinte em Versalhes, o presidente Wilson apresenta à Conferência de Paz a sua *Carta da Sociedade das Nações*:

- «Os membros da Sociedade comprometem-se a respeitar e a defender, contra toda e qualquer agressão exterior, a integridade territorial e a independência política de todos os outros países membros; se um país membro da Sociedade recorre à guerra, desrespeitando os seus compromissos, considera-se automaticamente que cometeu um acto de guerra contra todos os outros membros da Sociedade. Estes comprometem-se a cortar imediatamente todas as relações comerciais e financeiras com o país agressor.»³

¹ (nascido em 1871 em Heidelberg); ² (Mascarenhas); ³ (artigos 10º e 16º do Pacto da Sociedade das Nações)

1919 - Fevereiro.23 (domingo)

Em Milão um grupo de veteranos de guerra - todos dissidentes do PSI e trajando camisas negras -, funda os *Fasci Italiani di Combattimento* sob direcção de Benito Amilcare Andrea Mussolini¹.

- «Italy had lost a great deal in the war, even though it was on the winning side. More than 600 thousand people had been killed. After the war the country was in economic ruin. When Benito Mussolini launched his Fascist Party in 1919, it was not dedicated to any firm agenda. Mussolini as a politician, he was primarily an opportunist. He had been a socialist, but after World War he perceived that a different direction would serve his own advantage. It sought to put together a program that had something for everybody. Ardently nationalist, the Fascist Party sought to appeal to revolutionary labor unions and called for an expansionist foreign policy; and it set himself in opposition to Marxist Socialism as it was being put in practice in the Soviet Union. But above all, Mussolini and his party were flexible in taking advantage of all discontents among the Italian people.»

- «O fascismo nega que a maioria, só pelo facto de ser maioria, possa dirigir as sociedades humanas; nega que essa maioria possa governar graças a consultas eleitorais periódicas. O fascismo recusa, na democracia, a absurda mentira da igualdade política. Para o fascista tudo está no Estado, nada do que é humano ou espiritual existe fora do Estado. Nesse sentido o fascismo é totalitário. Nem partidos políticos, nem sindicatos, nem indivíduos podem existir fora do Estado. Por consequência o fascismo opõe-se ao socialismo e é inimigo do sindicalismo. O fascismo quer um Estado forte, poderosamente organizado e apoiado numa larga base popular.»²

- «Bento XV [...] funda a [...] Universidade do Sagrado Coração, em Milão. Favorece o sindicalismo cristão, que está a afirmar-se na Europa como resposta ao sindicalismo ateu.»³

¹ (nascido a 25Jul1883; militou na ala esquerda do *Partido Socialista* e dirigiu o respectivo diário *Avanti*; no início da Guerra fundou o jornal *Popolo d'Italia* apelando à intervenção ao lado dos Aliados; participou no conflito, gravemente ferido em combate regressou a Itália onde retomou a direcção do jornal);

² (Mussolini, in "A doutrina do fascismo", Roma 1930); ³ (fasc. "Os Papas")

1919 - Fevereiro.27

Em Lisboa o *XV Ministério* é dissolvido e o maçom José Relvas¹ passa a chefiar o novo gabinete governativo, acumulando a pasta do Interior.

- «Depois de dominada a revolta monárquica, José Relvas - por encargo do presidente Canto e Castro - organizara um governo de concentração, em que estiveram representados todos os partidos republicanos. As manifestações e tumultos regressaram às ruas, com mortos e feridos.»²

¹ (em 12Out1910-03Set1911 ministro das Finanças no ministério provisório republicano); ² (Mascarenhas)

1919 - Março.17 (2ªfeira)

Em Versalhes o chefe da representação portuguesa dr. Egas Moniz¹ é substituído pelo prócere maçom Afonso Augusto da Costa, que mantém o general Alfredo Augusto Freire de Andrade, Augusto Luís Vieira Soares, Jaime Batalha Reis², João Chagas, o general maçom José Mendes Ribeiro Norton de Matos³, o embaixador Manuel Teixeira Gomes⁴ e Santos Viegas como delegados-adjuntos.

- «A delegação portuguesa enfrentou grandes dificuldades: apesar da cooperação positiva dos nossos soldados e marinheiros, quer em França quer no Atlântico, até a nossa intervenção militar em África,

- contrariavam-na as sucessivas flutuações da nossa política, que registou durante a guerra tão somente 13 ministérios, além da acusação de germanofilia ou de tibieza perante a causa aliada.»⁵*
- «*A um delegado português à Conferência de Paz foi dito, que era chegado o momento de se pensar seriamente na ligação de Moçambique com a África do Sul. Creio que isto se passou entre umas chavenas de chá num restaurante de Paris. Levado este facto ao conhecimento do sr. Afonso Costa, determinou que “não tomassem mais chás nos restaurantes de Paris os delegados da conferência”.»⁶*
- «*Isto quer dizer que o prestígio externo de Portugal era de tal categoria, que foi possível os políticos dos domínios britânicos da África do Sul proporem, aos delegados portugueses à Conferência de Paz, a compra de Moçambique! Não admira portanto que [em 22Jan23] o jornal “El Sol” de Madrid, viesse ao atrevimento de escrever que o Parlamento português procedia, em determinado negócio público, “num certo sentido, a instâncias do Governo, por pressão do governo inglês”.»⁷*

Dois dias depois, de Lourenço Marques larga rumo a Lisboa um navio com o último contingente do 4º Corpo Expedicionário ao nordeste de Moçambique, que ali prestou serviço durante ano e meio.

¹ (em 01Out1919 adere ao novo Partido Liberal recém-chefiado pelo capitão de engenharia Francisco Pinto da Cunha Leal, nascido em 1888);

² (virá a falecer em 1935 com 88 anos); ³ (mais tarde regressará a Portugal e em Mar1921 nomeado alto-comissário de Angola); ⁴ (em 16Dez1917 demitido de embaixador em Londres; pós-15Dez1918 embaixador em Madrid por breve período e de novo embaixador em Londres até meados de 1919, sendo nesta circunstância um dos delegados portugueses à Conferência de Versalhes); ⁵ (Araújo Pinto); ⁶ (Leote do Rego, in “Diário da Câmara dos Deputados”, sessão de 31Jul1922); ⁷ (Brochado)

1919 - Março.23 (domingo)

Em Versalhes, a delegação chinesa recusa assinar o tratado de paz com os demais Aliados, pelo que o *Comité dos 10 Plenipotenciários* é substituído pelo *Conselho dos Quatro* formado pela França, Grã-Bretanha, EUA e Itália.

- «*The Paris Peace Conference attempted the task of reconstruction through a series of separate treaties with the defeated states. It was hoped that the Concert of Europe might be replaced by a democratic League of Nations, in which all states would be represented. Otherwise the treaties embodied all the war's fears and hatreds. The Treaty of Versailles with Germany returned Alsace-Lorraine to France, took away Germany's colonies, disarmed Germany on land and sea and in the air, and forced it to make undetermined reparations payments for war damages. The other defeated states were also disarmed.»*

1919 - Março.31 (2ªfeira)

Em Lisboa o recém-dissolvido governo do maçom José Relvas é substituído pelo *XVII Ministério*, chefiado pelo *irmão* prof. Domingos Leite Pereira¹.

- «*O governo [totalmente maçónico de José Relvas]² liquidou o regime sidonista, restabeleceu a Constituição de 1911 e em seguida demitiu-se. Durara um mês. Estava restabelecida a chamada “República Velha”, fechara-se por completo o parêntese sidonista. O novo governo foi constituído por Domingos Pereira com ministros democráticos, unionistas e evolucionistas, além de um socialista e de outro independente.»³*

Dois dias depois no cais do Tejo, atraca o navio proveniente de Lourenço Marques com os últimos expedicionários ao nordeste de Moçambique.

¹ (nascido em 1882; também maçom iniciado no Grémio Lusitano); ² (em 31Out1929 virá a falecer com 71 anos em Alpiarça, um dia após o prócere maçom António José de Almeida); ³ (Mascarenhas)

1919 - Abril.4

Em Manila, o governo reclama a cessação do domínio exercido pelos EUA sobre o arquipélago das Filipinas e reivindica a sua independência.

1919 - Abril.11

No palácio de Versalhes a Conferência de Paz decide criar, no âmbito da Sociedade das Nações, uma *Organização Internacional do Trabalho* que vai ficar sediada em Genebra. Nos principais países vencedores da guerra, ao longo deste ano vão ocorrer movimentos grevistas em que participam quase 8 milhões de trabalhadores sindicalizados: 4160348 nos EUA; 2591000 na Grã-Bretanha; e 1206175 em França.

- «Em nenhum lugar as massas podem triunfar, sem primeiramente se verem reduzidas ao desespero e ao sofrimento. É necessário fomentar crises agudas em todas as classes, para que os trabalhadores sofram e assim se revoltem.»¹

Entretanto em Lisboa, o governo democrático chefiado pelo maçom Domingos Leite Pereira marca eleições legislativas para 11 de Maio.

- «Enquanto vários políticos conservadores e moderados tentaram aglutinar-se num partido único que pudesse fazer frente ao Partido Democrático, o governo marcou eleições para 11 de Maio e, na véspera, fez publicar 30 suplementos do “Diário do Governo” para nomeação de 17 mil novos funcionários: para os colocar nos serviços, tratou de demitir milhares de servidores do Estado, procedendo-se a inquérito sobre as suas posições políticas; nem assim, porém, foi possível arranjar ocupação para os 17 mil novos funcionários que tinham como única habilitação a de ser “revolucionários civis”; nem por isso deixavam de receber os vencimentos. Recomeçara o regabofe. [...] Esses 30 suplementos do jornal oficial, ofereceram um aspecto espantoso: o nº18 terminou na página 1346; a seguir as páginas foram numeradas 1346-A até 1346-Z, depois 1346-AA até 1346-ZZ; seguidamente 1346-AAA e assim sucessivamente até as letras aparecerem quintuplicadas. Depois adoptou-se um sistema que dava menos na vista: 1346-6ª; assim se fez até 1346-10C, só depois surgiu a página 1347. [...] António Maria da Silva, em Fevereiro de 1920 proclamou no parlamento: “O País tem estado a saque!”. Afirmação que, recordando-se apenas da nomeação de 17 mil funcionários de uma assentada, tem de considerar-se justa.»²

¹ (Lenine, in “Duas Tácticas”); ² (Mascarenhas)

1919 - Abril.18 (6ªfeira Santa)

Em Paris, o general Alves Roçadas¹ assume o comando do restante contingente do CEP.

Decorridos 10 dias, chegam a Versalhes os delegados alemães à Conferência de Paz.

¹ (pediu exoneração de comandante das Forças Expedicionárias no sul de Angola após o desastre de Naulila em 18Dez1914, regressou a Lisboa em 09Mar1915 e nesse ano promovido a coronel; em 11Nov1918 graduado em general, para assumir em Ambleteuse o comando interino da 2ªDiv/CEP)

1919 - Maio.2 (6ªfeira lua-nova)

No Terreiro do Paço, os serviços centrais das *Encomendas Postais* são alvo de sabotagem por fogo-posto, ali deflagrando violento incêndio.

- «Domingos Pereira [chefe do governo], depressa se viu a braços com extensa e por vezes violenta agitação social: greves em série; incitamentos ao incêndio de edifícios públicos, ardendo as instalações das encomendas postais no Terreiro do Paço. E então houve mangueiras cortadas por mãos criminosas.»¹

No dia seguinte, outro incêndio irrompe na cadeia do Limoeiro: em ambos os sinistros, «os Escoteiros estiveram presentes»² auxiliando as autoridades civis.

- «Os presos no Limoeiro incendiaram o prédio, vendo-se os bomberios impotentes por o pessoal da Companhia das Águas estar em greve.»³

¹ (Mascarenhas); ² (Eduardo Ribeiro); ³ (Mascarenhas)

1919 - Maio.6 (3ªfeira)

Na barra do Tejo entra o navio com os militares do CAPI, que desde 15 de Novembro estiveram acantonados no sector do CEP em Crecques, «onde se ocupavam do arrasamento de trincheiras, etc.»¹.

Enquanto isso na galeria dos espelhos do Palácio de Versalhes, o *Conselho dos Quatro* reúne para tratar da partilha das colónias alemãs e decide atribuir a África Oriental (Tanganica) à Inglaterra, e a Damaralândia (Sudoeste Africano) à África do Sul.

- «A Alemanha perdeu as suas colónias - o Togo, os Camarões, o Sudoeste Africano, o Tanganica e alguns arquipélagos do Pacífico -, entregues à tutela provisória de outras potências coloniais. E Portugal, porque os responsáveis da 1ª República tiveram o rasgo político de o envolver no conflito, pode salvar as suas. Seguiu-se, como é sabido, um interessante debate sobre a questão colonial, inspirado e dominado pelo presidente americano W. Wilson. [...] O quinto dos catorze pontos enunciados em 1918 referia-se expressamente à questão colonial, preconizando uma regulamentação de todas as reivindicações coloniais na base do princípio segundo o qual, em matéria de soberania, deveria ser atribuído aos interesses das populações colonizadas um peso igual

aos do Estado colonizador. [...] As suas posições foram, com toda a lógica, interpretadas no sentido de que a autodeterminação passara a ser uma questão de princípio em matéria de política aliada. É sabido que esta interpretação encontrou opositores entre os responsáveis dos países colonizadores, acabando o presidente Wilson por sacrificar as realidades à salvação dos princípios de que se fez arauto. A saída acabou por ser encontrada na figura do "mandato". Este mesmo de três espécies, segundo o diferente grau de evolução de cada território a ele sujeito. E, se o mandato do tipo A constituía uma simples "etapa para a descolonização", todos eles representavam "uma ruptura com o anterior estatuto colonial". [...] Todas estas novidades sofreram [até à eclosão da 2ª Guerra Mundial] o desgaste da própria Sociedade das Nações.»²

No dia seguinte em Versalhes, a delegação da Alemanha recebe a minuta do Tratado de Paz.

- «A Alemanha renuncia, a favor das principais potências aliadas e associadas, a todos e quaisquer direitos sobre as suas colónias.»³

Ao mesmo tempo em Lisboa, é publicado o decreto que regulamenta o trabalho diário de 8 horas.

- «O governo pôde tomar algumas providências úteis, chegando a promover a construção de um "bairro operário" no Arco do Cego em Lisboa, o qual foi origem de escandaleiras (e só foi concluído depois do 28 de Maio); e promulgando nova e inovadora legislação sobre o horário de trabalho (8 horas diárias) e a criação do seguro social obrigatório. Mas a agitação cresceu e enveredou pelas práticas subversivas: atentados à bomba, sabotagens, greves insurreccionais.»⁴

¹ (Araújo Pinto); ² (Almeida Santos); ³ (art.119º do Tratado de Versalhes); ⁴ (Mascarenhas)

1919 - Maio.11

Em Portugal, as eleições legislativas concedem maioria relativa ao Partido Democrático.

- «As eleições de 11-V em que se registou elevada abstenção, deram a maioria aos democráticos mas apenas relativa.»¹

¹ (Mascarenhas)

1919 - Maio.25 (domingo vésperas de lua-nova)

Na fronteira sul-oriental de Angola com a Damaralândia, a leste do Mucusso o posto avançado do Dirico é assaltado por ovampos, que assassinam o tenente Brito e Abreu e 10 soldados de infantaria.

1919 - Junho.2

No hemiciclo de São Bento reúne o novo parlamento, perante o qual o PR provisório contra-almirante Canto e Castro cede a função ao deposto Bernardino Machado, mas este abstém-se e o congresso marca novo escrutínio.

- «Reunido o parlamento, o presidente Canto e Castro renunciou e Bernardino Machado (que fôra deposto por Sidónio Pais), recusou-se a cumprir o resto do seu mandato, não acedendo aos apelos para que reconsiderasse dessa decisão.»¹

¹ (Mascarenhas)

1919 - Junho.21 (sábado)

Em Weimar, o socialista Gustav Bauer substitui na chancelaria alemã o correligionário Scheinemann, que se demitiu face às imposições da Paz de Versalhes, pela qual ficou estabelecido que a Alsácia e a Lorena regressam à soberania francesa.

- «É proibido à Alemanha construir fortificações ao longo de uma linha situada até 50km do rio Reno; é-lhe igualmente proibido possuir ou mobilizar forças armadas; os territórios alemães situados a oeste do Reno serão ocupados pelas tropas das Potências Aliadas por um período de 15 anos.»¹

No dia seguinte, a AN de Weimar vota majoritariamente a favor da assinatura do Tratado de Paz.

¹ (artigos 42º, 43º e 428º do Tratado de Versalhes)

1919 - Junho.28 (sábado)

Em Versalhes, o chefe da delegação portuguesa Afonso Costa assina o *Tratado de Paz* (sujeito a ratificação), em cujo texto ficam expressamente incluídas referências ao pagamento de indemnizações relativas a prejuízos sofridos durante a Grande Guerra nos territórios do Ultramar Português.

- «Germany lost almost 48000 sq. mi. of European territory and more than 1 billion square miles in colonies. The treaty was given to the German delegation to sign but the German delegates strongly objected to its severe terms: they said the terms were not consistent with President Wilson's Fourteen Points; the Allies made only small concessions. Finally, on June 28, 1919, the German delegates signed.»
- «A Alemanha reconhece que ela e os seus associados são responsáveis por todas as perdas e danos sofridos pelos países aliados em consequência da guerra que lhes foi imposta pela agressão alemã; a Alemanha compromete-se a pagar uma indemnização por todos os danos causados à população civil dos países aliados.»¹
- «A Alemanha aceitou a responsabilidade das perdas e danos causados pela guerra aos Aliados, e foi necessário determinar o quantitativo de compensação, que ela pagaria em género ou em dinheiro. Afonso Costa conseguiu a inserção no Tratado de um parágrafo, que obrigava a Alemanha a pagar os prejuízos que causou a Portugal antes da entrada do nosso País na guerra: quando invadiu as nossas províncias; os barcos que afundou; e os bens dos portugueses na Bélgica, aprisionados pelos alemães. [...] Afonso Costa apresentava desta forma os desígnios de Portugal: “Não pedimos nenhuma [?] indemnização pelos nossos esforços, nem nenhum [?] pagamento dos serviços que prestámos. Somente desejamos que, admitindo o princípio justo da reparação dos prejuízos que o inimigo causou, essa reparação nos seja dada”. [...] A acção da delegação portuguesa foi considerada incapaz de defender convenientemente os direitos de Portugal. Diz-nos [em 1926 o ex-alferes do RI12 Horácio de Assis] Gonçalves: “Portugal, que ficara vitorioso com os Aliados no ‘front’ militar da Flandres, ficou ingratamente derrotado no ‘front’ diplomático de Versalhes. De armas na mão salvou a sua honra, apesar mesmo do inevitável precalço do Lys, mas entregue aos políticos tudo perdeu tristemente”. Considerou ainda que se tinham deixado em aberto as mais importantes questões, tais como: os limites meridionais de Angola, que não se definiram; e nos limites setentrionais de Moçambique, Portugal ficou ali com uma fronteira incerta e duvidosa que o poderia vir a lançar em futuros conflitos.»²
- «Foi com profunda mágoa que [em 30Mar1920], lendo minuciosa e atentamente este volumoso e importantíssimo diploma, a não ser apensado ao nome dos nossos delegados na Conferência de Paz, só uma vez encontrei o nome de Portugal. Dir-se-ia que na guerra fôramos um adventício, e que nos ajustes da Paz - a despeito dos nossos grandes e múltiplos interesses em jogo -, nada mais fomos do que um factor comum. É opinião de muita gente que, visto o Tratado não comportar emendas - sequer ao menos alterações de redacção -, o melhor seria votá-lo sem o discutir. Um documento como este, de importância transcendente sob mais de um ponto de vista, não só merece como exige larga discussão. Trata-se de refazer o mapa político da Europa; trata-se de lançar os fundamentos de uma sociedade nova, regida por um Direito novo, orientada para novos e superiores destinos. Pelas questões que agita, pelos altos problemas que põe, pelas soluções que precomiza, este Tratado - a despeito das suas insuficiências, das suas contradições, das suas iniquidades, dos seus absurdos -, é o mais importante diploma de quantos jamais tenham sido apresentados à sanção parlamentar em todos os Parlamentos do mundo. Não seria levar muito longe as nossas exigências, pretendendo que a Conferência de Paz deixasse resolvidas, nas estipulações do Tratado, algumas questões que temos pendentes, a maior parte relacionando-se com a nossa política exterior, e algumas delas tendo sido já, e podendo vir a ser ainda, motivo de embaraçosos conflitos. Fica-nos pendentes o litígio sobre os limites do sul de Angola; fica-nos pendente o litígio da nossa soberania em certa porção de Macau; fica-nos sem resolução o conflito da Swazilândia, e nem sequer nos fica satisfatoriamente resolvida a questão dos limites da fronteira norte da província de Moçambique”. [Manuel de Brito Camacho é interrompido por José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães, em 30Mar1920 MNE em exercício, que o informa ser ‘de facto et jure’ o rio Rovuma limite norte de Moçambique]. “Mas lamento que esta justa retrocessão - tão justa como a da Alsácia e da Lorena à França -, não se fizesse por expressa disposição do Tratado, vindo a ser feita pelo Conselho dos Aliados, mais como um acto de generosidade do que propriamente como um procedimento de justiça. Rectificaram-se, pelo Tratado, fronteiras na Europa e fora da Europa, não só para serem devidamente reparadas injustiças que já quase tinham a consagração do tempo, mas também e principalmente para que não subsistam ‘germens’ de

conflitos internacionais, podendo conduzir a novas guerras no futuro. Só a nossa fronteira do sul de Angola subsiste tal como era antes da guerra, incerta, litigiosa. [...] Vê-se pelo Tratado, que foram convidados a aderir ao Pacto da Sociedade das Nações aqueles países que, por um ou outro motivo, se conservaram neutros; e dá-se o caso de um neutro, a Espanha, fazer parte do respectivo Conselho. Isto responde aos que entendiam que devíamos entrar na guerra, quanto mais não fosse para fazermos parte da Sociedade das Nações. A Espanha, como disse, país neutro, de uma neutralidade em que havia muita afeição pelos alemães, faz parte do Conselho da Sociedade das Nações. Honra que nos foi negada, a nós, como a outros beligerantes. [...] O Tratado é violento em muitas das suas disposições; em algumas delas chega a ser de uma ingenuidade pueril. Não é uma obra de justiça; não é, sequer, uma obra de equidade. Não liquida satisfatoriamente os erros do passado, e não garante, eficazmente, a paz do futuro. É ver como já se degladiam, no terreno dos interesses, cada qual pretendendo sobrepôr os seus aos de todos os outros, os que ontem estavam intimamente ligados na luta contra a Alemanha. Não quero alongar-me, fazendo as considerações que o Tratado sugere, como sendo uma regra do Direito a observar no futuro. Direi apenas que enferma deste erro tremendo - erro grosseiro, se considerarmos que nele colaboraram homens de superior talento -, dar a impressão de que na concorrência das Nações não faria falta um povo de 70 milhões de trabalhadores. Não acredito na Sociedade das Nações, a não ser como expressão de um pensamento generoso, e prevejo que uma nova guerra terá lugar, dentro de poucos anos, se uma revisão honesta do Tratado não vier realizar a obra justa que o inspirou, mas que ele não traduz. Na base de todos os conflitos guerreiros há sempre um interesse ferido. Terminando, perguntarei ao senhor ministro dos Negócios Estrangeiros se considera caduca, pelo facto da ratificação do Tratado, a nossa aliança com a Inglaterra; e se entende que podemos adormecer tranquilos, sobre o travesseiro que nos oferece o Pacto das Nações, sem receio pelo futuro. Por mim, direi que a nossa segurança só devemos confiá-la ao nosso próprio esforço e ao sistema de aliança em que entremos, mantendo-se a que já tínhamos.»³

- O que levaria mais tarde Afonso Costa, presente no Tratado de Paz de Versalhes, a pedir ao diplomata Teixeira de Sampaio que lhe organizasse um dossier [sobre a "Questão de Olivença"] para colocar aos conferentes, no qual se forçava a linha-mestra do contencioso.»⁴

- «O Governo português estuda a possibilidade de levar a Questão de Olivença à Conferência de Paz, tendo para o efeito o embaixador Teixeira de Sampaio redigido um extenso relatório. Uma vez que a Espanha não participara no conflito mundial, não foi possível a intervenção da comunidade internacional no Litígio de Olivença.»⁵

Quanto ao *Triângulo do Quionga*, aquele território no nordeste de Moçambique é formalmente «*restituído*» pela Alemanha à soberania portuguesa⁶, bem como fica reconhecida a integridade de todas as províncias do Ultramar Português; mas no Tratado, as cláusulas indemnizatórias são demasiado generalistas e imprecisas.

- «Num relatório oficial, Portugal exigia um total de 130,42 milhões de libras (912940 contos) à Alemanha, mas tal pagamento parecia difícil, como confirmam as palavras indignadas de Afonso Costa [chefe da delegação negocial em Versalhes]: "Os alemães não nos darão nem um vintém! Viémos para a guerra como filósofos. Armámos os nossos filhos só para o sacrifício. Mandámos os nossos soldados para o campo da batalha, para, ao lado dos aliados, defender a justiça. E os aliados fazem-nos agora a injustiça de arruinar Portugal, esquecendo a nossa dor e o nosso sacrifício".»⁷

- «A participação portuguesa na Grande Guerra, custou perto de 36 mil homens na França e na África: feridos e inutilizados por doença, totalizaram cerca de 16 mil (pelo menos), os mortos e desaparecidos excederam 20 mil; prisioneiros na França, tivemos perto de 6 mil. Perdemos 96379 toneladas de navegação e carga. Além destes sacrifícios, deverão ser contabilizados todos os outros serviços prestados à Inglaterra, de vária ordem e não foram poucos. No entanto, na Conferência de Paz obtivemos apenas a restituição do Quionga, pequena parcela do território [nordestino] moçambicano que já era portuguesa [séculos] antes do conflito... [...] "No fecho da luta beneficiámos rigorosamente de coisa nenhuma". Mais uma vez ficou demonstrado, como em outros transes históricos, que Portugal nada tinha a ganhar imiscuindo-se nas querelas europeias.»⁸

Menos de 12 horas decorridas, em Lisboa o *XVII Ministério* é dissolvido e o general maçon Alfredo Ernesto de Sá Cardoso⁹ encarregue de formar novo gabinete.

- «Sentindo que a sua missão estava esgotada, Domingos Pereira demitiu-se e foi então formado novo governo puramente democrático, presidido por Sá Cardoso. [...] Em 1919 [...] voltou-se a subsidiar as missões católicas [ultramarinhas], embora se insistisse na experiência das missões laicas.

[...] Quanto ao papel desempenhado pelo nosso Ultramar durante a guerra [...], apesar de insuficiente foi muito mais positiva a acção da 1ª República além-mar do que no Continente.»¹⁰

No dia seguinte no Vaticano, o Papa Bento XV «reconhece a República Portuguesa»:

- «Bento XV [...] funda a Congregação para as Índias Orientais.»¹¹

¹ (artigos 231º e 232º do Tratado de Versalhes); ² (Araújo Pinto); ³ (Brito Camacho, "Diário da Câmara dos Deputados", sessão extra de 30Mar1920);

⁴ (cfr "Breve história de Olivença"; GAO, internet 11Fev2003); ⁵ (Eleutério, in "Amigos de Olivença..."; supl CM 19Nov1995); ⁶ (de acordo com as disposições genéricas do art.118º do Tratado de Paz de Versalhes, os direitos de Portugal sobre Quionga ficam internacionalmente reconhecidos, vindo o território a ser novamente incorporado no domínio administrativo de Moçambique através da Lei 962 de 02Abr1920); ⁷ (Araújo Pinto); ⁸ (Mascarenhas);

⁹ (um dos oficiais co-planeadores do derrube da Monarquia, fez parte do Partido Republicano Português e esteve presente no Comité Militar do "5 de Outubro"; depois no Partido Reconstituente, oficial golpista do 14Mai1915; deputado em várias legislaturas e ministro do Interior; integrou o CEP e ascendeu a general; em 1919 participou na ofensiva contra a "Monarquia do Norte"); ¹⁰ (Mascarenhas); ¹¹ (fasc. "Os Papas")

1919 - Julho.14 (2ªfeira)

Na Place de l'Étoile parisiense desfila um pequeno contingente do CEP, integrado nas forças Aliadas do marechal Foch, sob comando do maçon major de infantaria Ribeiro de Carvalho e tendo à frente o tenente Perestrello da Silva¹, porta-bandeira do RI22 do *Corpo Expedicionário Português*.

- «As forças portuguesas do CEP ocuparam o seu devido lugar nas festas da vitória, realizadas em Paris, Londres e Bruxelas, onde foram entusiasticamente louvadas. Foi a apoteose e a comoção que dominaram no momento em que as quatro bandeiras de Portugal se elevaram no Desfile da Vitória em Paris [...], escoltadas por 150 soldados portugueses. [...] "Comandavam o destacamento de honra 2 verdadeiros soldados, [major comandante do RI21] Ribeiro de Carvalho e [capitão do RI13] Bento [Esteves] Roma. Erguiam as hastes 4 alferes, em cujo peito pendia uma Cruz de Guerra".»²

¹ (em 09Abr1918, cmdt 2º/BI14); ² (Araújo Pinto)

1919 - Julho.27

No planalto sudoeste de Angola, o veterano da Flandres tenente de infantaria piloto-aviador António Maria da Cunha e Almeida, aos comandos de um bimotor Caudron-G4 despenha-se nos arredores de Sá Bandeira, em consequência do qual é hospitalizado¹ e seu irmão Luís Carlos, com a mesma patente e especialidade, passa a comandar o Grupo de Esquadrilhas de Aviação de Angola.

¹ (virá a falecer em 1923 no sul de Angola; agraciado a título póstumo com o oficialato da Torre e Espada)

1919 - Agosto.2 (sábado)

No norte da Guiné, indígenas sob comando de Abdul Indjai atacam Mansabá e durante os combates morre o alferes Alonso Figueira, comandante militar da área.

1919 - Agosto.6

No hemiciclo de São Bento, o congresso republicano elege o prócere maçon António José de Almeida presidente da República.

- «A 6-VIII foi eleito, ao 3º escrutínio, António José de Almeida. Nessa votação verificou-se que os democráticos se mostravam divididos. No campo contrário, registou-se movimento oposto. [...] A instabilidade governativa continuou a ser norma, que não conheceu excepções.»¹

¹ (Mascarenhas)

1919 - Agosto.11 (2ªfeira)

Em Weimar, a AN dá por concluída a nova Constituição da República da Alemanha.

- «For many months Germany was in extreme turmoil, as various revolutionary parties, angry workers and disgruntled soldiers fought each other. Added to this social unrest was the Treaty of Versailles, which demanded huge war reparations from Germany. The terms of the peace treaty were very harsh. In addition to territorial losses, Germany was made the scapegoat for the war by the insertion of Article 231 in the treaty. Germany and its allies were held responsible for all losses and damages suffered by the Allies. Despite the turmoil, a new constitution was drawn up by an assembly at Weimar in 1919 (February 6 to August 11). The new National Assembly drew up a new constitution; hence the name Weimar Republic. The new constitution created a strong central government. It controlled all taxation, and its laws overrode those of the 17 Lander, or states. The states were represented in the Reichsrat, but this chamber was subordinate to the Reichstag, to which alone the chancellor and his government were responsible. In the early years the republic

enjoyed a cultural renaissance. Among the noted names of the era were Walter Gropius and his Bauhaus school of design; composers Anton von Webern, Arnold Schoenberg and Kurt Weill; and poet-playwright Bertolt Brecht. Economically, however, the first years were distressful. Demands for reparations helped destroy the value of the currency, and Germany experienced a hyperinflation in which the value of the mark dropped to virtually nothing. Industry was controlled by a small group of wealthy individuals, as were the landed estates. There were many political parties, ranging from the Communists on the left to the Nationalists and the new National Socialists on the right. Weakened from within, Germany was pressured from without by the Allies that had won the war, especially by France. Germany was fragmented by numerous special-interest groups, each contending for power. The army accused the government of betrayal in the war. The working class increasingly supported socialist and Communist positions. The forces of social revolution were gradually defeated, and the way was paved for the establishment of a democratic republic.»

- «The Nazi party was founded in Munich in 1919 by Anton Drexler and Karl Harrer as the German Workers' Party. Adolf Hitler¹, who was working in Munich at the time, encountered the party in September 1919 and quickly became one of its compelling speakers. On Feb. 24, 1920 it was renamed the National Socialist German Workers' Party. He was elected chairman of the party on July 29, 1921. The party was able to attract support because of its strong emphasis on German nationalism, while offering workers a program of reform. From the day of Hitler's rise in the party it became more of a movement than a political society. It was highly nationalistic, demanding Germany for Germans only. It was also militaristic, anti-Semitic, anti-capitalist, anti-democratic and gradually oriented toward complete obedience to its new leader.»

¹ (nascido em 20Abr1889)

1919 - Setembro

Em Coimbra, realiza-se um *Congresso Cooperativista Nacional*.

Entretanto na mesma cidade decorre o *II Congresso Nacional Operário*, durante o qual é formalmente constituída a direcção da sucursal portuguesa da CGT (Confederação Geral do Trabalho)¹.

¹ (formalmente constituída em 1906 no Congresso de Amiens; os anarco-sindicalistas desta CGT portuguesa, desde Fev1919 publicam o seu jornal "A Batalha" e em Jun1919 começaram a publicar o jornal "O Avante")

1919 - Setembro.10 (4ªfeira)

Em Saint-Germain, a Áustria assina formalmente com Portugal o tratado de paz.

1919 - Outubro.5 (domingo)

No palácio de São Bento, o recém-promovido almirante João do Canto e Castro cessa formalmente a presidência provisória da República, que é assumida *de jure* pelo prócere maçom António José de Almeida.

- «*Fusão dos evolucionistas* [de António José de Almeida] e *dos unionistas* [de Brito Camacho, concretizada em 1 de Outubro] no novo *Partido Liberal* [chefiado pelo capitão de engenharia Francisco Pinto da Cunha Leal]: nele vieram a integrar-se o *Partido Nacional* [Republicano que em 28Abr18 havia absorvido o Partido Centrista do dr. Egas Moniz] e alguns antigos sidonistas; mas dele vieram a desligar-se alguns elementos, que formaram grupo à parte.»¹

Enquanto isso no noroeste de Angola, eclode outra rebelião autóctone na floresta dos Dembos.

- «Em 22 de Maio de 1919 é criado Quibaxe, como posto militar no sul dos Dembos. E em [Outubro de] 1919 volta a surgir nova revolta dos Dembos, sendo derrotados e submetidos de vez por uma coluna comandada pelo capitão Ribeiro de Almeida. O forte de Caculo, colocado sobre uma colina que se destaca do ambiente geográfico que a rodeia, é circundado por um grande e profundo fosso, dando apenas acesso numa pequena entrada. Nesse forte se defendeu o segundo-sargento Ferreira Mirra que, com o cabo da guarnição Simão Hungo, heroicamente soube pacificar a perigosa região do Caculo-ca-Henda. Ambos serviram sob as ordens do capitão "Quingando" (corta-cabeças), assim denominado Ribeiro de Almeida por ter vindo de Bula-à-Tumba com ideia de acabar com o "homem das três cabeças" que infundia o terror aos nativos da região. O capitão Ribeiro de Almeida e o sargento Ferreira Mirra não conheciam descanso e o acesso aos diferentes postos fazia-se com um numeroso grupo de nativos que, à frente das forças, ia abrindo e desbravando as matas. Ainda hoje

existem caminhos abertos por esses militares. [...] Em 28 de Abril de 1920, a capitania-mor dos Dembos passa para Quibaxe.»²

- «*Em Outubro de 1919, utilizando angolanos de outras regiões e soldados [landins] de Moçambique, os portugueses saem vencedores da resistência nacional [?] na região dos Dembos. No momento em que terminava a ocupação militar, as forças portuguesas entretiveram-se a liquidar os chefes tradicionais e a destruir a estruturação tribal. [...] Foram precisas 15 expedições para levar a termo a pacificação da região [dos Dembos].»³*

¹ (Mascarenhas); ² (Milheiros); ³ (Mário de Andrade, in "Présence Africaine", Paris Set1962)

1919 - Novembro.27 (5ªfeira)

Em Nova Delhi, o *mahatma* Mohandas Karamchand Gandhi¹ lança a sua campanha nacionalista.

Enquanto isso em Neuilly, a delegação da Bulgária assina formalmente com Portugal o tratado de paz.

¹ (preso pela 1ª vez em 06Nov1913)

1919 - Dezembro.1 (2ªfeira)

Na Universidade de Coimbra, em consequência das insurreições monárquicas no início do ano, são temporariamente suspensos alguns professores, de entre os quais se destacam: na Faculdade de Letras, Manuel Gonçalves Cerejeira¹; e na Faculdade de Direito, António Faria Carneiro Pacheco, Domingos Fezas Vital, Magalhães Colaço e António de Oliveira Salazar.

- «*A situação no País, entretanto, não parara de se degradar: as perturbações laborais e a agitação social prosseguiram; e os governos [...] mais interessados em contribuir para a exacerbação dos espíritos e da facções, do que no contrário. Foi o caso dos problemas criados com as Universidades, em especial a de Coimbra, na qual [...] foram suspensos 4 lentes de Direito (Fezas Vital, Carneiro Pacheco, Magalhães Colaço e Oliveira Salazar), acusados de fazer propaganda monárquica nas aulas. O inquérito sobre o caso, realizado por um juiz, nada provou e os professores em questão foram ilibados. É curioso recordar que o prof. Salazar, na sua resposta às acusações escreveu o seguinte, retorquindo a afirmações de um aluno: "O sr. Rui Gomes não sabe se eu sou monárquico ou não, e tem razão para o dizer. Eu sei muito bem o que sou, mas também não lho digo". A propósito da reforma da Faculdade de Letras, o ministro da Instrução da época, Leonardo Coimbra, suscitou novo conflito universitário, dificilmente sanado.»²*

Entretanto, a *Federação Maximalista Portuguesa* começa a publicar o seu semanário comunista intitulado *A Bandeira Vermelha*.

¹ (nascido em 1888 na freguesia de Santa Marinha da Lousada, concelho de Famalicão; estudante na Universidade de Coimbra com António de Oliveira Salazar, com este participou no CADC); ² (Mascarenhas)

1919 - Dezembro.10 (4ªfeira)

Em Bruxelas uma dezena de antigos combatentes africanos, originários do Congo Belga e liderados por Paul Panda Farnana, constituem-se em *Union Congolaise* com o objectivo anunciado de «*ajuda e de desenvolvimento moral e intelectual da raça congoleza, e defesa dos direitos dos combatentes nativos*».

1919 - Dezembro.23

Em Londres é constituída uma sociedade denominada Transzambezia Railway Company Ltd, destinada a construir uma ferrovia moçambicana entre o Dondo e a margem direita do Zambeze frente ao Chindi.

- «*A constituição desta empresa foi de iniciativa da Companhia de Moçambique, mas deve-se principalmente à acção de um dos seus administradores de nacionalidade inglesa, Libert Oury. O capital da Companhia [TZR] era representado por cerca de 600 mil acções de 1 libra, das quais: 200 mil pertenciam à Companhia de Moçambique; 150 mil ao governo do protectorado da Niassalândia; 233943 a Libert Oury; e 16500 à Companhia do Caminho-de-Ferro da Beira ao Zambeze (que em 1898 recebeu a concessão da construção da linha, cedendo posteriormente [em 09Jan20] os seus direitos à TZR).»¹*

- «*The [british-portuguese] Trans-Zambezia Railway Company Ltd was constituted on December 23 [or 24], 1919; and on January 9, 1920 the [1898 founded belgian] “Compagnie du Chemin de Fer de Beira au Zambeze” sold its [16.5 thousand pounds] concession [of Dondo-Mutarara Moçambican railway] to this newly formed railway company, which thus acquired the right to the line from Dondo to its terminus port, Beira.*»²
- «*Para renovar a Marinha de Guerra, então quase inexistente, [o governo chefiado pelo maçon general] Sá Cardoso fez aprovar uma lei nesse sentido: projecto que não passou do papel, porque as finanças públicas estavam de rastos; o défice do Estado ascendia a dezenas de milhar de contos e prognosticava-se a falência a curto prazo.*»³

¹ (Silva Cunha, op.cit pp.235); ² (Pinto Teixeira); ³ (Mascarenhas)

1919 - Dezembro (fins)

No hemiciclo de São Bento o governo do general Sá Cardoso, na sequência dos primeiros atentados bombistas perpetrados por nihilistas e anarquistas da *Legião Vermelha*¹, faz aprovar um decreto que autoriza a deportação de tais indivíduos após julgamento sumário pelo Tribunal de Delitos Sociais.

- «*Os bombistas podem ser julgados sumariamente pelos tribunais ordinários, e ficam sujeitos a deportação para as colónias africanas.*»²
- «*Outra das grandes vergonhas passadas durante o regime republicano, foi a “Legião Vermelha”. [...] Assaltos a bancos, a clubes elegantes, bombas, o terror dominando a cidade.*»³
- «*O ambiente na opinião pública adensou-se, quando nesse mesmo ano entrou em acção a “Legião Vermelha”, organização terrorista que multiplicou atentados a tiro e à bomba, a tal ponto que numerosas associações e instituições solicitaram ao parlamento providências efectivas contra esses malfeitores, a que a Polícia entretanto procurava não dar tréguas, comandada pelo tenente-coronel [de cavalaria] Ferreira do Amaral.⁴ [...] A par de tudo isto, a crise das subsistências e o incremento da subversão social, abalavam o País: os governos eram derrotados na luta contra os açambarcadores; viam-se e desejavam-se para debelar as vagas grevistas que se sucediam, frequentemente apoiadas por acções terroristas e actividades revolucionárias. [...] Ao governo Sá Cardoso [em funções desde 30 de Junho] sucedeu, [agora] 6 meses mais tarde, outro [idêntico] gabinete chefiado pelo mesmo militar. Menos de 2 semanas depois, estava [em 21Jan20] em terra.*»⁵

¹ (responsável pela maioria dos atentados políticos e bombistas, que vão suceder ao longo dos próximos 5 anos e meio); ² (Moreira e Pedrosa);

³ (Cansado Gonçalves); ⁴ (veterano da Grande Guerra no sudoeste de Angola); ⁵ (Mascarenhas)

1920 - Janeiro.10 (sábado)

Em Paris, a *Sociedade das Nações* entra formalmente em funções.

- «*One result of this conference was the formation of the League of Nations, similar to today's United Nations. The goal of this international organization was chiefly to prevent further wars, but it also promoted international cooperation in many matters. The other outcomes of the peace conference were less beneficial for the world. After having played a major role in ending the war and trying to forge the peace, the United States withdrew behind its borders into isolation and refused to join the League of Nations.*»

Ao mesmo tempo em Lisboa, é anunciado o termo oficial do estado-de-guerra e que o *Tratado de Paz de Versailles* entra imediatamente em vigor.

- «*Cada Potência aliada ou associada terá, nos três meses [contados a partir de 10Jan1920] que se seguirem à entrada em vigor do presente tratado, a faculdade de rescindir todos os contratos de seguro correntes entre uma Companhia de Seguros alemã e os seus nacionais, em condições que subtraíam os mesmos nacionais a qualquer prejuízo. Para esse fim a Companhia de Seguros alemã transferirá ao governo da Potência aliada ou associada interessada a proporção do seu activo atribuível às apólices assim anuladas e ficará desligada de qualquer obrigação, com respeito a elas. O activo a transferir será fixado por um “actuary” designado pelo Tribunal Arbitral Misto. [...] Todos os contratos de resseguros celebrados com uma pessoa que se tornou inimiga serão por este facto considerados como anulados, mas sem prejuízo, no caso de risco de vida ou marítimo, que tenha começado a correr antes da guerra, do direito de recobrar depois dela o pagamento das quantias devidas por motivo desses riscos. Todavia, se a parte ressegurada foi inibida, em consequência de invasão, de encontrar outro ressegurador, o Tratado subsiste até à expiração de um período de três meses depois da entrada em vigor do presente Tratado. [...] Um Tribunal Arbitral Misto será*

constituído entre cada uma das Potências aliadas ou associadas, de uma parte, e a Alemanha, de outra parte, num prazo de três meses a datar da entrada em vigor do presente Tratado. Cada um desses Tribunais será composto de três vogais. Cada um dos governos interessados designará um desses vogais. O Presidente será escolhido por acordo entre os dois governos interessados.»¹

¹ (cfr § 12º e 20º do art.303º, e alínea a) do art.304º, do texto português do citado Tratado; o qual só em 30Jan1920 será dado a conhecer ao parlamento)

1920 - Janeiro.15 (5ªfeira)

Em Lisboa o 2º gabinete democrático do general maçon Sá Cardoso cessa funções, mas o irmão PR António José de Almeida não logra empossar o *XX Ministério*, recém-formado por Francisco José Fernandes Costa com apoio do novo Partido Liberal, chefiado pelo capitão de engenharia Cunha Leal.

- «Singular, para a história do parlamentarismo liberal, é o caso do governo Fernandes Costa, parlamentarmente constituído na manhã de 22 [i.e, 15] de Janeiro de 1920 e destituído na tarde do mesmo dia.»¹
- «Encarregado de formar governo, Fernandes Costa organizou um ministério com elementos liberais. Mas quando se preparava para tomar posse (15-I-20), um bando de arruaceiros impediu que tal acontecesse. Tentou o presidente António José de Almeida a formação de um “governo nacional”, sem êxito.»²
- «O famigerado “Grupo dos Treze” impediu o legítimo governo presidido pelo dr. Fernandes Costa de tomar posse, ao mesmo tempo que [no Rossio] assassinava barbaramente no café Chave d’Ouro o inditoso professor Gueifão.»³

Um dia depois em Versalhes, são formalmente encerrados os trabalhos da Conferência de Paz.

Logo a seguir em Paris, o Conselho da *Sociedade das Nações* reúne pela primeira vez.

Por essa ocasião em Washington, o Senado pronuncia-se desfavoravelmente a que os EUA venham a aderir à *Sociedade das Nações*.

Na manhã seguinte larga do Lobito rumo a Lisboa, um navio com os militares da 2ª Companhia Expedicionária do RI23, que durante os últimos 2 anos estiveram em serviço no planalto central de Angola.

¹ (Brochado); ² (Mascarenhas); ³ (Juvenal)

1920 - Janeiro.28 (4ªfeira)

Em Lisboa, o maçon PR António José de Almeida dá posse ao *XXI Ministério* chefiado pelo irmão prof.Domingos Leite Pereira, que pela 2ª vez fica à testa da governação.

- «Domingos Pereira formou um gabinete de concentração, que se aguentou menos de 2 meses.»¹

Decorridos 2 dias, no hemiciclo de São Bento o novo MNE José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães² apresenta finalmente à Câmara dos Deputados, o texto do *Tratado de Paz de Versailles*, que vai baixar às respectivas comissões para ser apreciado e discutido, a fim de posteriormente ser ratificado pelo parlamento.

- «As datas, no caso de que se trata, são de uma eloquência única: em 11 de Novembro de 1918, assina-se o armistício; em 28 de Junho de 1919, assina-se o Tratado de Paz, sujeito a ratificação; em 10 de Janeiro de 1920 o estado-de-guerra acaba, entrando o Tratado em vigor. Só em 30 de Janeiro de 1920 o Tratado é entregue ao Parlamento português.»³

¹ (Mascarenhas); ² (ministro da Justiça 22Dez1914-25Jan1915, Instrução Pública 25Abr-05Dez1917, MNE 28Jan1920-06Fev1922 em efémeros 14 governos);

³ (Camacho)

1920 - Fevereiro.4 (4ªfeira lua-cheia)

No cais fluvial de Lisboa, atraca às 08:00 um navio vindo de Cherburgo com os últimos militares do CEP que haviam ficado prisioneiros em Friedrichsfeld, um dos campos de concentração alemães.

- «Nesse porto [de Cherburgo, desde 25Jan1919] embarcaram até 11 de Fevereiro de 1920, 944 oficiais e 49232 praças. E segundo os dados cedidos pela “Comissão de Aprovisionamento dos Transportes de Tropas”, desembarcaram em Lisboa: 1025 oficiais, 48713 praças, 4250 cavalos e muares, 22 aeroplanos, 60 bocas de fogo, 203 metralhadoras, 5047 espingardas, 1916 viaturas, 321

camiónes e 59442 volumes com materiais diversos. [...] Mas como foram recebidos no seu País aqueles vitoriosos soldados, que durante 2 anos resistiram às agruras daquela guerra maldita? [...] “Não encontraram uma palavra de conforto, um gesto de aplauso, uma demonstração de carinho, a mais leve manifestação de apreço pelo seu benemerente sacrifício! Confortava-os intimamente a consciência do dever cumprido!”.¹

Doze dias depois, vindas do Lobito desembarcam as últimas tropas expedicionárias a Angola.

¹ (Araújo Pinto)

1920 - Fevereiro.24

Em Berlim, é formalmente constituído o *Partido Nacional-Socialista*.

1920 - Março.8 (2^afeira)

Em Lisboa os funcionários dos Correios entram em greve e horas depois o *XXI Ministério* republicano é dissolvido, passando o coronel António Maria Baptista a chefiar novo gabinete.

- «Ministério composto quase exclusivamente por democráticos, chefiado pelo coronel António Maria Baptista que revelara capacidade de decisão e actuação, como ministro da Guerra no primeiro governo [31Mar-28Jun1919] de Domingos Pereira. [...] Uma greve dos funcionários, em 1920 lançou a confusão no sector administrativo do Estado. [...] Pelas repercussões que implicavam em relação ao futuro, o estado caótico das finanças públicas e o endividamento teria de ser pago pelas gerações vindouras.»¹
- «Foi o ‘deficit’ moral da governança que nos levou ao desequilíbrio financeiro, e deste nos curaríamos depressa, logo que de cima se impusesse - e irradiasse pelo País inteiro, dando o exemplo, ditando a lei e retemperando as consciências -, um ‘superavit’ de autoridade, de honestidade, de actividade económica útil e sensata.»²

¹ (Mascarenhas); ² (Agostinho de Campos, último director-geral da Instrução no derradeiro Ministério da Monarquia; comentário em Mai1920, publicado in “A Mãe de todos os vícios”, Lisboa 1922)

1920 - Março.18 (5^afeira)

Em Lisboa o novo governo publica, a destempo, o edital com os prazos em que cidadãos portugueses podem apresentar quaisquer reclamações relativas a compensações a exigir à Alemanha.

No dia seguinte em Washington, é anunciado oficialmente que o Senado rejeitou o *Pacto da Sociedade das Nações* anexo ao *Tratado de Versalhes*.

- «E agora [em 26 de Março] o Governo convoca-o extraordinariamente [o congresso republicano para reunir no dia 30], alegando que a ratificação do Tratado [de Paz de Versalhes] tem de fazer-se imediatamente, antes do dia 10 do mês [de Abril] próximo, sob pena de sofrermos muitos e graves prejuízos. Mas então a nossa delegação em Paris, os governos do Terreiro do Paço, não sabiam desde 28 de Junho de 1919 que havia estas disposições no Tratado? Marcam-se prazos e, ou nós exercemos direitos e cumprimos formalidades dentro desses prazos, ou nos sujeitamos a graves prejuízos e transtornos. Mas, bem poucos devem ser os portugueses a quem estas disposições do Tratado interessem. Que prejuízos? Ainda não o disse o Governo, sequer ao menos em “notas officiosas”, mas deve tê-lo dito em conversa a muita gente das suas relações. Não se trata propriamente de interesses do Estado, mas do interesse de particulares.»¹
- «Tem-se dito que o “Livro Branco” sobre a nossa intervenção na Guerra, foi enviado em provas à chancelaria de Londres; e que na volta, surpreendido pela greve dos correios, se deixou ficar alapardado na mala em que viajava. Os documentos de que se trata não interessam apenas ao Governo português, alguns deles interessando mais ao governo inglês do que ao nosso, tendo sido necessário que ele se pronunciasse sobre a [diplomática] conveniência ou inconveniência da sua publicação. Se isto é verdade, o facto mostra que só há pouco tempo se tratou, a valer, da publicação do “Livro Branco”; tão tarde que a greve dos Correios, solucionada há dias e não tendo durado um mês, pôde estorvar essa publicação. Todos nós conhecemos já uma boa parte das peças que hão-de compôr o “Livro Branco”, mercê da inconfidência não sei de quem, que as entregou à publicidade dos jornais. Simplesmente, esses documentos, a que falta o indispensável cunho de autenticidade - porque foram atirados para o público sem a directa responsabilidade dos governos -

não podem servir de base a uma discussão no Parlamento; servindo apenas, como têm servido, para as retaliações da imprensa diária. Por mais de uma vez se disse aqui, nesta casa do Parlamento, que o “Livro Branco”, estava a imprimir, que estava impresso; e até a uma pergunta minha foi respondido pelo MNE, ao tempo o sr. Melo Barreto, que o “Livro Branco” seria enviado à comissão parlamentar para o estudar conjuntamente com o Tratado. Como ainda não foi publicado o “Livro Branco”, uma discussão neste momento tinha de se reduzir a afirmações num sentido ou noutro, nenhuma delas podendo ter valor decisivo por lhe faltar a indispensável base documental.»²

¹ (Camacho); ² (idem, in “Diário da Câmara dos Deputados”, sessão extraordinária de 30Mar1920)

1920 - Abril.2 (6ªfeira Santa)

No hemiciclo de São Bento, a sessão extraordinária do congresso republicano ratifica o *Pacto da Sociedade das Nações* apenso ao *Tratado de Paz de Versalhes*.

Passados 5 dias é distribuída a 1ª edição do *Diário de Lisboa*, vespertino fundado e dirigido por Joaquim Manso¹.

¹ (nascido em 1878; ex-governador civil de Vila Real; virá a falecer em 1956, sendo o jornal adquirido pela família Ruella Ramos ligada a empresas hidroeléctricas, participando no capital accionista o BNU e o BPSM do empresário António Champalimaud)

1920 - Abril.9

Na cidade do Porto, a JPN (Junta Patriótica Nacional) promove a *Consagração aos Heróis da Pátria*,² com 2 minutos de silêncio em memória dos militares que há 2 anos pereceram na *Batalha de La Lys*.

	Tempo de serviço	recrut Metrópole	recrut Local	Total mobilizado	Mortos ⁵	Feridos
<i>Angola (sudoeste)</i> ³	01Out1914-17Out1915	12430	4100	16530	810	683
<i>Moçambique (nordeste)</i> ⁴	01Nov14-28Set1918	19438	108278	29716	4811	1584
<i>subtotal África</i>	-----	31868	112378	46246	5621	2267
<i>França (noroeste)</i>	26Jan1917-11Nov1918	56493	-----	56493	2094	12508
<i>Total geral</i>	(dois anos)	88361	112378	102739	7715	14775

A partir desta data, a referida efeméride será anual e oficialmente comemorada em todo o País, ficando no entanto *esquecidos* os combates ocorridos no sudoeste de Angola e no nordeste de Moçambique.

Durante a *Grande Guerra*, além dos cerca de 57 mil portugueses mobilizados na frente da Flandres, cerca de outros 46 mil prestaram o seu serviço no Ultramar africano, onde as baixas - além de terem ocorrido em território nacional contra o invasor alemão -, foram em muito maior número mas nem por isso homenageadas com idêntico, ou mesmo superior, realce que lhes é devido.

² (de acordo com os dados fornecidos em 1933 pelos Serviços de Estatística do EME, durante a Grande Guerra o Exército português sofreu nas operações em África e na Flandres cerca de 29200 baixas, entre mortos, feridos e prisioneiros; 78% dos mutilados pertencem à Arma de Infantaria, que na Grande Guerra sofreu 3573 mortos); ³ (2 contingentes expedicionários no período 1914-15); ⁴ (4 contingentes no período 1914-17; do total do recrutamento local em Moçambique, 10278 eram efectivos da Companhia de Caçadores Indígenas, e dos restantes 98 mil a maioria eram carregadores e auxiliares landins); ⁵ (até 04Abr1917, as baixas portuguesas na Grande Guerra ocorreram somente em África; quanto à Frente Ocidental Europeia, para pesquisar, exumar, identificar e reinumar todas as 2094 baixas do CEP/CAP - mortos em combate e por gases, acidente, doença ou outros motivos -, em Set1919 foi constituída a “Comissão Portuguesa de Sepulturas de Guerra” que, até Mai1920 e sob direcção do capitão-médico Maximiliano Cordes Cabedo, logrou localizar em território francês 1633 corpos que ficaram provisoriamente sepultados em cemitérios mais próximos dos locais onde morreram, designadamente 41 no Aire, 146 em Ambleteuse, 44 em Boulogne-sur-Mer, 38 em Brest, 16 em Calais, 47 em Etaples, 2 em Hendaye, 176 em Laventie (cemitério inglês), 264 em Le Touret (74 dos quais são mortos do RI22 em 11-13Jun1917 em Ferme-du-Bois), 120 em Merville (onde estava até 09Abr1918 o Hospital de Sangue), 151 em Pont-du-Hem (sector dos RI35 e RI34 em Neuve-Chapelle e La Bassée), 16 em Saint Homer, 41 em Tourlaville, 507 em Vieille-Chapelle e 24 em Wimereux, e em território belga 6 em Anvers, 1 em Bruxelas e 64 em Tournai; mais perto de Lacouture será construído o cemitério de Richebourg-L'Avoué, onde vão ser alinhadas todas aquelas 1704 campas; no que respeita a 233 militares prisioneiros sepultados em cemitérios alemães - 5 oficiais e 228 sargentos e praças -, morreram no cativeiro e os seus restos mortais não foram trasladados)

1920 - Junho.6 (domingo)

Em Lisboa o chefe de governo coronel António Maria Baptista morre de «*congestão cerebral provocada pela comoção que lhe causara certo ataque injurioso num jornal*»¹, o *XXII Ministério* é dissolvido e Ramos Preto encarregue de formar novo gabinete governamental.

Quatro dias depois no salão nobre da Sociedade de Geografia, o PR António José de Almeida, ladeado pelo ministro da Guerra, preside a sessão solene promovida pela Comissão Técnica da Arma de Infantaria, como consagração do «*Nobre exemplo de Abnegação e Sublime Lição de Virtudes Cívicas*»², dos 3573 oficiais, sargentos e praças daquela Arma que durante a Grande Guerra morreram no sudoeste de Angola, no nordeste de Moçambique e no noroeste da França.

	Angola			Moçambique			Flandres		
	of	pr	loc	of	pr	loc	of	pr	total
combate	10	90	70	16	38	89	43	1267	1623
gaseados							2	68	70
acidente		1	1	2	6	19	8	113	150
doença	18	617	3	7	1938	209	21	508	3321
outros						2487	5	59	2551
feridos	8	90	213	11	49	241	258	4971	5841
incapazes		18	354		35	1248	439	6840	8934
prisioneiros							270	6408	6678
<i>total</i>	<i>36</i>	<i>816</i>	<i>641</i>	<i>36</i>	<i>2066</i>	<i>4293</i>	<i>1046</i>	<i>20234</i>	<i>29168</i>

¹ (Mascarenhas); ² (simultaneamente, idênticas cerimónias realizam-se em diversas unidades do País: RI4-Faro, tenente-coronel José Victorino de Sande Lemos e alferes Manuel Caetano de Sousa; Grupo de Batalhões do RI4-Tavira, capitão Francisco Lopes de Azevedo e 3º Grupo de Metralhadoras capitão Eugénio Aresta; RI5-Caldas da Rainha, major Luís de F. Garcia e Paulino Alexandre de Figueiredo; RI12-Guarda, alferes Horácio de Assis Gonçalves; RI22-Portalegre, tenente-coronel Francisco Soares de Lacerda Machado; RI28, alferes António Argel de Mello; e RI33, capitão Leonel Neto de Lima Vieira)

1920 - Junho.21 (2ªfeira)

Em Paris o Conselho Supremo Aliado decide que a Alemanha deverá pagar anualmente - à França, Grã-Bretanha, Bélgica e Itália -, «*reparações*» ao longo dos próximos 42 anos.

World War I (¹)	KIA & Died	WIA	POW & MIA
<i>Germany</i>	<i>1773700</i>	<i>4216058</i>	<i>1152800</i>
<i>Austria-Hungary</i>	<i>1200000</i>	<i>3620000</i>	<i>2200000</i>
<i>Turkey</i>	<i>325000</i>	<i>400000</i>	<i>250000</i>
<i>Bulgária</i>	<i>87500</i>	<i>152390</i>	<i>27029</i>
<i>total for Central Powers</i>	<i>3386200</i>	<i>8388448</i>	
Russia	1700000	4950000	2500000
France	1357800	4266000	537000
British Empire	908371	2090212	191652
Italy	650000	947000	600000
Romania	335706	120000	80000
United States	53407	204002	(?)
Serbia	45000	133148	152958
Belgium	13716	44686	34659
Portugal	7222	13751	12318
Greece	5000	21000	1000
Montenegro	3000	10000	7000
Japan	300	907	3
<i>total for Allies</i>	<i>5152115</i>	<i>12831004</i>	

Dois dias depois, em Lisboa é fundada a *Liga Africana*, presidida pelo capitão-médico da Armada José António de Magalhães, a qual - conforme estatutos entregues em 5 de Fevereiro no governo civil -, é uma «*agremiação de carácter civil, constituída por indivíduos de raça africana e agremiações aderentes*», designadamente a *Liga dos Interesses Indígenas de São Tomé e Príncipe*, o *Grémio Africano de Lourenço Marques* e a *Liga Guineense*, representadas pelos respectivos delegados Aires do Sacramento Meneses (médico), João dos Santos Albasini (jornalista) e Raimundo Ledo Pontes (proprietário)², sendo os seus objectivos «*inspirados nas finalidades sociais anteriormente enunciadas pela JDDA com a omissão da "defesa do regime de autonomia", e uma linha geral do tipo liberal e reformista*»³.

- «*Toda a obra da "Liga Africana" tem sido inspirada pelo dr. José António de Magalhães, que é um instrumento consciente nas garras aduncas das castas interessadas na exploração e escravização das raças indígenas. Nem ao [santomense] sr. Nicolau dos Santos Pinto - homem que traiu o seu país naturalizando-se estrangeiro -, nem ao [angolano] dr. José António de Magalhães - um homem invertido -, se pode reconhecer capacidade moral para orientar os africanos portugueses.*»⁴

¹ (as in "Battle Casualties in the Two World Wars", CIE 1996); ² (em 1984, seu filho Luís reside em Bissau); ³ (Andrade); ⁴ (Amâncio da Silva Ribeiro, in "Desmascarando os que atraíam a maioria dos membros da Liga Africana em Lisboa", em 21Nov1921 no "O Protesto Indígena", órgão oficial do Partido Nacional Africano fundado a 21Mar1921 em Lisboa)

1920 - Junho.25 (6^afeira)

A cidade holandesa da Haia, é escolhida para instalar a sede do Tribunal Internacional de Justiça.

Um dia depois em Lisboa, o *XXIII Ministério* cessa funções e António Maria da Silva¹ constitui outro gabinete governativo.

- «António Maria da Silva formou novo governo predominantemente democrático, o qual teve vida curta: de 26 de Junho a 8 de Julho.»²

¹ (carbonário e maçom; um dos civis golpistas do 14Mai1915); ² (Mascarenhas)

1920 - Julho.8 (5^afeira)

Na África Oriental o ex-protectorado alemão é anexado pela Inglaterra, passando a designar-se Quênia.

Enquanto isso em Lisboa, o *XXIV Ministério* é dissolvido.

- «A situação piorou: houve graves incidentes em Setúbal e noutras localidades, bem como em Lisboa. Assaltos a estabelecimentos, o assassinio de um juiz [do Tribunal de Delitos Sociais, perpretado a tiro por um operário], sabotagens, confrontos entre a polícia e as turbas em fúria, que provocaram [nos Olivais] mortos e feridos. Neste estado de coisas, compreende-se sem dificuldade que o poder executivo pouco pudesse produzir que tivesse alguma utilidade efectiva. A politiquice - nas ruas, no parlamento, nos arraiais partidários - não dava trégua para se empreender a indispensável acção governativa. [...] Pior do que tudo isto, eram a corrupção que campeava, a sofreguidão das clientelas partidárias, a degradação dos serviços, a sucessão de greves, a violação das garantias constitucionais e dos direitos civis e políticos dos cidadãos: não tiveram conta as prisões arbitrarias, os espancamentos nas cadeias; como não é possível contabilizar a repetida imposição de censura à imprensa, as inúmeras apreensões de periódicos e de suspensões de jornais.»¹

- «Ao mesmo tempo que os seus iniciadores [nihilistas e anarquistas da Legião Vermelha], eram presos e deportados [para o Ultramar] sem julgamento [i.e, após julgamento sumário], outros operários iludidos foram aliciados. Esses, ainda bem intencionados, foram assassinados [!?!]. Não se lembram dos vergonhosos fuzilamentos [?!]² nos Olivais, ordenados pelo comandante da Polícia coronel Ferreira do Amaral?»³

Decorridos 4 dias, em Moscovo são abertos os trabalhos do II Congresso da *III Internacional Comunista*⁴ que passa a designar-se *Comintern*, institucionalizada por Lenine com a missão de «amparo das relações entre o PCUS e partidos irmãos».

- «A IC [Comintern] agrupava os partidos comunistas, mas um conjunto de outras organizações a si associadas realizavam tarefas de organização específicas. A independência e autonomia política destas organizações eram nulas, embora a sua composição não fosse necessariamente coincidente com a da IC. [...] Entre essas organizações, contavam-se: a Internacional Sindical Vermelha (ISV), Profintern; a Internacional Comunista da Juventude (IJC), KIM; a Internacional Camponesa, Krestintern; o Socorro Vermelho Internacional (SVI), MOPR; Internacional do Desporto, Sportintern; e outras organizações de menor relevo, como a organização internacional dos esperantistas.⁵ [A partir de 06Mar1921] o PCP e as organizações comunistas com ele associadas, realizaram a ligação com cada um destes ramos da IC. Assim, os sindicatos "vermelhos" da CIS aderiram à ISV; a FICP à IJC; e o Socorro Vermelho era filiado no SVI. [...] O PCP, como "secção portuguesa" [da Comintern "SPIC"], deu os primeiros passos na década de 1920. [...] No caso português, todas estas organizações fazem parte da galáxia de grupos que os comunistas tinham criado. [...] O objectivo de cada uma destas organizações estava, no entanto, estritamente codificado mas, como essas distinções correspondiam a uma visão ideológica demasiado abstracta, ou a uma diferenciação organizativa que copiava a de organizações da Internacional, na prática os simpatizantes do comunismo pertenciam a todas.»⁶

Decorridos outros 8 dias, em Lisboa o veterano da Flandres e deputado António Granjo começa a chefiar novo gabinete governamental.

- «No mês de Julho [i.e, Junho-Julho] daquele mesmo ano, houve 3 Ministérios [de governo]: o de Ramos Preto; o de António Maria da Silva; e o de António Granjo.»⁷

- «António Granjo [...] e esse era um dos bem intencionados [...], conseguiu por fim formar novo ministério, novamente de concentração.»⁸

¹ (Mascarenhas); ² (em Ago1920, um vogal do citado tribunal é vítima de atentado); ³ (Cansado Gonçalves); ⁴ (criada em 02Mar1919 por Vladimir Tatlin (1885-1953), como opositora à II Internacional Socialista); ⁵ ("Esperanto", dialecto internacionalista inventado pelo polaco Luís Lázaro Zamenoff, nascido em 15Dez1859 e falecido em 14Abr1917); ⁶ (Pacheco); ⁷ (Brochado); ⁸ (Mascarenhas)

1920 - Julho.31 (sábado)

Na Baviera, o exilado príncipe Dom Miguel de Löwenstein e Bragança¹ abdica em seu filho terceiro o infante Dom Duarte Nuno, que em Lisboa é reconhecido e declarado pela Junta Central do Integralismo Lusitano como herdeiro da Corôa de Portugal.

- «*Os integralistas [...], a seguir à derrota de Monsanto desligaram-se por completo de Dom Manuel II, por o antigo monarca não querer repudiar o sistema constitucional, e passaram a reconhecer como herdeiro do trono o neto de Dom Miguel, príncipe Dom Duarte Nuno de Bragança. Mas alguns não concordaram e formaram então um grupo independente, a "Acção Realista". Mais tarde em 1922 [i.e, 08Dez1923], tradicionalistas e constitucionalistas tentaram entender-se no "Pacto de Paris", sem resultado.*»²

¹ (um dos 7 filhos do rei Dom Miguel falecido a 14Nov1866 na Baviera e de Dona Adelaide falecida a 16Dez1909 na ilha de Wight); ² (Mascarenhas)

1920 - Agosto.7 (sábado)

Em Lisboa o *XXV Ministério* altera os regimes de governo-geral em Angola e Moçambique, retomando a última designação monárquica de altos-comissários, já não «*régios*» mas «*da República*». Entretanto, o recenseamento populacional de Portugal indica 6032991 habitantes, sendo 64651 o total de emigrantes este ano; e no Brasil reside quase meio milhão de portugueses.

- «*Publicou-se uma lei com força constitucional - a Lei nº1005 de 7 de Agosto -, que alterou o Título V da Constituição [epigrafado "Da Administração das Províncias Ultramarinas"] para "Da Administração das Colónias": o art.67º [cujo texto era "na administração das Províncias Ultramarinas predominará o regime de descentralização, com leis especiais adequadas ao estado de civilização de cada uma delas"], foi substituído por uma série de preceitos que, para não obrigar a modificar a numeração dos artigos subsequentes do texto constitucional, se distinguiram por letras (67ª, 67ªb, etc); nestes artigos definiam-se as bases gerais do regime de governo no Ultramar. A maior inovação constava do art.6º da lei acima citada que dispunha poderem as faculdades do Executivo ser exercidas, nas colónias que o Governo designasse, por funcionários com a denominação de Altos-Comissários.*»¹

- «*Em Agosto de 1920 foram criados - como que sugeridos pelos [antigos] comissários régios que haviam governado Moçambique -, os cargos de altos-comissários para Angola e Moçambique.*»²

- «*O novo título, que substituíra o de "Governador-Geral", era emblemático da orientação da República para a descentralização administrativa, isto é, descentralização a favor do escol de colonos europeus.*»³

¹ (Silva Cunha); ² (Mascarenhas); ³ (MacQueen)

1920 - Outubro.5

Em Lisboa, o governo de António Granjo leva a efeito as comemorações oficiais do 10º aniversário da proclamação da República, às quais se sucedem atentados bombistas, perpretados a mando da Legião Vermelha e que originam mais uma vaga de rusgas, nas quais militantes nihilistas e anarquistas são detidos e ficam «*presos por delitos sociais*».

1920 - Outubro.27 (4ªfeira)

Em Genebra é instalada a sede da *Sociedade das Nações*, na qual em 13 de Fevereiro a Suíça havia sido admitida.

Entretanto a União Sul-Africana é formalmente mandatada pela *Sociedade das Nações*, para tomar conta do Sudoeste Africano ex-Damaralândia alemã.

1920 - Novembro.15 (2ªfeira)

Em Genebra, a Sociedade das Nações realiza a sua 1ª reunião plenária.

- «*A Espanha neutral obteve todas as honrarias, tendo um representante também na comissão executiva da Sociedade das Nações. De Portugal ninguém tratou: não tivemos sequer 5 minutos de atenção em qualquer das Conferências de Paz. Se não fossem os 3 discursos do sr. Afonso Costa em*

cada 1 das conferências, ninguém teria falado em nós. O que vi, foi que se teria dado à Bélgica, à Holanda e até à China, auxílio financeiro; e de nós, que estamos a braços com a mais tremenda crise financeira, ninguém se importa. Mas eu pergunto: durante este período de paz, o que tem a Inglaterra feito por nós? Absolutamente nada, a não ser interessar-se pela China e outras nações. Estão enterrados [1633 em 15 cemitérios franceses, 71 em 3 cemitérios belgas e 233 em cemitérios alemães] nessa terra - França -, alguns milhares de soldados portugueses que foram bater-se por ela, e também se não fala aí em Portugal. Nessa hora que não foi longa, em que se fez a comoventíssima comemoração dos mortos, o próprio sr. [Raymond] Poincaré (então presidente da República)¹, num artigo publicado no 'Matin' falou de todas as nações menos de Portugal.»²

¹ (nascido a 20Ago1860 em Bar-le-Duc; estudou na Escola Politécnica e na Universidade de Paris; em 1887 eleito para o parlamento, em 1912 primeiro-ministro e no ano seguinte presidente da República; este ano terminou e foi eleito para o senado); ² (Leote do Rego, in "Diário da Câmara dos Deputados", sessão de 19Jan1921 pp.7/8)

1920 - Novembro.20 (sábado)

Em Lisboa, o *XXV Ministério* é dissolvido e o major Álvaro Xavier de Castro¹ forma outro governo.

- «O presidente encarregou Álvaro de Castro, de constituir governo: Castro chefiava então um grupo de dissidentes democráticos, chamados "reconstituintes".»²

No dia seguinte em Dublin, 14 soldados britânicos são mortos por um grupo armado do IRA e a sua 1ª emboscada de terrorismo urbano fica conhecida por *Bloody Sunday*.

- «In 1920 Ireland was partitioned, and separate parliaments were set up for northern and southern Ireland. Fighting continued until a truce was called in 1921.»

¹ (ministro nos 4º e 7º Governos, e governador-geral de Moçambique em Out1915-Abr1918); ² (Mascarenhas)

1920 - Novembro.25

Na Rua Larga em Coimbra, o Clube dos Lentes é tomado de assalto e ocupado numa acção designada por «*Tomada da Bastilha*», a fim de ali ser instalada a futura Associação Académica.

Na manhã seguinte, no hemiciclo de São Bento o recém-formado *XXVI Ministério* é «*derrotado no parlamento*» e o PR António José de Almeida encarrega o veterano da Flandres general Abel Hipólito, de formar novo gabinete.

Mas decorridos 4 dias, o PR dissolve o recém-constituído *XXVII Ministério* e nomeia o CEM-GNR tenente-coronel de infantaria Liberato Pinto¹ para chefiar um gabinete multipartidário.

- «O que espanta, o que ninguém compreende, é esse "record" da instabilidade governativa que nos pertence: em 10 anos, 27 governos, mais de 300 ministros; e só pelo Ministério da Marinha desfilaram nada menos de 37 ministros. O rosário interminável de governos - uma vez 3 numa semana, e alguns durando apenas horas -, é na verdade bem difícil [!]? de explicar.»³

- «No mês de Novembro, existiram 4 Ministérios: houve o governo de António Granjo, que caiu; o de Álvaro de Castro, que não conseguiu ir além dos 10 [i.e, 6] dias (20 a 30 [i.e, 26] de Novembro de 1920); o de Abel Hipólito [26-30Nov1920]; e o de Liberato Pinto.»⁴

- «Nestes dois gabinetes [20-26Nov1920 e 30Nov20-25Fev1921, o chefe do Partido Liberal capitão de engenharia Francisco Pinto da] *Cunha Leal assumiu a pasta das Finanças, vendo-se perante a iminente situação de insolvência do Estado. Este governo exerceu funções durante cerca de 2 meses e meio.*»⁵

¹ (contemporâneo do anterior, com o posto de capitão comandou em 19Set-04Out1916 o destacamento de reconhecimento que invadiu o Tanganica alemão, até às cacimbas de Newala); ² (após 05Out1920 sucedeu-se vaga de detenções que capturou militantes da Legião Vermelha; e neste mês eclodiram violentas arruaças, que forçaram as autoridades a libertar os ditos «*presos por delitos sociais*»); ³ (comandante Leote do Rego, golpista, controlador da "Formiga Branca" e simultaneamente deputado; in "Diário da Câmara dos Deputados" 24Fev1921); ⁴ (Brochado); ⁵ (Mascarenhas)

1920 - Dezembro.18 (sábado)

Em Bruxelas são abertos os trabalhos do *I Congresso Colonial Belga*, que vai decorrer durante três dias.

- «*Visita a Lisboa em 1920 do rei Alberto da Bélgica, acompanhado pelo seu herdeiro, o futuro rei Leopoldo.*»¹

¹ (Mascarenhas)

1920 - Dezembro.29 (4ªfeira)

Em Paris, a *Conferência Socialista* francesa vota a favor da sua adesão à *Comintern*.

1921 - Fevereiro.12

Em Londres, Winston Leonard Spencer Churchill é nomeado ministro das Colónias.

1921 - Fevereiro.22 (3ªfeira lua-cheia)

Na baía do Funchal amara um hidroavião tripulado pelos capitães-de-fragata Artur Freire Sacadura Cabral¹ e Manuel Ortins de Bettencourt, coadjuvados pelo geógrafo Carlos Viegas Gago Coutinho, que haviam largado do estuário do Tejo e ali concluem a 1ª travessia atlântica.

- «*Mais felizes que os aviadores militares [major] Brito Pais e [José Manuel] Sarmento de Beires, que haviam tentado o feito meses antes sem o conseguir. Esse 'raid' teve o especial mérito de comprovar a validade da invenção de Gago Coutinho: um astrolábio que, quer de dia quer de noite, permitia o cálculo da posição do aparelho, com todo o rigor. [...] O que mais compensou a Nação das apreensões, dificuldades e abatimentos desse tempos mal-aventurados, foram as façanhas cometidas por alguns homens arrojados da nossa incipiente aviação.*»²

Decorridos 3 dias, no Palácio de Belém o maçom PR António José de Almeida dissolve o *XXVIII Ministério* e encarrega o camarada ex-PR Bernardino Machado de chefiar, pela segunda vez, um governo republicano.

- «*Depois de demoradas diligências, Bernardino Machado regressou novamente à chefia doutro ministério de concentração.*»³

¹ (nascido a 23Abr1881 em Celorico da Beira); ² (Mascarenhas); ³ (idem)

1921 - Fevereiro.27 (domingo)

Em Florença, eclodem as primeiras brigas de rua entre comunistas italianos e fascistas.

1921 - Março.2 (3ªfeira)

Em Lisboa o *XXVIII Ministério*, chefiado pelo anterior PR Bernardino Machado, entra em funções.

- «*Em 1921 entendeu-se necessário contrair avultado empréstimo externo, para saneamento das finanças nacionais. Afonso Costa, que então já residia [no hotel Vernet] em Paris - furtando-se à barafunda política que tanto contribuíra para fomentar no País -, propôs ao governo um crédito de 50 milhões de dólares a negociar por uma sociedade portuguesa sediada em Anvers [Antuérpia]. O governo aceitou mas, semanas [i.e, 6 meses] mais tarde, foi informado por via diplomática de que todo o esquema era fantasioso, levando a suspeitar que se tratava de pura e simples burla.*»¹

Quatro dias depois o dirigente maximalista Manuel Ribeiro convoca, para a sede da Associação dos Empregados de Escritório, um grupo de *tovarích* que decide fundar o *Partido Comunista Português* sob direcção de José Carlos Rates coadjuvado por Alexandre Sobral Campos, Augusto Machado², José de Sousa Coelho³, Manuel Augusto da Rosa Alpedrinha⁴ e Manuel Francisco Roque Júnior⁵.

- «*Um grupo de maximalistas determina fundar o Partido Comunista Português.*»⁶

- «*Em Portugal verificou-se com a agitação, imaturidade, falta de capacidade e de intuição política construtiva - que constituíram a "nulidade operante" [...] responsável pela orientação da vida nacional -, o aparecimento de partidos políticos organizados exactamente à maneira liberal do século passado ou de cópia dos esquemas comunistas. No primeiro caso, tratou-se de formações estruturadas em modelos gastos do passado, bem conhecidos pela incapacidade de actuação e prejuízos causados às sociedades onde têm actuado, e que se organizaram na base de duas linhas gémeas de formação e actuação: num núcleo de dirigentes mais ousados, sempre mal preparados no conhecimento dos problemas da sociedade e apenas com formação política ou jurídico-política, ambiciosos do poder, oratorianos e comicieiros, utilizando as práticas e artes sublimadas no passado de promessas agenciadoras de votos, e uma clientela arrebanhada com promessas de favoritismos, em que nos diferentes estratos os mais astutos procuram pelo caciquismo conseguir e manter*

adeptos que os apoiem quando necessário e particularmente nos períodos eleitorais, para alcançar posições de comando ou os favores a que aspiram; as clientelas por sua vez, não procuram mais do que benefícios pessoais ou de grupo, entretendo-se nos intervalos eleitorais a comentar sobretudo o que lhes desagrada. No segundo caso, o modelo comunista é sempre o mesmo: o partido é o princípio e o fundamento de tudo e dele tudo depende; tem uma estrutura e a sua nomenclatura, ou seja, a listagem escalonada dos dirigentes que nos diversos estratos têm o poder ou a posição que do cimo todo poderoso lhes é concedida, pensando cada um que o caminho – que é sempre o mesmo – apenas consiste em lutar para chegar o mais alto possível; o papel das clientelas é no esquema comunista praticamente nulo pois tudo se passa no interior do partido uma vez consolidado, de cima para baixo sem que os cidadãos tenham a mais pequena intervenção. Os caciques actuam aqui usando da protecção ou favoritismo dos escalões superiores, para comandar os sectores de baixo ou outros laterais, cuja órbita lhes é atribuída por imposição superior sobretudo de natureza policiária e repressiva: há um comando totalitário e uma população arregimentada obediente. [...] O PCP vinha de 1921 [...] com um pequeno número de adeptos recrutados dos meios anarquistas e anarco-sindicalistas [...], manteve-se sempre ferozmente pró-russo em todas as circunstâncias.»⁷

- «Nos anos 20, o secretário-geral do PCP Carlos Rates preconizava a “venda das colónias a fim de, com o produto da almoeda, se promover o fomento da agricultura e comércio em Portugal”. Jules Humbert-Droz,⁸ delegado da Internacional Comunista, sublinha que o PCP “propunha uma tese sobre o problema colonial, que preconizava a venda das colónias portuguesas à Inglaterra”.»⁹
- «Rates tivera um papel decisivo no movimento operário português desde o fim da monarquia e era um dos raros “notáveis” produzidos por esse período de agitação social de 1910-1913, transformado num dirigente operário de relevo e no quase único funcionário sindical português. [...] Entre 1918 e 1921, quando se começou a perceber que a Revolução Russa estava para durar [...], propôs-se então ser o Lenine português, ou melhor, ser o “dictador proletário” [...] e publicou [em 1919] um livro com os decretos da “revolução”.¹⁰ Neles se incluía a célebre proposta de “vender” as colónias portuguesas para pagar a dívida externa. O PCP foi criado [em 06Mar1921] para garantir aquilo que Rates e os seus companheiros achavam “faltar” no movimento operário português: uma organização que agrupasse os trabalhadores não manuais, os intelectuais, os militares, a burocracia que exerceria as funções de governo “proletário”. A sua função era ao mesmo tempo supletiva da organização existente, a CGT, e executiva como embrião do governo proletário [...] Os partidos comunistas eram entendidos como “secções” nacionais de um partido comunista mundial, a Internacional Comunista. [...] No seu documento genético mais importante, as chamadas “21 condições” [necessárias para...], impunha-se aos partidos comunistas um conjunto de regras para serem aceites na IC, que transpunham o modelo organizativo leninista para os partidos comunistas de todo o mundo. [...] Foi o caso português, onde os fundadores do PCP tinham a remota ideia do que era um partido bolchevista.»¹¹
- «Foi o Partido Comunista Português que, nos anos 20, teve a ideia original de propôr a venda das colónias portuguesas aos países ocidentais, para arranjar dinheiro que financiasse o socialismo em Portugal [...] no tempo de Carlos Rates.»¹²
- «Após a I Guerra Mundial, a autodeterminação entrou solenemente na política internacional (como princípio director), e no direito positivo (como norma de excepção).»¹³
- «A URSS, herdeira do império dos czares, com os seus problemas geo-estratégicos, só se interessava por movimentos nacionalistas permeáveis à sua influência. Qualquer movimento nacionalista, anti-comunista, era denunciado pelos partidos comunistas metropolitanos, ao mesmo tempo que tentavam formar grupos marxistas nas respectivas colónias.»¹⁴
- «Sem embargo dos sobressaltos, todavia, a visão histórica de Portugal foi sempre esta: rejeição dos clamores da comunidade internacional, influenciada pelos impérios; defesa das posições além-mar, como apoio e para segurança do território europeu em face de Castela e como factor de negociação externa; sentido de missão ecuménica, de raiz cristã e de espírito universalista; representação e implantação de valores ocidentais; consciência do carácter efémero de modas e épocas, e da necessidade de lhes resistir, mesmo com sacrifício, para salvaguarda de interesses permanentes. Assim pensou a monarquia: nem a corôa nem os governos hesitaram jamais em defender o ultramar; resistiram às injunções externas, fossem estas emanadas de conferências, congressos ou governos estrangeiros; e as campanhas de África tiveram o apoio colectivo do País. Não cuidaram de obedecer às ideologias em moda, mas de sustentar os direitos e interesses da Nação. Idêntica foi a orientação da I República: nesta, todos os vultos de marca consideraram o ultramar parte integrante de Portugal. Desde Afonso Costa a Brito Camacho [nomeado alto-comissário para

Moçambique], desde Norton de Matos [nomeado alto-comissário para Angola] a João Chagas, desde [o prócere maçõn] António José de Almeida a [Francisco Pinto da] Cunha Leal,¹⁵ não há uma excepção. E daquela orientação não se desviou a II República: a manutenção do património ultramarino foi ponto fundamental do seu ideário político. Foi este o perfil que a Nação criou e que defendeu e transmitiu de geração em geração. Até à III República.»¹⁶

¹ (Mascarenhas); ² (ex-dirigente da Secção Portuguesa da Internacional Operária, aderente à II Internacional); ³ (nascido a 17Ago1898 em Penacova, casado, operário torneiro e residente na Rua das Terras do Monte nº17-1º em Lisboa); ⁴ (nascido em 1905 em Mação, filho de Maria Rosa Alpedrinha e de pai incógnito; solteiro, estudante e residente na Rua Morais Soares nº58-3º em Lisboa); ⁵ (nascido em 1903, concluiu a instrução primária e passou a operário torneiro, tendo em 1918 aderido à Juventude Sindicalista); ⁶ (Moreira e Pedrosa); ⁷ (Gonçalves Ferreira); ⁸ (nascido em La Chaux-de-Font, cantão francês da Suíça; pastor protestante, durante a Grande Guerra aderiu ao PC suíço e ingressou nos quadros da Comintern logo após a sua fundação; sob orientação de Bukarine ficou encarregue do "Secretariado Latino", controlando os PC francês, italiano, espanhol e português, mas também o holandês; em 1937 vai ligar-se à rede de espionagem Rote Kapelle; em 1943 regressa à Suíça e no pós-guerra será expulso do PC suíço, aderindo então ao PS suíço e sendo seu dirigente até falecer em 1971); ⁹ (Cabrita Mateus); ¹⁰ (in "O Problema Português: Os Partidos e o Operariado"); ¹¹ (Pacheco); ¹² (Margarido); ¹³ (Duarte Silva); ¹⁴ (McGowan); ¹⁵ (ministro das Finanças em 26Nov1920-25Fev1921); ¹⁶ (Franco Nogueira, Londres Fev1979)

1921 - Março.15 (3ªfeira)

Em Bruxelas, na sequência das conclusões do I Congresso Colonial Belga, é decidida a cedência do Ruanda e outras possessões belgas na África Oriental, à Grã-Bretanha.

1921 - Março.21 (2ªfeira anterior à Páscoa)

Em Lisboa, é fundado o Partido Nacional Africano sob direcção do santomense João de Castro (anterior secretário-geral da JDDA entretanto extinta), que passa a rivalizar com a Liga Africana presidida pelo angolano José António de Magalhães¹.

- «Em consequência do pacto sancionado pela primeira assembleia dos representantes dos povos africanos do Cabo Verde, Guiné, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique, reunida em Lisboa em "Convenção Nacional", considerando-se herdeira da JDDA entretanto dissolvida, institui-se em "União dos Povos Africanos" [UPA] que, "nas actuais circunstâncias da história política dos povos é representada pelo referido Partido [Nacional Africano] ". O seu propósito fundamental encontra-se formulado nos seguintes termos: "O estreitamento das relações de amizade política entre as duas raças, africana e europeia de Portugal, de maneira sólida, numa equiparação absoluta de direitos entre ambas; a necessidade da reforma do Estado português, em bases descentralizadas e federalistas, de soret que nele se integrem os povos africanos, sem prejuízo das suas características étnicas próprias e da sua personalidade política, distinta, inconfundível". O PNA assume o dever de defender os interesses da raça africana: "É preciso que os povos africanos, por meio das suas elites, desenvolvam a consciência dos seus destinos comuns, como comuns são a sua história, a sua Raça, os seus interesses actuais e futuros, a sua aspiração nacional; [...] 2-1º - Os Povos de Angola, São Tomé e Príncipe, Guiné, Cabo Verde e Moçambique, [...] 13-30o - constituem um bloco de nações indestrutivelmente unidas e solidárias para todos os séculos e séculos, numa mesma e única pátria".»²

¹ (capitão-médico da Armada, candidato a deputado ao parlamento pelo círculo de São Tomé e Príncipe); ² (Andrade)

1921 - Abril.6 (4ªfeira)

Em Lisboa, é criado o Arquivo Histórico-Militar.

Entretanto no Mosteiro de Santa Maria da Vitória, sito na vila da Batalha, são abertas as cerimónias evocativas do III Aniversário da Batalha de La Lys, durante as quais são sepultados na Sala do Capítulo os restos mortais de um soldado português, de identidade não conhecida e que morreu no noroeste de França. A figura do Soldado Desconhecido - instituída por todos os países beligerantes na sequência da Grande Guerra -, passa desta forma a ser venerada em Portugal, não apenas aquando da evocação de heróis militares mas igualmente nos funerais dos antigos combatentes, com a exaltação do cumprimento do dever patriótico.

- «Funeral em 1921 dos "soldados desconhecidos" - praças não-identificados mortos nas frentes de batalha da Flandres e da África -, cujos restos mortais foram homenageados como representativos de quantos perderam a vida na guerra. Depois de exéquias na basílica da Estrela, realizou-se solene cortejo até à estação do Rossio, de onde os féretros foram conduzidos à Batalha a fim de serem sepultados nesse mosteiro. Vieram então a Portugal algumas das grandes figuras militares dos Aliados como o marechal Joffre e o generalíssimo Díaz, comandante-em-chefe italiano.»¹

No dia seguinte em Lisboa o matutino *Correio da Manhã*, de tendência monárquica, retoma a publicação após 10 anos de encerramento compulsivo.

¹ (Mascarenhas)

1921 - Abril

Em Lisboa o dr. Manuel de Brito Camacho embarca rumo a Lourenço Marques, onde vai desempenhar o cargo de alto-comissário de Moçambique.

- «*As campanhas militares dos primeiros anos do século tornaram o domínio de Lisboa muito menos fragmentário. O Estado português estava agora a suplantar os poderes tanto das companhias [de bandeira] privadas, como do velho escol crioulo. Estas mudanças criaram a necessidade da constituição formal de modelos de administração colonial. A preferência do regime republicano ia para um considerável grau de autonomia local, tanto para Moçambique como para Angola. Em 1921, na prossecução do plano da República de desenvolvimento político para as colónias africanas, o antigo ministro Brito Camacho foi nomeado alto-comissário em Moçambique.*»¹
- «*In Portugal, the second decade of the 1900s was one of domestic political chaos. This was reflected in Moçambique which also had to face a financial crisis at the aftermath of the World War. In Moçambique, the newly-appointed High Commissioner Brito Camacho pursued the reform of colonial policies, which provided for a greater autonomy for the colony whose finances were to be administrated by its own government with supervision from Lisbon. The 1910-1920s period was crucial for the development of Southern African relationships. The mining industry of the region desperately needed Moçambican labour as well as the financial benefits it enjoyed from the Lourenço Marques railway.*»²
- «*Os colonizadores e a administração conseguiram convencer os dirigentes a orientar a associação [Grémio Africano de Lourenço Marques]³ segundo linhas mais conformistas. Isolou-se então uma ala mais radical, que criou o "Instituto Negrófilo". Ao abrigo de programas sociais, entre-ajuda e actividades culturais ou desportivas, estas organizações levaram a cabo uma acção política, e simultaneamente desenvolveram uma imprensa de protesto concretizada [desde 24Dez1918] no jornal "O Brado Africano", dirigido pelos irmãos [João dos Santos e José Francisco] Albasini. Em 1920, a "Liga Africana" estava estabelecida em Lisboa como organização que servia de elo de união entre os estudantes africanos e mulatos. Era sua intenção dar "um carácter organizado às ligações entre os povos colonizados". É significativo que a Liga não se batesse apenas pela unidade nacional, mas também pela "unidade entre as colónias contra o mesmo poder colonial, por uma mais ampla Unidade Africana contra todos os poderes de colonização, entre todos os povos negros do mundo sujeitos à opressão". Contudo, era deficiente pois dispunha apenas de cerca de vinte membros e estava situada em Lisboa, distante do lugar de uma possível acção. Nos primeiros anos '20, em Moçambique (tal como em Angola) constituiu-se uma organização chamada "Grémio Africano", que posteriormente se tornou [em 1936] na "Associação Africana".*»⁴

Entretanto regressa a Luanda o general Norton de Matos, desta vez como alto-comissário de Angola.

- «*Quando pela segunda vez assumiu os destinos da província e na altura como alto-comissário, foi revestido de poderes para apressar a descentralização administrativa, o que significava uma menor dependência de Angola em relação ao Terreiro do Paço. Tinha obtido autorização para governar por meio de decretos, o que equivalia a poderes de um ministro das Colónias com residência em Luanda. Uma nova era parecia abrir-se para Angola. Mas tal não bastava para os projectos que Norton de Matos idealizara para o território. Tinha consciência de que o processo de descentralização administrativa não podia surtir efeitos sem que a província dispusesse de recursos próprios e não fosse obrigada a recorrer aos financiamentos do Estado. [...] O programa de Norton de Matos pretendia claramente uma maior autonomia administrativa e financeira e, por conseguinte, uma menor dependência de Lisboa para a concretização dos seus projectos em prol do desenvolvimento da província e das suas gentes, tudo dentro do sonho um Portugal europeu e ultramarino.*»⁵
- «*Norton de Matos ocupa um lugar complexo e por vezes contraditório na mitologia imperial de Portugal. "Liberal" quando advogava uma ampla autonomia das colónias relativamente à Metrópole, era ao mesmo tempo um colonialista empenhado e estava muito longe de ser um iluminado na sua atitude relativamente à população nativa dos territórios portugueses. Usando a sua autoridade proconsular até ao limite, conduziu o desenvolvimento económico de Angola na primeira*

parte da década de 20 por meio de uma exploração impiedosa do trabalho nativo e de grandes empréstimos especulativos.»⁶

- «Os altos-comissários eram verdadeiros ministros residentes, assistidos no exercício das suas funções por um Conselho Legislativo de base electiva e por um Conselho Executivo de nomeação. O sistema foi logo aplicado a Angola e Moçambique mas na prática não funcionou bem. [...] A instabilidade governativa da época, traduzida em frequentes crises ministeriais, não consentia que as funções do Governo central se exercessem com eficiência, actuando cada alto-comissário com independência quase completa. O sistema foi por isso muito discutido e criticado, distinguindo-se nos ataques que lhe foram feitos o eng. Cunha Leal,⁷ que visou principalmente a acção desenvolvida em Angola [em Mai1921-Fev1923] pelo alto-comissário Norton de Matos.»⁸
- «Após a sua demissão em [27 de Fevereiro de] 1915 e ulterior regresso a Angola, desta vez investido no cargo de alto comissário, teria de novo a oportunidade de reprimir “revoltas” e deportar jornalistas e solicitadores nativos.»⁹

¹ (MacQueen); ² (Pinto Teixeira); ³ (fundado em 24Dez1908 e legalizado em 07Jul1920, em 17Mai1921 tem 150 associados sob direcção do jornalista João dos Santos Albasini, que virá a falecer em 15Ago1922); ⁴ (Mondlane); ⁵ (Silva Cardoso); ⁶ (MacQueen); ⁷ (em 20-26Nov1920 e 30Nov1920-25Fev1921 ministro das Finanças, em 16Dez1921-30Jan1922 chefe do 34º Ministério da República e ministro do Interior); ⁸ (Silva Cunha); ⁹ (Andrade)

1921 - Abril.12

Em Washington o novo presidente Warren Harding¹, eleito no final do ano transacto pelo partido conservador, reafirma que os EUA não podem fazer parte da *Sociedade das Nações*.

¹ (nascido em 02Nov1865 no Ohio)

1921 - Abril.21 (5ªfeira)

Em Lisboa é distribuído o 1º número da «*revista de doutrina e crítica*» *Seara Nova*, que conta entre os seus colaboradores figuras como António Sérgio de Sousa¹, Aquilino Ribeiro², Jaime Zuzarte Cortesão³, Luís da Câmara Reis⁴, Raul Brandão⁵ e Raul Proença⁶.

- «*Teixeira de Pascoaes*,⁷ na “*Renascença Portuguesa*” e na revista “*A Águia*”, chefou um movimento de sentido nacionalista mas de mal-definida doutrina, a que aderiram escritores e poetas como Leonardo Coimbra, Jaime Cortesão, Augusto Casimiro⁸ e Afonso Duarte, entre outros. O fermento começado a levedar na “*Águia*” expandiu-se por intermédio de Jaime Cortesão na fundação da revista “*Seara Nova*” em 1921.»⁹
- «A República [...] não quis ouvir os apelos de novos movimentos organizados de ideias, que insistentemente alertavam os governantes, como foi o caso da “*Seara Nova*” (fundada em 1921) e outros, incluindo o “*Movimento Integralista*” que vinha de 1914 - de orientação política oposta à da “*Seara Nova*” no aspecto das instituições mas com algumas semelhanças na finalidade -, em que sobressaía o objectivo de revigorar Portugal e educar o povo numa linha de sentimento nacional e de progresso.»¹⁰
- «O fim da história, considerada como ciência humana e humanística, não é a regressão ao passado mas uma explicação do presente. [...] A face da vida extinta do passado e da vida presente. [...] E quanto mais tentávamos compreender a segunda, mais descobríamos na sua estrutura as estratificações indeléveis da primeira.»¹¹
- «As navegações, escreveu o sábio, não se fizeram “a acertar”: não foram efeito de pensamentos vagos. Esta frase, quanto a mim, não é válida unicamente para o tecnicismo da realização, para os aperfeiçoadores da cosmografia e da prática científica da pilotagem: aplica-se também com toda a força ao procedimento dos homens de Estado, dos príncipes, dos mercadores, estendendo-se às miras e ideias gerais a que as navegações obedeceram. Houve um plano de conjunto muito bem estudado nas suas minúcias e todas as forças da Nação se coordenaram para um grande fim. Actos sem dúvida de estupenda audácia, são planeados e encaminhados por uma grande obra de inteligência: nada de aventurismo nem de sonambulismo, mas um modelo acabado de razão prática; o claríssimo pensamento precedia o nobre feito. “A acertar” andamos nós, elites de hoje, e por isso mesmo desacetamos e naufragamos continuamente; aventureiros, sonhadores e impulsivos, sebastianistas, subjectivos, intuicionistas somos nós, não eram eles os do século XV. Príncipes, pilotos, capitães e mercadores, não foram tenazes por mero instinto nem navegantes por sentimentalismo. E nada se encontra nessa gente prática que se assemelhe à retórica dos intelectuais de agora.»¹²
- «No início dos anos 20, [António Sérgio] integra a “*Seara Nova*”, passando a ser aí um dos seus doutrinadores. É lá que começa a desenvolver o seu pensamento socialista com muita clareza [?].»¹³

¹ (em Mar1918 co-fundador da “Liga de Acção Nacional”, com Luís Reis Santos e o matemático Pedro José da Cunha; em 1923 publica a 2ª edição do seu “Bosquejo da História de Portugal”; em 18Dez1923-28Fev1924 ministro da Instrução Pública no 2º governo de Álvaro de Castro); ² (nascido a 13Set1885 em Carregal da Tabosa, Cernancelhe); ³ (desde 1919 director da Biblioteca Nacional, naquele ano publicou “Nas Trincheiras da Flandres” e em 1922 vai publicar “A Expedição de Cabral e o Descobrimento do Brasil”); ⁴ (nascido em 1885; jornalista e professor); ⁵ (nascido em 12Mar1867 na Foz do Douro, escritor e jornalista; virá a falecer em 05Dez1930 no Porto); ⁶ (desde 1919 director dos serviços técnicos da Biblioteca Nacional); ⁷ (nascido a 02Nov1877 em Gataão no concelho de Amarante; autor de “Sempre”); ⁸ (capitão veterano da Flandres); ⁹ (Mascarenhas); ¹⁰ (Gonçalves Ferreira); ¹¹ (Jaime Cortesão); ¹² (António Sérgio, in “Ensaio” tomo I); ¹³ (Soares)

1921 – Abril.27 (4ªfeira)

Em Genebra, a *Sociedade das Nações* fixa em 6,65 biliões de libras o montante que a Alemanha tem de pagar a título de indemnizações, dando-lhe prazo até 12 do próximo mês para começar a ressarcir os respectivos países.

- «*The Allied Reparations Commission fixed the total to be paid by Germany at 132 billion gold marks, an impossible sum for a stagnant economy. Unemployment and hunger mounted, inflation soared until a thousand billion marks equaled one prewar mark. Two leading reasons for the failure of the economy were French occupation of the Ruhr, Germany's industrial heartland, and the exorbitant reparations demands.*»

1921 – Maio.21 (sábado)

Em Lisboa o governo de Bernardino Machado promulga a Lei 1170, destinada a regulamentar a situação dos veteranos da Grande Guerra.

- «*Convém apenas lembrar que uma Nação não é feita apenas das vitórias no terreno. Que muitas vezes uma derrota pode ser mais gloriosa que um triunfo, se os homens se batem e conquistam o respeito do inimigo, do mundo e dos seus concidadãos. A história próxima dos conflitos mundiais, a própria história de Portugal, está cheia de exemplos deste tipo. E quantas vezes um vencido que sabe cair de pé fica para a posteridade, enquanto se esqueceu os nomes dos vencedores! A consciência e força de um povo alimentam-se de tais sucessos. Não é romantismo, nem poesia de cordel. As grandes potências cuidam tanto do culto do passado, da fidelidade às tradições e valores militares, como do planeamento ou do PIB. E no dia em que a classe dirigente se mostrar indiferente a essa memória de glórias e sacrifícios, que também constituem uma pátria, esta entra, irremediavelmente, na decadência. A catástrofe é apenas uma questão de tempo.*»¹

- «*Pedi a palavra, para me referir à situação em que se encontram os mutilados de guerra, esses homens de que nós, os que na guerra estivemos, nos devemos orgulhar por os termos tido como companheiros, e que na verdade se vêem na necessidade de andar a pedir esmola. É uma vergonha dizer-se, mas é verdade que o que esses homens pedem, é simplesmente aquilo que temos dado aos revolucionários civis.*»²

- «*O apelo é gritante, havia combatentes com fome, havia miséria nos seus lares. E que lares?! Perante a profunda crise de habitação, muitos eram aqueles que viviam em barracas e famílias inteiras entre quatro paredes de um quarto miserável; outros nem um quarto tinham, vivendo por esmola onde calhava. Aos doentes de guerra, aos gaseados e aos portadores da tuberculose, que os matava lentamente e que transmitiam a toda a família, a assistência era incerta, insuficiente e deficiente, ignorando-os por completo. Atingidos pelo desemprego, os antigos combatentes de norte a sul do País formavam uma legião extensa de miséria, pediam trabalho e pão; e não eram escutados, lançando-se à mendicância. [...] Que Portugal era aquele, que escarnecia daqueles que por ele arriscaram as suas vidas, que anularam a sua saúde? Era uma multidão de sacrificados que à Pátria nada tinham pedido e a quem a Pátria tanto devia. [...] Francisco Alexandre, nascido em 28Ago1893 em Vermoeiros [São Pedro]: soldado do RI15 mobilizado em 28Ago1914 para Moçambique, regressou um ano depois por decisão da Junta de Saúde mas em 20Jan1917 embarcou para França; em 09Abr1918 conseguiu fugir ao avanço alemão e depois contraiu uma pneumonia, baixando ao hospital entre Junho e Novembro; regressou a Portugal em 17Fev1919; entrevistado [núcleo da LC de Tomar], aos 103 anos de idade recebe uma reforma de apenas 28000\$00, não lhe foi atribuído qualquer benefício militar. [...] Manuel Lourenço, nascido em 15Set1894 em Cardigos: soldado do RI2 mobilizado em Tancos para o CEP, embarcou para França no início de Fev1917 como observador de primeira linha; depois promovido a primeiro-cabo ficou integrado num batalhão e depois do 09Abr1918 ocupou posição nas novas trincheiras; desembarcou em Lisboa a 05Mar1919; quando entrevistado estava quase a completar os 103 anos de idade, nunca auferiu de qualquer ajuda do Exército; recebe a reforma do Centro Nacional de Pensões e uma pequena ajuda do núcleo da LC de Abrantes. [...] Francisco Monteiro, nascido em 1894 em Paranhos: sargento do Exército mobilizado para uma comissão em Moçambique; reformado antes do tempo, quando entrevistado*

no Lar de Runa, contava 102 anos de idade; inicialmente recebia um pensão de 70000\$00, que desceu para 50000\$00 sem lhe ser dada qualquer explicação. [...] José Maria Hermano Baptista, nascido em 01Mai1895 na freguesia do Socorro em Lisboa: primeiro-cabo do RI5 mobilizado pelo 1º Batalhão da 1ª Divisão do CEP em 17Mai1917 para França, em 22Mar1918 promovido por distinção a segundo-sargento miliciano; no 09Abr1918 foi atingido na perna e no braço por estilhaços de granada, duas semanas depois capturado e levado para o campo de prisioneiros de Friedrichsfeld, onde recebeu o nº 98346 e ficou cativo com outros 60 sargentos portugueses e graduados de várias nacionalidades, até ser repatriado em 28Jan1919; com 101 anos de idade, reformado da CP [núcleo da LC de Sintra], nunca recebeu subsídio algum do Exército.³ [...] Eugénio Simões Pinto, nascido em [08Jun] 1895 [em Pedrógão Grande]: soldado de cavalaria embarcado em 17Jan1917 para França; em 09Abr1918 estava no sector português como observador e foi feito prisioneiro; quando entrevistado no Lar de Runa [núcleo da LC de Lisboa] contava 101 anos de idade, nunca recebeu subsídio algum do Exército. [...] José Valente de Matos, nascido em 20Ago1895 em Matosinhos: soldado-condutor do RA6 mobilizado pelo 2ºGCAM em 10Jan1917 para França, tendo ficado colocado em La Force no serviço de saúde às colunas de transporte de feridos e depois como ordenança ao comandante capitão Peça; em 13Set1918 regressou de comboio a Lisboa; quando entrevistado [núcleo da LC do Porto] contava 100 anos de idade, apenas auferia uma pensão de 25000\$00 do Centro Nacional de Pensões, nunca tendo recebido quaisquer subsídios do Exército.⁴ [...] Manuel José Gomes, nascido em 20Fev1896 em São Lourenço das Eiras [Chaves]: soldado do RI10 mobilizado em 15Jul1917 para Moçambique, regressou a Lisboa em 12Abr1919 e emigrou para o Brasil até 1933; quando entrevistado contava com 100 anos de idade, [núcleo da LC de Chaves] nunca recebeu qualquer subsídio do Exército. [...] Evaristo Martins de Almeida, nascido em 18Abr1896 em Lordelo do Douro [Porto]: soldado do RI31 mobilizado em 02Set1917 para França; em Out1918 gaseado e regressou a Portugal; quando entrevistado [núcleo da LC do Porto] tinha 100 anos de idade, não recebe qualquer subsídio do Exército.⁵ [...] Adelino Tavares Russo, nascido em 13Out1896 em Cepelos [Vale de Cambra]: soldado do RI23 mobilizado em 20Out1917 para Angola [ie, França], quando entrevistado [núcleo da LC do Porto] contava 100 anos de idade; nunca recebeu qualquer pensão do Exército, o único provento que tem é a reforma do Centro Nacional de Pensões que lhe atribui 25000\$00 mensais. [...] João Joaquim Capinha, nascido em 09Nov1897 em Vila Boim [Elvas]: segundo-sargento do RC3 mobilizado em 21Abr1917 como sapador-mineiro para França; regressou em 23Set1918 com dois louvores e a Medalha de Cobre de Comportamento Exemplar; “como preso político [?], foi deportado para Cabo Verde onde esteve 21 anos [?], onde trabalhou no Serviço de Florestação; regressou definitivamente a Portugal no ano de 1949”; vendedor e escriturário até aos 87 anos, quando entrevistado [núcleo da LC de Viseu] tinha 99 anos; além da reforma do Centro Nacional de Pensões, recebe uma reforma militar de 11000\$00.»⁶

Menos de 48 horas decorridas, o *XXIX Ministério* é dissolvido e Tomé José de Barros Queirós encarregue de formar novo gabinete «*composto por elementos do Partido Liberal*»⁷.

¹ (Nogueira Pinto); ² (Joaquim Ribeiro, veterano da Flandres e deputado do Partido Democrático; in “Diário da Câmara dos Deputados”, 13Jun1923);

³ (em 11Nov2000 residia no concelho de Sintra); ⁴ (em 11Nov1999 compareceu no Porto ao cerimonial do Armistício; faleceu 16 dias depois);

⁵ (falecido em meados de 1999); ⁶ (Araújo Pinto; além dos citados 10 veteranos, em 1994 eram vivos os seguintes 32: Francisco de Araújo Rebelo, nascido a 21Fev1892 em Moinhos-Airões, Felgueiras, em 03Mai1917 embarcou para a Flandres, em 09Abr1918 participou na Batalha de La Lys (no final de Fev1996 faleceu em Amarante, antes de completar os 104 anos); Frederico Vitorino, nascido a 20Nov1892 em Mação, veterano da Flandres; José Patrocínio dos Santos Veríssimo, nascido a 22Nov1892 em Atouguia da Baleia, veterano de Moçambique; José Francisco Costa, nascido a 13Fev1894 em Salir, veterano da Flandres; Manuel José da Costa, nascido a 24Fev1894 em Santarém, idem; Albertino S. Teixeira, nascido a 20Abr1894 na Covilhã, idem; Amadeu Gonçalves, nascido a 24Mai1894 em Viseu, idem; Luís António Batista, nascido a 06Jun1894 em Mombeja, idem; José António, nascido a 08Ago1894 em Alcáçovas, idem; Francisco José da Mata, nascido a 03Dez1894 em Alcáçovas, idem; Manuel Feliciano, nascido a 11Fev1895 em São Mamede, Torres Vedras, idem; António Roque dos Reis, nascido a 12Fev1895 em Santa Cruz, Coimbra, idem; José Pereira, nascido a 23Fev1895 em Nespereira, Cinfães, idem; Domingos dos Reis André, nascido a 25Jun1895 em Rio de Mouro, idem; José Gomes Alegria, nascido a 08Jul1895 em Sernadinha, São Pedro do Sul, idem; Guilherme Ribeiro, nascido a 29Ago1895 no Sardoal, idem; Manuel J. Antão, nascido a 01Out1895 em Moimenta da Beira, veterano de Moçambique; João Martins, nascido a 11Dez1895 em Belver, idem; Francisco Barrinhos, nascido a 17Dez1895 no Carvoeiro, Lagoa, veterano da Flandres; Joaquim Gaspar de Carvalho, nascido a 05Fev1896 em Formigais, Ourém, idem; António B. Júnior, nascido a 28Jun1896 no Caniçal, Madalena, idem; Joaquim da Silva, nascido a 09Nov1896 em Rio Maior, idem; João Carlos Guedes Quinhones Portugal da Silveira, nascido a 30Dez1896 em Faro, idem; Amadeu P. Coutinho, nascido a 17Fev1897 em Viana do Castelo, idem; António Tomás Ferreira, nascido a 21Mai1897 em Alcobaça, idem; Isidoro M. Pereira, nascido a 02Jan1898 em Montemor-o-Novo, veterano da Armada; Anastácio Franco Casado, nascido a 08Fev1898 na Ericeira, idem; José Ferreira, nascido a 24Mai1898 em Lisboa, idem; José F. Silva, nascido a 11Dez1898 em Beja, veterano da Flandres; José Dias Resende, nascido a 12Jan1899 em Ovar, idem; Manuel Aboim A. Sande Lemos, nascido a 04Jul1899 em Faro, veterano de Angola; e António Augusto, nascido a 11Jul1899 em Bragança, veterano da Flandres); ⁷ (Mascarenhas)

1921 - Junho.20 (2ªfeira)

Em Londres, tem início a *II Conferência do Império Britânico*.

1921 - Julho.10 (domingo)

Em Portugal, as eleições legislativas concedem maioria relativa ao Partido Liberal.

- *«Dissolvido o parlamento, realizaram-se eleições legislativas a 10 de Julho, ficando os liberais com cerca de metade dos lugares e os democráticos com um terço. Eleito deputado católico, o prof. Oliveira Salazar compareceu ao parlamento apenas durante um dia.»*¹

¹ (Mascarenhas)

1921 - Julho (fins)

No Kremlin decorre o *II Congresso da Comintern*, durante o qual Lenine reformula a teoria de Karl Marx sobre a colonização moderna, apresentando as suas teses relativas à *«táctica comunista a adoptar nos países coloniais ou semidependentes»*, definindo-se como regra geral que *«o melhor modo de assestar um golpe definitivo no sistema capitalista mundial, é combater as potências imperialistas nas suas colónias»*¹: a colonização, passa a ser *colonialismo* - sinónimo de *exploração* -, gerador de confucionismo entre propriedade e capitalismo; e as populações, passam a ser designadas *«classes oprimidas»*, proclamando-se o comunismo como *anticolonialista* e único verdadeiro defensor de todos os povos oprimidos pelos Estados *imperialistas* e *capitalistas*.

- *«1921: Enviada [de Lisboa] uma delegação [do nóvel PCP] ao Congresso da Internacional Comunista.»*²
- *«O marxismo-leninismo acorda para o problema colonial, com Lenine a sublinhar “as contradições entre os imperialistas das metrópoles e os povos colonizados”. O III Congresso dos Sovietes [...] ocupa-se já desse filão revolucionário.»*³

¹ (Gregory Alonso Pirio, in “Race and Class in the Struggle over Pan-Africanism - A Working Paper on the Partido Nacional Africano, the Liga Africana and the Comintern in Portuguese Africa”; conferência “The Class Basis of Nationalist Movements in Angola, Guinéa-Bissau and Mozambique”, Universidade do Minnesota 25-27Mai1983); ² (Moreira e Pedrosa); ³ (Almeida Santos)

1921 - Agosto.11 (5ªfeira)

Em Washington o presidente dos EUA dirige convite às grandes potências europeias, para uma conferência sobre o Extremo-Oriente e a limitação do armamento.

1921 - Agosto.30 (3ªfeira)

Em Lisboa, o *XXX Ministério* é dissolvido e António Granjo pela 2ª vez encarregue de constituir um gabinete governamental.

- *«No final de Agosto, Barros Queirós cedeu o lugar a António Granjo, que formou outro governo liberal. [...] Quando António Granjo assumiu o poder [...], depressa se viu envolvido em problemas complicados que absorveram o seu governo. Não só nessa altura surgiu a confirmação final de que não passava de tentativa fraudulenta, o tal negócio [há meses proposto em Paris pelo prócere “democrático” Afonso Costa, relacionado com um fantasioso] crédito de 50 milhões de dólares, como estoirou a chamada “questão da Moagem” provocada por [anteriores e sucessivas] providências governamentais destinadas a disciplinar o fabrico e os preços do pão: o que proporcionou ao órgão democrático “O Mundo”, o lançamento de demagógica campanha acusando o governo de favorecer os capitalistas e as grandes empresas. [...] O desfazer do sonho dos 50 milhões, com os seus reflexos negativos, ainda veio agravar mais a situação já tão deteriorada. [...] Outro problema grave, foi gerado pela condenação de Liberato Pinto [que 30Nov1920-25Fev1921 chefiou o 28º Ministério], pelo Conselho de Disciplina do Exército por prática de transacções comerciais incompatíveis com a sua situação de oficial [tenente-coronel de infantaria e CEM da GNR], condenação que desagradou à GNR e que proporcionou ao jornal “A Imprensa da Manhã” virulenta campanha contra o governo: singular campanha, tratando-se de periódico independente [?] sustentado pelo industrial Alfredo da Silva, fundador da CUF; não seria esta - longe disso -, a última atitude demagógica da plutocracia.»*¹
- *«A “Legião Vermelha” - nascida [no final de 1919] no cérebro esquentado de anarquista romântico -, breve perdeu as suas características idealistas para se transformar num instrumento da alta finança. [...] A “Legião” tinha sido empalmada, transformando-se em quadrilha. O terror espalhava-se quando se transformou em quadrilha, o pânico criado serviu para bons negócios na Bolsa: a um assalto nocturno correspondia na manhã seguinte a Bolsa abrir com cotações baixíssimas. O seu “chefe” - o chefe da quadrilha - não era, como podem pensar, um ladrão profissional dos que*

frequentam cadeias ou um assassino fugido à prisão. Não, o chefe da quadrilha habitava um luxuoso palácio na Avenida Fontes Pereira de Melo e era o rico banqueiro Sottomayor. Ao mesmo tempo que a acção da quadrilha permitia ao seu chefe fazer bons negócios, desprestigiava a República que tinha desprezado a sua tentativa de ser o seu financiador; como o [banco] Fonseca, Santos e Viana [após 1943 Fonsecas & Burnay] tem sido o financiador do fascismo salazarista e o Banco Espírito Santo foi do fascismo espanhol.»²

No dia seguinte em Bruxelas tem início o *II Congresso Pan-Africano*, no qual participam, como delegados da *Liga Africana* sediada em Lisboa, o seu presidente José António de Magalhães (médico moçamedense recém-deputado pelo círculo de São Tomé e Príncipe) e o santomense Nicolau dos Santos Pinto, que afirma:

- «O nosso sonho e ambição - do ponto de vista moral, intelectual e material -, tem sido fazer da nossa África portuguesa um país próspero: um sonho e uma ambição para cuja realização não recusaremos qualquer sacrifício mas daremos o melhor da nossa inteligência, da nossa energia, das nossas mentes e dos nossos meios financeiros. A minha opinião decisiva é que, quando os africanos portugueses souberem unir-se e cooperar em sólidas organizações económicas, verão a sua ascensão como cidadãos respeitados. Para além disto, mantenho a opinião de que devemos começar este trabalho imediatamente, no interesse do futuro da nossa raça que necessita de ultrapassar a sua tendência nativa em relação à sua falta de visão do futuro.»
- «Se os movimentos unitários em Lisboa estiveram sempre atentos às outras realidades coloniais (francesas, belgas ou inglesas), a reciprocidade deste interesse não era perceptível nas publicações similares sobre o estado da dominação portuguesa. Os dirigentes da Liga Africana mantiveram ligações com os seus homólogos franceses, relações travadas por ocasião do II Congresso Pan-Africano. Por seu lado, o Partido Nacional Africano cultivou contactos privilegiados com a UNIA (Universal Negro Improvement Association) ³.»⁴
- «A missão que presentemente compete ao povo português, é a que faltou fazer a seguir às conquistas: converter os domínios ultramarinos, de simples possessões que eles têm sido até agora, em verdadeiros prolongamentos da Pátria no sentido espiritual, no sentido da cultura. De tal forma que Portugal e colónias, em vez de serem um proprietário e as suas terras - que ele explora -, constituam um grande ser colectivo autónomo, política e economicamente, uma Pátria maior onde circule a mesma vida espiritual e a mesma vida económica. Numa palavra, é colonizar na acepção de civilizar, entendendo a civilização não somente no sentido material mas no sentido de cultura. E finalmente realizar em África, conscientemente e de propósito decidido, o que no Brasil se fez espontaneamente e pela força das circunstâncias.»⁵
- «Em 28 de Julho de 1921, [a capitania-mor dos Dembos angolanos foi] transformada em circunscrição civil e ali instalada [na vila de Quibaxe] desde 24 de Setembro de 1921; naquele mesmo ano, Castendo e Danje passam a postos administrativos.»⁶

Decorridos 6 dias, realiza-se em Paris a sessão de encerramento do referido congresso, em cujo manifesto se declara:

- «Portugal e a Espanha nunca praticaram legalmente distinção entre brancos e pessoas de origem negra. Portugal possui um código humanitário para os indígenas e iniciou a sua educação em certas regiões. Infelizmente, as concessões industriais da África portuguesa pertencem quase inteiramente às grandes companhias estrangeiras, na sua maioria, que Portugal não pode ou não quer controlar, as quais exploram a terra e os trabalhadores e restabelecem na prática o trabalho servil.»

¹ (Mascarenhas); ² (Cansado Gonçalves); ³ (fundada por Malcus Mosiah Garvey Junior, ideólogo do "sionismo africano", deportado para a Jamaica);

⁴ (Andrade); ⁵ (José António de Magalhães, presidente da Liga Africana e desde 10Jul1921 deputado por São Tomé e Príncipe, entrevista em Lisboa ao quinquenário santomense "Correio de África", publicada em 22Ago1921); ⁶ (Milheiros)

1921 - Outubro.5 (4ªfeira)

No hemiciclo de São Bento, o governo liberal chefiado por António Granjo comemora o 10º aniversário da implantação do novo regime, ao mesmo tempo que a imprensa afecta ao Partido Democrático renova as suas falácias antigovernamentais e nas ruas se sucedem as arruaças.

- «Toda esta acumulação de campanhas, a bem dizer artificiais, adensou a sufocante atmosfera pré-revolucionária a que Granjo tentou opôr-se, ordenando a prisão de vários elementos (dias depois libertados). A revolução [da "Junta Revolucionária" sangrenta, chefiada pelo comandante da GNR coronel Manuel Maria Coelho]¹, foi por isso adiada por umas duas semanas.»²

¹ (em 31Jan1891 tenente que coordenou, com o jornalista João Chagas, a "Revolta do Porto"); ² (Mascarenhas)

1921 - Outubro.13 (5ªfeira)¹

Na Cova da Iria realiza-se a 1ª missa campal, no local dito «*das Aparições*».

- «*O depoimento de um categorizado jornalista republicano e agnóstico, Avelino de Almeida - num jornal insuspeito "O Século" [controlado pelo grão-mestre maçom Sebastião de Magalhães Lima], - descrevendo "o milagre do Sol" a que assistira, contribuiu muitíssimo para a repercussão nacional do que se passara [em 13Mai-13Out1917] na Cova da Iria com 3 pequenos pastores. Daí, decerto, a intenção de fustigar o governo liberal [chefiado por António Granjo] com acusações de clericalismo, aliás infundadas.*»²

Decorridos 3 dias, em Lisboa o advogado João Jayme Faria Affonso³ promove no seu escritório a assembleia fundacional da *Liga dos Combatentes da Grande Guerra*, cujo núcleo inicial é composto por aquele e outros veteranos, nomeadamente os tenentes-coronéis de cavalaria Ferreira do Amaral (comandante da Polícia) e Francisco Xavier da Cunha Aragão, primeiro-tenente Horácio Faria Pereira e tenente Joaquim de Figueiredo Ministro. Esta comissão de veteranos justifica os seus objectivos, «*em razão das injustiças feitas aos que na Grande Guerra combateram, especialmente aos mutilados e estropiados, e ainda devido ao desprezo a que foram votados pelos poderes constituídos, os quais não só não tomaram na devida conta mas até propositadamente esqueciam as justas reclamações de muitos que, após haver cumprido o seu dever, cumprido comunhamente com o juramento que antes haviam feito de darem o seu sangue pela Pátria, se viam abandonados e na miséria, com grave prejuízo para o patriotismo, disciplina e moral do povo português*»⁴.

- «*O tenente [-coronel Aragão, quando em 18Dez1914 era tenente] comandante do Esquadrão de Dragões, [...] ferido [em combate em Naulila] e prisioneiro [na Damaralândia], só quando as tropas inglesas ocuparam essa colónia alemã foi libertado. Então, indignado por Portugal ainda não ter declarado guerra à Alemanha apesar do ataque sofrido, foi alistar-se no exército francês, onde se fez aviador. Foi companheiro de Óscar Monteiro Torres. [...] Finda a guerra, Aragão ingressou na Aviação Portuguesa.*»⁵
- «*O combatente, terminada a guerra ou o tempo de serviço, ingressa na vida civil. A readaptação, a inserção num ambiente sócio-profissional ou familiar, a luta pelo quotidiano, fazem atenuar ou esquecer a memória do tempo das fileiras que nem sempre é risonha. Tudo se traduz numa certa nostalgia, a evocar de vez em quando com velhos camaradas, ou nem sequer... Donde vem a necessidade de organização, da criação de estruturas e motivações que surjam como fulcro mobilizador de um espírito de grupo. O fenómeno do "antigo combatente", além de manifestações um pouco românticas ligadas às figuras tradicionais dos militares de profissão ou de ventura, aparece no fim da Grande Guerra. Por toda a Europa surgem formações deste tipo que prosseguem, após a desmobilização, uma acção conjunta geralmente com características políticas. Entretanto, convém não esquecer que nestes casos, como nos "Freikorps" alemães ou "squadristi" italianos, se trata de ex-combatentes que mantêm as suas armas (caso dos primeiros) e noções de hierarquia e eficácia militar; que se formam como verdadeiros exércitos do interior, capazes de se substituir à própria ordem estabelecida, impotente ou conivente com a actuação de extrema-esquerda e às humilhações impostas por um ocupante vitorioso.*»⁶

¹ (fase lunar entre quarto-crescente e plenilúnio); ² (Mascarenhas); ³ (seu filho Jaime Anselmo Alvim de Faria Affonso, nascido na freguesia do Lumiar em Lisboa, em 1969 com o posto de capitão de cavalaria será mobilizado pelo RC6-Porto para o nordeste de Moçambique, assumindo o comando do ECav1 aquartelado em Mueda; em 17Jul1970, durante a Operação Nó Górdio naquele planalto, uma patrulha de auto-metralhadoras na área de Muidumbe faz deflagrar uma mina-anticarro que provoca mortos e feridos, pelo que de imediato se desloca ao local e, após proceder ao socorro dos feridos e retirada dos mortos, prossegue a missão à testa da coluna, mas pouco depois deflagra outra mina-anticarro que lhe causa a morte; em 04Ago1971 agraciado a título póstumo com a Cruz de Guerra de 1ª Classe); ⁴ (excerto da «1ª Acta da Direcção Central da Liga dos Combatentes da Grande Guerra», 16Out1921); ⁵ (Horta Catarino); ⁶ (Nogueira Pinto)

1921 - Outubro.19 (4ªfeira lua-cheia)

Ao longo da madrugada e manhã, Lisboa é percorrida por bandos de ensandecidos marinheiros apoiados por civis armados que, com o conluio tácito de todas as unidades navais e da quase totalidade das unidades da GNR comandada pelo coronel Manuel Maria Coelho (cabecilha da "Junta Revolucionária"), cometem assaltos a residências e inúmeras detenções ilegais, logo seguidas por uma «*camionette fantasma*» orientada pelo cabo-de-marinha Abel Olímpio o "Dente de Ouro", controlador da "Formiga

Branca". Nesta que fica conhecida como *A Noite Sangrenta*, são sucessiva e «*barbaramente assassinados*»: António Granjo, desde 30 de Agosto presidente do Ministério; o antigo ministro José Carlos da Maia; o também antigo ministro maçõn comandante José de Freitas Ribeiro da Silva, que havia sido seu chefe-de-gabinete; o antigo controlador-carbonário e plurigolpista Machado Santos, dito *comandante* e co-fundador do regime republicano; o coronel Botelho de Vasconcelos, ex-colaborador do presidencialista major Sidónio Pais; e alguns outros dirigentes partidários. Horas depois, o governo demite-se em bloco e o maçõn PR António José de Almeida proclama o estado-de-sítio.

- «*A 19 de Outubro desse ano de 1921 estava na rua [a "balbúrdia sanguinolenta"], contando com a Polícia, parte da Guarda Republicana, a marinhagem e numerosos civis. [...] António Granjo e Carlos da Maia haviam sido selvaticamente assassinados por marinheiros e populares no Arsenal, para onde tinham sido levados à força numa camioneta que, a seguir, andou pela cidade na sua hedionda faina sanguinária. [...] Granjo, depois de morto, foi trespassado à baioneta aos gritos de "Vejam o sangue deste porco!". [Quanto ao capitão de engenharia, chefe do Partido Liberal e antigo ministro das Finanças 26Nov20-25Fev1921] Cunha Leal, de cuja casa o arrancaram e que o acompanhou ao Arsenal, escapou por pouco: foi ferido à bala no pescoço e salvo depois por alguns oficiais. [...] Esses marinheiros dementados saciaram então a sede de vingança que os avassalava desde a revolução sidonista.*»¹

- «*Relevantes serviços prestaram os Escoteiros noutras alterações da ordem pública. Na de 19 de Outubro de 1921, foram [...] os grupos de Escoteiros da Cruzada das Mulheres Portuguesas [que] montaram o 1º posto de socorros na Rotunda, onde se conservaram até às 17:30, tendo feito um curativo a 1 soldado. [...] O Grupo nº7 [da AEP] sob a chefia de José Rodrigues prestou serviço, nestes acontecimentos que constituem página negra na nossa história política do actual século. [...] "Foi a noite trágica em que foram mortos [o prócere carbonário] Machado Santos, Carlos da Maia [que em 23Fev-14Dez1918 foi ministro da Marinha no governo sidonista, o maçõn seu antigo chefe-de-gabinete comandante José de] Freitas [Ribeiro] da Silva [em 13Nov1911-29Jan1912 ministro das Colónias, 09Jan1913-09Fev1914 ministro da Marinha e em 14Mai1915 putschista], e outros chefes políticos. Assisti à morte do comandante Freitas da Silva junto às portas do Arsenal, assassinado ferozmente; e tive que disputar o seu corpo aos requintes sanguinolentos dos seus verdugos, turvados pelo ódio. Este acto quase me ia custando a vida, pois quando vi os bárbaros saltar sobre o cadáver daquele oficial, retalhando-o ferozmente, entrepus-me ante o corpo caído por terra e gritei: 'Alto! O corpo é meu, pertence-me!'. [...] Por fim, deixaram que os escoteiros cumprissem a missão que a si mesmos impunham. Os feridos foram conduzidos para o posto da Cruz Vermelha no Terreiro do Paço e o corpo de Freitas da Silva transportámo-lo para a morgue. Ainda dali não havíamos saído e já o pessoal da tristemente conhecida camioneta fantasma, que tinha a sinistra missão de transportar para a morgue os cadáveres apanhados na rua, nos avisava que a nossa presença se tornaria, então, necessária para os lados do Intendente. Para ali nos dirigimos em acelerado, orientados por algumas descargas que se faziam ouvir. Quando chegámos ao Intendente, porém, já se restabelecera o silêncio e foi uma mulher que, debruçada da janela, nos gritou: 'Mataram agora aí um homem e levam-no de rasto atrás de uma camioneta'. A pista de sangue que víamos no chão indicava-nos o caminho da Calçada do Desterro e, junto da Escola Primária nº1, conduziu-nos ao corpo de mais uma vítima: Machado Santos, metido num pijama às riscas, jazia num charco de sangue. Nessa altura até tivemos dificuldade em fazer entrar o corpo na morgue, pois o próprio guarda tomado de medo negou-se a abrir-nos a porta. Deixei alguns escoteiros de guarda ao corpo e fui eu que, dando a volta, entrei pelo hospital e consegui que fosse dada ordem ao guarda para nos abrir a porta. O corpo de Machado Santos recolheu assim à morgue, também pela mão dos escoteiros.*»²

- «*Quem não conhece o célebre 19 de Outubro com a camioneta fantasma, o "Dente de Ouro", o assassinato do chefe de governo António Granjo, Carlos da Maia e Machado Santos? Quem não sabe que eles foram apenas 3 de uma longa lista em que estavam todos os destacados revolucionários do 5 de Outubro, para ser assassinados como vindicta pelo assassinato de Dom Carlos? É um dos maiores crimes passados neste século no nosso País. Quem o levou a efeito? Quem o inspirou? Alguém ignora que a viúva de Carlos da Maia provou que o crime foi planeado na redacção do jornal católico-monárquico "A Época", que agora [1943] se chama "A Voz"? Que o chefe dos assassinos foi um padre, o padre Lima?»³*

- «Em nome da “Santa Liberdade” foram assassinados barbaramente a frio, o fundador da República almirante [?] Machado Santos e os ex-ministros Carlos da Maia, António Granjo, Freitas Ribeiro, etc.»⁴

Antes de findar o dia, o PR António José de Almeida é forçado pelos factos consumados a entregar ao *putschista* coronel Manuel Maria Coelho, a formação do 32º Governo republicano.

- «Sinistra apoteose dos desmandos políticos a que a Nação fôra submetida. [...] O governo, vendo-se desamparado, nem sequer ousou resistir: entregou a demissão ao presidente António José de Almeida, que não quis submeter-se às injunções da Junta Revolucionária chefiada pelo coronel Manuel Maria Coelho. À noite, porém, dada a notícia que lhe chegou, investiu-o na chefia do novo governo. [...] Foi com horror que os portugueses se inteiraram da chacina de 19 de Outubro, completada com o assassinio de um motorista indignado com o que se passara. [O industrial fundador do conglomerado CUF] Alfredo da Silva, fugido de Lisboa, foi em Leiria ferido a tiro, gravemente. Esse horror teve, aliás, efeito paralisante: não se registou qualquer reacção e o chefe revolucionário formou governo... que existiu durante cerca de 10 dias.»⁵

¹ (Mascarenhas); ² (Eduardo Ribeiro); ³ (Cansado Gonçalves); ⁴ (Juvenal); ⁵ (Mascarenhas)

1921 - Novembro.5 (sábado)

Ao fim da tarde, no *Teatro do Ginásio* deflagra violento incêndio e «os rapazes Escoteiros evidenciaram altruísmo e coragem»¹ durante as operações de combate ao sinistro.

Horas depois, o PR António José de Almeida demite o *XXXII Ministério* revolucionário e indigita o veterano da Flandres coronel de artilharia Maia Pinto, para constituir novo gabinete.

- «O coronel Manuel Maria Coelho também só pôde aguentar 17 dias o seu Governo (19 de Outubro a 5 de Novembro de 1921).»²

- «Maia Pinto, mais moderado, dissolveu o parlamento.»³

¹ (Eduardo Ribeiro); ² (Brochado); ³ (Mascarenhas)

1921 - Dezembro.13 (3ªfeira)

Em Washington tem início uma *Conferência Internacional sobre Desarmamento*, na qual participam delegações dos EUA, Império Britânico, França, Bélgica, Holanda, Itália, Portugal, China e Japão, a fim de discutir a limitação do armamento naval.

Três dias depois em Lisboa, o chefe do *XXXIII Ministério* coronel Maia Pinto demite-se e o chefe liberal capitão de engenharia Francisco Pinto da Cunha Leal encarregue de constituir um gabinete de coligação, onde acumula a pasta do Interior.

- «Duas semanas depois quis demitir-se mas, dado o melindre da conjuntura, ficou no poder [...] até depois das eleições.»¹

¹ (Mascarenhas)

1921 - Dezembro.29 (5ªfeira)

Em Washington as delegações dos EUA, Império Britânico, França e Japão assinam o *Four-Power Pact*, no sentido da não-violação dos direitos de cada um sobre as respectivas possessões insulares no Pacífico.

1922 - Janeiro.15

Em Dublin, o líder nacionalista Michael Collins proclama no parlamento que a Irlanda se constitui Estado livre e independente.

1922 - Janeiro.26 (5ªfeira)

Em Salisbúria, o conselho legislativo aceita uma proposta de Constituição que confere à Rodésia do Sul um governo próprio restrito.

1922 - Janeiro.29 (domingo)

Em Portugal, as eleições legislativas concedem maioria relativa ao Partido Democrático.

- «As eleições deram a vitória aos democráticos: os monárquicos, porém, obtiveram estrondosa vitória em Lisboa. Convidado Afonso Costa a formar governo, o chefe democrático preferiu continuar em Paris.»¹

¹ (Adelino Cunha)

1922 - Fevereiro.1 (4ªfeira)

Em Washington, os 9 países da *Conferência sobre Desarmamento* aprovam os limites da guerra submarina e dos gases de combate.

Cinco dias depois, a *Conferência sobre Desarmamento* é formalmente encerrada.

Por essa ocasião em Lisboa, o *XXXIV Ministério* cessa funções e o carbonário-maçom António Maria da Silva, pela 2ª vez, empossado chefe de um gabinete democrático.

- «Como chefe do Estado, [o prócere maçom António José de Almeida] deu posse a 16 chefes de Governo. Nesta voragem desgastou-se o poder, degradou-se a autoridade, diminuiu o prestígio das instituições, favoreceu-se a desordem. Os assaltos, as sabotagens e os atentados prosseguiram.»¹

¹ (Adelino Cunha)

1922 - Fevereiro.16 (5ªfeira)

Em redor de Lisboa concentram-se colunas militares, vindas da província para debelar outro surto grevista operário entretanto surgido, ao mesmo tempo que na capital as tropas ficam em alerta e o novo governo democrático se abriga no forte de Caxias, receando mais sangrentas intencões revolucionárias.

- «Paralelamente a essa ofensiva, outras desenvolveram os democráticos, ressuscitando a questão religiosa a propósito do ensino infantil. [...] Vem a propósito assinalar que a campanha anticatólica se reacendeu em 1922, apesar de - ou talvez por - ter sido estabelecida certa trégua entre as autoridades e a Igreja, do que foi sintoma a imposição pelo [candidato a grão-mestre maçónico e] presidente [da República] António José de Almeida, do barrete cardinalício ao núncio Locatelli. Mas quando Leonardo Coimbra ministro da Instrução, do governo a que presidia [o prócere carbonário-maçom] António Maria da Silva, pretendeu autorizar o ensino religioso em escolas particulares, estalou violenta tempestade de protestos que o levou a demitir-se.»¹

Enquanto isso em Londres, o governo anuncia que a Grã-Bretanha reconhece o reino do Egipto.

Decorridos 5 dias, em Genebra o delegado britânico na Sociedade das Nações declara que o seu governo «*aceita a cessação do estatuto de protectorado*», que sobre o Egipto mantinha desde há 18 anos.

¹ (Mascarenhas)

1922 - Março.10 (6ªfeira)

Em Joanesburgo, eclodem greves tumultuosas e o governo decreta a lei marcial.

Dias depois no planalto sudoeste de Angola, o tenente de infantaria piloto-aviador Luís Carlos da Cunha e Almeida¹, comandante do Grupo de Esquadrilhas de Aviação desde há 3 anos estacionado no Lubango, efectua circuito aéreo com um biplano Breguet-14A2 e procede ao reconhecimento de campos de aterragem.

¹ (em Nov1962 tenente-coronel reformado)

1922 - Março.18 (sábado)

Em Nova Delhi, o *mahatma* Mohandas Karamchand Gandhi é condenado a 6 anos de prisão, por desobediência civil.

1922 - Março.22 (4ªfeira)

Em Lourenço Marques o alto-comissário dr. Manuel de Brito Camacho recebe o cônsul sul-africano, que lhe comunica a decisão do seu governo denunciar a *Convenção de Moçambique* assinada em Dezembro de 1909, reafirmando no entanto os propósitos de

alterações relativas à administração do porto de Lourenço Marques e do respectivo complexo ferroviário, tentando deste modo indirecto o governo sul-africano monopolizar toda a rede de transportes moçambicana.

- *«The periodization of the evolution of the [Moçambican] railways may be divided into three phases. The first, which started in the 1880s until early 1900s, witnessed the development of the Lourenço Marques line (1887-1895) and the Beira-Umtali (1896-1898). The second period coincided with the inauguration of the Republic in Portugal and lasted until late 1920s. During this second period these local lines were developed: the Inhambane line (1910-13), Moçambique (1912-15), Xinavane (1914), Quelimane (1914-22), Gaza (1915), Marracuene (1918-24). The Trans-Zambeian line (1922) was also started. Finally, the third period was started in 1930. [...] Until 1930 each state-controlled [railway] line had its own administration. [...] The Lourenço Marques port and railway still followed the provisory organisation published on October 15, 1917. The Beira railway had the particularity of being a foreign financed and controlled line within national territory. [...] The railways of Moçambique had been divided into 4 different organisations: the directions of the port and CLFM; the Inhambane railway, the Quelimane railway, and that of the port and railway of Moçambique; the Gaza railway had been incorporated into the CFLM in 1918, and the other railways controlled the local branch lines of their respective district. [...] The South African government, however, continued to argue against Moçambique's weak financial state and increased its complaints about the bad management of the Lourenço Marques port and [Limpopo] railway, while it was pressured itself by the mining industry. Portugal, hence Moçambique, in contrast did not want the cancellation of the 1909 Convention (which the South African government denounced in March 22, 1922), because this would mean the interruption of a regular revenue provided by emigration (along with the further increasing clandestine immigration such would imply). Moçambique could not accept being pressured by South Africa over the control of the Lourenço Marques railway and port. The enormous complexity of the issues at hand clearly necessitated a new Convention.»¹*
- *«Brito Camacho não se demorou em Moçambique mais de 1 ano, por não se sentir apoiado por Lisboa.»²*

¹ (Pinto Teixeira); ² (Mascarenhas)

1922 - Março.30 (5ªfeira lua-nova)

Ao fim da tarde frente à doca do Bom Sucesso, o capitão-de-fragata Artur Freire Sacadura Cabral e o geógrafo Carlos Viegas Gago Coutinho, levantam do rio Tejo aos comandos de um hidroavião monomotor *Fairey III-D*, para realizar a primeira travessia aérea e nocturna do Atlântico Sul, como evocação do centenário da proclamação de independência do Brasil.

- *«Gago Coutinho e Sacadura Cabral inscreveram definitivamente os seus nomes na história da aviação mundial, ao efectuar a 1ª travessia aérea do Atlântico Sul, ligando Lisboa ao Rio de Janeiro numa viagem que exigiu a utilização de 3 hidroaviões Fairey (autênticas caranguejolas), e que pôs à prova tanto a audácia como a competência técnica e científica dos 2 aviadores, bem como a precisão do astrolábio que os levou sem o menor desvio, depois de demorado vôo nocturno, aos minúsculos penedos de São Pedro e São Paulo, perdidos na imensidade do oceano já perto da costa do Brasil. A repercussão desta memorável proeza foi enorme, tanto entre os brasileiros como entre os portugueses.»¹*
- *«O "Correio de África" e com ele toda a África portuguesa, são portugueses de coração, sem falsos patriotismos, nem loucas miragens. Amam a história pátria, conhecem os seus heróis, decoram os seus poetas e batem-se e morrem pelo nome do Portugal adorado.»²*

¹ (Mascarenhas); ² (editorial da "Liga Africana", 22Mai1922)

1922 - Abril.5

Contíguo ao Palácio de Belém, é instalado na Calçada da Ajuda o Regimento de Cavalaria da GNR que fica às ordens da presidência da República, como unidade de elite e reserva.

Decorridos 3 dias, no quartel-general de Évora o comando da 4ª Região Militar é assumido pelo recém-promovido general António Oscar de Fragoso Carmona¹, vindo do comando do RL2 na Calçada da Ajuda.

- «O general Carmona, apoiado pelos “cachapins”: nome por que eram conhecidos os oficiais que, por habilidades e empenhos, tinham conseguido escapar às expedições enviadas para França e África durante a Guerra de 1914-18, em que Portugal se viu obrigado a tomar parte para poder defender a integridade dos seus territórios ultramarinos ameaçados pelo imperialismo germânico. Estes oficiais tinham receio de que a República tomasse uma feição mais radical e os demitisse como cobardes e traidores que foram, além de reaccionários. Carmona, que também era “cachapim” tendo conseguido chegar a general sem nunca ter corrido os riscos de qualquer campanha militar, foi o seu natural caudilho.»²

¹ (nascido a 24Nov1869 em Lisboa); ² (Horta Catarino)

1922 - Abril

Em Lisboa realiza-se o *II Congresso do Centro Católico*, durante o qual o deputado António de Oliveira Salazar¹ reconhece «a possibilidade de combinações políticas, indo até à colaboração ministerial».

¹ (em 10Jul1921 eleito pelo círculo de Guimarães; e em 29Jan1922 reeleito)

1922 - Junho.1

No Dondo é aberta ao tráfego internacional a ferrovia do TZR, que passa a ligar regularmente Port Herald no sudoeste da vizinha Niassalândia ao porto moçambicano da Beira.

- «O nosso caminho-de-ferro só começou a ser construído em [princípios de] 1920, tendo sido concluído em 31 de Março de 1922 e aberto ao tráfego em 1 de Junho do mesmo ano. O seu traçado começava no Dondo a cerca de 20 [30] km da Beira e seguia até à margem do Zambeze em frente do Chindi. [...] A nova empresa [anglo-portuguesa TZR] explorava essa linha férrea e tinha o direito de utilizar o caminho-de-ferro da Beira desde o Dondo até ao porto. Na margem norte do Zambeze a “Central Africa Railway”, com capitais [exclusivamente] ingleses, explorava outra linha entre o Chindi e a fronteira da Niassalândia, com 50km de extensão, e entre a fronteira e Port Herald num percurso de cerca de 20km. A travessia do rio fazia-se entre Sena e Mutarara (Dona Ana) em barcos de rodas. Assim ficou assegurada a ligação da Niassalândia (actual Malawi) ao mar.»¹

- «The [Dondo-Mutarara railway] line opened for traffic in [March 31] 1922. It connected with the Central Africa Railway Co. Ltd's line from Chindi on the left bank of the Zambezi, and ran to the [Nyasaland southeastern] border. From there, the line continued to Port Herald, where it connected with the Shire Highlands Railways line to Blantyre, thus providing a railway service throughout the Zambezi area and to the sea. At first, the transfer across the Zambezi River was undertaken by a Ferry service, but in 1916 [i.e., 1926, the british administrator and major accionist Libert Oury of] the Trans-Zambezia Railway Co. decided to build a [Sena-Mutarara 3.8km] bridge across the Zambezi.»²

¹ (Silva Cunha); ² (Pinto Teixeira)

1922 - Julho.6

Em Lisboa é fundada a Companhia Colonial de Navegação, por iniciativa do armador Bernardino Correia.

- «O caso dos Transportes Marítimos do Estado, empresa pública gestora de parte da Marinha Mercante, apareceu como típico da malversação reinante nos negócios públicos portugueses: muitos dos respectivos navios estavam arrestados em portos estrangeiros, por falta de pagamento das taxas portuárias, de carvão fornecido, etc. E as negociatas e burlas dentro da empresa [TME], não tiveram conta. As tripulações ficavam sem receber os vencimentos: a guarnição do “Sines”, retido muitos meses em Cardiff, para poder subsistir encheu o convés de terra e nela plantou uma horta para ter alguma coisa que comer... Foi um dos governos de António Maria da Silva, que em 1922 decidiu liquidar a empresa, entregando os navios, por concurso, a empresas privadas.»¹

¹ (Mascarenhas)

1922 - Agosto.4 (6ªfeira)

Em diversas cidades italianas sucedem-se confrontos de rua entre socialistas e fascistas, que cessam ao fim de 4 dias.

Decorridos 3 dias, em Portugal eclodem 2 greves gerais - interrompidas de 11 a 13 -, que terminam a 16.

- «Nesse ano de 1922, o défice orçamental foi enorme [157 mil contos] e tornou-se necessário aumentar os impostos, o que provocou inúmeros protestos.»¹

¹ (Mascarenhas)

1922 - Agosto (fins)

Nos arredores de Luanda, em vésperas do centenário da proclamação de independência do Brasil, eclode uma rebelião nativa que fica conhecida como *Revolta de Catete*, na sequência da qual o alto-comissário general Norton de Matos determina a dissolução da *Liga Angolana*.

- «Em 10 de Maio de 1922, o Encoje passa igualmente a circunscrição civil; o posto militar de Caculo-ca-Henda é extinto em 28 de Junho de 1922.»¹

- «A ocupação administrativa começada [?] em 1922, era acompanhada da expropriação de terras e bens, da imposição do imposto de soberania [?] bem como do sistema de trabalho forçado. [...] Mas em 1924 [?] ainda se assinalam revoltas.»²

- «Houve sucessivas revoltas em Catete durante os anos 20 e 30, sendo a mais sonante aquela que ficou conhecida por Zuze Dia Mbala e de que resultaram várias prisões e deportações para São Tomé e Príncipe. De entre as demais, contava-se o havido e tido como político intolerante catetense Miguel dos Santos Pacavira, o avô Paquete de Domingo João. Até aos anos 50 e 60, as tensões entre os colonos e nativos em Catete não pararam, antes pelo contrário agudizaram-se devido ao trabalho escravo no algodão, de que eram patrões os concessionários Lagos & Irmão. Pais e filhos, mulheres e crianças, não podiam sair de Catete, para servir de mão-de-obra escrava nas grandes plantações de algodão.»³

- «Em Catete, em Janeiro de 1922 um grupo de indígenas encarregara o advogado provisionário António de Assis Júnior, de ser portador das suas reivindicações junto das autoridades locais. Perante a hostilidade do administrador da circunscrição - que restabeleceu o trabalho forçado e se tornou cúmplice na ocorrência que redundou em várias mortes e no incêndio das cubatas -, uma comissão composta por cerca de 80 pessoas dirigira-se a Luanda, onde procurara fazer chegar estes factos ao conhecimento do alto-comissário, por intermédio dos jornais "O Angolense" e "A Liberdade", e da "Liga Angolana". O poder colonial reagiu com severas medidas de repressão contra os "instigadores de um complot revolucionário de carácter nativista", pelo que foram presos António de Assis Júnior e Narciso do Espírito Santo, dissolvida a "Liga Angolana" e suspenso "O Angolense".»⁴

- «Em [Agosto de] 1922 foram ilegalizadas [as associações ditas mutualistas e recreativas "Liga Angolana" e "Grémio Africano"], sob a acusação de conspiração separatista.»⁵

- «A partir de 1922, a Alemanha começou a agitar a questão das reivindicações coloniais, reclamando a devolução das suas colónias, [nomeadamente a África Oriental Alemã agora Tanganica e a Damaralândia agora Sudoeste Africano] que tinham sido submetidas ao regime dos Mandatos instituído pelo art.22º da SDN. Os países a quem havia sido confiada a administração dos Mandatos não estavam dispostos a renunciar aos seus poderes e sugeriram a generalização do sistema, tanto mais que a Itália e a Polónia reivindicavam também o direito a territórios coloniais. A sugestão apresentada atingia principalmente a Bélgica e Portugal. Era necessário reagir e impedir que o plano se concretizasse, reforçar a unidade da Metrópole e do Ultramar mostrando que os territórios ultramarinos formavam, com a Metrópole, um bloco que não admitia partilhas. O regime dos altos-comissários prejudicava este objectivo, principalmente pela forma como decorria a sua execução.»⁶

- «Norton de Matos parece ter sonhado alto de mais para o seu tempo, ao conseguir a criação do Banco de Angola como instituição financeira da obra de fomento em crise. Convencido de que contava com o apoio do Banco Nacional Ultramarino, deu-se ao trabalho de reconversão financeira com a emissão de bilhetes de banco, o que suscitou de imediato as mais profundas críticas da Metrópole. Desde a megalomania e peculato até ao desvario mental, de tudo foi acusado no Parlamento pelos seus adversários. Apesar de tudo a Província tinha-se economicamente desenvolvido, não obstante as dificuldades do Tesouro que a política do alto-comissário suscitara. [...] Por egoísmo e medo, a isto se opuseram os democratas da I República.»⁷

- «Na continuidade da acção anteriormente exercida [...], marcou [Norton de Matos pela 2ª vez] a sua presença em terras angolanas por ambiciosas e eficazes providências, que muito contribuíram para o futuro desenvolvimento da província. Mas veio a ser violentamente atacado por alegados abusos de poder e decisões atribiliárias, em especial por Cunha Leal»⁸.⁹

- «Entre os inúmeros contestatários, na Metrópole sobressaem [o cunhado de Venâncio Guimarães, regressado de Sá da Bandeira eng. Francisco Pinto da] *Cunha Leal*, e no sul de Angola a figura de *Venâncio Guimarães* (tio), grande empresário, amigo e aliado no combate a Norton de Matos, do republicano *António Videira*, advogado em Luanda [também cunhado de Cunha Leal]. *Venâncio Guimarães* critica severamente a administração de Norton de Matos e a sua política laboral. O pretexto é o Orçamento de 1923, mas a sua principal motivação terá sido a modificação das regras do angariamento de trabalhadores nativos. *Venâncio Guimarães* implantou os alicerces de um império económico que, pela mão do comandante *Venâncio Guimarães Sobrinho*, teve uma influência decisiva no desenvolvimento dos distritos da Huíla, Moçâmedes e Cunene. O “Grupo *Venâncio Guimarães*” estendia a sua actividade do comércio [incluindo o “Jornal da Huíla”], à indústria, à agricultura e à pecuária, passando pela pesca e pela exploração de carreiras rodoviárias. Esta última actividade teve um papel fundamental no desenvolvimento do sul e centro de Angola, porque [anos depois deu origem à EVA (Empresa de Viação de Angola) que] durante muito tempo foi o único meio de transporte do comum das pessoas e de grande parte das mercadorias em trânsito, de e para o Huambo, Benguela e Cunene.»¹⁰
- «Norton de Matos criou as condições propícias a virem à superfície os recalques: desigualdade de direitos entre os cidadãos que labutavam nas colónias e os que viviam em Portugal: sangria dos capitais angolanos para a Metrópole; protecção encapotada de certas empresas, como o pretexto de poupar gasolina misturando-lhe álcool para beneficiar a produção de melaço da Cassequel. O alto-comissário Norton de Matos soubera rodear-se de uma equipa de invulgares dotes, quase todos maçons. O governo de Norton de Matos exilara para a Metrópole alguns brancos e mulatos. A maçonaria dispunha por essa época de grande força no Ultramar.»¹¹
- «A Maçonaria Portuguesa pensou em organizar os seus serviços nas colónias de maneira que o Grande Capítulo das Colónias e os 2 únicos Grandes Areópagos da África Oriental e Ocidental reunissem normalmente, ora em um vale, ora noutro. [...] As sociedades secretas, especialmente a Maçonaria Portuguesa, irradiaram largamente pelas colónias. Consta da citada “Memória”, que em 1926 existiam nas colónias: em Luanda 1 aerópago (Pátria Integral), 2 capítulos (Pátria Integral e Independência Nacional) e 2 lojas (Pátria Integral com 63 membros, e Independência Nacional com 102 membros); em Benguela 1 capítulo (Lusitânia) e 1 loja (Lusitânia com 40 membros); no Bié 1 loja (Pátria Nova com 37 membros); no Lubango 1 loja (Lusíadas com 30 membros); em Malanje 1 loja (Paulo Dias de Novaes com 27 membros); em Moçâmedes 1 loja (Pátria Livre com 32 membros); em Quimbanda-Luimbale 1 triângulo com 4 membros; em São Vicente do Cabo Verde 1 loja (Almirante Reis com 30 membros); na Ilha do Príncipe 1 triângulo com 5 membros; em Lourenço Marques 1 consistório (Cruzeiro do Sul), 2 aerópagos (Cruzeiro do Sul e Primeiro de Janeiro), 2 capítulos das mesmas designações e 2 lojas (Cruzeiro do Sul com 109 membros, e Primeiro de Janeiro com 124 membros); em Moçambique 2 lojas (Oriental com 23 membros, e Gomes Freire com 13 membros); na Beira 2 capítulos e 2 lojas (Ofir com 42 membros, e 19 de Junho com 102 membros); em Quelimane 1 loja (Orion com 21 membros); em Macau 1 loja (Luís de Camões II com 102 membros).»¹²

¹ (Milheiros); ² (Andrade, in “Présence Africaine” Set62); ³ (Pacavira); ⁴ (Andrade); ⁵ (Jill R.Dias, “Revista Internacional de Estudos Africanos”, Jun1984);

⁶ (Silva Cunha); ⁷ (Silva Cardoso); ⁸ (em 16Dez1921-30Jan1922 chefe de governo e ministro do Interior); ⁹ (Mascarenhas); ¹⁰ (Padrão); ¹¹ (Pompílio da Cruz);

¹² (Oliveira Marques)

1922 - Setembro.17

Na baía da Guanabara desembarca o presidente português António José de Almeida, convidado de honra das celebrações do centenário da independência do Brasil.

- «Visita ao Brasil do presidente António José de Almeida, enodoada pelo lastimável comportamento do navio “Porto” em que o chefe de Estado viajou. Apesar de previamente preparado, o paquete, já depois de embarcado o presidente e a comitiva, ficou retido no Tejo por avaria durante 2 dias. Na viagem a velocidade caiu para muito abaixo da prevista e foi necessário arribar a Las Palmas: estavam neste estado os barcos dos Transportes Marítimos do Estado. Por fim lá chegou ao Rio de Janeiro e então a visita adquiriu a projecção desejada, [...] pela eloquência exaltante dos discursos de António José de Almeida. [...] Prudentemente, o chefe de Estado português regressou num navio inglês, o “Arlanza”.»¹

¹ (Mascarenhas)

1922 - Setembro

No Porto, ocorre uma tentativa de insurreição comunista.

- «António Maria da Silva [...] teve de fazer abortar nova revolução “outubrista”, procedendo a seguir à reorganização da GNR, despolitizando-a e enfraquecendo os seus efectivos.»¹

¹ (Mascarenhas)

1922 - Outubro.6 (6ªfeira)

Sobre o aeródromo de Alverca, o capitão Costa França e o tenente José Machado de Barros efectuam o 1º lançamento em pára-quedas, usando um engenho militar do Batalhão de Aerosteiros.

Seis dias depois nos arredores de Sintra, o veterano da Flandres tenente de cavalaria piloto-aviador Ulisses Augusto Alves¹ morre num acidente, quando tripulava um bimotor *Caudron-G4* em voo de rotina.

¹ (nascido em 1892; oficial de cavalaria do RC2, em Jun1917 convidado pelo CEP a ingressar na Aviação Militar, tendo seguido para França onde concluiu o curso na Escola de Pilotagem de Chartres e fez especialização em bombardeamento diurno na Escola de Tiro e Bombardeamento de Le Crotay; em 02Dez1917 nos arredores de Melun foi ferido num acidente de aviação e no início de Abr1918 colocado na Esquadrilha de Observação 263 “Salmson”, cumprindo durante 2 meses operações de guerra aérea tripulando um biplano Salmson sobre as frentes da Alsácia e da Flandres; condecorado com Croix de Guerre (com três palmas), em 08Jun1918 regressou a Lisboa onde após o Armistício foi condecorado com a Cruz de Guerra de 1ª classe e com o grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Cristo com palma; em 1930 agraciado a título póstumo com o oficialato da Ordem Militar da Torre e Espada)

1922 - Outubro.24 (3ªfeira)

Na Alemanha, Friedrich Ebert é reeleito presidente¹ da República de Weimar.

¹ (até falecer em 28Fev1925)

1922 - Outubro.27

Na Rodésia do Sul, o referendo à federação com a União Sul-Africana pronuncia-se desfavorável.

1922 - Outubro.28 (sábado)

Em Milão os grupos fascistas de Benito Mussolini, emulando a entrada das tropas italianas em 20 de Setembro de 1870 na capital da Itália então recém-unificada, iniciam uma *Marcha sobre Roma*.

Três dias depois em Roma, é constituído por Mussolini um governo fascista.

Entretanto no sul dos Estados Unidos, renascem grupos racistas do *Ku-Klux-Klan*¹.

¹ (fundado em 13Jun1866)

1922 - Novembro.29

Em Lisboa o governo democrático, chefiado pelo carbonário-maçom António Maria da Silva, determina que centenas de operários sejam deportados para o Ultramar, sob acusação de «*agitação bombista*».

- «A 30 de Novembro seguinte, o chefe do governo substituiu-o por outro, também puramente democrático. Poucos dias depois, nova crise levou-o a remodelar o gabinete.»¹

¹ (Mascarenhas)

1922 - Dezembro.20

No Kremlin moscovita, é decidido que 14 repúblicas da Rússia vão passar a constituir uma *União das Repúblicas Socialistas Soviéticas*.

- «Os representantes de todos os povos das Repúblicas Soviéticas, recentemente reunidos em [terceiro] Congresso, decidiram unanimemente fundar a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, uma associação de povos iguais em direitos. Esta associação constituirá um novo passo decisivo para a união dos trabalhadores de todos os países numa República Socialista Soviética Mundial.»¹

¹ (preâmbulo da Constituição da URSS)

1923 - Janeiro.19 (6ªfeira)

Em Weimar, o governo da Alemanha anuncia uma política de «*resistência passiva*» ao pagamento das indemnizações de guerra, tanto em espécie como em géneros.

Pouco depois em Paris, o governo francês declara o imediato boicote a todas as mercadorias alemãs, levando a economia germânica a um degradante estágio de inércia.

1923 - Janeiro.30 (3ªfeira)

Em Lisboa a *Federação Marítima* decide boicotar todos os navios de transporte de tropas ou material-de-guerra, com destino à Alemanha ou à Rússia.

1923

Em São Salvador do Congo morre o *Manicongo* e sucede-lhe o filho, que toma o nome de Dom Pedro VII.

- «Angola tem um régulo de prestígio, o rei do Congo, mesmo que o papel político directo de Pedro VII seja limitado, a sua influência está longe de ser negligenciável e merece algumas atenções.»¹

¹ (Enders)

1923 - Fevereiro.18 (domingo seguinte ao Carnaval)

Em Luanda o alto-comissário de Angola general Norton de Matos embarca de regresso a Lisboa, antes do termo do seu segundo mandato¹.

- *Foi Norton de Matos que esteve à frente dos destinos de Angola de 1912 a 1915 e veio depois ali a desempenhar as funções de alto-comissário de 1921 a 1923. Em ambos os casos, o seu afastamento foi ditado por razões de política de colonização, reconhecendo [?] a injustiça que grassava nesse território ferindo gravemente os interesses dos nativos em favor dos colonos. A sua visão de um enorme Estado federado, incluindo todo o Império português, não encontrou a mínima receptividade no poder central e foi até entendida como uma viragem pernicioso na política nacional em matéria ultramarina que acabaria por conduzir à autodeterminação, ou mesmo à independência dos povos. Não era este o objectivo de Norton de Matos mas, como a sua legislação laboral [?] ia colidir com os interesses da grande maioria dos colonos, na exploração que faziam da mão-de-obra nativa posta à sua disposição, houve que afastá-lo [?] e possibilitar o prosseguimento dessa exploração. E tudo isto se passa durante a I República»²*

- «De 1921 a 1923 volta a Angola como alto-comissário da República, o que lhe dá poderes muito amplos: tenta dar remédio ao trabalho forçado, mas não consegue reformar os costumes coloniais na matéria; contrai empréstimos em Londres para desenvolver a colónia e lança um projecto de colonização que prevê a instalação de 20 mil colonos. Estas reformas provocam a falência da colónia, que levará anos a liquidar as dívidas deste período dispendioso.»³

- «Foi nomeado nosso embaixador em Londres o sr. Norton de Matos. Considero uma tal nomeação um erro praticado pelo Governo. A situação de Angola é extremamente crítica. A sua administração está, neste momento, como que em "ponto morto". O alto-comissário não tinha o direito de deixar a província de Angola nesta altura da sua obra, dizendo simplesmente, numa carta dirigida ao ministro, que não voltaria mais a Angola, mas que estando vaga a embaixada de Londres, para ali desejaria ir. É um mau precedente, que poderá amanhã ser invocado por qualquer desses aventureiros que de todos os meios lançam mão para trepar. Assim vamos muito mal. A República não se fez para se praticarem actos que não devam ser praticados.»⁴

- «A explicação que se dava para a ida do sr. Norton de Matos para Londres, com abandono do seu posto em Angola, baseava-se nos incómodos de saúde que o impossibilitavam de regressar aos climas africanos. Do que fica exposto se verifica, sem sombra de dúvidas, que Norton de Matos não foi "afastado de Angola": afastou-se, o que é, neste caso, muitíssimo diferente...»⁵

¹ ("Diário da Câmara dos Deputados" 11Jun1924; Cunha Leal, in "Calígula em Angola"; Norton de Matos, in "A Província de Angola"; e Cunha Leal, in "As Minhas Memórias"); ² (Silva Cardoso); ³ (Enders); ⁴ (Alfredo Rodrigues Gaspar, ministro das Colónias 12Dez1914-25Jan1915 e deputado do Partido Democrático, in "Diário da Câmara dos Deputados", 13Jun1924; menos de um mês depois, nomeado para chefiar novo governo); ⁵ (Brochado)

1923 - Fevereiro.24 (sábado)

Em Washington, a *Convenção do Partido Trabalhista Americano* declara o repúdio do comunismo mundial, recentemente proclamado pela URSS como seu objectivo primordial simbolizado na frase de Marx e Engels «*Proletários de todo o Mundo, univos!*», que - com o cruzamento da foice e do martelo (união dos camponeses e

operários) e a estrela vermelha de cinco pontas (símbolo do internacionalismo proletário) -, passa a integrar os símbolos oficiais da União Soviética.

Decorridos 7 dias, o Senado rejeita a adesão dos EUA ao Tribunal Internacional de Justiça.

1923 - Março.21 (4ªfeira)

Em Washington o secretário de Estado, Charles Hughes, declara que os EUA não reconhecerão a URSS até que este país admita as suas dívidas externas.

1923 - Março

Em Lisboa realiza-se a primeira *Conferência Anarquista da Região Portuguesa*, durante a qual é fundada a UAP (União Anarquista Portuguesa).

1923 - Abril.27 (6ªfeira)

Ao largo da costa ocidental da África, o navio português *Moçâmedes* naufraga e causa 237 mortos.

1923 - Maio.8 (3ªfeira)

De Londres o governo inglês envia para o Kremlin uma nota oficial, chamando à atenção da URSS para a propaganda antibritânica que tem estado a ser desenvolvida, interna e externamente, por aquele regime.

1923 - Maio.25 (6ªfeira)

Em Genebra, após reunião na sede da Sociedade das Nações, os representantes da Grã-Bretanha, França, Itália e Bélgica anunciam que os seus países decidiram «reembolsar os EUA do custo do exército americano no Reno».

- «Na Sociedade das Nações - na última sessão em que Portugal, por assim dizer, foi expulso -, o político francês Juvenal, falando dos sacrifícios dos Aliados e apontando cada um dos representantes dos outros países, passou por cima de Portugal não lhe fazendo nenhuma referência.»¹

¹ (comandante Leote do Rego, in "Diário da Câmara dos Deputados", 11Mai1923)

1923 - Julho.10 (3ªfeira)

Em Roma, o governo de Mussolini determina «a dissolução em Itália dos partidos não fascistas».

1923 - Agosto.6 (2ªfeira)

Em Lisboa, o congresso republicano elege Manuel Teixeira Gomes¹ para a chefia do Estado.

- «Teve lugar a eleição presidencial, por ter terminado o mandato de António José de Almeida: caso inédito. Para lhe suceder foi eleito Teixeira Gomes, diplomata e escritor [?].»²

- «Não desejou o cargo mais alto da Nação, dizia-se sem capacidades para chefiar o Estado, mas acabaria por aceitar candidatar-se.»³

¹ (desde 1922 vice-presidente da Sociedade das Nações); ² (Mascarenhas); ³ (Adelino Cunha)

1923 - Agosto.15 (4ªfeira)

Em Luanda, o novo alto-comissário de Angola coronel Rego Chaves preside às celebrações do 275º aniversário da expulsão do ocupante holandês, ao mesmo tempo que é distribuída a 1ª edição do diário *Província de Angola*.

- «Em 09Jun1923, o posto [militar] do Uije passou a sede da circunscrição do Bembe; e em 30Out1925 a sede do Encoje é instalada em Quitexe.»¹

¹ (Milheiros)

1923 - Setembro.14 (6ªfeira)

Em Madrid, o general Miguel Primo de Rivera¹ instaura um regime de *dictadura*. Um dia depois na Alemanha, os juros bancários atingem os 90% e a população abandona a «*resistência passiva*».

Decorridos 12 dias, em Weimar a AN decreta a lei marcial.

¹ (nascido em 1870; participou nas campanhas de Cuba, Filipinas e Marrocos; usa o título nobiliárquico de Marquês de Estella)

1923 - Setembro

No Porto, a sede do novo Partido Radical é tomada de assalto pela Polícia, que apreende um arsenal de bombas e espingardas.

- «*Pela mesma altura [em que o capitão de engenharia Cunha Leal procedia à fusão do seu Partido Liberal com os “reconstituintes” e fundava o Partido Nacionalista], fôra formado o Partido Radical predominantemente com elementos outubristas.*»¹

¹ (Mascarenhas)

1923 - Outubro.1 (2ªfeira)

Em Salisbúria, é eleito um governo com base parlamentar e a Rodésia do Sul integrada nos domínios da Corôa Britânica.

1923 - Outubro.5 (6ªfeira)

No hemiciclo de São Bento, o maçom PR António José de Almeida cessa funções e Manuel Teixeira Gomes toma posse do cargo.

- «*Instalou-se [Teixeira Gomes] no Palácio de Belém, passando a pagar pelo anexo 200 escudos por mês. Nessa data o presidente recebia 20 contos de ordenado. Tratava o palácio como uma “gaiola dourada” e não se poupava a despesas. A sua mesa era digna de um rei. A República seguia o seu destino, mas multiplicavam-se os sinais de instabilidade.*»¹

¹ (Adelino Cunha)

1923 - Outubro.23 (3ªfeira)

Em Londres decorre a *III Conferência do Império Britânico*, que reconhece o termo do Império Otomano.

Três dias depois, a citada conferência reconhece aos diferentes domínios coloniais o direito de celebrar tratados com potências estrangeiras.

Decorridos outros 3 dias, em Istambul o líder turco Mustafá *Ataturk* Kemal proclama a República.

1923 - Novembro.5 (2ªfeira)

Em Londres, na sequência do encerramento da *III Conferência do Império Britânico* e de algumas ideias ali circuladas, são abertos os trabalhos do *III Congresso Pan-Africano* que vai decorrer durante dois dias, encontrando-se entre os participantes o pastor protestante moçambicano Kamba Simango.

- «*O Congresso Pan-Africano, promovido em 1923 pelo dr. Du Bois, no final manifestava: “Exigimos ao mundo inteiro que o povo negro seja tratado como tratados os demais homens. Não vemos outro caminho para chegar à paz e ao progresso”. Em Lisboa realizou-se [nos primeiros dias de Dez23] uma segunda sessão deste Congresso [com duas conferências na sede da “Liga Africana” com treze participantes]*¹. *O objectivo de Du Bois consistia* ² *em “obter a diminuição dos trabalhos forçados, em Angola e nas ilhas de São Tomé e Príncipe”.*»³

- «*Resta a interrogação: saber se razões políticas ligadas à campanha conduzida pelos quakers ingleses contra as condições de exploração do cacau nas ilhas de São Tomé e Príncipe - campanha a que o líder pan-africanista [Du Bois] manifestava a sua solidariedade -, não estavam na origem das dificuldades com que se deparara a realização - [do congresso, um ano antes em Paris apalavrado] - da reunião na capital portuguesa.*»⁴

Dois dias depois em Moscovo é aberto o *IV Congresso da Comintern*, que no final emite o seguinte comunicado:

- «A história atribui aos negros da América um papel importante na libertação de toda a raça africana. A luta internacional da raça negra é uma luta contra o capitalismo e o imperialismo. É na base desta luta que o movimento negro deve estar organizado: na América, como centro de cultura negra e de cristalização dos negros; em África, como reserva de mão-de-obra para o desenvolvimento do capitalismo. O problema negro tornou-se uma questão vital da revolução mundial.»

Ao mesmo tempo em Lisboa, realiza-se o primeiro *Congresso do Partido Comunista Português* e pouco depois começa a publicar-se *O Comunista*, jornal do PC português.

¹ (José António de Magalhães (natural de Moçamedes), deputado pelo círculo de São Tomé e Príncipe, presidente da “Liga Africana” até 25Nov1924; mestiços - dr. Du Bois (norte-americano), Augusto de Magalhães, Manuel Maria Ribeiro, Pascoal Betencourt e Luiz Alberto de Pinho (industrial e comerciante, dirigente da Sociedade Comercial Africana); e negros - Angelino Costa, Manuel Afonso de Barros, Manuel Herminio Paquete, Tomé Agostinho das Neves (secretário da Liga Africana), dr. Lourenço Pires Amado (capitalista e agricultor), Pascoal Alves Pires dos Santos (proprietário santomense) e Sebastião Nunes de Alva Teixeira (comerciante santomense), sendo os três últimos dirigentes da Sociedade Comercial Africana);

² (cfr George Padmore, in “Pan-Africanism or Communism?”); ³ (Phillipe Decraene, in “El Panafricanismo”; Buenos Aires 1962); ⁴ (Andrade)

1923 - Novembro.8

Nazi Beer Hall Putsch:

- «*With the German default on reparations payments as well, France felt strong enough to act alone. France seized and occupied the important Ruhr Valley: inflation soared until a thousand billion marks equaled one prewar mark. By mid-1923 the German currency, the mark, was losing value so fast that prices literally changed by the minute. Workers demanded pay every day, to spend it before it decreased more. People took wheelbarrows full of currency to make purchases. The National Socialist German Workers' Party, under leader Adolf Hitler, took over a political meeting at a Munich beer hall and agreed to lead a revolution against the government. The beer hall putsch (or 'coup) was unsuccessful.*»

1923 - Novembro.9 (6ªfeira)

Em Munique, é abortada uma tentativa de *putsch* liderada por Adolf Hitler: há cerca de um mês, o câmbio do marco alemão desceu a tal ponto, que se obtinham 10 milhões de marcos com apenas 1 libra inglesa.

- «*The Nazi protest was met by police, who fired into a crowd killing 16 Nazis. Hitler was arrested and sent to prison, where he wrote his book, “Mein Kampf” (“My Struggle”), outlining his plans for Germany. As a political prisoner, Hitler's fame began to spread. By November 20, when the financial structure collapsed, the mark was trading at more than 4 trillion to the dollar. This hyperinflation wiped out prices, wages and pensions. It made German goods and property incredibly cheap for foreigners and then Germany agreed to the Dawes Plan, a reparations settlement - new financial program stabilized the currency and a new arrangement -, to reschedule payments of reparations, (which in turn was replaced by the Young Plan in 1929, granting easier terms). The National Socialist German Workers' Party will be refound on Feb. 24, 1925. Its famous emblem the swastika, its newspaper the “People's Observer” and its military arm the storm troopers. The party had little influence for most of the 1920's, except as a violent and disruptive force. But when the Great Depression again brought economic crisis, it began to attract voters.*»

1923 - Novembro.15 (5ªfeira)

No Palácio de Belém, o PR Manuel Teixeira Gomes dissolve o *XXXV Ministério* e encarrega Ginestal Machado de constituir outro gabinete governativo.

- «*O défice previsto [no OGE para 1923] pôde ser menor, graças a um empréstimo interno. Outras receitas foram aumentadas e recorreu-se a novos expedientes, mas nem por isso se obtiveram resultados verdadeiramente positivos. [...] Convidado outra vez a formar governo, Afonso Costa [regressado de Paris] acedeu e tentou articular uma coligação, sem o conseguir porém, porque o [capitão de engenharia Cunha Leal, chefe do] Partido Nacionalista (constituído meses antes) [...], não aceitou as condições que lhe foram propostas. [...] Perante a desistência de Afonso Costa e a inviabilidade de um governo democrático, Ginestal Machado organizou um ministério nacionalista,¹ em que [Cunha Leal aceitou a pasta das Finanças e] o [comandante da 4ªRM-Évora] general [António Oscar de Fragoso] Carmona assumiu a pasta da Guerra.»²*

¹ (sai o major Álvaro de Castro, para fundar a Acção Republicana com outros dissidentes, depois conhecidos por “alvaristas”); ² (Mascarenhas)

1923 - Dezembro.8 (sábado)

Em Paris é fundada a Acção Realista Portuguesa por um grupo de exilados «*monárquicos fiéis ao ex-rei Dom Manuel II*», os quais apoiam a tese de que «*caso este morresse sem descendência, o sucessor deveria ser o pretendente miguelista Dom Duarte Nuno*»¹.

Enquanto isso em Washington, o governo dos EUA estabelece com a Alemanha falida um tratado de amizade e de comércio.

- «*The value of the mark began to fall rapidly. It declined from 162 to the dollar in 1922 to more than 4 trillion to the dollar on Nov. 20, 1923 the most devastating inflation in the 20th century. It took literally bushel baskets of paper money to buy the most ordinary items such as bread. To counter the hostility of the Allies in the West, Germany turned to the Lenin's new Soviet Union, Europe's other outcast nation. A treaty of friendship was signed in April 1922, reparations by both sides were abandoned, and trade was improved. The Soviets also secretly allowed the German military to train on their soil and to learn the use of weapons and aircraft forbidden by the Treaty of Versailles. The most serious political threats at this time came not from the Communists but from the extreme right parties such groups as the German Racist Freedom party and the National Socialist German Workers party (Nazis). By 1923 these threats were temporarily suppressed by Chancellor Gustav Stresemann. Hitler's Munich "Beer Hall Putsch" of Nov. 8-9, 1923, was crushed. The Dawes Plan of 1924, worked out with the aid of American financiers, revised the schedule of reparations payments, and a foreign loan of 800 million Reichsmarks was floated. Stresemann, as foreign minister from 1923 until 1929, did much to restore Germany's international prestige. Stresemann attacked the inflation problem successfully. A new Reichsmark, worth 1 trillion original marks, was issued in August 1924. Once this crisis of 1923 passed, the republic settled down into several years of relative prosperity and stability. Foreign investment flowed back into Germany, and industry was reequipped. Industry boomed and unemployment declined.*»

¹ (cfr "Efemérides", CM 08Dez2003)

1923 - Dezembro.10 (2ªfeira lua-nova)

Em Lisboa eclode uma «*revolução outubrista*» chefiada pelo capitão-de-fragata João Manuel de Carvalho, rapidamente debelada pelas forças fiéis ao ministro da Guerra general Carmona.

- «*Em 1923 confessou-se que a circulação fiduciária era superior à que seria legal e revelou-se que o défice anunciado de 157 mil contos, ultrapassaria 1 milhão e 300 mil. [O chefe do Partido Nacionalista capitão de engenharia] Cunha Leal¹, nas Finanças, tentou aumentar as receitas pelo agravamento de contribuições e redução do funcionalismo, mas sem êxito.*»²

Decorridos 5 dias é distribuída a 1ª edição do jornal *Novidades*, órgão oficial da Igreja Católica portuguesa.

Três dias depois, no hemiciclo de São Bento o governo nacionalista de Ginestal Machado não logra fazer aprovar o OGE e o senado vota a sua dissolução.

- «*O mau funcionamento dos trabalhos parlamentares atrasava sistematicamente as aprovações dos orçamentos, vendo-se os governos obrigados ao sistema dos duodécimos. O câmbio do escudo, evidentemente, ia caindo sem parar. [...] O governo [no dia 18] caiu no parlamento. Teixeira Gomes convidou então Álvaro de Castro, que organizou um ministério com democráticos, 2 elementos do grupo da "Seara Nova" (António Sérgio [de Sousa] e [o engenheiro Mário de] Azevedo Gomes) [ministros da Instrução Pública e da Agricultura], e outras individualidades [tais como o advogado José Domingues dos Santos³ ministro da Justiça e o maçom tenente-coronel de infantaria Ribeiro de Carvalho⁴ ministro da Guerra], que o seguiram quando saiu do Partido Nacionalista e formou a Acção Republicana.*»⁵

¹ (em 1924-25 reitor da Universidade de Coimbra); ² (Mascarenhas); ³ (nascido em 1885; dirigente do Partido Democrático, ministro do Trabalho 28Jun1919-15Jan1920, da Agricultura e do Comércio em 1/7 subsequentes governos daquele ano, do Trabalho em 30Nov1920-25Fev1921 e em 1/5 subsequentes governos daquele ano); ⁴ (major comandou o RI21 na Flandres; desde 10Jul1921, deputado do Partido Democrático); ⁵ (Mascarenhas)

1923 - Dezembro.28

No hemiciclo de São Bento, o *XXXVI Ministério* cessa formalmente funções e o major Álvaro Xavier de Castro passa a chefiar pela 2ª vez um governo democrático, com alguns neo-alvaristas maçons.

- «Álvaro de Castro, [para reduzir o défice do OGE] ensaiou outras soluções e fez embarcar para Londres prata amoedada, retirada da circulação e liberada pelo pagamento de dívidas do Estado ao Banco de Portugal, a qual se destinou à garantia de créditos em libras-ouro. [...] Em 1923, a libra já se cotava a mais de 150 escudos. Nesse ano a taxa de desconto no Banco de Portugal era de 9%. [...] Retardada pela querela política, a operação rendeu menos do que se previra.»¹

¹ (Mascarenhas)

1924 - Janeiro.21 (2^afeira)

Em Moscovo morre Lenine, aos 53 anos.

Três dias depois no istmo noroeste da URSS, a cidade de Petrógrado passa a designar-se Leninegrado.

Enquanto isso em Roma, o governo de Mussolini decreta a abolição de todos os sindicatos italianos não fascistas.

1924 - Janeiro.26 (sábado)

Em Lisboa, são abertos os trabalhos do *II Congresso Colonial Nacional*.

- «The [TZR central-northwestern Moçambican railway] line was opened in 1922 to service the cargo and passenger traffic from Beira to Sena-Murraça, on the right bank of the Zambezi. Later [in 1935] it connected with the branch line from Sena to the [Nyasaland southeastern] border, which was built by Central Africa Railway Co. Ltd. in 1924, as a continuation of the line that had been built in Nyasaland by the Shire Highlands Railway. [...] When in 1924 the first ninety kilometres [of the northern Moçambique Railway] from Port Lumbo on Moçambique Island towards the west were opened to traffic, it had been already acknowledged that Moçambique Bay could not offer the same advantages as the Fernão Veloso bay of Nacala. It was then decided that Nacala would become the terminus port, with a branchline connecting it to the main line. [...] The shortest railway of Moçambique, the Marracuene line was built in 1924. Its thirty-three kilometres from Lourenço Marques to Marracuene (Vila Luísa) were the result of local demands for a [CFLM] branchline which would connect the town to the capital; (the line was further extended to Manhíça in 1950). Although limited to local importance and despite its reduced reach, the line was very important for Marracuene's economic development: it became a line attracting local tourists to the Incomati River area; it also had considerable value as well as a local commercial line. By linking the Incomati Valley with Lourenço Marques, it provided for the transport of its agricultural products, mainly vegetables and bananas, which supplied the capital and which were also exported to South Africa.»¹

Dois dias depois morre Teófilo Braga, que presidiu ao 1^o governo provisório republicano.

E no dia seguinte o maçom ministro da Guerra, tenente-coronel de infantaria Ribeiro de Carvalho, emite a port. 3888 que finalmente aprova os estatutos da *Liga dos Combatentes da Grande Guerra*.

- «A Liga iniciou a sua actividade [em 16Out1921] no escritório de Faria Affonso, que depressa se mostrou acanhado pois já em 1923 contava a Liga com 14 agências, 8 subagências e 53 delegações [disseminadas pelo País], com o total de 3 mil sócios. [...] Em 1923 realizou-se uma reunião magna, de onde saíram os primeiros corpos directivos.»²

¹ (Pinto Teixeira); ² (Araújo Pinto)

1924 - Fevereiro.1 (6^afeira)

Em Lisboa é inaugurada no Largo da Trindade nº17-2^o, a nova sede da *Liga dos Combatentes da Grande Guerra*, que fica provisoriamente instalada numa sala da Direcção da Arma de Aeronáutica do Exército.

Enquanto isso em Londres o recém-formado governo de coligação liderado pelo trabalhista James Ramsay MacDonald¹, decorridos 11 dias sobre o falecimento de Lenine, anuncia que a Grã-Bretanha é o primeiro país a reconhecer oficialmente a URSS.

¹ (early opposition to World War led to his defeat in a 1918 election but in 1922 he was back in Parliament, soon becoming his party's leader; in 22Jan1924 the combined votes of the Liberal and Labour parties made him prime minister)

1924 - Fevereiro.28

Em Lisboa o chefe do governo democrático major Álvaro de Castro, procede à remodelação do 37º Ministério de onde sai o intelectual seareiro António Sérgio, substituído na pasta da Instrução Pública pelo maçõ tenente-coronel de infantaria Helder Armando dos Santos Ribeiro¹.

¹ (em 28Jun1919-15Jan1920 ministro da Guerra)

1924 - Março.31 (2ªfeira)

Em Lisboa o novo ministro maçõ da Instrução Pública tenente-coronel Helder Ribeiro¹ emite a port.3971, determinando que *«nos estabelecimentos públicos de ensino, se realizem anualmente a 9 de Abril conferências sobre o significado patriótico e moral da participação de Portugal na Grande Guerra, as quais devem ser precedidas da chamada dos mortos de cada freguesia»*².

¹ (em 06Jul1924 ministro do Comércio e em 22Nov1924 novamente ministro da Guerra); ² (em 28Dez1923-06Jul1924, a pasta da Guerra é tutelada pelo "irmão" maçõ tenente-coronel de infantaria Ribeiro de Carvalho)

1924 - Abril.1

Em Munique o dirigente nacional-socialista Adolf Hitler é condenado em tribunal a cumprir 5 anos de prisão¹, por tentativa de golpe de Estado.

- *«O movimento nacional-socialista parte do princípio de que, nas grandes como nas pequenas questões, o Chefe detém uma autoridade incontestada. Aquele que quer ser chefe aceita, com autoridade suprema e sem limites, o pesado fardo de uma responsabilidade total. [...] A nossa concepção racista não acredita de forma nenhuma na igualdade. Pelo contrário, reconhece que há diversidade nas raças e que o seu valor é mais ou menos elevado. Sente assim a obrigação de favorecer a vitória do melhor e do mais forte, de exigir a subordinação dos piores e dos mais fracos. Afirma, além disso, não só a diferença de valor das raças mas também a diversidade de valor dos indivíduos. [...] O Estado totalitário deve ser o Estado da responsabilidade total. Requer de cada um o cumprimento total do seu dever perante a Nação. O cumprimento desse dever sobrepõe-se ao carácter privado da existência individual.»*²

¹ (dos quais vai cumprir apenas 8 meses e meio, sendo libertado em 20Dez1924); ² (Adolf Hitler, in "Mein Kampf", Berlim 1923)

1924 - Abril.2 (4ªfeira)

Em Vila Nova de Milfontes levanta vôo um *Breguet XIV*, tripulado pelos oficiais Brito Paes e José Manuel Sarmiento de Beires, acompanhados pelo mecânico Manuel Gouveia, para a 1ª viagem aérea até Macau.

1924 - Maio.4 (domingo)

Na Alemanha, as eleições para o *Reichstag* (parlamento) distribuem entre nacionalistas e comunistas muitos dos lugares antes ocupados pela ala moderada.

Sete dias depois em França, as eleições entregam a maioria à *Aliança da Esquerda* que derrota o *Bloco Nacional*.

1924 - Maio.15 (5ªfeira)

Em Roma, o governo de Mussolini promove uma conferência internacional sobre a emigração.

Onze dias depois em Washington, o presidente Calvin Coolidge assina a lei de restrição à imigração, dela ficando excluídos os japoneses.

1924 - Maio.30 (6ªfeira seguinte à Ascensão)

No aeródromo militar da Amadora, eclode no quartel do Grupo de Esquadrilhas de Aviação *República* uma revolta de oficiais da Aeronáutica do Exército.

- *«Em 1924 foi a vez de Brito Paes e Sarmiento de Beires exaltarem o orgulho dos seus compatriotas, ao efectuar o vôo Lisboa-Macau [...] Certa redução de verbas, provocou em Junho [i.e, final de Maio] de 24 a rebeldia dos aviadores da Amadora, sanada com habilidade pelo general comandante da 1ª Divisão.»*¹

No dia seguinte em Pequim, o governo anuncia que a China é o segundo país a reconhecer oficialmente a vizinha URSS.

¹ (Mascarenhas)

1924 - Junho.3 (3ªfeira)

Em Lisboa tem início uma semana de celebrações da *Festa da Raça*, promovidas pelo governo democrático do major Álvaro de Castro, a fim de «*estimular o ideal patriótico através da glorificação do passado nacional*»: mas de facto esta iniciativa - que será repetida anualmente em 10 de Junho -, remonta oficialmente há 4 anos quando o *Dia de Camões* foi evocado em sessão solene havida no salão nobre da Sociedade de Geografia, onde se pronunciaram discursos «*em memória dos Heróis da Pátria*».

1924 - Julho.6 (domingo)

No Palácio de Belém, o PR Teixeira Gomes dissolve o *XXXVII Ministério* e encarrega o prof. Alfredo Rodrigues Gaspar¹ de formar novo gabinete, com «*democráticos e alvaristas*»².

¹ (ministro das Colónias 12Dez1914-25Jan1915 e deputado do Partido Democrático); ² (Mascarenhas)

1924 - Julho.16 (4ªfeira)

Em Londres é aprovado em conferência internacional, o relatório que encerra a controvérsia sobre indemnizações de guerra devidas pela Alemanha.

1924 - Agosto (fins)

No Castelo de São Jorge, o RI16 é alvo de tentativas de assalto por bandos de radicais-comunistas.

Semanas depois no Terreiro do Paço, o Ministério da Guerra e a Central Telegráfica são assaltadas por soldados e revolucionários civis.

- «*40 atentados a tiro e à bomba, somente em Lisboa, foram registados no ano de 1924.*»¹

¹ (Mascarenhas)

1924 - Outubro.2 (5ªfeira)

Em Genebra, a *Sociedade das Nações* adopta um protocolo geral destinado à «*resolução pacífica*» de conflitos internacionais.

- «*A assembleia-geral dos delegados do Grande Oriente de França, reunida em Paris em 1924, e sobretudo o 'Convent' desse ano, decidiram que os delegados das lojas dos diversos países à Sociedade das Nações [como por exemplo os "irmãos" do Grémio Lusitano], não deveriam ser representantes dos governos mas representantes directos do povo, eleitos por sufrágio universal. Disporiam assim, nas suas atribuições limitadas aos negócios internacionais, de influência que obrigaria os governos de todos os países a inclinar a sua política nacional em direcção "mais harmónica com os interesses gerais e as circunstâncias", outras tantas garantias suplementares da paz. É esta a directriz da actividade maçónica internacional. E o leal cumprimento de tudo o que diz respeito à actividade maçónica internacional constitui o primeiro dever do maçom, isto sem necessidade de declaração explícita.*»¹

- «*António Sardinha [presidente da Junta Central do Integralismo Lusitano, em 1924] foi acusado de iberista por ter defendido [no seu recente livro "A Aliança Peninsular"]², a tese do entendimento peninsular [...] sem perda da independência dos 2 países. [...] Observe-se que esta tese veio a ter expressão concreta na conjuntura da 2ª Guerra Mundial.*»³

- «*Dualidade de soberania na unidade dos comuns interesses políticos de expansão e defesa, poderia bem ser o resumo do seu pensamento.*»⁴

Oito dias depois, em Londres o governo de coligação, desde há quase 9 meses chefiado pelo trabalhista Ramsay MacDonald⁵, anuncia a concessão de um empréstimo internacional à Alemanha.

¹ (Oliveira Marques); ² (in "À Lareira de Castela", 1944); ³ (Mascarenhas); ⁴ (Almeida Braga, in "Posição de António Sardinha", Lisboa 1943);

⁵ (after an adverse vote in the House of Commons over a minor issue, lost office in November; but on 30May1929, when his party won the general election, returns as prime minister)

1924 - Outubro.25 (sábado)

Em Londres o *Foreign Office* revela o conteúdo da carta onde Grigori Zinoviev, por intermédio da *Comintern*, deu «claras instruções» aos *tovarich* ingleses para que provoquem uma revolução.

- «Desde 1924 que a IC entregara a responsabilidade pelo “trabalho colonial” aos diferentes partidos comunistas de nações com possessões coloniais. Qual deveria ser esse “trabalho”, dependia de um esquema [...] que distinguia na política comunista, níveis de actuação diferentes conforme a “etapa da revolução” e o alinhamento e existência de classes sociais como o proletariado. Fazia-se a distinção entre colónias e “semi-colónias”, considerando-se estas como os países que tinham conhecido a independência e que, depois, se tornaram protectorados ou colónias por ocupação. Era o caso da Índia, Egito ou Palestina onde havia soluções diferenciadas, quer no plano político quer para o controle organizacional. Tal significava para muitas possessões coloniais, que os partidos comunistas deviam actuar apenas para fomentar o aparecimento de “frentes nacionais” anti-coloniais e anti-imperialistas, e não fomentar o aparecimento de novos partidos comunistas para os “indígenas”. Foi a política seguida pelo PCF, que resistiu durante muitos anos a criar partidos comunistas nas colónias, aceitando após alguma renitência iniciativas locais e de alguns comunistas isolados, para a criação de “círculos de estudos marxistas” [...] nos Camarões, Senegal, Mali e outros países da África Negra, coordenados pela “secção colonial” do PCF. Por eles passaram muitos dos futuros dirigentes dos movimentos de libertação das colónias francesas. No caso das colónias inglesas e no mundo anglo-saxónico, militantes comunistas [...] foram instrumentais na génese de uma consciência nacional nas elites locais, embora o fizessem como militantes do PCGB. [...] Apesar disso, a resistência do PCGB a ter uma política anticolonial foi grande e os seus dirigentes tratavam a questão [...] com muita reserva. [...] O papel dos comunistas ingleses, decisivo na Índia, foi bastante menor em África onde a realidade do colonialismo era mais nua e brutal. Na prática a orientação da IC aplicada à África Negra, onde não existiam “semi-colónias”, acabava por dar origem a organizações de 1ª e de 2ª, sendo deixadas as “massas africanas” para as de 2ª. Uma excepção foi o caso da própria África do Sul, onde existia o único verdadeiro partido comunista da África Negra. Aí a prevalência de uma orientação “nativista” no PC da África do Sul, imposta pela IC até início da década de 50, levou a afastar os brancos do partido, entendido como essencialmente dos trabalhadores negros sul-africanos. Gerou-se o efeito contrário ao negar-se a organização comunista aos brancos e colocando-os na organização de 2ª. A realidade foi bastante diferente da teoria, dado que os comunistas sul-africanos brancos acabaram por ter um papel muito importante no PC da África do Sul. Esta orientação da IC, seguida depois [da 2ª Guerra Mundial] pelo Cominform, só [uma década decorrida] é alterada profundamente com a direcção de Krustchev.»¹
- «Segundo informações recebidas de Moscovo e confirmadas nesta cidade, devem já estar em Barcelona e Lisboa os vários agentes russos que têm por missão fazer a propaganda da revolução internacional. O início da revolução internacional depende dos resultados da revolução chinesa. Macau - onde há várias organizações secretas bolchevistas, que estão em comunicação constante com a Rússia por intermédio dos seus correligionários da China -, está correndo um grande risco. Para a África vão também ser enviados mais emissários, com o fim de revoltar as populações indígenas. Todos estes emissários falam a língua das diversas regiões, para assim facilitar a propaganda. Um destes emissários esteve em Angola 22 anos, conhecendo todo o território e falando quase todas as línguas locais.»²

Três dias depois em Paris, o novo governo francês é o terceiro a reconhecer a URSS.

¹ (Pacheco); ² (informação confidencial 51E, do gabinete do ministro das Colónias para o governador de São Tomé e Príncipe, Lisboa 100Out1924)

1924 - Novembro.15 (sábado)

No Mar do Norte despenha-se o avião tripulado pelo capitão-de-fragata Sacadura Cabral, piloto da Aeronáutica Naval e pioneiro da travessia do Atlântico Sul, cujo corpo jamais será recuperado.

Sete dias depois, no Palácio de Belém o PR Teixeira Gomes dissolve o XXXVIII *Ministério* democrático-alvarista mas encarrega o ministro da Marinha, advogado José Domingues dos Santos¹, de formar outro gabinete governamental.

- «Em Novembro ocorreu a cisão nos Democráticos: por um lado ficou António Maria da Silva, com os “bonzos”; pelo outro José Domingues dos Santos com a [recém-formada] Esquerda Democrática, os

“canhotos”. Nova tentativa para Afonso Costa [deixar os ares de Paris e] formar um “governo nacional”, faliu outra vez. E então foi José Domingues dos Santos que constituiu ministério, com apaniguados seus² e alguns alvaristas [da Acção Republicana].»³

¹ (ministro da Justiça em 28Dez1923 e da Marinha em 06Jul1924); ² (o maçom tenente-coronel Helder Ribeiro, passa de ministro da Instrução Pública a ministro da Guerra e nomeia CEME o antigo titular 09Jan1913-09Fev1914 general João Pereira Bastos; este, apesar das próximas e sucessivas quarteladas, vai ser mantido no cargo até ao *putsch* de 28Mai1926); ³ (Mascarenhas)

1924 - Dezembro.4

Em Lisboa o ex-estudante de engenharia Artur Vergílio Alves dos Reis¹, após ter forjado o fabrico paralelo de 580 mil notas de 500 escudos com a efígie de Vasco da Gama, obtém falso alvará bancário e funda o *Banco de Angola e Metrópole*, cujo capital aplica posteriormente no Caminho-de-Ferro de Benguela.

- «Instituição criada por um burlão de excepcional envergadura, Alves dos Reis, [...] o dinheiro desse Banco era constituído por notas falsas, se bem que originárias da casa Waterlow & Sons de Londres, onde o Banco de Portugal fazia imprimir o seu papel-moeda. [...] Extraordinária tramóia, em que o burlão soube envolver pessoas de boa-fé. [...] Esse Banco começou a inundar de dinheiro o País, de tal forma que essa actuação rapidamente se tornou suspeita. [...] A referida firma veio a arcar [após 11Mai1926] com certa responsabilidade, por não ter acautelado devidamente a encomenda que recebera por meio de documentos falsificados.»²
- «A facilidade com que gastava e pagava em notas de 500 escudos, a par de outros indícios, lançaram as suspeitas.»³

¹ (nascido a 03Set1896 (ou 1898) em Lisboa); ² (Mascarenhas); ³ (Manuel Alves, in DN 06Dez2000)

1925 - Janeiro

Em Lisboa morre António Sardinha, co-fundador e presidente da *Junta Central do Integralismo Lusitano*, passando a revista *Nação Portuguesa* a ser dirigida por Manuel Múrias¹.

- «Em 1925 a morte de António Sardinha, principal animador do movimento, retirou-lhe o impulso que tivera. Entretanto, a doutrina desse movimento exerceu funda influência em muitos espíritos, constituindo um corpo de ideias que se contrapunha ao cada vez mais desacreditado sistema vigente. Muitas outras personalidades de valor na ciência, nas letras, na música e no professorado, aderiram ao ideal integralista: Mendes Correia, Mário Cardia, Rodrigues Cavalheiro, Luís Chaves, conde de Aurora, João Ameal, Eduardo Pinto da Cunha, Fernando Campos, Luís de Freitas Branco, Mário de Sampaio Ribeiro, Ivo Cruz, Cabral de Moncada.»²
- «Era a segunda geração integralista que chegava, a receber o testemunho para o levar por diante. Tratava-se de uma geração realmente “reaccionária” e pode dizer-se nos dois sentidos que é uso dar ao qualificativo: no sentido etimológico, porque na verdade procurava “reagir” contra “o que estava” (uma “contestação”, diríamos hoje); no sentido que, perjorativamente, lhe dão os adversários, porque procurava revitalizar os conceitos e soluções políticas tradicionais (embora com a preocupação de as traduzir em fórmulas ajustadas à época. [...] Representava então a posição “progressista”, virada para o futuro, contra a posição “conservadora” da velha democracia parlamentar, agarrada ao poder, às situações de privilégio político, social e económico em que se anquilosara. [...] Começava, de resto, a encontrar por essa Europa exemplos favoráveis de outras “reacções” contra o parlamentarismo, importado da Grã-Bretanha pelos finais do século XVIII: a guerra mundial 14-18 vê nascer em França, sob orientação de Charles Maurras, o revolucionário movimento monárquico da “Action Française”; em Dezembro de 1918, Mannerhiem é nomeado regente da Finlândia, depois de derrotar as tropas “vermelhas”; em Março de 1920 é derrotado na Hungria o governo dos soviets em que desembocara a república democrática e o almirante Horty é proclamado regente da monarquia restaurada; em 27 de Outubro de 1922 é a marcha sobre Roma do Partido Nacional Fascista, fundado menos de 1 ano antes; em 13 de Setembro de 1923, com a vitória do golpe de Estado chefiado pelo general Primo de Rivera, o rei encarrega este de constituir um governo ditatorial; e outros mais. A “Nação Portuguesa” afigurava-se a essa 2ª geração integralista demasiado pacífica e académica: era preciso alguma coisa mais violentamente reaccionária e polémica.»³
- «Fascinado pela personalidade mágica de António Sardinha, cuja dedicação pela juventude parecia apostólica, Marcelo [José das Neves Alves Caetano]⁴ enquanto estudante [na Faculdade de Direito de Lisboa]⁵ filiou-se no Integralismo Lusitano.»⁶

¹ (nascido em 1901); ² (Mascarenhas); ³ (Freitas da Costa); ⁴ (nascido a 17Ago1906 em Lisboa; concluiu o curso secundário no Liceu Camões onde teve como colegas, entre outros, Henrique Teixeira Queirós de Barros (nascido a 07Out1904 em Coimbra, seu futuro cunhado), Francisco Castro Caldas (em 11Fev1946 subsecretário de Estado do Comércio e Indústria), e José Maria Galvão Teles); ⁵ (cujo curso conclui em 1927); ⁶ (Múrias)

1925 - Fevereiro.15 (domingo)

No Palácio de Belém, o PR Teixeira Gomes dissolve o *XXXIX Ministério* esquerdista e encarrega Vitorino Guimarães de formar um «*governo heterogéneo*»¹.

- «*No começo de 1925, os accionistas do Banco de Portugal negaram-se a aceitar um decreto que alterava as actividades bancárias: o governo [dos "canhotos" chefiado por José Domingues dos Santos] atenuou as disposições do diploma; dissolveu a Associação Comercial de Lisboa, que o hostilizava; e logrou fazer passar o seu projecto no parlamento. [...] As actuações dos governos suscitavam protestos sobre protestos, levando à criação pelos empresários da União dos Interesses Económicos, para se defenderem mais eficazmente. [...] Uma manifestação de apoio ao governo [da Esquerda Democrática] degenerou em motim com rebentamento de bombas, forçando a GNR a usar as armas. [...] Casos destes, cavavam cada vez mais o fosso entre o país legal e o país real; tanto mais que, paralelamente, o clima social se ia tornando irrespirável. Os actos subversivos sucediam-se.*»²

¹ (Mascarenhas); ² (idem)

1925 - Março.1 (domingo)

Em Lisboa, o pioneiro radialista Abílio Nunes dos Santos Júnior¹ inicia a difusão do primeiro programa radiofónico regular em Portugal.

Quatro dias depois, eclode um ensaio de golpe militar:

- «*Alguns oficiais esboçaram o assalto ao quartel-general de Lisboa, sem êxito. [...] Vários indícios se haviam manifestado do inconformismo do País perante a tumultuada situação política, a crescente derrocada financeira, a ineficiência da administração, o atrevimento cada vez maior das actividades subversivas. Desse inconformismo começaram a ser intérpretes as Forças Armadas, às quais [o capitão de engenharia] Cunha Leal,² Leonardo Coimbra e outros políticos dirigiam claros incentivos para que interviessem na vida pública e metessem os partidos na ordem. [...] A vida portuguesa nos últimos anos da 1ª República, não parou de se aviltar. A deterioração das finanças e da economia, como a ineficácia da administração pública - reflexos ineroxáveis da instabilidade política e da voracidade das clientelas partidárias -, arrastavam o País para uma situação que parecia não ter saída e que se tornava cada vez mais vergonhosa e humilhante. [...] A influência na opinião pública, em especial nas gerações mais jovens, dos movimentos integralista e católico, da própria "Seara Nova" e até dos modernistas - inconformistas cada qual à sua maneira e cada qual a seu modo inconformados com o estado de miserabilismo em que se afundava a Nação -, contribuiu poderosamente para a evolução política que em breve ia ser desencadeada.*»³

- «*Viviam-se os anos da degradação do sistema democrático, o partido dominante ganhava sempre as eleições. O Cunha Leal, do Partido Nacionalista, insurgia-se contra aquela forma de "dictadura da maioria". [...] No final da I República foi um homem muito truculento, interveniente, escrevia artigos muito polémicos no "Século"⁴ - que a "Seara Nova" condenara de forma violenta -, dizendo que era preciso uma "espada salvadora".*»⁵

- «*O número de governos e de movimentos sediciosos militares que ocorreram durante a 1ª República, nem merece ser contado porque se processaram continuamente com intervalos de poucos meses, por vezes de dias, tendo sido alguns destes últimos muitos sangrentos, tudo representando o mesmo estado de instabilidade, insatisfação e indisciplina que se verificara durante o liberalismo. [...] Não é por isso de admirar que o regime republicano instituído em 1910, enfraquecido pelo pluralismo partidário, desde cedo e baseado num parlamentarismo ineficaz semelhante ao do liberalismo, viesse a ser vencido e ultrapassado, depois de muitas tentativas infrutíferas, por um movimento militar triunfante [...] não para acabar com a República ou com o próprio regime democrático [!?] de governo pelo povo [!?], mas com a indisciplina dos partidos e a ineficácia da governação pública.*»⁶

¹ (em 1921-22 director dos Serviços de Telégrafos em Lourenço Marques, sendo Brito Camacho alto-comissário de Moçambique); ² (em 1924-25 reitor da Universidade de Coimbra, depois governador do Banco de Angola até 24Jan1930); ³ (Mascarenhas); ⁴ (fundado por Sebastião de Magalhães Lima, desde 1907 grão-mestre do Grémio Lusitano); ⁵ (Soares); ⁶ (Gonçalves Ferreira)

1925 - Março.12 (5ªfeira)

Em Londres, o parlamento britânico recusa ratificar o *Protocolo de Genebra*, relativo à «*resolução pacífica*» de conflitos internacionais.

1925 - Abril.2 (5ªfeira anterior ao Domingo de Ramos)

O raid aéreo Lisboa-Guiné é concluído pelos aviadores Pinheiro Correia, Sérgio da Silva e António Gouveia¹.

¹ (ver empresa comercial "A. da Silva Gouveia Lda", dois anos depois designada na Guiné como "Casa Gouveia" do empório CUF)

1925 - Abril.10 (6ªfeira Santa, lua-cheia)

Em Lisboa engrossa a boataria sobre movimentos revolucionários e o governo de Vitorino Guimarães ordena prevenção rigorosa ao CEME general João Pereira Bastos, ao seu homólogo da Marinha e ao comandante da Polícia tenente-coronel de cavalaria Ferreira do Amaral¹, para que a segurança nos edifícios públicos seja reforçada. Face aos repetidos atentados anarquistas e comunistas da *Legião Vermelha*, surgem cada vez mais instantes certas tendências de extrema-direita, preconizando soluções autoritárias como as da vizinha Espanha ou eventualmente um regime como o da Itália.

Decorridos 8 dias, irrompe de madrugada um pronunciamento militar chefiado pelo capitão-de-fragata Filomeno da Câmara de Melo Cabral², coadjuvado pelo tenente-coronel de engenharia Raul Augusto Esteves e pelo capitão Jaime Baptista, com apoio tácito do general João José Sinel de Cordes³ «*contra a ineficácia dos partidos políticos*»⁴. - «*Sob o ponto de vista financeiro, vivendo-se à custa do aumento da circulação fiduciária ou dos créditos da Inglaterra, sem nunca se ter recorrido aos empréstimos de guerra - a longo ou curto prazo, como outros países fizeram -, nem tão pouco se lembraram de lançar pesados impostos sobre os chamados lucros de guerra. De toda esta falta de preparação e de orientação, resultou como consequência uma pavorosa crise financeira e uma desorganização económica, cujo fim não era fácil de prever.*»⁵

Na manhã seguinte, a tentativa de *putsch* é eficazmente abortada pelas forças fiéis ao governo de Vitorino Guimarães, que proclama o estado-de-sítio com a decorrente censura à imprensa.

- «*Algumas unidades militares da capital sublevaram-se às ordens do coronel Raul Esteves, do comandante Filomeno da Câmara e do capitão Jaime Baptista, aos quais se juntou o general Sinel de Cordes. Pôde o governo dominar os revoltosos depois de curto duelo de artilharia.*»⁶
- «*Os motins eram diários. Rebelara-se parte do Exército no dia 18 de Abril de 1925. Um político era um sujeito mal visto em sociedade, pela estupidez, pela vulgaridade e pelo analfabetismo. As gentes aguardavam o messias anunciado pelos sinais.*»⁷

¹ (veterano do CEP-Flandres e membro da direcção da Liga dos Combatentes); ² (governador de Timor após o derrube da Monarquia; em 19Jun-09Jul1926 ministro das Finanças em); ³ (em 01Mar1918 CEM-QG/CEP na Flandres; em 09Jul1926 empossado ministro das Finanças); ⁴ (Botelho Moniz);

⁵ (Sinel de Cordes, in revista "A Guerra" n°28; Liga dos Combatentes, Lisboa 1926); ⁶ (Mascarenhas); ⁷ (Múrias)

1925 - Abril.25 (sábado)

Em Weimar, o marechal-de-campo Paul von Hindenburg é eleito presidente da República.

1925 - Maio.1 (6ªfeira)

Em Londres, a ilha de Chipre é declarada colónia da Coroa Britânica.

1925 - Maio.12 (3ªfeira)

No Kremlin moscovita, o *Congresso dos Sovietes* ratifica a Constituição da URSS.

1925 - Maio

Em Lisboa realiza-se a primeira *Conferência Anarquista da Região Sul*.

- «*Havia agitação? Havia, e abençoada agitação!, porque a agitação das massas é a manifestação da sua vida. A imprensa operária era livre, era-se livre de pensamento, que podia ser manifestado, Os patrões exploravam e roubavam os seus assalariados? Ia-se para a greve, forçando os patrões a ser*

menos exploradores. Um ministro, um deputado roubava, gritava-se “ladrão!” e seguia-se. Um juiz não cumpria a Lei, era injusto, gritava-se “canalha!” e sempre em frente. Um professor, um chefe de indústria, um político, um general, fosse quem fosse, desempenhasse que cargo desempenhasse, estava sempre sujeito à crítica pública e à acusação pública da sua incompetência, desonestidade ou injustiça.»¹

Ao mesmo tempo chega a Lisboa o controleiro da *Comintern* Jules Humbert-Droz, sob pretexto de vir «ajudar a resolver os conflitos internos do Partido Comunista Português, apoiando o grupo de [José] Carlos Rates²»³.

- «Os primeiros delegados da IC [Comintern] vieram a Portugal, tentar moldar a “secção portuguesa” da IC, entre 1921 e 1926. [...] Desde 1925 que o internacionalista que mais de perto e durante mais tempo vai ser o controleiro do PCP, é o italo-argentino Vittorio Codovilla⁴ [...], que veio a Portugal numa missão em 1925 [e] acabou por ter um conhecimento directo de várias gerações de comunistas portugueses. Em Paris e em Madrid, [até 02Out1935] é por ele que correm as principais decisões portuguesas, é por ele e com sua autorização que são feitos os movimentos de Lisboa para Moscovo e vice-versa, assim como as idas de comunistas portugueses para Espanha ou para o interior.»⁵

- «We recognize the heroism of its early pioneers in Africa and the great achievements of Portugal in the development of its colonies. We are confident that the Government of Portugal will do all within its power to abolish all evil practices in the employment of native in its colonies in Africa.»⁶

¹ (Cansado Gonçalves); ² (este ano publicou «A Rússia dos Sovietes», e dois anos depois as «Democracias e Dictaduras»); ³ (Moreira e Pedrosa);

⁴ (nascido em Itália, emigrou para a Argentina, onde em 1920 ingressou no PC local; em 1924 aceite na Comintern como membro permanente, responsável pela América Latina e Espanha; durante a Guerra Civil de Espanha residente da Comintern em Paris); ⁵ (Pacheco); ⁶ (excerto de carta subscrita por «19 nova-iorquinos», remetida em 05Jun1925 para Genebra à atenção da “Temporary Slavery Commission” da Sociedade das Nações, depois anexada pelo sociólogo norte-americano Edward Alsworth Ross ao seu «Report on Employment of Native Labour in Portuguese Africa»)

1925 - Maio.15

Em Lisboa, o comandante da Polícia tenente-coronel de cavalaria Ferreira do Amaral é alvo de atentado, ao qual se sucede mais uma vaga de detenções.

- «Oficial de bravura e capacidade de decisão comprovadas durante a guerra, a 15-V-25 um atentado por pouco não lhe roubou a vida.»¹

¹ (Mascarenhas)

1925 - Julho.1 (4ªfeira)

No hemiciclo de São Bento o 40º *Ministério* é dissolvido e o prócere carbonário-maçon António Maria da Silva, antes de aceitar presidir pela 3ª vez a um gabinete republicano - este «formado apenas por bonzos»¹ -, declara novamente perante o parlamento que «o País está a saque».

- «Duas semanas depois (15-VII), vendo-se ameaçado no parlamento por estarem ausentes no Porto alguns dos deputados indispensáveis para vencer a votação, um dos presentes, João Camoegas, passou à história ao dispôr-se a discursar durante as horas necessárias para que os seus colegas regressassem à capital. Começou pela 1 da madrugada [01:00 de 16Ago25] e só se calou às 9 horas exausto, depois de ter falado sobre os mais variados assuntos históricos, internacionais, anais da República e dos seus partidos, problemas sectoriais, etc. Depois Agatão Lança substituiu-o na tribuna, os deputados ausentes chegaram, mas mesmo assim o governo foi derrotado. Tendo ganho no senado, solicitou ao presidente [Teixeira Gomes] a dissolução do parlamento, o que lhe foi negado. Por isso o governo demitiu-se.»²

Decorridos 18 dias sobre a tomada de posse do governo «dos bonzos», eclode em Lisboa outra tentativa de *putsch*, dirigida esta pelo maçon capitão de mar-e-guerra José Mendes Cabeçadas Júnior,³ um dos mais activos interventores no derrube da monarquia e que é detido⁴ juntamente com outros.

- «Ao fim de consultas que demoraram cerca de 1 semana, Domingos Pereira organizou novo ministério, basilarmente de “bonzos” mais uma vez.»⁵

¹ (Mascarenhas); ² (idem); ³ (casado, reside na Av. Almirante Reis nº231-4ºDt em Lisboa, pertenceu sucessivamente aos partidos Unionista (de Brito Camacho), Liberal, Nacionalista e futura União Liberal Republicana, todos estes de Cunha Leal); ⁴ (enviado para o Presídio Militar em Santarém, a aguardar julgamento); ⁵ (Mascarenhas)

1925 - Agosto.1 (sábado)

No Palácio de Belém, o 41º *Ministério* cessa formalmente funções e o PR Teixeira Gomes dá posse ao professor *maçon* Domingos Leite Pereira, que pela 2ª vez vai chefiar um governo democrático.

- «*Esse governo veio a presidir a eleições em Novembro seguinte. [...] O comércio externo, que nos primeiros anos da República se expandira apreciavelmente, decaiu muito a partir de 1920. Repetidos esforços empreendidos no sentido do fomento da produção agrícola, malograram-se por completo. [...] Na generalidade das regiões, os agricultores ficavam com as colheitas retidas até ao princípio do Verão seguinte, por não ser possível transportá-las aos caminhos-de-ferro durante a estação das chuvas. Abegãos com juntas de bois, costumavam estacionar junto das estradas para ajudar os veículos atolados a sair dos lamaçais que frequentemente os aprisionavam.*»¹
- «*Em 1925 a população portuguesa [metropolitana e insular] era de 6901745 habitantes. Nesse ano importámos substâncias alimentícias no valor de 820 mil contos e exportámos 565 mil contos. [...] Quer dizer, nesse ano para comermos, além do que produzimos comprámos mais 255 mil contos de alimentos no estrangeiro.*»²

¹ (Mascarenhas); ² (Cansado Gonçalves)

1925 - Agosto.15

No Terreiro do Paço, o novo ministro da Guerra general Vieira da Rocha recebe cumprimentos protocolares da guarnição militar de Lisboa, e o comandante da 4ª Divisão general António Óscar de Fragoso Carmona¹, «*falando em nome dos seus camaradas não esteve com papas na língua e, depois de descrever o estado deplorável em que se encontrava o Exército, afirmou*»²:

- «*Poderá parecer estranho que tendo nós recebido ordem para apresentar cumprimentos a V.Exª, cumprimentos que a tradição impôs como afirmação de passividade imbecil e conformação com o estado de inércia mental a que nos têm reduzido, eu quebre essa norma chamando a atenção de V.Exª para a falta de preparação militar do País. Mas, senhor ministro, eu entendo que o meu dever como soldado que me orgulho de ser, consiste precisamente em dizer o que penso, para que ao derrocar-se esta nacionalidade se não diga que, tendo uma oportunidade de chamar a atenção do Governo para a miséria militar da Nação, eu a deixei escapar por comodismo ou cobardia. Organize V.Exª como é seu dever os serviços militares, influa como é também seu dever para que o Governo de que faz parte ponha em ordem a administração civil e financeira, cortando as cabeças a todos os chefes das quadrilhas, que com a maior desvergonha e impunidade andam há anos a esta parte comprometendo a honra da Nação. E pode V.Exª estar certo que todo o Exército o apoiará entusiasticamente nesse trabalho. Tem V.Exª o coração colocado bem no seu lugar e de forma a poder encarregar-se dum tal papel? É o que resta ver.*»

¹ (em 15Nov-28Dez1923 ministro da Guerra no governo nacionalista de Ginstal Machado); ² (cfr Mascarenhas)

1925 - Setembro.1

No Arsenal da Marinha em Lisboa, tem início na Sala do Risco o julgamento de 161 militares que no pretérito 18 de Abril participaram na intentona.

- «*Em Setembro desse ano de 1925, decorreu o julgamento dos oficiais implicados, por um tribunal composto por 7 generais: os acusados e as testemunhas de defesa, aproveitaram a oportunidade para formular autênticos requisitórios contra o estado de coisas em que a Nação se debatia; e o acusador público, general Carmona, ao afirmar que a Pátria estava doente, tacitamente justificou a acção dos réus.*»¹
- «*A cobardia ou medo eram tão grandes que, na tentativa revolucionária anterior - e que foi jugulada, chamada do 18 de Abril - os oficiais foram julgados por um tribunal, constituído por oficiais que tinham sido cúmplices dos próprios réus. O juiz-presidente [i.e., o promotor de Justiça] desse tribunal - que absolveu todos os réus, elogiando-os - foi o general Carmona. [...] Depois desta cobarde e vergonhosa absolvição, os altos comandos do Exército tomaram mais alento e começaram a conspirar às claras. Apesar de contar com a impunidade, todos se acobardaram quando foi necessário tomar o comando do movimento.*»²

¹ (Mascarenhas); ² (Cansado Gonçalves)

1925 - Novembro.22 (domingo)

Em Portugal as eleições legislativas entregam a maioria absoluta aos «*democráticos moderados*», chefiados pelo prócere carbonário-maçon António Maria da Silva que, pela 4ª vez, vai tomar conta da governação.

- «*Nestas eleições de Novembro de 1925, em determinado concelho do distrito de Lisboa, dias antes do fixado para o acto eleitoral, foi nomeado administrador desse concelho um famigerado “revolucionário civil” conhecido por Marques das Barbas, que para lá se deslocou acompanhado por numeroso grupo de sequazes. Mobilizando a GNR, mandou prender – sem qualquer nota de culpa – vários proprietários considerados caciques monárquicos (habitualmente vencedores eleitorais em quase todo o concelho), os quais foram encerrados numa dependência da Câmara Municipal, a cuja porta, durante toda a noite, os “revolucionários civis” proferiram insultos e ameaças. A mesa eleitoral da nossa freguesia foi marcada para uma povoação, distante muitos quilómetros noutra freguesia distante, separadas por uma serra na qual só havia aquilo que se chama vulgarmente “caminho de cabras”. Apesar disto tudo, os recenseados arrostaram com essa penosa viagem, inclusive um entrevado que não quis faltar e que foi transportado num carro de burros que muitas vezes teve de ser erguido a braços. Quando os eleitores da nossa freguesia chegaram às proximidades da mesa eleitoral, praças da GNR fizeram disparos com pontarias altas na direcção dos recém-chegados, na tentativa de os intimidar, sem resultado. Todos votaram. O recurso, então, foi roubar a urna e destruir os votos. Eram assim as eleições “democráticas” antes de 1926...»¹*
- «*Limitando-nos a sumariar as reportagens de 21 e 22 de Novembro de 1925, do “Correio da Manhã” [monárquico] e “Diário de Notícias” [republicano desde 1924 dirigido por Eduardo Schwalbach], é bom vermos de que forma a Imprensa descreveu as últimas eleições do regime liquidado em 28 de Maio de 1926. [...] Fecharemos este rápido bosquejo das eleições do período áureo da 1ª República parlamentar e liberal, com elementos do discurso proferido no Parlamento pelo [deputado capitão de engenharia] sr. Cunha Leal na sessão de 23 de Abril de 1926 [quando, chefe de bancada da então recém-formada União Liberal Republicana], disse: “Todos aqueles que não são “Democráticos” estão sendo, sistematicamente, eliminados do recenseamento, e não se podem inscrever. As autoridades administrativas recusam-se, sistematicamente, a passar aqueles documentos que devem instruir as reclamações ou pedidos dos eleitores e que é obrigatório passar nos termos da lei eleitoral. No ano passado, foram eliminados no concelho de Chaves 100 eleitores. Recorreram para a Relação, que os mandou inscrever, mas o recenseador não o fez. Em Valpaços, quando os eleitores vão apresentar os requerimentos para ser devidamente inscritos, arrancam-lhos da mão, porque a autoridade administrativa assim o quer. No concelho de Montalegre, no ano passado, o recenseamento eleitoral fez-se à porta fechada, contra o que a lei determina. Este ano, 700 eleitores que pediram a sua inclusão no recenseamento não o conseguiram. Em Chaves, os sargentos da guarnição foram contra a lei eliminados. E assim se conseguem fabricar recenseamentos que permitem obter maiorias”.*»²

Na manhã seguinte o diário maçom *O Século* aproveita o rescaldo eleitoral, para um «*editorial de escândalo público*», onde (a destempo) denuncia a origem de poderio económico, do fundador do *Banco de Angola e Metrópole* e director do *Caminho-de-Ferro de Benguela*, pseudo-engenheiro Artur Alves dos Reis.

- «*No final de 1925 rebentou o formidável escândalo do Banco Angola e Metrópole. [...] Levantada a lebre por um artigo de “O Século”, as investigações realizadas depressa revelaram não só que Alves dos Reis já tinha cadastro, como o dinheiro do Banco era constituído por notas falsas. [...] O caso contribuiu, como não podia deixar de contribuir, não só para desacreditar ainda mais os democráticos mas até o próprio sistema político vigente. [...] Em 1926 chegou-se à conclusão de que era difícil, senão impossível, definir o valor das moedas [ainda circulantes e] existentes em “reis” e das [de “escudo”] já emitidas pela República. Este aspecto reflecte o que em geral se passava, nos vários sectores da Administração a que os governos sucessivos – a braços com as refregas político-partidárias –, não podiam prestar a atenção necessária.*»³
- «*Foram descobertas 4 duplicações das notas.*⁴ *Fizeram-se diversas prisões, casas comerciais foram seladas.*»⁵

No final da semana, em alguns quartéis circulam rumores sobre uma Junta Revolucionária Militar que estaria em formação.

- «*Em Julho outra rebelião militar ocorreu em Lisboa, chefiada pelo comandante Mendes Cabeçadas, sem lograr vencer. Também os oficiais envolvidos nessa intentona foram [quase todos] absolvidos em Novembro, por tribunais militares. Estas absolvições determinaram represálias do governo contra participantes nos julgamentos, aumentando por esse motivo o descontentamento nas Forças*

Armadas, em cujo âmbito não mais cessaram as articulações para futuro e mais amplo movimento. [...] Ofuscado pela forma como o governo se orientou, para solucionar a questão dos tabacos: a da “régie”, palavra francesa que de algum modo mascarava a criação de uma empresa pública [companhia de bandeira]; era o monopólio do Estado, afinal. A resistência parlamentar a esta solução depressa passou para as ruas, onde populares se envolveram em desordem; na Câmara, o tumulto foi tal e tanto em vários dias – algazarra geral, carteiras escaqueiradas, etc. –, que as sessões tiveram de ser interrompidas. Estas cenas vergonhosas, acabaram por liquidar o que restava do crédito do parlamento e também o crédito do regime, que em menos de 16 anos tivera 46 governos e fôra assinalado por 18 revoluções ou tentativas revolucionárias. [...] Depois dos julgamentos dos implicados nos movimentos de 18 de Abril e de 19 de Julho, as articulações entre elementos das Forças Armadas intensificaram-se e aprofundaram-se: Juntas Revolucionárias militares foram constituídas em Braga, Coimbra e Lisboa. [...] Faltava o chefe. Os oficiais que orientavam a conspiração lembraram-se do general Alves Roçadas,⁶ prestigiado pela sua acção em Angola e livre de compromissos políticos.»⁷

- «Nos princípios de 1926 [ie, final de Nov1925] formava-se em Braga, secretamente [tutelada pelo general Alves Roçadas], uma “Junta Revolucionária” militar. De seguida outras se constituíam em Coimbra e em Lisboa [com apoio tácito do general Gomes da Costa]⁸. Sucediã-se as reuniões de oficiais por todo o País, aliciavam-se vontades, coordenava-se a actuação dos núcleos que se organizavam nas unidades: a pouco e pouco emergia um plano. Adquiria vastidão o “movimento” militar. Não ignorava o governo [maioritário democrático] completamente o que se preparava: muitos chefes políticos suspeitavam-no ou estavam mesmo conhecedores; mas ninguém parecia medir a extensão e a profundidade da nova tentativa do Exército. Abertamente, mencionavam-se nomes de figuras militares que impulsionavam o “movimento”, mas na base deste estavam sobretudo oficiais subalternos.»⁹
- «O que foi o 28 de Maio [de 1926]? Um “putsch” organizado pela alta finança e que encontrou o seu climax explosivo, nas propostas apresentadas no Orçamento Geral do Estado e que estava quase todo aprovado [antes da tomada de posse do novo gabinete chefiado pelo carbonário-maçom António Maria da Silva], havendo entre elas uma sobre a moralização do Exército e a sua redução de harmonia com as resoluções aprovadas na Conferência Internacional de Genebra, de que Portugal fazia parte. Mas o rastilho que pegou fogo ao barril de pólvora que os banqueiros encheram, foi o ter terminado [?] com o monopólio dos tabacos transformando a Companhia dos Tabacos numa régie do Estado: a Companhia dos Tabacos foi durante mais [?] de 1 século o manómetro que registou a pressão com que marchava a máquina do Estado; o pai putativo do 28 de Maio foi a Companhia dos Tabacos. Aproveitando o descontentamento dos altos comandos do Exército, os grandes banqueiros organizaram a conspiração – que não foi mais do que a continuação de várias anteriores – e que a tolerância, fraqueza ou cobardia dos governos anteriores não castigaram devidamente, os estimulou a continuar.»¹¹

¹ (Mascarenhas); ² (Brochado); ³ (Mascarenhas); ⁴ (circulam até 1932); ⁵ (Manuel Alves, in DN 06Dez2000); ⁶ (veterano de guerra, comandante da Força Expedicionária ao sul de Angola e comandante-interino da 2ª Divisão do CEP em Ambleteuse); ⁷ (Mascarenhas); ⁸ (após o Armistício, «descontente com as Forças Armadas e vivendo com dificuldades financeiras», filiou-se no Partido Centrista do médico psiquiatra Egas Moniz (que em 18Jan-17Mar1919 chefiou em Versalhes a 1ª delegação portuguesa à Conferência de Paz); em seguida envolveu-se com a Federação Nacional Republicana dirigida pelo controlreiro-mor carbonário Machado Santos, participando em acções conspiratórias que em 1920 o levaram à prisão; no ano seguinte não conseguiu ser eleito deputado pelo Partido Reformista; no início de 1922 integrou a direcção da Cruzada Nun'Alvares e algumas declarações públicas levaram-no de novo à prisão; em 06Fev1922 o chefe do 35º governo, António Maria da Silva, nomeou-o ministro das Colónias mas não aceitou o cargo, foi investido Inspector-Geral do Exército e enviado em missão aos territórios portugueses do Extremo-Oriente, viajando por Macau, Timor e Índia, de onde regressou no ano transacto; ligou-se ao Partido Radical e depois a destacados dirigentes do Integralismo Lusitano, publicando este ano em Lisboa (por intermédio da Imprensa Arthur Brandão), “Portugal na Grande Guerra - A Batalha do Lys”, e “A Guerra das Colónias 1914-1918”); ⁹ (Franco Nogueira, in “Salazar - a mocidade e os princípios”: Atlântida Editora, Coimbra 1977); ¹⁰ (já em 1864, o governo constitucional monárquico havia extinto o monopólio dos tabacos); ¹¹ (Cansado Gonçalves)

1925 - Dezembro.6 (domingo)

Chega a Lisboa o navio alemão *Adolph Woermann*, vindo de Luanda com 14 passageiros, 1 dos quais é o director dos *CFB* Alves dos Reis, ao qual e ainda no camarote é dada voz de prisão por agentes da Polícia de Investigação Criminal que, logo às 9 horas da manhã, subiram a bordo acompanhados por agentes da Polícia Marítima assim que o navio acostou. O ministério público já possuía provas de que o detido, além de falso engenheiro, é o responsável pelo fabrico e circulação de milhares de notas de 500 escudos não autorizadas pelo Banco de Portugal, tal como pela burla que lhe permitiu fundar o *Banco de Angola e Metrópole* através de falso alvará; (em consequência, o arguido será julgado e condenado a 20 anos de prisão).

Decorridos 5 dias, no hemiciclo de São Bento o congresso republicano designa o ex-PR e ex-chefe de governo Bernardino Machado para substituir¹ Teixeira Gomes, que horas antes no Palácio de Belém havia formalizado a renúncia ao seu mandato.

- «*Recusei-me a continuar na presidência sem o orçamento votado, porque entendo que um país deve ter as suas contas em dia. Não quiseram ouvir-me. Foi esta a razão por que me vim embora.*»²
- «*Escolheu mal os amigos. Não calculava nem média os riscos. Resignou ao mandato presidencial perante a eferescência política, social e militar.*»³
- «*Aproveitando a oportunidade de terem sido realizadas eleições, Teixeira Gomes formalizou a sua renúncia à presidência, intenção que já manifestara meses antes.*»⁴

Seis dias depois o demissionário PR embarca no paquete grego *Zeus*, rumo a Argel para um exílio voluntário. Logo a seguir no palácio de São Bento, o 42º Ministério republicano cessa formalmente funções e o novo PR Bernardino Machado dá posse ao carbonário-maçon António Maria da Silva que, pela 5ª (e última) vez, vai chefiar outro governo *democrático*.

- «*Eleito Bernardino Machado a quem Domingos Pereira apresentou a demissão do governo, dado o novo panorama parlamentar coube naturalmente a António Maria da Silva formar novo ministério, o que sucedeu pouco antes do Natal. Seria o último governo.*»⁵
- «*Fidelino de Figueiredo [que em 1918-19 havia dirigido a Biblioteca Nacional], fez a síntese da situação catastrófica que se vivia naquele final de 1925, nos seguintes termos: “Desprestigiado o poder, perseguidos a inteligência e o carácter como irritantes superfluidades, e criados os falsos valores, os governos não governam, só pensam durar “au jour le jour” e infiltrar-se na burocracia e na finança. Em menos de 16 anos tivemos mais de 40 [46] governos revolucionários, partidários e de concentração, com cerca de meio milhar de ministros saídos de 20 partidos, impostos ou expulsos por 8 parlamentos e mais de 20 revoluções e pronunciamentos. E a sua obra está bem patente, dispensa explicação de cicerone.”*»⁶
- «*Fidelino de Figueiredo afirmou que a Monarquia portuguesa foi obra da vontade dos seus chefes, reconhecendo porém que estes souberam suscitar “uma consciência colectiva”, a qual determinou a adesão unânime do povo.*»⁷
- «*Os espíritos estavam despertados para o novo mundo político que alvorava. A I República (a carbonária no poder), era o couto fechado do mais reles e obtuso jacobinismo maçónico. Afonso Costa vivia um voluntário exílio dourado [no hotel Vernet] em Paris (como, passado meio século, aconteceria a outros exilados...), pago pelo capitalismo. António José de Almeida [prócere maçom, fundador e editor do “República”, chefe do Partido Evolucionista, antigo chefe de governo e ex-PR], retirara-se doente. Teixeira Gomes emigrara para Bougie [Argélia], nefelibata cansado e amoral.⁸ João Chagas, com manias de “chiquismos”, garantira-se com a legação de Paris. Cheio de caspa, Brito Camacho [alto-comissário de Moçambique em Abr21-Set1923]⁹ coçava-se pelos cafés, fazia uma vaga clínica e desfrutava tudo e todos. Os escândalos sucediam-se. Alves dos Reis consagrara-se como o maior burlão de todos os tempos, verdadeira glória nacional.*»¹⁰

¹ (até ser apeado do poder em 28Mai1926); ² (posterior entrevista em Bougie, ao jornalista Norberto Lopes); ³ (Adelino Cunha); ⁴ (Mascarenhas); ⁵ (idem);

⁶ (Silva Cardoso); ⁷ (Mascarenhas); ⁸ (vd as suas “Novelas Eróticas”, publicadas em 1935); ⁹ (em 1926 publica “Moçambique, Problemas Coloniais”);

¹⁰ (Múrias)

1926 - Janeiro.6

Em Londres o embaixador português general Norton de Matos, anterior alto-comissário de Angola¹, «*desmente a notícia de que se fez eco a imprensa sul-africana, acerca da venda de Angola à Grã-Bretanha*», em vista de recentes especulações jornalísticas, sobre o alcance da mega-fraude fiduciária de Alves dos Reis nas bolsas internacionais.

- «*Como sinal do nosso prestígio no mundo e fruto dos sacrifícios no calvário da Flandres, traduzido em linguagem corrente, isto quer dizer que as nações democráticas, com quem andávamos “enfileirados”, admitiam que a solução para a Alemanha derrotada era dar-lhe as nossas colónias africanas, sob pretexto da nossa incapacidade política e administrativa.*»²
- «*Acho que já é tempo de definir claramente a nossa política internacional e de fazer saber à Inglaterra que, se porventura temos interesse em ter com ela aliança, também tem interesse em a ter com Portugal. Neste momento sinto que há alguma coisa que se passa longe de nós e que me esfria a alma. Realmente tenho nas mãos o recorte de um jornal belga, onde mais uma vez se fala no perigo que correm as nossas Colónias. Por toda a parte e em todos os jornais, se fala na ameaça*

que paira sobre as nossas Colónias. Não podemos consentir, sem um protesto vibrante, que lá fora nos jornais belgas, franceses, e nos próprios jornais ingleses, se ande lançando, com sombras, a notícia de que a Alemanha vai ter um mandato colonial. Temos de exigir da Inglaterra a promessa formal de que, com o seu voto, jamais isso se permitirá.»³

- «A Nação, como que mergulhada em atonia, sofria sucessivos vexames. O primeiro-ministro belga Vanderveld, figura grada da política europeia do tempo, criara o termo “portugalizar” como neologismo caracterizador de situações de balbúrdia e desregramento.»⁴
- «No fim da I República, o voluntarismo colonial foi pouco recompensado: as possessões africanas estão à beira da falência. A fraqueza financeira de Portugal e a sua instabilidade crónica incitam as grandes potências europeias a considerar a presença portuguesa em África como provisória.»⁵
- «By 1926, out of the 108 thousand africans working for the Moçambique Company, 40% were from outside the territory. Labour was vital for the development of the colonial economy of plantation and the Moçambique Company succeeded throughout the duration of its charter to secure the work force necessary for its own economic growth. In this sense, the recruitment of labour in Manica and Sofala was paramount for the local development of the territory's economy. Overall, therefore it was southern Moçambique that was to fully participate in the mining industry development. The northern region's plantation economy demanded a labour force which could not be spared, whereas the south, due to the particularity of its geo-economy, remained a participant partner of the South African mining industry.»⁶

Três dias depois em Lisboa, a revista *Seara Nova*, na sua edição 68/69, publica um texto do historiador Jaime Cortesão (director da Biblioteca Nacional), que afirma:

- «A finalidade ideal da Nação, maior e profunda razão da sua independência, liga-se indissolavelmente à posse dos seus domínios do Ultramar.»

¹ (sendo actual titular o coronel Rego Chaves, semanas depois chamado a Lisboa pelo ministro das Colónias general Vieira da Rocha e exonerado);

² (Brochado); ³ (José Domingues dos Santos, chefe da Esquerda Democrática e ex-presidente do Ministério “canhoto” de 22Nov24-15Fev1925, in “Diário da Câmara dos Deputados”, 19Mar1926); ⁴ (Mascarenhas); ⁵ (Enders); ⁶ (Pinto Teixeira)

1926 - Janeiro.15 (6^afeira)

No hemiciclo de São Bento o ministro das Finanças, Armando Marques Guedes, do governo maioritário democrático de António Maria da Silva, não obtém da Câmara dos Deputados a aprovação à versão final do seu OGE, que prevê «para as despesas de 1 milhão 397 mil contos, um “deficit” de 83 mil contos».

- «Em muitos aspectos da vida nacional, o quadro era positivamente desolador. O estado em que se encontravam as estradas do País não tem descrição. [...] De 1910 a 1920 construíram-se apenas 3 mil quilómetros de estradas, na maioria secundárias e pagas pelos municípios. Foram elaborados planos de construção e reparação em 1920-21, mas não puderam ser concretizados por falta de verba. Em 1924-25 algumas providências foram tomadas: não passaram, porém, de gota de água no oceano. A rede ferroviária, no entanto, foi prolongada em vários ramais.»¹
- «Quando da proclamação da República [05Out1910], havia em Portugal 16 mil quilómetros de estradas construídas [e] cerca de 3 mil quilómetros de vias férreas. [...] 1925 - A rede de estradas no País é de 13387km de estradas nacionais e distritais, e mais de 4000km de estradas municipais. [...] 1926 - A extensão dos caminhos-de-ferro é de 3367km.»²

Menos de 24 horas decorridas, a *Cruzada Nacional Nun'Álvares*³ distribui um «comunicado ao País», assinado entre outros pelo capitão-de-fragata Filomeno da Câmara de Melo Cabral e pelos civis Carlos Malheiro Dias (romancista), José Adriano Pequito Rebelo (integralista) e Martinho Nobre de Melo⁴.

- «Portugal gastou na guerra 800 mil contos, hoje multiplicados pela depressão cambial e adição de juros, o que os eleva a 26 milhões de libras em ouro... Perdemos 10 mil homens e arruinamos 20 mil saúdes, enviámos para a Flandres 55 mil soldados e ainda temos em França perto de 12 mil operários... Mandámos para as Áfricas 30 mil combatentes e mobilizámos cerca de 200 mil... E Portugal saiu da guerra arruinado!»⁵
- «A crise fôra precipitada pela paralização dos negócios determinada pela rápida revalorização da moeda,⁶ pelo receio de maior “crack” e pela fuga de disponibilidades que andavam nos negócios sob a forma de quotas e suprimentos para as caixas do Tesouro, onde cobravam menor juro mas gozavam de maior estabilidade.»⁷

- «A luta aberta da alta finança contra a república democrata começou pela quebra fraudulenta de 2 bancos (Comercial e Popular), suspendendo pagamentos. O Governo procedeu energicamente, fazendo encerrar os bancos e prender os seus administradores.»⁸

E na 2ª feira seguinte o ministro da Justiça apresenta no hemiciclo de São Bento, a sua proposta de lei destinada a regulamentar a liquidação do *Banco de Angola e Metrópole*,⁹ consequência da burla fiduciária.

¹ (Mascarenhas); ² (Moreira e Pedrosa); ³ (fundada no início de 1922 e de cuja direcção fazem parte os generais Roçadas e Gomes da Costa);

⁴ (em 08Ago1912 eleito 1º secretário da assembleia-geral da JDDA; em 23Fev-14Dez1918 ministro no governo sidonista; em 06-09Jul1926 MNE);

⁵ (Horácio Gonçalves de Assis, ex-alferes do RI12-Guarda (sofreu 42 mortos), in "Rescaldo da Flandres", revista "A Guerra" nº 9; Liga dos Combatentes);

⁶ (desde Set1924 à taxa de 95\$00 por libra esterlina, com reservas-ouro de 4,37 milhões de libras em Lisboa e Londres, em depósitos nos banqueiros do

Estado português); ⁷ (Armando Marques Guedes, último ministro das Finanças da I República, in "Primeiro de Janeiro", Porto Jan1930);

⁸ (Cansado Gonçalves); ⁹ (*de facto et de jure*, só em 11Jun1926 será liquidado pela Lei 1873)

1926 - Fevereiro.1 (2ª feira)

No quartel da Escola de Artilharia de Campanha em Vendas Novas, o oficial Lacerda de Almeida coadjuvado pelo industrial Martins Júnior (militante do Partido Radical), amotinam parte da guarnição - incluindo o jovem alferes de artilharia Humberto da Silva Delgado¹ -, que marcha para o alto de Almada onde durante a tarde faz fogo de barragem sobre tropas governamentais estacionadas no Terreiro do Paço.

- «Nos primeiros meses de 1926 avolumou-se a oposição, nos espíritos da generalidade dos portugueses, à dissolução política de que era principal responsável o Partido Democrático; e nas Forças Armadas instalara-se a noção de que teriam de intervir, para salvar a Nação da derrocada total. Nesse sentido, multiplicaram-se apelos que manifestamente encontravam eco na opinião pública.»²

Na manhã seguinte, os revoltosos rendem-se às forças afectas ao governo.

- «Uma tentativa revolucionária de elementos "outubristas" do Partido Radical, ocorrida em 1-II, foi debelada sem maiores dificuldades por não ter obtido a adesão de qualquer unidade da guarnição da capital.»³

¹ (nascido a 15Mai1906 na aldeia do Boquilobo, Brogueira, Torres Novas; estudou no Colégio Militar e em 1922 entrou para a Escola do Exército; em 1925 concluiu o curso de Artilharia de Campanha, ficando classificado em 1º lugar; em 1927 promovido a tenente, inscreve-se no curso de pilotos-aviadores do Grupo Independente de Aviação de Bombardeamento); ² (Mascarenhas); ³ (idem)

1926 - Março.8 (2ª feira)

Em Genebra a assembleia extraordinária da *Sociedade das Nações*, por 36 votos contra 8, elege para seu presidente o português Afonso Costa, *auto-exilado* em Paris.

- «Em 7 de Março de 1926 [em Paris], Laminé Senghor,¹ ex-comandante no batalhão de atiradores senegaleses, expôs numa assembleia o projecto de criação de uma organização que reuniria todos os negros das colónias francesas, independentemente de qualquer partido político: "O nosso partido é a raça negra e nós devemos e queremos defendê-la". Nasceu assim o CDRN (Comité de Défense de la Race Nègre) e o seu órgão de expressão "La voix des Nègres" [em Jan1927]. Entre os seus membros, o Bureau da organização tinha na presidência Laminé Senghor e no secretariado-geral Joseph Gothon Lunion, considerados pelos serviços de polícia [francesa] como notórios comunistas; e Tiemoko Garan Kouyaté, originário do Sudão, também apresentado como simpatizante comunista. Nas próprias palavras de Lunion, o CDRN "embora fundado e dirigido por comunistas", pretendia ser uma "organização pluralista aberta a todos, dos monárquicos aos comunistas". Respondia portanto ao critério de uma "frente", classificada à esquerda no espectro político francês. Tratava-se de alcançar a independência, mas passando pela etapa gradativa das liberdades democráticas nas colónias, a satisfação de reivindicações prementes: igualdade das pensões militares, abolição do regime do indigenato, fim do trabalho forçado. Mercê das 125 adesões em Marselha, cerca de 50 no Havre e 1 dezena em Bordéus, ao cabo de 8 meses o CDRN totalizava aproximadamente 300 membros em Paris e na província. Garan Kouyaté preconizava uma via ofensiva declaradamente comunista e Augustin Azango a transformação em "Comité de Acção para a Libertação das Colónias", apoiado no PCF e na URSS. Na assembleia-geral de Outubro de 1926, Gothon Lunion tomou a iniciativa de informar o comité executivo da Comintern que o CDRN elegera Lenine como presidente de honra perpétuo da organização negra. [...] O período compreendido entre 1926 e 1933 foi classificado [em 1986]² pelo historiador senegalês Olivier Sagna, como a "idade de ouro" das organizações anti-colonialistas negras.»³

- «É importante que um grupo como o CDRN, que se situa no terreno puramente da raça, compreenda que a questão se coloca no plano anti-imperialista internacional, e que a luta para a emancipação

da raça negra é a mesma que os operários organizados do mundo inteiro travam contra o capitalismo opressor.»⁴

¹ (nascido em 1889); ² (in "Des Pionniers méconnus de l'indépendance: Africains, Antillais et lutes anti-colonialistes dans la France de l'entre-deux-guerres (1919-1939)", tese de doutoramento em Paris); ³ (Andrade); ⁴ (editorial do diário comunista L'Humanité, Paris 30Nov1926)

1926 - Março.20 (sábado)

Em Lisboa, são abertos os trabalhos do *Congresso do Partido Republicano Liberal*.

- «O Partido Nacionalista cindiu-se, dele saindo [o deputado capitão de engenharia] Cunha Leal e cerca de 300 outros filiados que fundaram a União Liberal Republicana.»¹

Por essa ocasião é distribuída a 1ª edição da revista *Ordem Nova*, intitulada «monárquica integralista e panfletária», fundada e dirigida pelos estudantes universitários Albano Dias de Magalhães, Marcelo José das Neves Alves Caetano e Pedro Teotónio Pereira que, sob o editorial epigrafado «Anúnciação», proclamam:

- «Monárquicos somos e bom é que claramente fique assente que o somos por uma forma integral e completa. Somos contra-revolucionários e vemos na reacção o único remédio para o nosso mal. Monárquicos, não que nos contentemos com um Rei que não reine e não governe, mas porque queremos um Rei que reine e tenha a obrigação de governar, um Rei que governe embora não administre, que seja verdadeiramente o chefe, chefe económico, chefe político, chefe nacional. Um Rei que, com o seu poder concentrado, rodeado pelas suas elites, assistido pelos conselhos técnicos, aconselhados pelas Cortes Gerais, seja, parafraseando a frase de Maurras, o chefe das repúblicas portuguesas. [...] Entendemos que a mudança de regime só é possível e será fecunda quando haja um escol capaz de impôr à Nação os princípios salvadores, isto é, capaz de estender a todos os benefícios que nos espíritos seleccionados tenha produzido a reforma intelectual e moral em que andamos empenhados. Não escondemos a nossa simpatia pelo "Integralismo Lusitano", cujas doutrinas inteiramente perfilhamos. Sustentamos, no entanto, que só depois de constituído o núcleo central, só depois de conseguida a minoria inteligente e activa, se poderá adoptar a fórmula "Em primeiro lugar, a política". A mudança de regime é um meio. Um meio para podermos fomentar o bem da nação pelas doutrinas que professamos e defendemos. [...] Possuidores duma doutrina, senhores duma verdade, não tentamos iludir o público com falsas declarações tendentes a captar a simpatia dos mrs. Homais e sua parentela que por esse país fora se encontram pelas várias boticas onde se resolvem os destinos da civilização. Enquanto estivermos convencidos de que detemos uma verdade, defendê-la-emos em termos exclusivistas, isto é, capitulando de erro tudo o que não fôr o que defendemos. Não o querem? Convençam-nos do contrário. A isto chamamos a nossa intransigência; isto denominamos a nossa intolerância.»

- «O rótulo com que, logo na capa do seu primeiro número, a revistazinha tratava de se definir, não era menos significativo e pouco lugar deixava a quaisquer dúvidas: "Revista antimoderna, antiliberal, antidemocrática, antiburguesa e antibolchevista. Contra-revolucionária; reaccionária; católica, apostólica e romana; monárquica; intolerante e intransigente; insolidiária com escritores, jornalistas e quaisquer profissionais das letras, das artes e da imprensa". Como se vê, então não se procurava enganar fosse quem fosse [...], para se ter um panorama do que era na altura o pensamento proclamado do jovem [de quase 21 anos, estudante de Direito] Marcelo Caetano.»²

¹ (Mascarenhas); ² (Freitas da Costa)

1926 - Abril.3 (sábado)

Em Roma, o governo de Mussolini promulga uma lei sobre sindicatos profissionais¹, ao mesmo tempo que é fundada a organização fascista *Ballila*, dedicada à juventude.

Quatro dias depois, o *duce* Mussolini é alvo de assassinato tentado.

Enquanto isso em Lisboa, «nos cafés da Baixa fala-se de revoluções. Diz-se que há três no choco: uma conservadora, outra radical e a terceira dum grupo misto»².

¹ (em 01Jul1926 promulgado o respectivo decreto-lei regulamentador); ² (Diário de Notícias, 08Abr1926)

1926 - Abril.24 (sábado)

Em Berlim, é assinado um tratado germano-soviético de «amizade e neutralidade».

Entretanto em Lisboa é publicado o dec.11607, que regula a concessão da Medalha militar de Promoção por distinção em combate.

No dia seguinte na Sociedade de Geografia, o PR Bernardino Machado preside à 1ª sessão do ciclo de conferências subordinado ao tema «*Em defesa do nosso domínio colonial*», sendo proferida pelo prof. Leite de Magalhães a palestra de abertura.

- «*Respondendo por exemplo a um inquérito, realizado nessa época por Augusto da Costa para o "Jornal do Comércio", o então [auto-proclamado "monárquico integralista" Marcelo Caetano] jovem estudante de Direito, falava de "Portugal, senhor de vários domínios coloniais (...), nação mãe de muitas nações" em termos anti-integracionistas típicos, como representava idêntica forma de sentir a questão o afirmar, noutra resposta ao mesmo inquérito: "A razão de ser de Portugal não está nas colónias mas na diferenciação geográfica, étnica e histórica que o separa do resto da Península". 15 anos depois, nas páginas de "A Missão dos Dirigentes" [opúsculo por si editado após cessar funções de comissário nacional da MP Ago40-Set44], também se lhe insinuam [...] expressões como "populações confiadas ao nosso mando" e "a razão de ser do nosso domínio", que revelam o mesmo sentimento profundo, herdado das concepções colonialistas importadas de França no século XIX com o liberalismo, ao arrepio da maneira de ser que conformou Portugal como nação verdadeiramente diferente das demais a partir do século XIV. Maneira de ser que se estava a tentar recuperar nesses anos, [...] na qual Marcelo Caetano oficialmente se comprometia a colaborar, com bem escassa sinceridade - é de presumir, por lhe não estar verdadeiramente no coração - como se viu. [...] Sente-se isso - sobretudo à luz da posterior actividade desenvolvida [no início da década de 70] por Caetano nos seus últimos tempos de governante -, em certas frases que se lhe escapam, aqui e além, já no tempo da "Ordem Nova".»¹*

Menos de 24 horas decorridas, o chefe de governo António Maria da Silva nomeia o coronel Vicente Ferreira alto-comissário de Angola, em substituição do exonerado coronel Rego Chaves.

Dois dias depois o veterano da Grande Guerra general José Augusto Alves Roçadas, morre aos 61 anos.

- «*Foi então que se lembraram do [Inspector-Geral do Exército] general Gomes da Costa, que tinha uma fome insaciável de dinheiro e prestígio popular por ter comandado o Corpo Expedicionário Português na guerra mundial de 1914-18. [...] Foi este homem que os altos comandos foram buscar prometendo-lhe dinheiro, muito dinheiro que nunca seria bastante para satisfazer o seu maior vício, o jogo.»²*

- «*Roçadas faleceu em 28 de Abril e então as atenções voltaram-se para o nome de Gomes da Costa, o oficial-general de maior nomeada, ilustrado nas campanhas da Índia, de Moçambique, da Flandres, personalidade forte, resoluta, de proverbial desassombro, republicano insuspeito. Abordado pelos conluiados, levou uma semana a decidir-se.»³*

¹ (Freitas da Costa); ² (Cansado Gonçalves); ³ (Mascarenhas)

1926 - Maio.4 (3ªfeira)

Na Inglaterra, em sequência da greve mineira iniciada no 1º de Maio¹, é declarada greve geral por 8 dias.

- «*The CFLM [Lourenço Marques railway] was also at the centre of a major railway strike in 1925/26, a situation that led to the aggravation of the South African - Moçambique relationship [...] South Africa used this strike as an argument for the Portuguese inability to control the Lourenço Marques railway. The strike also contributed to a keener awareness from the Moçambican view point regarding the management of this line, and in fact, of the other railways of the country.»²*

- «*A exploração dos caminhos-de-ferro do Estado [Português estava] saneada, com um "superavit" de 9.497.450\$00 da gerência de 1925-26.»³*

¹ (que se prolonga por 6 meses); ² (Pinto Teixeira); ³ (Marques Guedes, último ministro das Finanças da I República; in "Primeiro de Janeiro", Jan1930)

1926 - Maio.11 (3ªfeira)

No hemiciclo de São Bento, o ministro das Colónias general Vieira da Rocha empossa o coronel Vicente Ferreira, nas funções de alto-comissário de Angola.

- «*Entretanto o parlamento chegou a Maio sem ter aprovado o orçamento, apresentado em Janeiro pelo ministro das Finanças, Marques Guedes. [...] Em Maio as ligações [castrenses conspirativas] estavam estabelecidas, havia comprometimentos de unidades militares consideradas suficientes para a deflagração do movimento. [...] Os comandantes das divisões do Norte e do Porto, generais [José] Peres¹ e [Adalberto Gastão de] Sousa Dias², negaram-se a aderir.»³*

¹ (na Flandres, coronel comandante da 2ªBrigada do CEP, em 01Mar1918 substituído pelo coronel de cavalaria Gomes da Costa, pouco depois promovido a general, na madrugada de 09Abr1918 estava em La Lys a comandar o sector português); ² (comandante da RMN desde 1924); ³ (Mascarenhas)

1926 - Maio.25 (3ªfeira)

Em Lisboa o inspector-geral do Exército general Manuel de Oliveira Gomes da Costa, abordado por um jornalista, declara: *«Eu não conspiro, revolto-me!»*.

- *«Em Braga, onde então decorria um Congresso Mariano, a Junta Militar tinha tudo preparado: tropas de Santo Tirso e de Viana do Castelo confluíam para a cidade dos arcebispos.»*¹

Na tarde do dia seguinte, o cabecilha da Junta Militar sai de Lisboa rumo ao norte do País.

- *«Gomes da Costa saiu de Lisboa de automóvel a caminho de Braga, na tarde de 26, com o seu ajudante-de-campo tenente Pinto Correia e outros oficiais.»*²

- *«A revolução de 28 de Maio, como se sabe, iniciara-se em Braga sob o comando do general Gomes da Costa, muito ligado ao Partido Radical e convidado à última hora para substituir o chefe antes escolhido [no final de Nov1925], o general Alves Roçadas, morto inesperadamente [em 28Abr1926] depois de ter dado o melhor do seu prestígio e do seu esforço à organização do movimento.»*³

¹ (Mascarenhas); ² (idem); ³ (Freitas da Costa)

1926 - Maio.28 (6ªfeira lua-cheia)

De madrugada em Braga, por ocasião do 15º aniversário das primeiras *«eleições livres»* republicanas, o inspector-geral do Exército general Gomes da Costa encabeça um *putsch* que rapidamente alastra ao Porto, Vila Real, Coimbra, Entroncamento, Santarém, Lisboa, Vendas Novas, Elvas, Évora e Lagos, cujas guarnições comandadas por oficiais superiores representativos de diversas correntes politico-ideológicas conservadoras, aderem à proclamação de extinção da I República:

- *«Portugueses! Para homens de dignidade e de honra, a situação política do País é inadmissível. Vergada sob a acção de uma minoria devassa e tirânica, a Nação, envergonhada, sente-se morrer. Eu, por mim, revolto-me abertamente! E os homens de valor, de coragem e de dignidade que venham ter comigo com as armas na mão, se quiserem comigo vencer ou morrer! Às armas, Portugal! Portugal, às armas pela liberdade e pela honra da Nação! Às armas, Portugal!»*¹

- *«O general [comandante da RMN Adalberto Gastão de] Sousa Dias ainda tentou organizar na capital do norte, a resistência à sublevação: sem êxito, porém; e a revolta rapidamente alastrou até Coimbra.»*²

Ao princípio da tarde na capital, tem início o previsto *II Congresso do PCP* com a presença de 100 delegados, mas estes, horas depois interrompem os trabalhos devido às movimentações do *Comité Revolucionário de Lisboa*, que nesta cidade se arroga dirigente do *Movimento Nacional da Junta Militar*.

- *«Logo que a notícia da insurreição chegou a Lisboa, 2 grupos entraram a movimentar-se: o do comandante Mendes Cabeçadas [putschista do 19Jul1925 detido no presídio militar de Santarém]; e o do general Sinel de Cordes [que] assegurou a adesão da guarnição lisboeta; a do Porto [nesta altura] aderira também; e o general Carmona pôs-se à frente da de Elvas e pouco depois assumiu o comando das tropas do sul, incluindo as de Évora hesitantes de entrada. [...] O governo [maioritário "democrático" de António Maria da Silva, ainda] estudou as possibilidades de combater a revolta e chegou a emitir uma nota oficiosa optimista, mas depressa verificou que não poderia que não poderia contar com quaisquer forças militares: de norte a sul e até na capital, as guarnições aderiam em massa ao movimento. [...] O movimento militar triunfara sem precisar de disparar um só tiro e as Forças Armadas haviam conquistado o poder, resolutamente dispostas a afastar da governação os políticos e os partidos que, atribiliária e inconsideradamente, haviam lançado a Nação em estado tão caótico e miserando. Mas, qual o programa por que iriam orientar a sua actuação?»*³

- *«Logo em 1926, a Polícia de Informação (que era como se chamava a gestapozinha dos Democráticos), foi tomada de assalto por oficiais monárquicos e sidonistas, e por quantos polícias ao lado de [seu comandante tenente-coronel de cavalaria] Ferreira do Amaral tinham combatido nos anos 20, a sinistra Legião Vermelha de cariz anarquista.»*⁴

Menos de 48 horas decorridas, no Palácio de Belém o PR Bernardino Machado manda libertar do presídio militar de Santarém o *maçon* capitão de mar-e-guerra José Mendes Cabeçadas Júnior, a quem incumbe de formar o 45º Governo da República.

- «Na noite de 29, António Maria da Silva apresentou a demissão ao presidente Bernardino Machado, a quem Cabeçadas - que fôra preso em Santarém por pouco tempo -, propôs a constituição de um governo extra-partidário, ao que o presidente correspondeu nomeando-o presidente do Ministério e ministro interino de todas as pastas. [...] Cabeçadas estava a ser instrumentalizado por certos políticos, esperanças em receber, mais cedo ou mais tarde, a herança do movimento militar.»⁵
- «Os primeiros momentos a seguir à vitória fulgurante, iam ser de hesitações e confusão, com alguns dos velhos políticos e dos velhos partidos, precisamente, a tentar empalmar o triunfo e dominar mais ou menos encobertamente os militares vitoriosos. A primeira tentativa fôra do próprio Bernardino Machado, ao tempo no cargo de presidente da República, investindo o comandante Mendes Cabeçadas em todos os poderes constitucionais.»⁶

Por essa ocasião o inspector-geral do Exército general Gomes da Costa, que marcha rumo à capital com as suas tropas, faz publicar na imprensa do Porto outra proclamação:

- «A Nação quer um Governo Militar, rodeado das melhores competências, para instituir, na administração do Estado, a disciplina e a honradez que há muito perdeu. À frente do Exército Português, unido na mesma aspiração de redenção patriótica, proclamo o interesse nacional contra a acção nefasta dos políticos e dos partidos e ofereço à Pátria enferma um Governo forte, capaz de opôr aos inimigos internos o mesmo heróico combate que o Exército deve aos inimigos externos.»

Na manhã de 30, o comandante Mendes Cabeçadas anuncia o seu gabinete⁷ com o seguinte programa:

- «Revisão da Constituição; reorganização dos serviços públicos; redução das despesas públicas; revisão da contabilidade e simplificação do regime fiscal; valorização das riquezas não utilizadas; reformas profundas dos métodos de ensino e da educação; independência da organização judiciária em relação ao Estado e rápida repressão de crimes e delitos; transformação do regime colonial e desenvolvimento da produção das colónias; reorganização do Exército e da Marinha e aquisição do material moderno indispensável; garantias invioláveis concedidas aos cidadãos em relação às suas vidas e seus bens.»
- «Enquanto [Mendes Cabeçadas] se entrega a complicadas diligências políticas em Lisboa, Gomes da Costa está na província e agita as águas, faz proclamações e prepara as tropas.»⁸
- «No Entroncamento concentraram-se várias forças e Carmona avançou para Vendas Novas, ao passo que Gomes da Costa, que seguira para o Porto, desautorizou as decisões tomadas em Lisboa.»

Menos de 24 horas decorridas, no Palácio de Belém o PR Bernardino Machado tenta «manter a ficção constitucional» e recebe o comandante Mendes Cabeçadas, «cozinhando» ambos um decreto-lei «datado de 31 de Maio e assinado por Bernardino e Cabeçadas, reconhecendo oficialmente mais de 200 revolucionários civis»¹⁰.

¹ (proclamação redigida pelo monárquico integralista Manuel Múrias, assinada e lida pelo general Gomes da Costa; Braga 28Mai1926);

² (Mascarenhas); ³ (idem); ⁴ (Múrias); ⁵ (Mascarenhas); ⁶ (Freitas da Costa); ⁷ (coadjuvado pelo capitão de mar-e-guerra Armando Humberto da Gama Ochoa, capitão Jaime Baptista, tenentes Carlos de Jesus Vilhena (nascido em 19Ago1889), Francisco Granger e João Morais Camacho, assume o ministério da Marinha e acumula interinamente a direcção das seguintes pastas: Colónias; Finanças, Agricultura, Comércio e Comunicações; Guerra e Negócios Estrangeiros; Justiça e Cultos, Interior e Instrução Pública); ⁸ (Adelino Cunha); ⁹ (Mascarenhas); ¹⁰ (idem)

1926 - Junho.1 (3ªfeira)

Em Coimbra o chefe de governo *maçon* comandante Mendes Cabeçadas, vindo de Lisboa com o *irmão* comandante Gama Ochoa, reúne com o inspector-geral do Exército general Gomes da Costa e fica decidida a constituição de uma *troika* da Junta Militar.

- «Mendes Cabeçadas assumiu a totalidade do poder executivo [...] mas no dia seguinte, 2 de Junho, Gomes da Costa denunciou esse acordo. Numerosas tropas de Lisboa e da província concentraram-se em Sacavém, onde Gomes da Costa se lhes juntou a 3.»¹

Dois dias depois em Lisboa o chefe do 1º Ministério da Dictadura Militar, comandante Mendes Cabeçadas, mantendo-se como ministro interino do Interior, nomeia os seguintes ministros: (militares) dos Negócios Estrangeiros, general António Óscar de Fragoso Carmona; da Marinha, comandante Jaime Afreixo; (e civis) da Justiça e dos Cultos, Manuel Rodrigues Júnior; das Finanças, António de Oliveira Salazar (professor na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra); e da Instrução Pública, Joaquim Mendes dos Remédios.

- «Ochoa foi substituído por Carmona no triunvirato e publicou-se a constituição do novo governo, presidido por Cabeçadas com Gomes da Costa na Guerra e Carmona nos Estrangeiros; e três professores de Coimbra - Manuel Rodrigues, Oliveira Salazar² e Mendes dos Remédios -, na Justiça,

Finanças e Instrução. A 4 [de Junho] estavam concentrados em Sacavém 17 mil homens. A 5, o "Diário do Governo" publicou o decreto [de 31 de Maio] assinado por Bernardino e Cabeçadas, reconhecendo oficialmente mais de 200 "revolucionários civis": é de calcular a estupefacção que causa aos militares este acto; que "liquida" Cabeçadas, obrigado por Gomes da Costa e Carmona a revogá-lo. [...] Então Bernardino Machado renunciou à presidência da República e o parlamento foi encerrado.»³

- *«A que resultados chegaram os rígidos princípios da Constituição republicana? Em 16 anos de regime, deram-nos 9 chefes de Estado, 52 [i.e., 44]⁴ governos, 7 parlamentos e 5 dissoluções. Tudo piorou em relação ao parlamentarismo monárquico, pois este ainda conseguia dar aos governos a média de 1 ano de vida, ao passo que o republicano nunca deixou subir acima de 3 meses a média de duração dos seus governos. Com o parlamentarismo republicano, o governo que mais durou não foi além de 1 ano, havendo uma dezena deles que apenas se demoraram uns 30 dias no poder. Durante 1 século de parlamentarismo liberal, contam-se 41 dictaduras: 1823-25, 1826, 1828-34, 1830-32, 1836/7, 1842, 1844, 1846, 1846/7, 1851/2, 1865, 1868, 1869, 1870, 1871, 1875, 1876, 1877, 1879, 1881, 1884, 1886/7, 1889, 1890, 1891, 1892, 1893-95, 1899, 1902, 1904, 1907/8, 1910/1, 1914, 1915, 1916-18, 1919, 1921, 1922, 1923/4, 1925. Em resumo: um século [23Set1822-28Mai1926] de parlamentarismo liberal, deu a Portugal 50 legislaturas, das quais 40 tiveram de ser dissolvidas violentamente; 116 governos, com a média de 1 ano de vida cada um; 17 chefes de Estado, dos quais 2 foram barbaramente assassinados, outros 2 exilados, 1 resignou, 2 renunciaram e outro foi destituído. Nestas condições, nenhum governo poderia empreender trabalhos consideráveis e, por mais capaz que ele fosse, nenhum estadista conseguiria granjear o prestígio necessário ao estabelecimento da ordem e do progresso da Nação.»⁵*
- *«Ainda numerosos outros casos poderiam ser lembrados, aos quais pôs termo o movimento nacional do Exército no 28 de Maio, terminando com a "Santa Liberdade" da "Legião Vermelha" e da "Democracia".»⁶*
- *«Depois de 1 governo (Cabeçadas ministro de todas as pastas) e 2 triunviratos (Cabeçadas, Gomes da Costa, Ochoa; Cabeçadas, Gomes da Costa, Carmona) em rapidíssima sucessão, fica constituído em 4 de Junho um governo de [3] militares e [3] civis, presidido por Cabeçadas.»⁷*

¹ (Mascarenhas); ² (no dia 5 regressa à cátedra, mas no dia 12 volta para Lisboa); ³ (Mascarenhas); ⁴ (após a promulgação da Constituição da República em 21Ago1911, sucederam-se nada menos que 43 efémeros Ministérios governativos: 03Set1911 João Pinheiro Chagas, 13Nov1911 Augusto César de Almeida Vasconcelos Correia, 16Jun1912 Duarte Leite Pereira da Silva, 09Jan1913 Afonso Augusto da Costa, 09Fev1914 Bernardino Luís Machado Guimarães, 23Jun1914 Bernardino Machado, 12Dez1914 Vitor Hugo de Azevedo Coutinho, 28Jan1915 Joaquim Pereira Pimenta de Castro, 15Mai1915 João Pinheiro Chagas, 17Mai1915 José Augusto Soares Ribeiro de Castro, 29Nov1915 Afonso Augusto Costa, 15Mar1916 António José de Almeida, 25Abr1917 Afonso Augusto da Costa, 11Dez1917 Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Pais, 16Dez1918 Tamagnini Barbosa com João do Canto e Castro, 27Fev1919 José Relvas, 31Mar1919 Domingos Leite Pereira, 30Jun1919 Sá Cardoso, 15Jan1920 Francisco José Fernandes Costa, 15Jan1920 Sá Cardoso, 28Jan1920 Domingos Leite Pereira, 08Mar1920 António Maria Baptista, 06Jun1920 Ramos Preto, 26Jun1920 António Maria da Silva, 19Jul1920 António Granjo, 20Nov1920 Álvaro Xavier de Castro, 26Nov1920 Abel Hipólito, 30Nov1920 Liberato Pinto, 25Fev1921 Bernardino Machado, 23Mai1921 Tomé José de Barros Queirós, 30Ago1921 António Granjo, 19Out1921 Manuel Maria Coelho, 05Nov1921 Maia Pinto, 16Dez1921 Francisco Pinto da Cunha Leal, 06Fev1922 António Maria da Silva, 15Nov1923 Ginestal Machado, 28Dez1923 Álvaro Xavier de Castro, 06Jul1924 Alfredo Rodrigues Gaspar, 22Nov1924 José Domingues dos Santos, 18Fev1925 Vitorino Guimarães, 01Jul1925 António Maria da Silva, 01Ago1925 Domingos Leite Pereira; e 17Dez1925 António Maria da Silva até 28Mai1826); ⁵ (Brochado); ⁶ (Juvenal); ⁷ (Freitas da Costa)

1926 - Junho.9 (4ªfeira)

No hemiciclo de São Bento o congresso republicano é formalmente dissolvido, por decreto recém-publicado em nome da *troika* castrense.

- *«Os militares sabiam o que não queriam, sabiam o que queriam, mas na realidade não sabiam como concretizar a obra que se propunham efectivar. Numa das numerosas reuniões realizadas em Sacavém (antes do afastamento de Cabeçadas), o diplomata Henrique Trindade Coelho (então director de "O Século"), apareceu com o programa "Vida Nova" de Oliveira Martins. [...] A ideia de Trindade Coelho não vingou - talvez por se afigurar utópica a solução de [representação social corporativa que em Dezembro de 1895 fôra preconizada por] Oliveira Martins -, e os militares procuraram governar acudindo pragmaticamente ao mais urgente.»¹*

Dois dias depois é promulgada pela *troika*, a Lei 1873 que determina a liquidação oficial do *Banco de Angola e Metrópole*, tal como a sua «administração e as indemnizações, provenientes da responsabilidade civil que derivam do crime de fabrico e passagem de notas falsas, bem como de outros ilícitos que com este crime se relacionem».

¹ (Mascarenhas)

1926 - Junho.17 (5ªfeira)

Em Sacavém o auto-empossado ministro da Guerra e interino das Colónias, general Gomes da Costa, declara que também assume provisoriamente a pasta do Interior e dirige um ultimato ao maçon testa-de-ferro da *troika* castrense.

- «*Marchou [o general Gomes da Costa com as suas tropas] até Sacavém. O governo, acobardado, nada fez para os deter. Chegados a Sacavém, reuniram-se os chacais para improvisar um governo: não tinham programa nem planos, nem homens nem nada; apenas fome de dinheiro, muito dinheiro arranjado fosse como fosse. Defender o soldo primeiro e aumentá-lo de qualquer maneira: era a anarquia, a desordem; aquilo que deixaria aos banqueiros liberdade de manobrar. Foi aí em Sacavém que alguém lembrou o nome de Salazar: “quem é, quem é”, todos perguntavam. O proponente explicou: era “professor de Economia Política em Coimbra, com uma grande ambição de ser ministro; homem feito pela Igreja, antigo seminarista, fundador do Centro Católico”. E Gomes da Costa, com a sua linguagem pitoresca: “Vão buscá-lo, vão lá buscar esse fradinho”. Chegou a Sacavém, todo de negro a verem-se-lhe os nastos das ceroulas por cima do cano das botas, parecia um borrão de tinta no meio das fardas reluzentes de estrelas e galões dourados. Viu a situação, ouviu aqueles incultos alarves, homens transpirando ambição por todas as palavras. Conheceu a gente com quem estava metido e impôs condições, discutiram e concluíram que não era nada daquilo que queriam. Mas ele viu, viu que o País não resistiria 6 meses entregue àquela quadrilha: viu longe e por isso foi intransigente, não cedeu porque sabia que se o não aceitassem agora lhe iriam pedir de joelhos quando a bancarrota ameaçasse; e então seria duro, muito mais duro nas exigências e teria tempo para se preparar. Ele sabia esperar, ainda foi ministro 8 dias. O País estava mais forte do que ele julgava: levaram 2 anos a devorá-lo.»¹*
- «*No dia 17 de Junho [...] com o apoio unânime dos comandos das tropas, que cercaram completamente a capital impedindo assim qualquer hipótese de resistência, Gomes da Costa afastou Cabeçadas e [ainda em Sacavém, teoricamente] assumiu a presidência da República e a chefia do governo. No mesmo dia [em Lisboa], os professores Manuel Rodrigues, Oliveira Salazar² e Mendes dos Remédios, considerando que - não estando ainda resolvido o problema político - não era possível realizar a acção administrativa que lhes incumbia, demitiram-se.»³*

No dia seguinte em Lisboa, o comandante Mendes Cabeçadas apressa-se a empossar António Claro como ministro do Interior.

E menos de 24 horas depois, é anunciada a nomeação de 3 novos ministros: para as Colónias, o capitão de mar-e-guerra Armando Humberto da Gama Ochoa; para as Finanças, o recém-promovido capitão de mar-e-guerra Filomeno da Câmara de Melo Cabral; e para a Instrução Pública, Artur Ricardo Jorge.

Decorridos 2 dias, o general Gomes da Costa entra em Lisboa montado a cavalo e à frente das suas tropas, após o que extingue formalmente a *troika* castrense tutelada pelo comandante Mendes Cabeçadas, assume a chefia do Estado e a presidência do 2º *Ministério da Dictadura Militar*.

- «*À frente de 12 mil homens, Gomes da Costa entrou triunfalmente em Lisboa, ovacionadíssimo, entre estrondosas aclamações, por imensa multidão jubilosa.»⁴*
- «*As infiltrações dos partidos junto deste [efémero 1º Ministério da Dictadura Militar presidido pelo comandante Mendes Cabeçadas], levam Gomes da Costa [...] a afastar o comandante e a assumir, com a chefia do Governo, os poderes da chefia do Estado. As tentativas de infiltração não cessam porém, agora junto do general.»⁵*
- «*O general Gomes da Costa [...] tinha um carácter impulsivo e impressionável, que não era propriamente o mais adequado ao estabelecimento e à garantia daquela ambiciosa estabilidade, base indispensável de toda a gigantesca tarefa que se pretendia desenvolver. [As suas atitudes subsequentes, marcadas por] hesitações, flutuações de opinião, desencontros de ordens, incoerências de decisão, [depressa mostraram que não poderia arcar com a responsabilidade política em tão difícil conjuntura].»⁶*
- «*O seu movimento não tem o apoio das altas patentes. Conta apenas com os impacientes e alguns oficiais idealistas. Muda-se para Belém, levando atrás de si toda a família: filhos, filhas, genros e netos. O palácio transforma-se num grande acampamento.»⁷*

¹ (Cansado Gonçalves); ² (em 12Jun1926 havia tomado posse como ministro das Finanças, mas no dia 19 regressa a Coimbra e abandona a governação, sendo no dia 24 oficialmente exonerado de funções); ³ (Mascarenhas); ⁴ (idem); ⁵ (Freitas da Costa); ⁶ (idem); ⁷ (Adelino Cunha)

No Palácio de Belém o general Gomes da Costa promulga o dec.11746, que aprova as bases para a reorganização do Exército nos territórios do Ultramar.

- «*Já em 1898 e em 1913, a Grã-Bretanha e a Alemanha tinham secretamente acordado partilhar Angola e Moçambique, caso o Estado português caísse na bancarrota: é por isso que a situação financeira do País e a desconfiança relativamente ao estrangeiro, obcecarão o Poder que se instala em Lisboa. Ao seu predecessor, o novo regime deve o facto de ter acabado a conquista de um império em África.*»¹

¹ (Enders)

fontes -

- aa.vv - "Livro de Ouro da Infantaria"; tip. Fernandes, Lisboa 09Abr1922
aa.vv - "Compton's Interactive Encyclopedia"; Nova Iorque 1996
aa.vv. - "Os Papas - de São Pedro a João Paulo II"; CM, Lisboa Mar2005
Adelino Cunha - "A República e os seus presidentes"; CM, Lisboa 14Jan2001
Alberto Marciano Gorjão Franco Nogueira - "As Crises e os Homens"; Ática, Lisboa Ago1971
Alfredo Margarido - "A Introdução do Marxismo em Portugal"; Guimarães Editores, Lisboa 1975
Ana Luisa Araújo Pinto - "Memórias de Um Dever Cumprido"; Liga dos Combatentes, Lisboa 19Out1996
António da Silva Cardoso - "Angola: Anatomia de uma Tragédia"; Oficina do Livro, Lisboa 11Nov2000
António de Almeida Santos - "Quase Memórias"; Círculo de Leitores, Lisboa Jul2006
António E. Duarte Silva - "A independência da Guiné-Bissau e a Descolonização Portuguesa"; Afrontamento, Porto Mar1997
António Fernandes Varão - "Investidas alemãs no sul de Angola"; Portugal em África, Lisboa 1918
António Henrique Rodrigo de Oliveira Marques - "A Maçonaria Portuguesa e o Estado Novo"; Dom Quixote, Lisboa Jan1982
António Moreira e Alcino Pedrosa - "As Grandes Datas da História de Portugal"; Notícias, Lisboa Mai1993
Armelle Enders - "História da África Lusófona"; Inquérito, Lisboa Out1997
Dalila Cabrita Mateus - "A Luta pela Independência"; Inquérito, Lisboa Mai1999
Domingos Mascarenhas - "Portugalidade: Biografia de uma Nação"; FP, Lisboa Jun1982
Eduardo Chivambo Mondlane - "The Struggle for Mozambique"; Zed Press, Londres 1969
Eduardo Freitas da Costa - "Acuso Marcelo Caetano"; Liber, Madrid 28Set1975
Eduardo Ribeiro Júnior - "História dos Escoteiros de Portugal"; ACM, Lisboa 23Jan1982
Fernando Cerviño Padrão - "A Colonização do Sul de Angola"; PEA, Queluz Fev1997
Firmiano Cansado Gonçalves - "A Traição de Salazar"; Iniciativas Editoriais, Lisboa Out1974
Francisco António Gonçalves Ferreira (coord) - "15 Anos da História Recente de Portugal"; tip. Coelho Dias, Lisboa Fev1985
Francisco Horta Catarino - "Falando do Revirinho"; ed. autor, Porto Set1977
Francisco José da Rocha Martins - "Pimenta de Castro Dictador"; ed. autor, 1939
Guilherme Almor de Alpoim Calvão - "De Conackry ao MDLP"; Intervenção, Lisboa 1976
Idalino Ferreira da Costa Brochado - "Fátima à Luz da História"; Portugalia, Lisboa 1948
Idalino Ferreira da Costa Brochado - "O sr. Norton de Matos e a sua candidatura"; Portugalia, Lisboa Dez1948
Jaime Alexandre Nogueira Pinto - "O Fim do Estado Novo e As Origens do 25 de Abril"; Difel, Lisboa 25Mar1999
João Augusto Medina da Silva (coord) - "Do 28 de Maio ao Movimento dos Capitães"; Multilar, Lisboa 1990
Joaquim Guilherme Diniz Ferreira - "Asas de Portugal: missões de guerra"; ed. autor; Lisboa Nov1962
Joaquim Moreira da Silva Cunha - "O Ultramar, a Nação e o 25 de Abril"; Atlântida, Coimbra 28Jul1977
John P. Cann - "Contra-Insurreição em África"; Atena, Rana Jul1996
Jorge Botelho Moniz - "O 18 de Abril (de 1925)"; ed. autor, Lisboa 03Out1925
José Pacheco Pereira - "Álvaro Cunhal: biografia política"; Círculo de Leitores, Lisboa Jul1999
Juvenal de Oliveira - "A Operação Dulcinea"; Edições Carlos, Amadora Mai1961
Luís Augusto Ferreira Martins - "Portugal na Grande Guerra"; Liga dos Combatentes, Lisboa 1935
Luís Queba Sambú - "Ordem para Matar"; Referendo, Amadora 1989
Manuel de Brito Camacho - "Portugal na Guerra"; Guimarães Editores, Lisboa Jan1936
Manuel Maria Múrias - "De Salazar a Costa Gomes"; Nova Arrancada, Lisboa Ago1998
Manuel Pedro Pacavira - "O 4 de Fevereiro pelos Próprios"; Nzila, Luanda Jan2003
Manuel Sertório de Carvalho Marques da Silva - "Humberto Delgado: 70 Cartas Inéditas"; Praça do Livro, Lisboa Jun1978
Maria João Pinto da Cunha de Avilez van Zeller - "Soares: Ditadura e Revolução"; Público, Lisboa 13Nov1995
Maria Luísa Norton Pinto Teixeira - "Railways of Moçambique"; Heather Raw, Manica & CFM Jun1995
Mário Milheiros - "Índice Histórico-Corográfico de Angola"; IICA, Luanda Jan1972
Mário Pinto de Andrade - "Origens do Nacionalismo Africano Publicações"; Dom Quixote, Lisboa Jul1997
Neville Williams - "Cronologia do Século XX"; Círculo de Leitores, Lisboa Jul1999
Norrie MacQueen - "A Descolonização da África Portuguesa"; Inquérito, Lisboa Jun1998
Patrícia McGowan Pinheiro - "Misérias do Exílio"; Contra-Regra, Lisboa Out1998
Venceslau Pompílio da Cruz - "Angola, os Vivos e os Mortos"; Intervenção, Lisboa Nov1976